

Vita Nuova
... telefonou, agora o Helder - ficou combinado que
... ele o trabalho, no momento fazer a edição
... de acordo com a cópia para as assinaturas.
... telefonou imediatamente a seguir, de modo
... a devida de alterações, após o que se notou
... a lista de falar para o Livro do Bazar
... que nada o abran.
... que realmente não escreveu as
... e jeitosos, mas assim.

CORRESPONDÊNCIA

JORGE DE SENA E MECIA

DE SENA «VITA NUOVA»

(BRASIL, 1959-1965)

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE (ORG.)



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



Edições
Afrontamento

CORRESPONDÊNCIA
JORGE DE SENA E MÉCIA
DE SENA «VITA NUOVA»
(BRASIL, 1959-1965)

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE (ORG.)



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Título: Correspondência. Jorge de Sena e Mécia de Sena «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965)

Autor: Maria Otília Pereira Lage (org.)

Fotografia da capa: Carta manuscrita (excerto) de Mécia de Sena, Lisboa, 29/09/59

Design gráfico: Helena Lobo Design www.hldesign.pt

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

FLUP – Via Panorâmica, s/n / 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Edições Afrontamento, Lda. / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Colecção: Fontes, 5

N.º edição: 1521

ISBN: 978-972-36-1309-4 (Edições Afrontamento)

ISBN: 978-989-8351-21-0 (CITCEM)

Depósito legal: 354893/13

Impressão e acabamento: Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

comercial@companhiadasartes.pt

Março de 2013

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
APRESENTAÇÃO (BRASIL)	7
APRESENTAÇÃO (PORTUGAL)	11
INTRODUÇÃO	15
Contexto	16
Aproximação às cartas	17
Síntese	37
A CORRESPONDÊNCIA TROCADA: DIÁLOGO ININTERRUPTO E DIÁRIO A QUATRO MÃOS	39
Critérios da transcrição	40
ÍNDICES CRONOLÓGICOS DA CORRESPONDÊNCIA	273
Mécia de Sena para Jorge de Sena	274
Jorge de Sena para Mécia de Sena	275
NOTAS FINAIS	277

AGRADECIMENTOS

A Jorge de Sena e Mécia de Sena, grandes figuras da história e da cultura portuguesa contemporânea, o nosso tributo e homenagem.

Este livro não teria sido possível sem a concessão de créditos para edição ao CITCEM por Mécia de Sena, a quem cumpre um agradecimento especial pela sua generosa autorização. A abertura intelectual, apoio e meios necessários que nos disponibilizou, para além de hospitalidade, cedência de cópias do *corpus* epistolar aqui publicado e orientação atenta e crítica, são contributos ímpares que merecem toda a gratidão.

O CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» da FCT – Fundação da Ciência e Tecnologia –, a cujo grupo de investigação «Memória, Património e Construção de Identidades» pertencemos, viabilizou e patrocinou esta edição, apoiando-a desde a primeira hora da sua proposta. Aos seus coordenadores, em especial, os Professores Doutores Gaspar Martins Pereira e Luís Alberto Alves, o nosso reconhecimento, bem como ao pessoal do secretariado, designadamente, a Dr.^a Paula Montes.

À Biblioteca Nacional de Portugal, em especial sua Direcção, secção de reservados responsável pela guarda do espólio Jorge de Sena e secção de reprodução, para além de pessoas como a Dr.^a Almerinda Graça, são também devidos agradecimentos.

À João Goulão, à Márcia Mendes e à Inês Nemésio que colaboraram na transcrição de uma parte da correspondência editada, bem como à Dr.^a Armanda Ulisses e Dr. Jorge Bessa que ajudaram na correcção do texto transcrito das cartas, agradeço o apoio.

Finalmente à Prof.^a Doutora Gilda da Conceição Santos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujos comentários críticos muito valorizaram este livro, e à Prof.^a Doutora Maria do Carmo Castelo Branco da Universidade Fernando Pessoa do Porto, que aceitaram ler, comentar e fazer a apresentação desta obra, a minha grata amizade.

APRESENTAÇÃO

PROF.^a DOUTORA GILDA SANTOS (BRASIL)

NEM TODAS AS CARTAS DE AMOR SÃO RIDÍCULAS

*Meu Manel bai pró Brazil
Eu tamem bou no bapor
Gardado no coração
Daquele qué meu amor*

*Bai carta feliz buando
Nas asas dum passarinho
Cando bires o meu amor
Dale um abraço e um veijinho*

(Quadras populares bordadas
nos «lenços dos namorados»)

A correspondência editada de Jorge de Sena ganha agora mais uma peça relevante: a mantida com sua esposa durante a «fase brasileira» da vida a dois. Na trilha de *Isto tudo que nos rodeia (cartas de amor)*, publicada em 1982 por Mécia de Sena e composta por uma pequena seleção de cartas trocadas de 1944 a 1949 entre ela e Jorge, Otilia Lage tira do ineditismo o conjunto completo das missivas do casal sob o signo do Brasil, datadas de agosto de 1959 a setembro de 1965.

Tendo antes incursionado pela correspondência entre os mesmos interlocutores, é de supor que foram maiores as dificuldades ora enfrentadas pela «reincidente»¹ organizadora do volume. A par da consabida distância de mais de cinquenta anos separando o momento de redação das cartas do momento em que vêm à luz, o rastreamento desse passado estendeu-se obrigatoriamente às peculiaridades de um outro espaço geográfico e cultural, mais difíceis de apreender por quem nele não está. Contudo, Otilia Lage, soube ultrapassar os percalços e oferecer ao leitor abundantes notas, sobretudo relativas aos nomes citados, que amplamente contextualizam o cenário em tela.

Na alentada introdução, a investigadora ressalta as muitas potencialidades de estudos – sobretudo históricos e sociológicos, além dos obviamente biográficos –, que esta correspondência propicia, porém opta por proceder a uma leitura rente ao texto, sublinhando a afetividade recíproca que dele ressuma, de modo a marcá-lo como legítimo *continuum* daquelas mencionadas cartas de amor, sem se eximir de explicitar sua simpatia e admiração pelos signatários. Fatores que decerto motivam uma prometida futura edição da «fase norte-americana», vivida pelo mesmo duo de vozes feminina e masculina.

A ordenação das cartas seguiu o paradigma dos anteriores carteiros publicados, o da sequência cronológica. Graças a ela, distinguem-se aqui dois nítidos subconjuntos: aquele

que conta com o Atlântico a separar os missivistas (agosto a outubro de 1959: Jorge no Brasil, Mécia em Portugal) e aquele em que a distância, relativamente pequena, se dá na vastidão das terras brasileiras (anos 60 a 65: Jorge no Rio ou São Paulo, Mécia em Assis e Araraquara). Do primeiro, temporalmente menor, mas mais copioso de parte a parte, salta aos olhos a enorme angústia de ambos pela separação e pela grande dificuldade em manter um efetivo diálogo através das cartas, ocasionada por atrasos e extravios. Ou seja, a carta em si constitui tema sempre abordado, alçado a instrumento precioso e imprescindível de união entre dois que não cessam de se desejar um.

Concluindo, há que ler atentamente esta significativa sequência epistolográfica e percorrer testemunhos variadíssimos, em não menos variadíssimos tons e discursos, desde o bem lusitano escárnio e maldizer às universais juras de amor...

APRESENTAÇÃO

PROF.^a DOUTORA MARIA DO CARMO CASTELO BRANCO (PORTUGAL)

UM LEVE OLHAR

... e quando eu estiver mais triste
Mais triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar (...)
Vou-me embora para Pasárgada.

(MANUEL BANDEIRA)

1. Quando pensamos em discurso amoroso, fatalmente nos vêm à ideia (leitores que somos da literatura e da crítica sobre uma fala que percorre ou atravessa toda a História que não só a da literatura) – fatalmente nos vêm à ideia, dizíamos, nomes mais ou menos reais, mais ou menos fictícios, como os de Pedro e Inês, Bernardim Ribeiro e os seus fantasmas, Shakespeare e *Romeu e Julieta*, Goethe e o *Werther*, Lev Tolstoi e *Anna Karenina*, Camilo Castelo Branco e *Amor de Perdição*, e/ou, no feminino, as Cartas de Soror Mariana Alcoforado... Vêm-nos igualmente à ideia, outros pares amorosos infelizes que percorreram o misticismo da paixão na Idade Média, através dos romances de cavalaria, e que, com igual misticismo, se oferecem agora nas mais recentes, mais felizes e mais reais histórias de intelectuais, como Sartre e Simone, Aragon e Elsa, Marguerite Duras e Yann Andréa, ou Dominique Rolin e Philippe Sollers, como lembrou magnificamente Eduardo Prado Coelho, em crónica de 24/01/2002...

Poderemos mentalmente folhear ainda, se quisermos, os *fragmentos* simulados desse discurso com Roland Barthes, quando este recapitula, «em primeira pessoa», todas as suas «figuras» (ou «os gestos do corpo amoroso captado em acção»); ou lembrar-nos, com Álvaro de Campos, que «todas as cartas de amor são ridículas», embora sentindo, com ele, que só são verdadeiramente ridículos aqueles que as não escreveram. Por outro lado, não será, talvez aqui, inoportuno pensar, e *por evidente contraposição* que, «etimologicamente, a paixão se situa do lado da passividade, que é o contrário da acção voluntária, a perda daquele equilíbrio presente na saúde e na sabedoria...» (como nos afirma Descartes, em *Des Passions de l'âme*)...

2. Otilia Lage, porém, faz muito mais do que, simplesmente anunciar ou desdobrar «figuras», na sua «Introdução» às Cartas de Jorge e Mécia de Sena. Antes nos põe, *não frente à passividade*, mas, claramente, frente a uma outra *mítica*, sob a forma da resistência – aquela que, contrariando a distância ou a quase *ausência* (figura que Roland Barthes define «como todo o episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objecto amado – quaisquer que sejam a causa e a duração»), encontra a força e a coragem de as ultrapassar, contornando, embora com tristeza (e, algumas vezes, desejando qualquer Pasárgada salvadora

– cf. p. 13), todos os obstáculos, incluindo a trama do contexto absorvente e hostil, a dificuldade de comunicação (quase só inteiramente possível, quando feita indirectamente), a problemática da partida e de outro afastamento por parte de Mécia (o dos amigos) e a necessidade e aceitação (já no Brasil) de novas, terríveis e repetidas ausências de Jorge.

Mais do que um «diário a quatro mãos», Otilia Lage, sempre discreta e eticamente distanciada, oferece-nos uma 5.^a mão emocionada, mas velada – conseguindo preparar o leitor, para a entrada num «*corpus* documental» que é, apesar de tudo e na sua essência, uma «escrita de felicidade», «epocalmente camiliana».

Como diria Eduardo Prado Coelho, na crónica já citada, «são *nuances* como esta que fazem a força das palavras, isto é, que nos dão os instrumentos da sobrevivência» (ao reeditá-las, noutro contexto, diríamos nós) e, que, enquanto as reiteram, nos transmitem a crença em tudo que é grande, ou, melhor, em tudo que é firme e eterno.

INTRODUÇÃO

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE²

É objectivo principal deste livro dar continuidade à publicação³ da imensa e largamente inédita correspondência trocada entre Jorge de Sena e Mécia de Sena – duas vozes distintas, críticas e reflexivas da cultura portuguesa do século XX –, através da edição de um núcleo delimitado mas significativo de cartas relativas à primeira vivência em liberdade, fora de Portugal, quando voluntariamente exilados no Brasil (1959-1965).

CONTEXTO

Não se pode perder de vista um enquadramento sócio-histórico mais geral de tempos/espacos, que tratámos noutra instância⁴, em que se inscreve o mais vasto conjunto da Correspondência entre Mécia e Jorge de Sena, a qual vai desde os sombrios anos 1940, de um atraso colossal em Portugal, passando pela fase de grande abertura e liberdade no Brasil da 1.^a metade dos anos 1960, vivências ilustradas nas presentes cartas, até aos bem diferentes anos 1965-1978 nos Estados Unidos da América, então centro do mundo. Correspondência de periodicidade assaz regular e constantes referências a acontecimentos e figuras públicas marcantes de cada época e local, é por isso e desde logo, como se verá, fonte histórica de inegável interesse documental para a nossa contemporaneidade.

Jorge de Sena foi em Agosto de 1959, a convite do governo brasileiro e por recomendação expressa de Eduardo Lourenço, que se encontrava então como docente na Universidade da Bahia, participar no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Universidade da Bahia em Salvador, 10 e 12 de Agosto de 1959)⁵, acontecimento que acabará por desencadear a ida da família Sena para o Brasil e que marca o início de produção do corpus epistolar aqui publicado.

São numerosas as referências concretas e comentários de Mécia e Jorge de Sena, nas suas primeiras cartas deste período, a esse Colóquio – evento que transportou, concentrando-a, num curto tempo-espaco, o que se pode considerar uma amostra significativa da ambiência político-cultural que então se vivia em Portugal e no Brasil. De facto, os múltiplos aspectos registados nas cartas que vão desde as repercussões públicas deste evento na imprensa diária de Portugal onde são filtradas por uma censura activa à composição das duas delegações portuguesas participantes – a «oficial» de figuras públicas representantes do governo português, chefiada por Marcelo Caetano, e a dos intelectuais convidados do governo do Brasil e/ou da academia brasileira, opositores ao regime salazarista⁶ – passando pelas alusões aos próprios trabalhos do Colóquio, constituem um observatório para interpretação e análise da política e da cultura da época, em Portugal e no Brasil.

Jorge de Sena que manterá com a delegação oficial portuguesa uma relação dissonante e crispada, registada por esta correspondência, vai destacar-se por uma intensa participação nesse evento oficial e académico, onde as suas intervenções públicas se afirmam,

com resultados subsequentes para a sua futura actividade no Brasil como dão testemunho as suas cartas desta fase, mormente o importante núcleo das procedentes da Bahia.

A leitura introdutória que se faz, embora não ignorando esse enquadramento mais geral, para que, aliás, remetem as notas finais que por isso se optou por introduzir às cartas, cinge-se o mais possível, a um acompanhamento a par e passo da própria correspondência. Pretende-se sobretudo relevar o teor da mais de uma centena de cartas que constituem perfeita e cabal refutação de quantos – e são ainda alguns! – preconceitos sociais, culturais, políticos, ideológicos e até pessoais que envolveram a personalidade de Jorge de Sena e que continuam a subsistir em alguns sectores, inclusive intelectuais, da sociedade portuguesa.

APROXIMAÇÃO ÀS CARTAS⁷

Estas cartas, em seu registo geralmente circunstancial mas eivado de referências literárias e culturais, não deixam de dar sempre conta do mundo e da história de modos diferenciados: em Jorge de Sena, testemunhos vivenciais de um escritor em que a dimensão poética e sua fruição estética emergem e, em Mécia de Sena, mais de carácter espontâneo, onde, para além das suas menções de carácter social, cultural e político muito impressivas se assiste às emanações de um fundo etnográfico português importante.

São assim, não apenas veículo de comunicação quase diária, mas também e sobretudo meio de expressão de apreciações de interesse múltiplo e da intensidade de sentimentos.

Para além das suas características intrínsecas, quer de carácter literário – dadas as referências à construção e edição de traduções e obras literárias de Jorge de Sena, em cuja escrita é visível a constância da «alta linguagem»⁸ –, quer de carácter documental em que se revelam um arquivo vivo da cultura e da política de um período histórico (fins dos anos 1950 e início dos anos 1960) – de que Jorge de Sena é intelectual crítico, de charneira –, esta correspondência é ainda, em particular, repositório relevante de informações sobre a diáspora de intelectuais portugueses no Brasil, durante o Estado Novo português e sobre uma etapa e condições culturais e académicas de construção de um «diálogo luso-brasileiro»⁹, em que vemos perpassar intelectuais, vultos da literatura, da cultura e da política pró e contra regimes ditatoriais de um e do outro lado do Atlântico.

Ninguém melhor do que o poeta Jorge de Sena para marcar o tom de qualquer apreciação desta correspondência, em que ele próprio se nos dá a ver em múltiplas das suas dimensões, assinalando, desde logo o veio mais profundo destas cartas:

*Nas terras de além do mar
está meu Amor assentado.
Seus olhos fitam a noite,
Seu seio sobressaltado
respira em brandos soluços*

*nas cartas que está escrevendo
o meu silêncio de ausente,
de distante e de presente
no corpo que se torcendo
está de saudades de mim.*

Oh meu amor, minha amada

Meus ouvidos, minha fala¹⁰.

Este poema, escrito numa toada de Cancioneiro Popular¹¹ e dedicado por Jorge de Sena a sua mulher, ilustra bem o tom profundamente amoroso sempre expresso nestas cartas trocadas entre ambos durante o seu exílio no Brasil, período histórico situado entre dois golpes de estado de sinal contrário: o golpe abortado da «Revolta da Sé» de Março de 1959 em Lisboa, contra o regime ditatorial português, em que Jorge de Sena toma parte activa, e o golpe militar de Março de 1964 no Brasil, que pôs termo ao regime parlamentar e à presidência popular de João Goulart, com repercussões directas na permanência dos Sena no Brasil, que se mudam então para os EUA.

O registo epistolar desse interregno de liberdade política, social e cultural que a ambos, Mécia e Jorge de Sena, vai afinal ser permitido vivenciar em terras brasileiras, bem como o carácter de relato minucioso das múltiplas dimensões de suas vidas e quotidianos, impregnado de intensa afectividade, caracterizam este corpus documental¹² a vários títulos exemplar.

Ao nos propormos estudar e escrever sobre a produção e recepção epistolares de Mécia e Jorge de Sena, no que somos, aliás, reincidentes¹³ não podemos ignorar quão dilatado é o desafio que envolve milhares de cartas trocadas, ao longo de suas trajectórias de vida intensa e amorosamente partilhadas em múltiplos mundos entrecruzados. A primeira dificuldade será o desconhecimento da grande maioria das cartas dessa vasta produção epistolar ainda por publicar e estudar¹⁴.

Como se sugeriu, a observação da estreita e exemplar relação afectiva de inteira e profunda comunhão de vida e de destino entre os interlocutores, que sobreleva nestas cartas, permite-nos conhecer, para além da dimensão do privado inerente à esfera individual e familiar, própria deste género de correspondência, múltiplos aspectos do domínio público, sociais, económicos, políticos e culturais de espaços-tempos concretos de Portugal e do Brasil.

Ora, seguindo os itinerários dessa produção epistolar, a qual se não restringe à do período brasileiro – «Vita Nuova» (como lhe chamará Mécia de Sena) – mas contempla também a correspondência inédita da fase norte-americana, vemo-la ocupar, a par da correspondência seniana já editada, na sua maioria, por Mécia de Sena, lugar de relevo na tradição da epistolografia portuguesa com significado literário¹⁵, atento o seu interesse para o enriquecimento da nossa cultura.

O registo de apreciação desta correspondência teve, fundamentalmente, em conta que estamos em presença de uma trama escrita de grande subtilidade em que emergem complexos estados emocionais, ditados não só pelo afastamento mais prolongado do casal, numa primeira etapa, mas pela própria natureza de indeterminabilidade da evolução e desfecho dessa separação, em condições que não podendo deixar de ser tidas em conta, se entendeu não serem aqui de relevar, em nome da densidade de sentimentos que se pretendeu acentuar, evitando a sua diluição.

A indizibilidade de que, por isso, esta correspondência se reveste, explica que optemos por seguir quase literal e cronologicamente, as cartas trocadas, através de curtos mas representativos extractos das mesmas. Estes são indiciários para uma abordagem aderente à própria substância das cartas que, embora internalista, procurou respeitar a autenticidade do «testemunho» de humanidade, fidelidade e liberdade que traduzem, atendendo à advertência que o próprio Jorge de Sena faz em relação ao lugar especial que atribui às cartas de Mécia: «É evidente que convém distinguir entre cartas de ‘expediente profissional’, cartas de amigos e, neste caso, cartas da Mécia»¹⁶ e ainda à sua própria percepção da correspondência trocada: «E nós que podemos estar a fazer uma escrita de felicidade»¹⁷.

Este é um diálogo entretido de cultura e recíproco entendimento de duas personalidades, uma «só identidade» (Mécia de Sena), que está muito para além da mera comunicação que em geral todas as cartas comuns são.

Do amor e da saudade, da separação e da ausência, da unidade existencial e do vivido

As cartas remetidas por Mécia de Sena a seu marido, a partir de Lisboa e depois de Assis e Araraquara e as enviadas por Jorge de Sena, do Recife, Salvador, Rio de Janeiro e S. Paulo, são um contributo incontornável para uma melhor compreensão não só de aspectos menos conhecidos da vida-obra seniana mas também de episódios, acontecimentos e figuras marcantes da cultura e da história portuguesa e brasileira dos anos 1950/1960.

Em ambos se mantém a estrutura formal clássica das cartas: *prólogo*, com invocação nominal sempre acompanhada de expressões ternas; uma parte mais ou menos extensa de *desenvolvimento* e uma *conclusão*, invariavelmente, carinhosa.

Diversamente das cartas de Mécia de Sena, numerosas, diárias e geralmente curtas e muito concretas, escritas a partir de Portugal entre Agosto e Outubro de 1959 e depois, já no Brasil (Assis e Araraquara), mais espaçadas, as cartas de Jorge de Sena são em menor número e menos regulares mas em geral mais longas e quase sempre imbuídas de um pendor reflexivo e especulativo sobre a vida e os acontecimentos narrados. Pelo contrário, as cartas de Mécia quase nunca se afastam de uma das características principais do género epistolar, a *brevidade* e mantêm-se, aliás como as de Jorge de Sena, fiéis a outras duas: a *clareza* e a *propriedade*¹⁸.

Entretidas na esfera do privado, nelas assomam as cumplicidades, a coragem de

ousar e mudar de vida, o profundo companheirismo, a mútua atenção ao «outro». Mas são também as adversidades e vicissitudes, diferentemente vividas por ambos o que mais se evidencia nas cartas iniciais deste período marcadas pela dor e a angústia das saudades da primeira separação mais prolongada do casal. Já as cartas trocadas no Brasil, mantendo algumas das características enunciadas, dão conta de uma outra atmosfera política, social e cultural de maior abertura e condições de realização em maior liberdade, ainda que na difícil situação de exílio.

Cartas de Mécia: *Meu amor/Meu muito querido Jorge*

As primeiras cartas deste curto mas intenso período de seis anos (Agosto de 1959 – Outubro de 1965), invariavelmente precedidas dos invocativos «Meu amor», ou «Meu muito querido Jorge» e escritas numa regularidade mais que diária, na fase inicial de 2/3 meses, são testemunho impressivo e ininterrupto de uma paixão amorosa resistente a qualquer adversidade.

Configuram-se como pormenorizado e agitado diário de bordo onde não faltam hesitações, incertezas, circunstâncias imprevistas e preparativos da decisão de fundo relativa à partida definitiva do casal Sena para o Brasil, nem o registo pormenorizado da adaptação às mudanças e profunda reorientação de suas trajetórias de vida.

Cartas de Portugal para o Brasil

A partida de Jorge de Sena para o Brasil e sua ausência é documentada na torrente de escrita epistolar de Mécia de Sena, a que, para sua ansiosa contrariedade recorrentemente assinalada, Jorge de Sena sempre responde, em cartas também assíduas mas que, porém, lhe chegam a espaços mais irregulares.

Em carta (de 7/8/59), alusiva ao desembarque de Jorge de Sena no Recife, seguindo daí para Salvador, com vista a participar no já referido Colóquio da Bahia, Mécia regista o que irá ser uma constante nesta correspondência: o recurso a intermediários portadores das cartas, estratégia a que ambos recorrem, quer por atrasos de correio, insuportáveis, quer pela apertada censura intelectual e política ditatorial então vigente em Portugal.

Escrevo-te ao cuidado do Eduardo Lourenço porque não encontro a morada do Casais. É uma e meia da noite, e a estas horas irás já tu muito longe de todos nós. (...)

Temo que o desejo imenso que tens de, compreensivelmente, saíres daqui te faça aceitar qualquer situação que aí te ofereçam. (...) Talvez o Urbano [Tavares Rodrigues] te possa deixar algum dinheiro e pago-lho aqui quando ele voltar. (...)

Vieram provas que vi nada tendo encontrado que me parecesse de te perguntar. (...) Mais nada, meu amor, senão que aguardo o teu regresso e que as horas da tua ausência me são intermináveis. (...)

Realce-se uma descrição minuciosa, com sentido crítico, dos membros da delegação oficial portuguesa de partida para o citado Colóquio, no Brasil, em que refere designadamente: o historiador Veríssimo Serrão; o director do Arquivo Histórico Ultramarino; Azeredo Perdigão, da Fundação Calouste Gulbenkian; o escritor Vitorino Nemésio; os professores universitários Lopes de Almeida e Costa Pimpão; o diplomata André Gonçalves Pereira; o crítico literário Gaspar Simões; e outros (carta de 8/9/59, anotada «deve ser 9/8/59»).

Logo após a partida de Jorge de Sena para o Brasil, Mécia regista (em 10/8/59), a emoção sentida com a primeira carta que dele recebe, a sensação insuportável desta ausência e temores inerentes e faz um registo fotográfico do seu quotidiano:

(...) Ia eu a sair a porta com o pequeno para casa da Eunice [Muñoz], quando o carteiro chegou com a tua carta. Nem queria acreditar, meu amor. Foi como se finalmente alguma coisa me prendesse à terra, e um pouco de calor teu me chegasse.

Realmente nunca me custou tanto a separar de ti, nem saberei bem explicar porquê. Um temor da travessia do atlântico, um temor de que fiques por aí e eu me veja entre o desejo invencível de ir e a necessidade de ficar, sei lá mas talvez simplesmente e de cada vez mais não suportar estar longe de ti e saber que mesmo uma carta leva dias e pode nem chegar, de modo que sempre trocaremos correspondência de surdos.

Eu sei que não será possível eu ir e só para te fazer a vontade fui tratar do passaporte.

(...) Meu querido Jorge, és tudo quanto na vida desejo e quanto a vida me faz desejar. Compreender-nos-ão um dia os nossos filhos? Bem o desejo porque significará que encontrariam com quem se identificar. Beijo-te, meu amor, com uma infinita ternura, beijo-te sempre.

Constante, a angústia da distância, não impede o sistemático relatório de progressão da publicação da obra de Jorge de Sena, como se pode ver (carta de 12/8/59, recebida a 17/8/59, conforme anotação manuscrita de JS):

Por certo ainda hoje não terei notícias tuas da Bahia que o transbordo do avião retarda. Estou ansiosa por saber como achaste o Casais, que tal é esse ambiente, como te pareceu assim em conjunto a heteróclita representação portuguesa. (...)

Vi já a prova da crítica do Monumental que devolverei, hoje mesmo, e mais umas páginas da Literatura que também devolverei, ou melhor, virão buscar hoje mesmo, se quiserem. (...)

O Agostinho da Silva mandou o caderninho sobre o Fern. [Fernando] Pessoa. (...) Veio também a página do Comércio com o teu artigo em grande relevo. (...)

Como estará decorrendo o Colóquio? (...)

A humanidade é vil, é pérfida e aquelas patacoadas do Agost. [Agostinho] da Silva ainda me irritaram mais, bem se vê que está longe desta esterqueira há muitos anos para ter esperança de que este povo faça alguma coisa na vida. O paraíso terreal! Mas que gente!!! (...)

A referência aos muitos amigos que a procuram e de Jorge de Sena pedem notícia (carta do mesmo dia) é outra regularidade desta correspondência.

Esteve aqui há pouco e por pouco tempo o Cardoso Pires com a Maria Lamas. Ela falara nas «Libertinagens» e ele mostrara curiosidade em ver e ela veio cá pedir se eu me importava de lhe mostrar.

Esteve a fazer grandes elogios da tua Antologia. Acha o teu prefácio magnífico. Como toda a gente mostrou o seu pasmo por tanto que consegues produzir. (...)

Precisava de acabar a minha tradução mas não consigo por mais que faça, nem sequer chegar à regularidade que precisava das 12 páginas diárias. (...)

Não haverá um deserto qualquer para onde vamos os dois? Ou será que mesmo aí sairia de debaixo da areia qualquer verme para nos incomodar? Porque aí não há suficientemente longe, ainda há Pimpões que lá cheguem! (...)

Constante é também (carta de 14/8/59) o relato minucioso do trabalho de tradução e correcção de provas (ex. «Literatura Inglesa»), do numeroso correio que chega (recortes de jornais assinados, revista *Vértice*, *Revista do Livro*...), dos múltiplos afazeres quotidianos e ainda, apesar do estado de abatimento provocado pela morte da mãe, a convivência social e cultural, sempre presente no seu dia-a-dia:

À noite, a convite da Maria Lamas, fui ao «Restelo» ver a «Grande Estrada Azul». Uma coisa italiana bem feita, sem concessões de happy end mas muito lenta de acção, com interpretações boas mas não excepcionais. (...)

Mécia, cujos comentários críticos dos eventos culturais que assiduamente frequenta são de relevar, exprime (carta de 15/8/59) um contentamento indescritível com a chegada de carta de Jorge de Sena, através de mensageiro pessoal, regularidade também de toda a correspondência deste período, aliás, como a referência a dificuldades económicas resolvidas com empréstimos tomados de amigos e dinheiro de traduções feitas por Mécia e Jorge de Sena, como a do «Hamlet», proposta de Luís de Sousa Rebelo, por 6.000\$00, «uma ridícula» mas «não há mais ninguém para a fazer».

Mas a logo seguir, desabafa (outra carta do mesmo dia, 17/8/59):

(...) isto aqui é atoleiro por todos os lados e ainda por cima é pobre, ao nível dos dez tostões que é a coisa miserável, desconsoladora. Não haverá no mundo uma Pasárgada qualquer para onde vamos? Meu amor, o mundo é nojento e a humanidade está ao nível do mesmo. E a vida é tão breve e tão poucas as coisas que nos dá meu querido. (...)

Confessando-se esgotada, ganha porém alento nesta confissão de amor (missiva de 17 e 18/8/59):

Pudesse a minha boca procurar a tua e não mais pensaria em nada... que os teus braços me protejam mesmo à distância e pensando neles eu tenha o repouso que tanto necessito.

Não deixa passar em branco (carta do dia seguinte) os muitos comentários positivos ao estudo de Jorge de Sena sobre Florbela Espanca saído na Ática e indaga: «Não percebo que voltas vais dar depois da Bahia, mas entretanto o saberei por certo», terminando por perguntar se as teses do congresso serão publicadas e se haverá hipótese de Sena publicar no Brasil uma antologia poética, lembrando por fim os presentes para os miúdos.

Todavia, é difícil a gestão do quotidiano, assediada pela falta de pagamento por parte das editoras portuguesas, conforme Mécia regista (carta de 20/8/59), advertindo Jorge de Sena sobre eventuais efeitos das suas faltas na Junta Autónoma das Estradas (JAE), instituição pública portuguesa a cujos quadros técnicos, o engenheiro Sena pertencia.

Entretanto, nem um «torcicolo e problemas de fígado» a impedem de sair sob «um luar lindíssimo e temperatura muito agradável» para assistir a uma palestra, em companhia da escritora feminista Maria Lamas a qual esteve: «falando sempre muito de ti por quem ela tem verdadeira admiração». Ainda na mesma carta dá conta das apertadas malhas da censura policial no Portugal de então: «Disseram-me ontem que os jornais brasileiros não entram cá, porquê?!», denúncia que se repete no dia seguinte: «os jornais de cá nem uma só vez citaram, a propósito do Colóquio, qualquer nome fora do Perdigão, do Marcelo e do Reinaldo como se tivessem sido estes sempre os astros do Colóquio» (carta de 21/8/59).

Continua subjacente a incerteza sobre o desejado regresso de Jorge de Sena: «Que venhas em breve, meu querido Jorge, para minha tranquilidade, que tranquilidade é estarmos juntos mesmo nesta inquietação tremenda que é a nossa vida aqui» (carta de 22/8/59); e prevendo ser esta carta a última a escrever-lhe para o Brasil, pergunta-lhe se recebeu uma carta que lhe enviara ao cuidado do grande poeta brasileiro, Manuel Bandeira, quando não sabia ainda que endereço usar.

Em carta bem mais longa (23/8/59), em que acusa, com grande alegria, a recepção, através de intermediários, de duas cartas de Jorge de Sena, com mais de uma semana de atraso, diz «a Emissora está farta de anunciar uma série de palestras entre as quais a tua no dia 27... na Baía», e refere-se à recepção do Colóquio em Portugal e às diversas atenções e simpatia que tem recebido da tipografia:

Entretanto foram para cá tantos os telefonemas, os recados, as idas e vindas nestes últimos três dias que parecia uma fita dos irmãos Marx. (Claro que quase não pude trabalhar na tradução e... só consegui, não sei como, ver as primeiras provas de mais um caderno da Literatura... tive algumas dúvidas, mas como entretanto me tinham mandado o original inglês lá resolvi...

Mas é ainda o amor incólume ao desgaste da vida, do casamento e do cuidado com os filhos, que continua a manifestar-se, como sempre:

(...) a carta que me trouxe o Urbano foi para mim como um banho lustral, meu querido Jorge. Fico tão envergonhada quando me dizes coisas como estas, meu amor. Só realmente o amor que

tenho por ti, me pode fazer avolumar tanto aos teus olhos. (...) Quanto gostaria neste momento de pôr as minhas mãos na tua cabeça, nos teus olhos, na tua cara, como tanto gosto de fazer deitada a teu lado, às escuras, para ir moldando nas minhas mãos os teus contornos inesquecíveis e sentir aquela felicidade transbordante, sequiosa de ti, e apaziguada por ti, 'quando deitada à tua beira sei que se rasga eterno o véu da graça.' (...)

Persiste porém (carta de 27/8/59) a sua preocupação com a demora do regresso e o bem estar de Jorge de Sena em sua digressão pelo Brasil (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, etc.) há cerca de um mês, repleta de solicitações e trabalho, mas também de contentamento. Refere-se à amizade de Jorge de Sena com o professor e historiador da cultura, Barradas de Carvalho, inteira-se das novidades do Colóquio, conta-lhe do convite do Jacinto Ramos para a estreia da peça «O Catão» de Almeida Garrett, e informa-o que o Ruy Belo (da editora Aster) fora buscar os poemas de Mallarmé e um estudo sobre o poeta, despedindo-se assim:

Meu amor, deixei para o fim o agradecer-te o poema que me mandaste. Achei-o bellissimo, querido, mas como de costume quando a tua poesia me abrange, sinto-me enleada, e não sei como agradecer-te senão beijando-te.

E logo no dia seguinte, noutra carta, prossegue noticiando, com seu já assinalado sentido crítico:

(...) Meu amor, não creio que o Brasil nos sirva. Está demasiado perto e tem demasiados contactos com esta piolheira. Há-de ter sempre a marca indelével deste povo irremediável que primeiro, lhe pisou descção, o solo. (...)

Os jornais por cá não deram especial relevo ao Colóquio, salvo no respeitante à delegação oficial que só faltou dizer a que horas S. Exa. ia ao WC.

Também esses brasileiros podiam ter sido um bocado menos pródigos em «honoris causas». (...)

Diz com alguma preocupação (carta mais breve de 29/8/59), que pediu os ordenados dele a «Livros do Brasil» e conta-lhe dos muitos que a visitaram pedindo-lhe notícias suas; continua a comentar a recepção na imprensa portuguesa ao Colóquio da Bahia:

A notícia que correu exactamente nos D. [Diários] da Manhã e do Notícias põe elogios à delegação oficial e também abrilhantava o Paço D'Arcos e tu (...)

Confessando-se «perplexa e estonteada» com recente missiva de Jorge de Sena (30/8/59), em que pela primeira vez se refere à hipótese de ficar no Brasil, interroga-se sobre a situação neste país:

(...) Que tal é o Juscelino?

Hoje vem no jornal que houve barulhos em Niteroi. Fico preocupada mais ainda. A vida aí sofreu nova alta. Até onde chegará enquanto durar o sangradouro de Brasília?

Soposa depois as dificuldades e problemas que terão de resolver com a mudança para o Brasil, sugerindo a Jorge de Sena a hipótese de prolongar a sua estadia, através da sua participação, enquanto engenheiro da Junta Autónoma das Estradas (JAE), no Congresso Luso-Brasileiro de Estradas que por essa altura aí teria lugar e se encontra também, lateralmente, referido nesta correspondência.

Os trabalhos de tradução e respectivas dificuldades, com que Mécia se ocupa também, em colaboração com Jorge de Sena e que ajudam a compor o seu orçamento familiar, continuam sempre presentes, como é evidente em carta de 31/8/59 em que começa por lhe expor uma dúvida na tradução de uma frase do livro *O Expresso do Oriente* de Graham Greene pedindo-lhe resposta rápida para devolver o trabalho à gráfica. Regozija-se com o sucesso de palestra entretanto feita por Sena, preocupa-se com a incerteza e o receio de que ele acabe por não encontrar no Brasil possibilidades de ficar e de, mais desesperançado, vir encontrar novos problemas em Portugal, na JAE e no trabalho e relações com as várias editoras com que trabalhava já (Portugália, Morais, Aster, etc.).

A regular e difícil relação com as editoras e consequente revisão de provas assoma noutra carta (2/9/59), mais curta, em que se confessa «grega com as provas da Literatura», e «... cansadíssima do sarau das provas».

Mas ainda no mesmo dia (outra carta), diz-se convencida de que ele «regressará», animando-o, se as suas expectativas de ficar se gorarem:

(...)' dar o salto' com tanta coisa cá entre mãos é difícil de realizar. (...) Sei que te é insuportável viver aqui... Não posso portanto, não tenho coragem para poder ser razão, mesmo pequenina, para que não procures por todos os meios sair daqui. Peço-te só que penses com calma e não acredites excessivamente nas pessoas: uma coisa é a afabilidade para quem está de visita, outra para quem está em permanência. (...)

As muitas incertezas sobre se Sena ficará ou regressará do Brasil que serão constantes nas cartas seguintes de Mécia, manifestam-se também nesta carta:

Os pequenos andam um pouco pressentindo no ar qualquer alteração. Falam em ir ter contigo, fazem projectos vários e descontraídos. De resto, toda a gente pergunta, toda a gente opina, toda a gente aconselha, toda a gente... e ninguém dentro dos nossos reais problemas.

Sem nunca deixar de estar atenta ao que a rodeia, comenta (carta de 4/9/59), uma entrevista do poeta português Pedro Tamen, na rádio, pergunta pelas suas aulas na Faculdade de Filosofia, pelas suas andanças no Brasil, se aí ficará ou não e/ou se virá buscá-los.

E em duas cartas do dia seguinte, depois de receber outras duas cartas do marido, de S. Paulo que lhe falam da sua decisão de ficar no Brasil e estar já a tratar da sua ida e dos filhos, projecta soluções e preparativos para a mudança da família. Recomenda-lhe que escreva a pessoas com quem tem compromissos de trabalho e promete enviar-lhe a tradução de Brecht pelo amigo José-Augusto França, e pedir à escritora Ilse Losa para que lhe envie também o que tiver já feito de tradução.

Três dias depois, a 8/9, conta-lhe a sua ida à Sociedade de Escritores onde se encontrou com a família de Jaime Cortesão (historiador exilado no Brasil), e vários escritores portugueses: Ferreira de Castro, Vitorino Nemésio, Cardoso Pires, Paulo Quintela, Piteira Santos, Manuel Nascimento. Sugere que troque o seu visto por um permanente, no que terá ajuda de amigos, para «evitar mexidas de emigração» aconselhando-o a preferir S. Paulo «onde o clima é muito melhor e a vida, com todos os seus defeitos, muito mais bem organizada».

Previdente em relação ao futuro no Brasil de Jorge de Sena (carta de 9/9/59) Mécia alvitra a hipótese de, em caso de complicações, ele pedir asilo político na Embaixada, não deixando porém (noutra carta do mesmo dia) de interrogar(-se):

Mas como vais ter tempo de fazeres tudo com um emprego em full-time? E quando te fica tempo para vivermos e produzires num ritmo finalmente que nunca aqui te foi possível? (...) mas o mais que estou é assustada com a nossa separação e a ver a minha ida cada vez mais difícil, à medida que penso que terás de arranjar aí casa onde caibamos e de a encher com aquele mínimo indispensável... quem vai pagar a nossa passagem?

Adverte-o para as consequências do pedido de licença ilimitada, inquieta-se sobre se lhe pagarão o ordenado (carta curta de 11/9/59) e acrescenta um conjunto de apontamentos para ele lhos explicar e uma relação de livros com nomes de amigos para a respectiva entrega. Pergunta-lhe o que fazer com obras que aguardam a sua crítica e se deve anular assinaturas de revistas. Noutra carta do mesmo dia faz contas do que espera receber das editoras e diz da satisfação de se lhe reunir, com os filhos.

Sucedem-se as cartas, entre 12 e 19 de Setembro, diárias ou duas por dia, as quais traçam um impressivo e realista painel de uma miríade de assuntos e problemas de suas vidas: os preparativos da partida para o reencontro com Jorge de Sena no Brasil, tudo minuciosamente exposto e organizado por acordo entre ambos, os empréstimos espontâneos de dinheiro pelos amigos, as «cunhas» de uns e de outros para resolver mil e uma burocracias, as influências para obter os vistos de saída, os custos das viagens e os preços dos camarotes, a ida da empregada, que conforme prática da época, apenas pagaria 2/3 do custo normal da viagem, em 2.^a classe, a súbita impossibilidade da sua ida por a fiscalização concluir não ter ela meios e só autorizarem a saída de «prostitutas ricas» para o norte de África e Brasil, a compra das passagens e pagamentos a fazer por Sena a partir do Brasil, já que em cruzeiros são mais baratos os custos, o envio de trabalhos de Sena para correcção, por

avião, através de mensageiros pessoais, como por exemplo «pelo Ferreira de Castro te mandarei mais Teixeira de Pascoaes e Pessoa», a entrega na JAE da carta de pedido de licença ilimitada e pormenores envolvidos, perguntas sobre o que dele deverá levar, requerimentos a fazer para adicionar os sete filhos ao passaporte de Mécia e para manter a casa em sua posse, referência actualizada aos inúmeros trabalhos de edição e tradução pendentes em várias editoras e aos constantes contactos de escritores, intelectuais, editores, amigos e pessoas de suas relações, como José Saramago ou Mário Chicó, necessidade da declaração de Sena a autorizar a deslocação da mulher e filhos para o estrangeiro (Brasil), relação de amizades e familiares que o escritor Ferreira de Castro tem em Assis e São Paulo, documentação que se exige às crianças, nas escolas brasileiras, muita e variada correspondência recebida por exemplo de António Pedro e Maria Lamas, pesarosos, por eles serem mais uns que se vão, etc., etc.

Quando irei? Quando assentarás arraiais em Assis? Estou desejava que me digas que estás instalado...

Mantêm-se interrogações como esta (carta de 14/9/59):

Parece-me que estás a fazer ondas desnecessárias, Jorge. (...) está na tua mão e não na minha que eu vá e eu não ficarei aqui nem uma hora mais que seja mal tenha ordem de seguir. (...)

Em carta de 29/9/ 959 em que anotou e sublinhou à margem do texto, a expressão «Vita Nuova», invocação implícita de Dante Alighieri, dá-lhe conta de uma série de telefonemas de amigos entre os quais se conta a poetisa Sophia de Mello Breyner que se mostram desolados com a saída deles.

Ansiosa «nunca mais saio daqui», diz-se ainda às voltas com a papelada necessária, com a necessidade de arranjar dinheiro e admoesta-o «porque não me escreves todos os dias ao menos um postal?» ou «vê se assentas, pelas alminhas» (carta de 1/10/59).

Mas manifesta-se pronta para partir a 12 de Outubro, não sem que deixe de observar (carta de 3/10/59):

(...) quando eu digo a alguém a uma semana de partida que não tenho dinheiro onde afogar-me as pessoas ficam varadas e o caso não é para menos.

Daqui em diante vou escrever-te apenas nos dias em que tiver carta tua que é para saberes como é agradável estar dias sem saber nada, sequer se as pessoas estão vivas! (...)

Preparando já a partida para o Brasil, Mécia conta (carta de 9/10/59) que reuniu em sua casa um grupo de amigos em que estava Maria Lamas e que conversaram até às 2h da madrugada sendo ele o assunto principal. Continua a mantê-lo a par dos trabalhos com as Editoras, como a Portugália, com quem vai tratando assuntos pendentes e novos, prosse-

guem os comentários ao «surrealismo» dos correios brasileiros, e diz que finalmente sabe o que ele vai fazer em Assis, coisa que todos lhe perguntavam e ela não sabia explicar.

Em carta (12/10/59) que será, segundo Mécia, a última antes de partir para o Brasil, temos notícia de «trapalhadas» quanto a marcações das viagens provocadas por desencontros de correio, do aumento do peso das bagagens e dos livros que o professor universitário e estudioso Padre Manuel Antunes e outros amigos a foram ajudar a separar, bem como de almoços e jantares de despedida com Sophia de Mello Breyner, Eunice Muñoz e outras amizades que permanecerão pela vida fora.

Cartas no Brasil

Já em Assis, Mécia escreve a Jorge de Sena uma carta de duas páginas (11/1/60) com um breve *post scriptum* manuscrito, a qual merece referência especial, pelo que denota de um sentimento profundo de expatriamento e exílio e de uma especial sensibilidade feminina para com o homem amado. Nesta carta muito expressiva, tranquiliza Jorge de Sena em relação à chegada da sua tradução de Brecht e transcreve o seguinte poema do poeta amigo Veiga Leitão, enviado ao casal:

Um – ao cabo da terra / Outro – para além dela/ Ambos – a dimensão do homem/ E de uma estrela.

Seguem-se as notícias do correio chegado, mudando-se o tom informal num desabafo de magoadada desilusão e intranquilidade sentidas neste seu novo destino que é comparado a vivências anteriores e expectativas, face aos frequentes afastamentos físicos de Jorge de Sena. «Monólogo», lhe chama Mécia de Sena, que o informa ainda de que está passando à máquina a sua tese da Bahia, «trabalho denso e demorado». Mas logo a seguir, Mécia reconhece (carta de 21/1/60), o seu anterior pessimismo e retoma, com sentido prático, expedito e reflexivo, os comentários críticos, as informações de tudo e sobre tudo. Insiste, a finalizar, no pedido de notícias por carta (demoram 5/6 dias a chegar) ou telefone, espécie de recorrente leixa-prem das cantigas de amigo, a manter sempre vivo o diálogo.

Numa breve ponderação retrospectiva da correspondência de Mécia de Sena, que ela própria chega a classificar de «epocalmente camiliana», são recorrentes temas tão diversos como a literatura e a tradução, a política, as intensas relações sociais e culturais, a amizade, camaradagem e solidariedade, os constantes contactos com editores portugueses e brasileiros, mas também os atritos, os quotidianos problemáticos mas densos, os desabafos da sensação de abandono e as saudades.

Por entre esta diversidade e abundância de pormenores de uma «escrita de si» passa um discurso pragmático e elegante em que se entrecruzam traços narrativos, diarísticos e descritivos de que emerge, nítida, a mulher e intelectual que é Mécia de Sena, em sua resistência feminina, cidadania activa, sensibilidade literária, expressão estética de sensualidade e erotismo que caracterizam a relação do casal e o seu mundo de privacidade res-

guardada em que há sempre lugar à manifestação da dimensão pública assente em princípios morais, políticos e éticos.

Ora, se o anterior conjunto de cartas, se centra ainda em Portugal, ilustrando o que foi e como foi aí vivida por Mécia a ausência de Jorge de Sena, a decisão de sua partida definitiva, e depois, mais sucintamente, a vida conjunta no país de destino, o subconjunto seguinte das cartas de Jorge de Sena, focado já no Brasil, cuja nacionalidade viria a adotar por razões de natureza académica, revela muitos dos aspectos preparatórios da nova carreira literária, cívica e política do escritor, marcada por intensa produção literária e actividade de investigação e docência, em Assis (São Paulo) e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, onde se doutorou, a par da intervenção política, como co-fundador da Unidade Democrática Portuguesa, participante activo na acção do Centro Republicano Português, de São Paulo e colaborador do jornal *Portugal Democrático*, órgão de oposição à política ditatorial e colonialista do estado novo português.

Cartas de Jorge de Sena: «Minha querida Mécia, meu grande e único amor/... meu imenso amor»

Afere-se das cartas escritas e expedidas por Jorge Sena para Mécia, que invariavelmente começam pelos invocativos em epígrafe, quanto da sua leitura se plasma no tom das respostas que merecem a Mécia de Sena. A sua análise exaustiva permitiria demonstrá-lo. Limitamo-nos porém, a seleccionar para apreciação algumas cartas de Jorge de Sena, destacando as que nos pareceram mais representativas, sem deixar porém, de seguir os traços de leitura-escrita que transparecem do seu conjunto.

Pouco tempo depois da chegada ao Brasil, numa carta de amor enviada do Recife (7/8/59)¹⁹, Jorge de Sena manifesta a profunda sensação de liberdade ganha, com a saída de Portugal enquanto colhe fotograficamente a imagem da mulher amada no momento da partida:

(...) saudade e amargura de não estares ao meu lado sobrelevam a sensação estranhíssima de respirar o ar livre do Brasil, que logo no avião começou. Revejo o teu «vulto» na porta de embarque (...) e de tanto sermos um, foi esta a separação mais dolorosa... mas cada vez mais somos um só, vivemos mais um no outro, meu Amor, não é?

Um mês depois, Sena escreveria assim, do Rio de Janeiro (29/9/59), dando então notícia minuciosa de diligências feitas para tratar dos documentos oficiais necessários à sua permanência no Brasil e à partida para aí da família, em Outubro desse ano:

Meu amor, minha muito querida Mécia... Para simplificar, e porque fui ao Consulado por causa da licença militar e levar os retratos que me haviam pedido e tirei, fiz a declaração imediatamente, aproveitando a amabilidade deles. Aqui vai ela. Escrevo-te do correio para não

perdê-lo. Espero que não haja encrenca com o engano dos dois nn no nome, tanto mais que a assinatura vai reconhecida. Beijos, beijos, beijos, infinitas saudades do teu que te aperta contra o coração. Jorge

Atento ao desejo repetidamente expresso por Mécia de sempre ter notícias suas, Jorge de Sena escrutina minuciosamente (carta de seis páginas, Rio de Janeiro, 24/7/63) as últimas cartas recebidas e enviadas, tantas das vezes trocadas através dos amigos e dá-lhe conta da longa demora das ligações telefónicas. E antes mesmo de responder a Mécia, conta pormenorizadamente tudo quanto fez entretanto no Rio: desde os frequentes almoços e encontros com numerosos amigos e conhecidos, portugueses e brasileiros, com destaque para uma incompreensível conversa ditada por despeito de um amigo português, «relatório de raiva feroz» que o amargura e entristece, as suas idas, frequentes, ao cinema e as críticas à má qualidade dos filmes no Rio, até à descrição minuciosa das longas pesquisas na Biblioteca sobre as várias edições das Canções de Camões e outros assuntos candentes do momento, editoriais e políticos, como a possível edição de trabalhos literários e ensaísticos (ex. «*Ensaio de uma Tipologia Literária*», entregue na Editora Agir) ou a notícia de carta confidencial recebida de S. Paulo, por um dos do grupo, sobre reunião de democratas em Praga para preparação dos destinos da Pátria a que Jorge de Sena contrapõe a ida a Argel, Paris e Roma.

E aqui tens, faltam-me ainda umas leituras na BN e no Gabinete P. [Português] de Leitura onde ainda não fui. No Gabinete do Livro apareceu-me o Joel Pontes que me fez grande festa. E agora a carta. Espero que tenhas ao menos conseguido que a encomenda do Parthenon não seja devolvida até eu voltar. Pela minha carta já sabes que vi as provas do Bernardino em S. Paulo.

Seguem-se as suas opiniões quase sempre indexadas ao que Mécia entender sobre assuntos de família e bens próprios, como a casa em Portugal. E insiste com ela para que vá ao médico:

(...) essa aversão à medicina é pecadilho infantil. Afinal que queres tu? É complexo de auto-destruição? Os médicos também tratam isso e com pílulas. (...)

Hás-de concordar que não serão os remédios que fôr preciso comprar que desequilibrarão o nosso orçamento em teu favor, prejudicando o papel de anjo isento que só trabalha e não custa dinheiro que te obstinas em representar. Podes continuar a ser anjo e mais eficaz com pílulas angelicais contra os rins e vísceras maléficas. Estou e não estou brincando. Achas – e é verdade – que já não consegues aguentar o trabalho e os filhos? É sem saúde que esperas aguentar melhor?

Queixa-se de problemas nos olhos que lhe dificultam o trabalho na biblioteca, para logo passar a outro assunto, de implicações políticas:

(...) Quanto à história do [Tomaz] Kim a coisa tem de ser considerada cuidadosamente; Um dos meus capitais – nossos – é a política que tenho mantido e o respeito que me têm. Pode ser que

o Kim tenha tido uma inspiração nem duvido. E de resto se eu recebesse garantias da PIDE (e pode-se ou deve-se confiar nela?), quem não pensaria que depois do que tenho dito e feito eu não trai? Um lugar em Lisboa, para educar os filhos, só com 6 ou 7 contos por mês, pelo menos. Quem mos dá? Quando voltar escrever-lhe-ei. E acho a história dos Cadernos muito divertida sobretudo num momento em que se fazem «sondagens» e se dará um golpe que provavelmente porá os comunistas em pânico. Eu estou tão cansado do Brasil como tu... mas a verdade é que sou (talvez até Agosto...) catedrático e vou escrevendo e editando coisas que lá ninguém me editaria (...).

Mas estas coisas desde que os livros saiam e eu possa escrever já não me aqueçam nem arre-fentam. O caso na faculdade envolvendo alunos que são também meus, é outra coisa. Os meus olhos não aguentam mais. Amanhã, telefonar-te-ei, e poderemos falar emocionalmente, já que tudo vai aqui tratado. Beijos muitos aos pequenos. E as saudades e o beijo do teu do coração Jorge.

Numa deslocação de Sena a S. Paulo, escreve daí uma longa carta de quatro páginas («quarta-feira, 20/1/60»)²⁰, endereçada a «Meu amor, minha querida Mécia», que envia «em mão» pelo seu colega brasileiro da Universidade de S. Paulo, o professor emérito de Literatura Portuguesa, António Soares Amora. Começa por indagar do bem-estar da mulher e dos filhos para logo desabafar:

Que saudades tenho, que desirmanado, que desamparado fico sem ti!

Pede que lhe envie o correio importante que haja chegado ou lho leve quando for ter com ele, deixando-lhe a decisão do que achar melhor, isto é, entregando-se nas suas mãos.

Narra-lhe a viagem agradável que fizera com um dos filhos que levava consigo de passagem para a fazenda de um amigo, a cerca de 400 kms de S. Paulo e a quem, diz, não deu dinheiro algum pois era ainda novo e não pareceria bem, não deixando porém de indagar da mãe «Que achas?». Descreve em pormenor, tudo o que fez, os assuntos tratados no Instituto de Estudos Portugueses, as reuniões em que participara com amigos e camaradas sobre relações problemáticas no exílio e a participação, por alguns dos envolvidos, no golpe de estado em Lisboa do 11/12 de Março de 1959, isto é, na «Revolta da Sé». Descreve actividades realizadas, políticas, ou de escrita, no jornal do Estado de S. Paulo:

(...) No encontro no «Estado» tive de suprimir do artigo as referências, as notícias, a discriminação das obras completas do Sá-Carneiro. Mesmo assim, ainda ficaram de mãos na cabeça com o tamanho do artigo. O Bianchi e o Décio mostraram-me a carta que tinha ido para aí a dizer que eu não me ralasse com ter saído o artigo do Neves sobre o mesmo assunto. O Amora que agora foi lá recebera os 2.000; por isso não vai ser preciso por agora levantar dinheiro. (...)

A Conferência da Amnistia que afinal foi autorizada... desabou em cima de mim. Eu pertencia com o Victor e o Sertório à Comissão de Resoluções e sou o redactor de todas as mensagens que serão expedidas. Além disso pediram-me para redigir... os entremeios da prosa do folheto que apresenta a documentação sobre «plenários», «prisões», «demissões», etc. Um folheto informativo que será distribuído aos delegados. Nem tempo tive ainda de pegar na crítica ao Nobre que no

«Estado» esperam, nem de ir à Biblioteca. Ainda ontem à noite marchei para casa do Vítor onde havia reunião das comissões, com mais sossego do que na União dos Escritores que é uma balbúrdia. (...)

Para além de outros assuntos do dia-a-dia, e da referência à luta contra as prisões políticas perpetradas pelo Estado Novo Português, pede-lhe para ver com o Amora²¹ umas correcções a um trabalho seu, indicando onde encontrar os livros que usou e a consultar. Sempre preocupado com Mécia, fala das diligências feitas para lhe conseguir um ortopedista e despede-se:

Como vês meu amor nem tempo tenho para me coçar – mas sempre minha querida Mécia para pensar em ti. A pensar em ti mal durmo (hoje pela madrugada sonhei com o major Sequeira que nos ia processar, imagina tu!), mal ando, mal faço tudo. Sem ti, sabes bem como nada sou e nada valho. Começo a nem saber falar sem ti ao pé de mim, como nem sei dormir sem ter-te a meu lado. E sem os teus braços, a tua boca, o teu corpo, não sei sequer, meu Amor viver. Beijo-te muito, muito, muito, aperto-te os seios com as mãos como tanto gosto – sou inteiramente teu. Dá lembranças à Clara, beijos aos pequenos. Recomenda-me aos amigos daí. Com imensas saudades aperto-te contra mim. Teu do coração. Jorge.

Noutra estadia no Rio de Janeiro, Jorge de Sena conta pormenorizadamente a sua viagem a partir de São Paulo e chegada ao Rio onde, diz, trabalho e contactos correram bem, com tempo ainda para conviver com os amigos, ir ao cinema e ao calista. Destaque para os seus comentários a aspectos característicos da situação no Rio de Janeiro e em Portugal, e reflexões existenciais (carta com quatro páginas, de 6.ª feira, 19/7/63):

Imagina tu que o hotel – e o que me valeu foi ter telefonado de casa do Pimentel a fazer reserva – está custando como todos, a módica quantia de 3700 crzsl! Mais de quatro contos (...) só para dormir: amanhã vou fazer umas investigações a saber se estão todos assim pois que é uma dor de alma gastar assim o dinheiro.

O Salazar arranjou nova maneira de chatear as pessoas... o Nuno Fidelino de Figueiredo foi à Europa com a mulher e os filhos e tinha a intenção de passar um mês ou dois, primeiro em Lisboa, com os pais. Sabes o que lhe fizeram sendo ele já brasileiro? Declararam-no indesejável no aeroporto e não o deixaram desembarcar. Ele reclamou, entrou o cônsul em acção (o Negrão, não, é claro) e deram-lhe um visto de trânsito para 3 dias, e no 3.º dia meteram-no no avião para Paris. A coisa agora é feita com elegância. Não é verdade?... Foste ao médico já?... Não deixes de ir mesmo que te sintas melhor... Não imagines que mesmo o ferro de que somos feitos não se gasta: gasta porque lhe temos dado muito uso.

Que vida a nossa! Como gostaria que estivesses aqui comigo onde inclusivamente com a tua mania de utilidade concreta (como se as pessoas não pudessem ser úteis só de existirem, D. Mécia!) me ajudarias a fazer render mais as pesquisas. Será que alguma vez levantamos a cabeça? Sabes que chego a ter medo de que isso aconteça algum dia? Será que somos daqueles que vivem

longamente assim ou morrem quando a vida lhes melhora. Assim tivéssemos para aturarmo-nos a mesma energia que temos no amor e na luta pela vida, mas não se pode ter tudo....

Dá muitos beijos aos pequenos todos. E para ti vai com a minha saudade e o meu amor o grande e apertado beijo do teu Jorge.

Já em 1965, a partir do Rio de Janeiro (carta de 31/1/65) faz, como de costume, o ponto da situação da correspondência entretanto trocada com Mécia, seguida do relato comentado de peripécias do quotidiano (custos elevados de hotéis e restaurantes, incomodidades várias, alterações meteorológicas e contrastantes entre o calor húmido próprio de S. Paulo e as securas de Araraquara...). Encontramos, como habitualmente, a referência a vários temas e assuntos: encontros e conversas com os amigos (Casais, Pimentel, Lemos e outros, designadamente o grupo de exilados portugueses no Brasil de que estes fazem parte), a boa recepção que em vários locais tem tido, (ex. Real Gabinete Português de Leitura), frequentes idas ao cinema (caríssimo, 500 e 600 cruzeiros), compras de livros, alguns em tradução brasileira para Mécia poder ler, dinheiros recebidos/a receber, desabafos de cansaço forte e memória fraca. Comenta a desatenção dos filhos que nem dão pela sua falta habituados que estão já às suas viagens, e continua preocupado com a saúde de Mécia com quem não deixa de trocar opinião sobre as suas leituras de Lawrence e Balzac.

Chega entretanto a Jorge de Sena notícia da possibilidade de sua partida como professor para os Estados Unidos da América, através de convite recebido de Wisconsin, que aceita, mas que como diz preferiria que fosse de Illinois, «menos nos confins do mundo»; mas logo faz conjecturas da preparação da partida da família para essa nova etapa de vida que é o assunto principal desta outra carta (Rio, 5/2/65), em que não faltam as notícias dos almoços com amigos como Cleonice Berardinelli.

Ainda do Rio de Janeiro, Hotel Nice (carta de 17/8/65), retoma o assunto da preparação nos serviços de emigração e embaixada, da próxima partida para os USA, com a notícia de que lhe são ofertadas 5 passagens por Scarabótolo que lhe promete recomendá-lo para director do Centro de Estudos Luso-Brasileiros na nova Universidade de Essex, Inglaterra, e que dele dá as melhores referências a adidos culturais dizendo querer prendê-lo pela gratidão porque o Brasil não pode perder um homem assim... Comenta intrigas várias em universidades, meios de adidos culturais e outros de que teve conhecimento por diversas fontes, incluindo a professora universitária Maria de Lourdes Belchior com quem falara ao telefone e pede urgentissimamente a Mécia que avise o amigo Borba que está a ser alvo, pelas costas, de traição nos meandros institucionais, fornecendo indicações precisas sobre o que deverá fazer para não perder o lugar de direcção que tem.

Regista, de passagem, o calor insuportável do Rio, refere-se aos contactos feitos com agências de viagens aéreas e diz ter passado na Editora Agir onde mantém colaboração, a tratar de assuntos e também nos Livros do Brasil onde encomenda livros para enviarem ao amigo José Blanc em Portugal.

Por fim, numa longa carta de oito páginas (sem data, com carimbo de correio de 9/2/63), enviada do Rio de Janeiro, numa sexta-feira de muita chuva, narra o seu quotidiano na cidade que é como sempre um corrúpio de afazeres, de manhã à noite, em que nunca está sozinho, sempre em contactos de trabalho, almoços e jantares com os mais diversos amigos, visitas a outros para planear e fazer avançar trabalhos de edição e/ou intervenção política, como desta vez os preparativos por Augusto Meyer²² da publicação das suas «Tipologias» ou o almoço com Sarmiento Pimentel e Paulo de Castro em que «tudo ficou maquinado para o nosso corte com os comunas», as pesquisas na Biblioteca onde o seu amigo Emmanuel Pereira Filho lhe facilita os microfilmes – desta vez, «o Camões todo», o «celebrado sumário dos Reis de Portugal» e outras fontes. A estas notícias, juntam-se ainda as novidades dos sucessos ou problemas dos amigos no Brasil e em Portugal. São recorrentes as referências à carestia de vida no Rio: estadia no hotel a 2.000 e refeições a 800 e 1000 cruzeiros. Conta os assuntos que tratara no Instituto e na Cultrix em S. Paulo.

E, mesmo que entre parêntesis, seguem-se as referências mordazes e críticas à situação de Portugal e aos que de lá trazem «notícias importantes... Não há nada, ninguém espera que aconteça nada e contam com o... Exterior! Seria de anedota se não fosse trágico».

De novo assoma o cansaço de uma vida errante, cheia de obrigações e responsabilidades várias:

Estarei na sexta feira em Araraquara. Nem que vá no trem que chega a desoras. Já não sei andar assim sozinho, vagabundo, metido em quarto de hotel, encontrando pessoas, etc., etc.... Virei animal doméstico. E cada vez mais me exaspero de viajar sem ti. Como seria bom se pudessem estar aqui comigo, só comigo! É uma coisa que quase já não sabemos que seja.

Relata diligências feitas para tratar de subsídios, fala de outros amigos que encontrara, dos comentários positivos ao seu novo livro de contos *Andanças*, e das notas históricas que pretende acrescentar aos seus estudos sobre Afonso Henriques, em fase de provas:

Aqui tens, querida, o relatório destes quatro dias vertiginosos e chuvosos... E as pessoas ficam arrepiadas quando digo que não tenho ninguém para trabalhar comigo!

E noticia ainda que um seu plano de nova publicação foi muito elogiado, comenta um filme fraco mas divertido que viu e lembra os filhos: «Muitos beijos para os pequenos a quem espero levar uns fantoches de mão que vi na rua se ainda voltar a encontrá-los».

Como se pode observar, as cartas de Jorge de Sena para Mécia que nos revelam também o homem e pai de família, em privado, sempre em estreita conexão com o escritor e figura pública, em múltiplas e ainda ignoradas dimensões, como a da sua fina sensibilidade e imensa afectividade humana, são no geral, fragmentos de um diário quotidiano

amoroso, sentimental e psicologicamente intrincado na imprescindível relação amorosa com sua mulher.

O registo evidente é o de um diálogo atento e intenso, sincronamente correspondido, mas também o de uma sequência de múltiplas actividades, relações e projectos em que, constantemente, Jorge de Sena está envolvido no Brasil, com particular destaque em Assis e Araraquara, Rio de Janeiro e São Paulo, onde se deslocava frequentemente, por temporadas mais ou menos longas, para actividades literárias, públicas e de investigação, e aí privando com amigos quer do Rio de Janeiro, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cleonice Berardinelli, quer de São Paulo, Sérgio Buarque de Holanda, António Cândido, e outros nomes destacados das letras e da academia brasileiras, para além de figuras públicas e/ou conhecidos intelectuais e políticos portugueses no exílio, como Adolfo Casais Monteiro, capitão João Sarmento Pimentel, Fernando Lemos, etc.²³.

É sabido porém, que Jorge de Sena sempre e acima de tudo se quis Poeta – dimensão que naturalmente está presente nesta sua correspondência, como se começou por assinalar, e se corrobora com este outro soneto dedicado a Mécia de Sena (carta do Rio de Janeiro de 3/10/59):

*Como quando indiscreto às coisas me insinuo
e de infinito amor lhes dou sentido
que de mim próprio é voz: precisão
de ser um ser que sendo as reconhece,
me vejo ambíguo e distraído e firme
na vã presciência que, rememorada,
é como um estar por sempre ininterrupto,
aliciando humanamente as coisas.*

*Mas, meu Amor, por ti tudo contemplo.
Por ti penetro como em ti em tudo
E torno realidade este fortuito
Encontro permanente de que vivo.
Mas em ti vivo. E mesmo noutra mundo
Eu te criara neste e às minhas coisas.*

Aliás, a mesma dimensão característica desta correspondência era já, à época da sua escrita, reconhecida por Eduardo Lourenço, amigo de longa data do casal, conforme assim referido pelo próprio Sena (carta da Bahia, 19/8/59): «Ainda ontem o Lourenço me dizia que a nossa correspondência é a contraprova das Evidências...», referência ao longo poema em 21 sonetos de Jorge de Sena.

Deixamos para o fim, o destaque que se impõe à porventura mais bela carta de amor a Mécia de Sena (Bahia, 13 de Agosto de 1959), numa altura em que, logo no início deste

período de separação se encontra ainda, decorrida uma semana, praticamente sem notícias suas.

Apesar da impossibilidade de uma leitura que não seja integral, da mesma, dado o seu evidente valor literário, mas correndo embora esse risco, com prejuízo da sua unidade, extractamos, realçando a negrito, expressões de maior intensidade e poeticidade que se evidenciam na especial relação de Jorge de Sena e Mécia:

*(...) Semana vertiginosa de **despauamento**, de tropicalismo, de trabalho insano desde que à Bahia cheguei (...). É noite. Por entre nuvens, um crepúsculo vermelho que sumiu rápido atrás da imensa ilha de Itaparica que está aqui defronte dentro desta baía sem limites de que a cidade é uma parte mínima. A minha tristeza é imensa. (...) O Urbano levará esta, e por isso nela nada conto de especial senão o ar livre que se respira aqui e sem ti respiro, a amargura de não ter-te a meu lado nesta paz sem limites de uma noite quente e serena, em que saberia bem suarmos juntos. Isto é muito belo, de uma força tropical que se intromete nas ruas, e creio que poderíamos ser aqui, meu Amor e minha Vida, incrivelmente felizes. (...)*

Eu sei que estás sempre comigo, não só porque és a minha própria alma, como por teres o dom de invisível estares a meu lado sempre em toda a parte. Esse invisível, porém, me assusta. A tua presença, o teu calor, o teu afecto, o teu infinito amor de que os nossos filhos são, graças a Deus, a expressão viva, preciso de tudo isso agarrado a mim, colado a mim, na tua boca, nos teus olhos, no teu corpo que é o mais belo poço de ternura que jamais houve no mundo. Como se é injusto humanamente! Como pode ignorar-se e como só é de um e não poderia ser de mais ninguém (pois não seria assim, nem seria sequer) um tesouro maravilhoso como é a tua pessoa, meu Amor! Eu não tenho desejos senão de ti, e tudo o mais não conta, nem importa. Querida Mécia – é incrível que estejamos separados!

Até ao Rio, não desisto de resolver este problema – o da glória infinita do teu coração batendo ao pé de mim, em mim, e para mim, dos olhos às pontas dos dedos. Meu Amor, estou cansado da vida, tão cansado de ver-te sem paz, acabrunhada de trabalho e de aflições, num buraco sem horizontes como é a nossa vida. Mas nela brilha «uma pequenina luz», a luz do teu amor – como ninguém entendeu que não há mais luzes, que toda a minha «fidelidade» é a ti? Beijo-te com uma profunda saudade, abraço-te com uma dorida ternura, e não me distraio um só momento da tua imagem tutelar, que beijo, beijo, beijo.

Teu do coração

Jorge

Se os poemas de Jorge de Sena dedicados a Mécia de Sena marcam o tom que se quis subjacente à apreciação feita a esta correspondência, os extractos desta carta, que a finalizam, são prova da sua pertinência.

SÍNTESE

Nesta correspondência de uma fase fulcral das vidas de Mécia e Jorge de Sena, diário a quatro mãos sobre mundos entrecruzados, como se de uma partitura musical se tratasse, consonante com a predilecção de ambos pela música, assiste-se a uma experimentação diferenciada mas comum de escrita que suscita múltiplos níveis de leitura.

Enquanto o registo epistolar revela em Mécia de Sena, a sua capacidade gestionária, proficiência e suporte à actividade criadora e profissional de Jorge Sena – um intenso e regular trabalho d(n)as margens, porém, socioculturalmente influente, já que esteio a vários níveis do escritor – na linguagem epistolográfica de Jorge de Sena, são dominantes o mundo do trabalho académico e da intervenção directa literária e cultural, o exercício activo da liberdade cívica e política, com ênfase particular na divulgação da língua e da cultura nacional de origem. Mas tal divisão de trabalho ao nível dos papéis feminino-masculino é subvertida pelo desejo vivo que alimenta um dispositivo maquínico de escrita que viria a revelar-se sublimado, na tenacidade com que Mécia tomou para si, após o desaparecimento físico de Jorge de Sena, a sobrevida numa obra tecida pela intensa experiência de vida partilhada.

A abordagem feita, inicialmente, suscitada pelo papel central, quicá menos evidente da mulher, Mécia de Sena, veio a assentar num registo biográfico das cartas, instrumento interpretativo destas e dos contextos histórico-culturais de Portugal e Brasil da época, em que Mécia de Sena e Jorge de Sena são destacados protagonistas.

Relevou-se a vertente epistolográfica, histórica e literária deste corpus documental, cuja expressão, simultaneamente, íntima e pública, contribui para conhecer aspectos do processo social e histórico de construção da vida-obra seniana. Sendo, simultaneamente, espaço de pensamento livre, o mesmo convive ainda, de perto, com a marcante experiência dos exílios e a profunda consciência de seu significado político, social e cultural, aspectos que a impregnam de dimensões igualmente salientadas.

Importa ainda realçar três linhas de potencial explicação deste núcleo epistolar, que quais malhas caídas se podem apreender, ao correr da pena de Mécia e Jorge de Sena, enquanto possíveis fios condutores para um futuro estudo de conjunto de toda a correspondência. Isolamos então as suas referências à produção epistolar deste período: uma correspondência «epocalmente camiliana»; uma «escrita de felicidade»; «contraprova de As evidências», sem esquecer o lugar especial que o próprio Sena atribui às cartas de Mécia que considera de um grau de intensidade superior às de Mariana Alcoforado.

Finalmente, é de esclarecer que a opção por uma apreciação desta correspondência, de natureza mais interna e descritiva do que, porventura, analítica, se explica também pelo carácter ainda parcelar do conhecimento do conjunto mais vasto do corpus epistolar Mécia de Sena – Jorge de Sena. Se é verdade que sobre o primeiro núcleo de sua Correspondência, anos 1940, a própria Mécia de Sena, em «Isto tudo que nos rodeia: cartas de Amor» nos dá um testemunho incontornável para o seu estudo, os núcleos seguintes: o período brasileiro,

aqui introduzido, mas cuja análise carece do conhecimento do período norte-americano (1965-1978), requerem toda uma análise exaustiva e integrada de conjunto que tenha em conta não só estudos parcelares de cartas isoladas e/ou de núcleos mais restritos, já realizados²⁴ mas também os que venham a surgir.

A CORRESPONDÊNCIA TROCADA

DIÁLOGO ININTERRUPTO
E DIÁRIO A QUATRO MÃOS

Publica-se aqui toda a correspondência trocada entre Jorge de Sena e Mécia de Sena, durante o período de seu exílio no Brasil, anos 1959-1965. Este *corpus* epistolar é constituído por 40 cartas de Jorge de Sena, na sua maioria, bastante extensas e 90 de Mécia de Sena, mais curtas²⁵.

«Suspensão» de um amor intenso correspondido, registado sistemática e alternadamente, optou-se, para melhor evidenciar essas características, pela apresentação intercalada das cartas conforme à ordem cronológica de sua escrita.

Apesar das diferenças entre contextos históricos e respectivas correspondências, seguiu-se idêntico critério ao adoptado por Mécia de Sena na organização das cartas de «Isto tudo que nos rodeia: cartas de Amor» – princípio também seguido nos vários volumes já por si organizados e publicados da correspondência de Jorge de Sena com algumas das muitas personalidades públicas com quem o escritor se correspondeu²⁶.

Sobre a relevância da publicação destas cartas colhemos em Mécia de Sena, na apresentação da primeira edição de parte significativa de sua correspondência com Jorge de Sena, a seguinte explicação que, salvo a distância entre épocas e núcleos epistolares, permanece válida, no essencial²⁷:

«Todavia esta publicação parcial não exclui a publicação integral destas cartas que tenciono fazer, ou pelo menos deixar organizada, dada a importância delas como espelho da sociedade (ou uma parte desprotegida dela) nos anos 1940, assim como para análise de um escritor a desdobrar-se numa profissão bem aceite e numa vocação irrefreável, no crucial ponto de ambas assumir».

CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO

No trabalho de transcrição da Correspondência que se segue, procurou-se respeitar com a maior fidelidade possível, a recomendação transmitida por Mécia de Sena no sentido de se não introduzirem alterações à versão original do texto manuscrito e/ou dactiloescrito das cartas.

Assim, entendeu-se não dever proceder a revisão ortográfica nem a revisão de pontuação e, no que se refere ao desdobramento de abreviaturas, apenas se efectuou essa operação, devidamente sinalizada entre parêntesis rectos, nos casos em que nos pareceu justificar-se e não havia qualquer dúvida.

Pelo mesmo motivo e seguindo idêntico critério de respeito estrito pelo original, optou-se por não introduzir alterações nem uniformizar o texto nas seguintes situações:

- terminar frases sempre com ponto final
- retirar sublinhados
- retirar anotações de correcção de datas na versão dactiloescrita

- destacar títulos de livros através do uso de aspas
- realçar frases em idiomas diferentes do português

Em síntese, seguiu-se um critério geral uniforme de respeito escrupuloso pelos originais.

Na mesma linha de entendimento e decisão, mantiveram-se igualmente informações e comentários sobre outras pessoas, susceptíveis de poderem ser considerados «sensíveis».

Assinalam-se através de reticências entre parêntesis rectos, cinco supressões de texto, em algumas cartas, por sugestão da autora, Mécia de Sena.

[Lx.], 7/8/59

Meu amor

Escrevo-te ao cuidado do Eduardo Lourenço²⁸ porque não encontro a morada do Casais²⁹. É uma e meia da noite e a estas horas irás já tu muito longe de todos nós.

Estou ainda atordoada destes últimos dias e da tua partida com a gente a mais, todos, mesmo os mais íntimos, varados por ser possível que tanto nos queiramos.

Mas sempre fico entristecida quando verifico como não és nunca franco comigo, como vives enganando-me, fazendo trapalhadas inconcebíveis, das quais, ao fim e ao cabo, só comigo te podes livrar. E nem sequer em casa, ao sair, me tinhas dito toda a verdade. É isso que não compreendo em ti, que não me habituo a admitir, que faz que eu viva numa permanente e angustiante expectativa de que aconteça o que ainda hoje aconteceu. Como hei-de pedir-te que não faças isto nunca? Quando compreenderás que se é fácilimo eu perdoar-te tudo, me é muito mais doloroso barafustar do que verificar que fui traída na confiança que sempre após procuro ter em ti, como se fosse sempre a última vez que não foste franco? Acaba sempre tudo por desabar por sobre a minha cabeça quando precisamente em maiores dificuldades me encontro.

Agora que partiste, que como uma imensidade de silêncio a tua não presença fez à minha volta, é que me sinto exausta, exausta, exausta, meu amor. Temo que o desejo imenso que tens de, compreensivelmente, sair daqui te faça aceitar qualquer situação que aí te ofereçam.

Meu Deus, mas voltando, então o Sousa não podia ao menos esperar mais uns dias e eu pagava-lhe? Talvez o Urbano³⁰ te possa deixar algum dinheiro e eu entrego-lho aqui a ele quando voltar. Mas só se vires que é muito necessário porque tudo é pouco e para o mês que vem temos letra.

(Deve ser de 7/8/59)

Nove da noite

De manhã telefonou a Helena Moura avisando-me que o serviço de correios no Brasil é incrível, que nos não admirássemos da falta de notícias e oferecia que o pai te levasse notícias nossas. Como o avião parte à uma da noite irei ao aeroporto a ver se consigo quem leve os restantes exemplares da antologia e entregar a carta.

Vieram provas que vi e nada tendo encontrado que me parecesse de te perguntar.

À tarde, e logo que soube da boa chegada ao Recife, telefonou-me a mulher do Fafe, e dada a lendária desorganização do correio daí, combinamos que nos comunicaríamos mutuamente as notícias que fôssemos tendo.

De resto, e como não encontro a morada do Casais, escreverei para casa do Eduardo Lourenço em nome dele. Eles verão pelo remetente que é para ti, para simplificar as confusões e uma vez que ele é conhecido no sítio, ao que diz o Casais.

Se o Urbano vier de facto mais cedo manda-me notícias por ele e ele que meta no correio à chegada, que é o mais seguro e mais simples.

A Alice disse-me o seguinte: que era de pedir ao Casais que evitasse quanto possível falar da Raquel. Não só o João Paulo fica sempre furioso e nervoso como a mãe, se ele fala que ela esteve ou está doente faz logo grandes projectos que se calhar vai morrer e é um alívio, o que convenhamos que tem o seu quê de horripilante. Além disso é de mau gosto falar numa altura em que a senhora está tão idosa e cada vez mais dependente da Alice, fazendo até projectos de vir definitivamente para cá.

Não veio correio e nada se passou que mereça referencia, salvo que estou praticamente sem dormir, como de costume. Por isso e porque te foste e tudo é vago para mim, vivo como pairando pelo ram-ram da casa, entre o bater das teclas da máquina, o rallo aos pequenos e os biberons do Vasquinho.

Mais nada, meu amor, senão que aguardo ansiosa o teu regresso e que as horas da tua ausência me parecem intermináveis.

Dá lembranças minhas ao Lourenço e um grande abraço ao Casais de quem de facto sinto saudades.

Meu amor, beijo-te com ternura imensa.

Tua

Mécia

P. S. – Olha que o Fafe³¹ não tem bolsa alguma.

Recife, 7/8/59

Minha querida Mécia, meu amor

A saudade imensa que sinto de ti, a amargura de não estares ao meu lado sobrelevam a sensação estranhíssima de respirar o ar livre do Brasil que logo no avião começou. Revejo o teu vulto na porta do «embarque» no aeroporto a dizer-me adeus e de tantas vezes que nos temos separado e de tanto sermos um, foi esta a separação mais dolorosa. Creio que poucas vezes terei sofrido tanto e sei também que cada vez mais somos um só, vivemos um no outro, meu Amor, não é?

Chegámos ao Recife, depois de uma excelente viagem, mas com duas horas de atraso. O avião cheio não permitia grande liberdade de movimentos, e apenas só de quando em vez dormitei alguma coisa. Isto me parece uma mistura heteróclita de Luanda, Braga, Setúbal, Aveiro (pelos canais à beira do rio) e pretensões novayorquinas sem arranha-céus. Não encontrei ainda o Alfredo Pereira Gomes³². O Álvaro Lins³³ foi para o Rio.

Os cruzeiros não valem nada. Um táxi – eu, o Urbano, a Maria de Lourdes³⁴ e o Luís Albuquerque³⁵, de Coimbra viemos ver as praias celebradas – 160 cruzeiros (uma distância como da nossa casa a S.to Amaro).

Comprei a camisa de nylon. Garantiram-me que aqui é tudo mais barato e melhor que na Bahia. Custou a dita 800 cruzeiros, o que me dizem ser bom. Que te parece, 160 esc. Não é? Não comprei ainda, prudentemente, as cuecas.

O Inverno aqui é um calor equatorial, que aqui na praia nem do mar vindo, onde estou sentado na praia a escrever-te, uma brisa corta. Mas não ter-te aqui a meu lado é um desgosto infinito. Respirar esta sensação de distância dessa piolheira ignóbil, ouvir falar português à nossa volta – e não estares comigo, oh meu Amor, como é possível? Como estarás? Por certo amanhã terei notícias tuas trazidas pelo avião seguinte. Como estarão os pequenos? Sinto-me só, querida; eu não sei viver sem te saber perto, sem ter-te ao meu lado, sem falar contigo, sem ouvir contigo. E cada vez menos o sei. E quanto eu queria que viesses ainda! Amanhã, mexerei o céu e a terra, embora o Urbano na viagem me tenha descrito os esforços que fez. Receber-te nos meus braços no aeroporto, como te tive nos meus à despedida, será possível?

Partimos de facto amanhã às 6 horas para a Bahia. A vida no Recife é às 6 da manhã que começa: gente na rua, tudo aberto – não é cedo senão para nós. Vamos a ver como o Adolfo reage à confissão geral do João Paulo, que aliás só pela rama e directamente lhe transmitirei.

Meu amor, queria ter-te comigo a meu lado, nesta paz que o não é por me faltares aqui. Abraço-te, minha vida, de todo o coração. Beija por mim os pequenos todos. A toda a gente transmite lembranças. E para ti, querida, meu Amor, minha vida, o meu coração inteiro num grande beijo, tudo o que valha e não valha e tu me dás a graça de amar. Teu,

Jorge

Recife, 7/8/59

Meu Amor

Encontrei o Zaluar Nunes³⁶, o matemático, que me descobrirá o Alfredo.

Espero vê-lo aqui no hotel à hora do jantar. Imagina que a partida, amanhã, para o aeroporto é às 4 e meia! – depois da noite mal dormida de hoje. Por certo receberás esta ao mesmo tempo que a que te escrevi pela manhã; escrevo-te para pedir-te o grande favor de me copiares e mandares o poema sobre o Pimpão³⁷, canalha que vem ao Colóquio com uma bolsa do Ministério dos Estrangeiros, e é odiado cá e lá unanimemente! Manda com a maior urgência.

Vamos agora, eu, a M. de Lourdes, o Urbano, o Revah e o Luís de Matos a Olinda, o velho Recife. Quem me dera que estivesses connosco! Como é possível que não estejas querida? E, de qualquer modo, eu sei que estás, sempre, sempre, comigo.

Um grande beijo do teu do coração

Jorge

P. S. – Manda para casa do Casais, é claro.

Lx., 9/8/59 (está 8/9)

Meu muito querido Jorge

Ontem fui ao aeroporto levar uma carta que a D. Aida te entregará e as restantes antologias que o Ernesto de Oliveira³⁸ também se prontificou, à última hora, a levar e que eu tinha comigo disposta a impingi-las a alguém.

Conheci à partida o Veríssimo Serrão³⁹ que me pareceu simpático (Leitor em Toulouse) embora um tanto pateta. Conheci também o Alberto Iria (Director do Arquivo Histórico do Ultramar, que pertence à Delegação oficial) que me pareceu videirinho e é marido da dona destes colégios todos aqui do Restelo. À última hora o Lopes de Almeida⁴⁰ e o Pimpão foram obrigados a ir, calcula. E a Lourdes deve ter sido um estratagema para terem um elemento na secção de letras representativo da Faculdade de Lisboa. Os Castilhos estavam a despedir-se do Simões e ficaram um tanto embatucados quando me viram. O Azeredo Perdigão⁴¹, que achei horroroso e ordinário (então a mulher e a filha ou nora ou que o valha são pior ainda) fez cena de Calas por causa de ir na classe turística e declarou que não seguia, mas seguiu passando entre alas de espinhas dobradas dos súbditos entre os quais se encontrava o André G. Pereira, o pequenote Matias e Dom Monteiro que levava atrelado a Soledad Sumaviella (aquela das histórias incríveis no Porto com o Thomas de Lima).

O Leite Pinto⁴² foi ao bota-fora. O Simões e a Belinha faziam um par que parecia a criadilha do quarto e o chefe dos cozinheiros e tinham também, não sei estes se em intenção especial mas pareceu-me, o Delfim e a mulher a despedirem-se. O Nemésio⁴³ estava a despedir-se não sei de quem que não percebi, falou-me afavelmente e chegou a fazer-me pena pelo ar abandonado e mísero com que está.

O Martim foi ter comigo lá para eu lhe mostrar a carta do pai e uma carta que me lembrei de escrever ao padre convidado para o casar e que vou mandar através do Silva Lino que o conhece e que parece estar em contacto diário com o Óscar para irem sabendo o que se passa. Parece-me que a carta ficou um naco muito diplomático, assim o senhor se disponha a fazer qualquer coisa e o pai não o engrole. Eu pedia-lhe que conseguisse a separação de bens, embora propriamente não pedisse mas lho deixasse à consciência.

O Martim telefonou para o Porto e o Óscar ficou de mandar a morada e disse que era ótima a minha ideia pois o pai descarrega tudo nele, como aliás a carta que me escreveu indica. Parece que a M. Helena está pior dos braços e tem de ser novamente operada. Também o Martim me disse ontem que ela está doente dos rins e não sabem o que é. Fiquei tremendo que seja o bacilo de kock, oxalá que não.

Hoje de manhã a Mariana escapuliu-se pela porta da frente e foi para as lojas novas e daí com a polícia para a esquadra. Foi um reboliço tudo a procura-la. Comeu rebuçados, deu beijos aos polícias e depois, aqui, quando a Gracinda lhe perguntou se eles não lhe tinham perguntado quem era e o que ela respondera declarou: «eu respondi que não sabo». Apanhou dois açoitos, mas o pior foi ter ficado agradada do carinho que toda a gente lhe fez.

Como achaste o Casais? A ideia de que me não chegarão cartas tuas exaspera-me. Já saberás quanto tempo te demoras? Escreve sempre, meu amor.

Muitos beijos, muitos, meu amor, da tua.

Mécia

Bahia, 8/8/59

Meu Amor, minha querida Mécia

Não te assustes com o endereço, o Hospital Português⁴⁴ é onde veio parar uma parte do meu grupo de viagem, como outro foi parar ao Retiro dos Franciscanos. Aqui, que (com camas articuladas de hospital, é claro) é um «hotel» com apartamentos, estamos eu, o Luís de Matos, o Luís de Albuquerque, o Urbano e virá o Gaspar Simões⁴⁵ com a sua Belinha (que deve ser o «casal» que a freira – ó ironia! – me disse que havia chegado...) Sabes que consta que ele mudou de avião para não vir no mesmo que eu? Para o «hotel da Bahia», onde comemos, foi quem chegou primeiro (por ex., o José Osório, o Paço d'Arcos⁴⁶, o Medeiros de Gouveia) e as eminências caetânicas chegaram hoje às 9 da tarde. Tudo isto funciona em trapalhada total que o Heron de Alencar⁴⁷ e outro tentam endireitar e de que é acusado o Hélio Simões⁴⁸.

O estado de exaustão em que me encontro é total. Como te disse, nada dormi na viagem. Depois que te escrevi ontem a 2.^a carta do Recife, fui a Olinda (que é como ir a Algés, ido do Terreiro do Paço, e é a velha cidade tropical, cheia de carácter e pitoresco, numa paisagem marítima belíssima, com o Recife ao longe). No regresso, jantar. Apareceu o Alfredo Pereira Gomes, o que deu palestra até às 11 horas. Fui deitar-me, adormeci cerca da meia noite, e tive de acordar às 4 horas, para ir para o aeroporto e apanhar o avião para aqui (às 6 horas), onde cheguei às 8.30 (conto já os pormenores de tudo, resumirei primeiro o dia).

Vimos para o Hospital instalarmo-nos, lavei-me, barbeei-me, fui à Secretaria do Colóquio (onde fiquei sabendo que sou um dos relatores da secção de Literatura, e me passaram para a mão três teses: uma do Eudoro, que não vem de Florianópolis, sobre Camões; outra do Guibert, muito fraca, sobre o Pessoa⁴⁹, e uma coisa incrível, pior que Amélia Vilar de uma senhora Laura Seabra (?) sobre a Florbela⁵⁰ de quem foi amiga – quem diabo será esta tipa que faz desenhos à pena (?) dos sítios por onde andou com a pobre Florbela, tens ideia?) cumprimentei com os agradecimentos necessários o Magnífico (não é o Lourenço de Médicis, é o Reitor), recebi abraços apoteóticos do Medeiros de Gouveia (que o público circunstante há-de ter ficado a julgar, como ele queria, em íntimas e cordiais relações comigo), fui ver o Casais que está de molho com uma infecção na pele – fungo de grande estilo que trouxe do Ceará –, escapei-me (e não foi fácil – o «molho» dele implicou almoço lá... – os recados telefónicos dele para quando eu chegasse eram numerosos, só aqui no Hospital havia dois) com o Agostinho da Silva⁵¹ que quer que tu venhas e fiquemos cá (! – «pois que é preciso salvar-nos e aos filhos daquele atoleiro», e é capaz de conseguir trazer-te, meu Amor!), voltei à Secretaria para tratar com o secretário da minha secção (como posso eu recusar estes trabalhos que partilho com o Da Cal⁵², que já abracei, o Machado da Rosa, luso-americano prof. no Wisconsin, a Maria de Lourdes, e não me lembro quem mais dois: o Ascêncio, o espanhol celebrado, e outro que não me lembro mesmo) fui à abertura da exposição de Arte Negra abraçar um próspero e anafado José Osório, seu organizador, jantei no hotel (não vi a chegada dos «rinocerontes» nome que pus à Delegação Oficial, ao Simões e ao Perdigão e já corre, fui ao auditório da Universidade

ouvir o eminente soviético prémio de Moscow, Dorensky, dar um concerto, mas como ia adormecendo na 1.^a parte (apesar dele ser bom e a música me interessar) e estava no cadeiral e não na plateia e me dava em espectáculo, saí, meti-me num táxi e vim para o hotel, onde li a tese do Eudoro que tinha imensa curiosidade de ver e é ótima, e comecei a escrever-te.

É meia noite; chegaram agora o Urbano com o Miguel⁵³ que veio de S. Paulo para ver o irmão e me garante que lá irei como ao Rio (não havia cá carta nenhuma para mim, só Ant. [António] Pedro Rodrigues e o Bandeira⁵⁴, portanto, me responderam até agora) – ouço um menino recém-nascido chorar aqui perto – e vou-me deitar, não posso humanamente mais. Mas não queria que o dia passasse sem eu te ter escrito. Que saudades tenho de ti, como me sinto perdido; queria que me visses, meu Amor, com uma desenvolta e prudente energia que não me conhecia há muito e com a vivacidade de espírito que esta gente acha temível mas aprecia. Oh meu Amor, hás-de vir, para eu te ter aqui comigo. Boa noite, minha querida Mécia, meu Amor.

9/8/59

Hoje, sinto-me melhor, mais repousado. E sobretudo melhor da surdez com dores que o voo para aqui me dera e não cheguei a referir. Nada senti de Lisboa ao Recife; e este pequeno vôo mais baixo fez isto. Segundo o Casais, é ao Lourenço e não a ele que expressamente devo a minha vinda. Ao Casais, achei ótimo: gordo, repousado, nada mais velho. Mas, no fundo, pelo menos ao que ostenta muito desapegado de tudo e todos e inteiramente dominado pela D. Raquel que, pelo menos na vida «social» é uma actriz de grande quilate («Estava fazendo-me exame – avisou-me ontem o Lourenço –, para me inscrever no rol dos «amigos» ou «inimigos», em que é perigosíssima e implacável», Lourenço dixit). Não é nem tão feia nem tão velha de aspecto como isso, mas não deve nada à beleza e não a acho diferente no desejo de insinuação e domínio, da Alice... De nada nem ninguém me falaram ambos, só vagamente o Adolfo do João Paulo. O Lourenço avisara-me que a D. Raquel diz pessimamente da Alice, e de facto, com ares de independência romântica, tentou uma breve sondagem a um canto da exposição do José Osório, em que me encurralou. Mas eu, muito correctamente, dismissed the item. Foi amabilíssima e cordeal comigo, o que me requereu, no estado de cansaço em que estava, um esforço de equilíbrio defensivo inaudito. Hoje, felizmente acolitado pelo Miguel Tavares Rodrigues que quer ver o Adolfo, vou lá vê-lo, pois que ele o reclamou insistentemente. De resto, interessa-me uma correcção ulterior, de perto, da «desfocagem» de percepção de que eu não podia deixar de estar sofrendo ontem. Não posso já avisar-te de que nas tuas cartas, tenhas cautela com as referências que faças, pois uma «pequenina luz» me diz que, nesse ponto, não confio neles... Deus me defenda se estou a ser injusto. Vou interromper, para lá ir com o Miguel «almoçar» inevitável, como foi ontem. Amanhã, com o Colóquio iniciado, poderei defender-me melhor. Quando receberei notícias tuas e dos pequenos? Que saudades tenho! Que haverá por aí? Até já, meu Amor.

Nada se passou de novo, senão que estivemos muito bem... – e o Casais mostrou o artigo que escreveu sobre o volume de ensaios –: bem escrito e francamente ditirâmico e amigo. Depois, escapamo-nos, passamos pelo hotel ao encontro do Urbano, conhecemos o Domingos Carvalho da Silva e passei então a cidade que é enorme e belíssima, com arranha-céus assustadores... parece um misto de América e de Granada, com uma baía magnificante.

Mas magnífico foi o encontro, agora mesmo, com o Cidade e a mulher que traz uma carta para mim, de ti, meu Amor, de ti! Como te lembraste disso, querida. Fiquei tão ansioso, ante aquela pascácia da mulher do Cidade que acabei por me entalar e ter de ir ao jantar oferecido pelo cônsul à Delegação Portuguesa⁵⁵ e de onde desejava esquivar-me. Mas a senhora não entendia, teimava em me trazer a carta (que deixara na casa em que a instalaram) ao jantar. E eu acabei por lhe dizer que «estávamos doentes». Nesta altura, o Urbano apresentou-me uma menina que estava ao lado da Cidadeza... e era a mulher do Cônsul que ontem me convidara expressamente. Nessa altura, desconversei, e disse que nos encontrávamos ao jantar. Vê tu, que sucessão de «gaffes» por causa daquela asna, que podia muito bem trazer a carta na malinha (ia a escrever carteira e lembrei-me que dizes malinha, meu Amor) para me dar logo que me visse. Imagina tu que momentos antes, cumprimentara eu a mulher do Paço d'Arcos que conversara comigo uns momentos, e o Marcelo Caetano se especa diante de mim minutos intermináveis, certamente à espera da vénia que não lhe fiz, pois não o conheço nem quero conhecer. Esta tropa é incrível.

Os correios aqui são um inferno. Selos só no correio. Postais, só nas lojas do centro (que é longe deste arrabalde onde está o Hospital Português) e hoje é domingo. Não há maneira de um cristão deitar uma carta ao correio. Mas afinal resulta providencial – assim ainda leio a tua carta pela qual estava tão ansioso antes de fechar esta.

Espero só encontrar o Thiers⁵⁶, para se confirmar a ida ao Rio. E dependerá do Amora a ida a S. Paulo. Vamos a ver. Mas não sonhas, querida, as saudades que tenho de ti, a vontade de mandar tudo à fava e me meter no avião e voltar. Não vi o Agostinho da Silva hoje. Quero ver se amanhã esclareço essa hipótese da tua vinda, meu Amor. É noite já. As madrugadas e as noites, aqui, são vertiginosas. Em meia hora é noite cerrada – às 6 da tarde. E o Sol está alto às 6 da manhã. E este anoitecer veloz, mais saudades me dá de ti, minha querida Mécia, minha vida.

* —

Cheguei agora da banquetação, intolerável, com um discurso nojentamente louvaminheiro do cônsul (o tal estadonovista que o nosso compadre e homónimo acha muito simpático) e patacoada do Marcelo, tudo com uma política muito misteriosa que até parece o E.N. pagou a nossa vinda aqui. E isto depois de a D. Aida me declarar que tornara a esquecer-se da carta – o que me deu um baque de desconsolo – e a seguir lembrar-se de que afinal a carta não seria tua, mas da filha Helena (!?). Mas então para que terias ido ao aeroporto. Quem me deu notícias tuas foi, muito simpaticamente, o Ernesto de Oliveira. Recomendaste-me prudência... Mas eu sou prudente, meu Amor, bem sabes que podes confiar em mim em todos os sentidos.

O Da Cal disse-me no banquete que da minha tese fará louvores quanto ao rigor e à classe do método, acrescentando que excede em categoria e competência dele em matérias filosóficas e de Fernando Pessoa. O Pimpão, depois, num grupo em que eu estava fazia-me sorrisos! O Thiers tornou a falar na ida ao Rio, que o Pedro de Andrade me confirmou mostrando a lista dos que vão ao Rio: o Lopes de Almeida (de grandes vénias comigo! – esta gente é incrível! Mas sou assim tão celebrado, meu Amor?, oh Deus me valha), o Luís Albuquerque, a Maria de Lourdes, eu e mais quaisquer dois. O Amora que já chegou hoje, mas tarde, conto vê-lo amanhã na reunião dos relatores. Vou encerrar esta carta, na tristeza imensa que aquela girafa do Cidade me deitou em cima. E, se a carta fôr tua, querido Amor, tanto mais contente ficarei. Tanto desejo notícias e nada recebo, minha Mécia, mas por certo receberei amanhã carta tua. Ao que me dizem, porém, com estes correios daqui nunca se sabe.

Boa noite meu Amor. Não sei estar nem viver sem ti – ando vago, perdido. E tudo me parece falho de ti. Esta segurança que se sente aqui, só comandada pela nossa atenção e a nossa prudência, onde os perigos exteriores dependem só delas, é uma sensação deliciosa; mas o sabor desta se perde na solidão que é não ter-te a meu lado, e nos meus braços, no silêncio que é não ouvir a tua voz. E os pequenos perguntam por mim? Estão bons? Beijo-te, beijo-te com infinito e grato amor, cheio de saudades.

Teu do coração inteiro

Jorge

Lx., 9/8/59

Meu amor

Ainda hoje não tive notícias tuas que antes de 4.^a ou 5.^a não espero ter, dada a tradicional eficiência desses correios.

São nove da noite e todo o dia passei entre traduzir, vigiar os pequenos e escrever uma carta ao pai, breve mas respondendo cabalmente à dele.

O Óscar⁵⁷ escreveu-me a dar a morada do Silva Lino e dando mais pormenores do pai. No fim convida-me para eu ir para o Porto com os pequenos, que se eu quiser me paga as passagens. A M. [Maria] Helena vai ser operada novamente ao braço na 4.^a feira e tem uma colibacilose renal.

Não sei como lhe hei-de fazer compreender que é àquela casa que não quero voltar e que é o Porto que eu, mais do que nunca, detesto.

A Eunice telefonou a perguntar notícias tuas e a combinar para o aniversário da Susana amanhã, a que irão os nossos 4 mais velhos que ela vem ou manda cá buscar. Não posso sequer comprar uma lembrança à pequena e é aborrecido, mas o dinheiro que tenho já nem sequer chega para pagar à Gracinda na 3.^a feira. Estou bem preocupada com vires a ter faltas aí mas eu não podia realmente dar-te mais nem que quisesse.

Os pequenos estão bem. Hoje à tarde foram ver a televisão a casa do Sousa Marques que já lhes dissera para irem umas poucas de vezes e me telefonou a insistir.

O Vasquinho sempre muito engraçado e mansinho. A Mariana bem disposta e falando em ti. E o Paulo chamando-te a toda a hora a plenos pulmões como de costume.

Eu, meu amor, ansiosa que regresses, ansiosa por que estejas novamente junto de nós.

Estarás desde ontem na Bahia e ainda nada sei sequer como correu a viagem. Vivo esperando que me digas o dia em que chegarás e, no entanto, sei que não poderá ser nunca antes do fim do mês.

Meu querido Jorge temo tanto que te entusiasmes a ficar por aí numa aventura que não temos o direito de tentar! E essa gente aí é tão falível, tão de promessas vãs! Não sei que te diga senão que as horas que passam são de tremenda expectativa que me esgota e me inibe de pensar seja no que for. E sobretudo temo que uma resolução tua seja razão de longa separação nossa, meu amor, e tu sabes como te quero, como só sei viver junto de ti, palpavelmente junto de ti.

Ontem encontrei a morada do Casais. Preferirás que te escreva para lá? Hora a hora antegozo a alegria de uma carta tua. Logo que saibas o teu programa a seguir à Bahia diz-me embora a possibilidade de eu te poder escrever para outros lados seja mínima dado que não posso, nem mais ou menos calcular as delongas dos correios.

E entretanto, meu, amor, e como sempre, só da tua vida dependo, só tu preenches a minha. Que saudades dos teus braços, meu querido Jorge!

Beijo-te, beijo-te ardentemente.

Tua

Mécia

Lx., 10/8/59

Meu querido Jorge, meu amor

Ia eu a sair a porta para casa da Eunice com os pequenos quando o carteiro chegou com a tua carta. Nem queria acreditar, meu amor. Foi como se finalmente alguma coisa me prendesse à terra, e um pouco de calor teu me chegasse. Realmente nunca me custou tanto a separar de ti, nem saberei bem explicar porquê. Um temor da travessia do Atlântico, um temor de que fiques por aí e eu me veja entre o desejo invencível de ir e a necessidade de ficar; sei lá, mas talvez simplesmente de cada vez mais não suportar estar longe de ti e saber que mesmo uma carta leva dias e pode nem chegar, de modo que sempre trocaremos correspondência de surdos.

Eu sei que não será possível eu ir e só para te fazer a vontade fui tratar dos passaportes. Há coisas que o nosso amor não vence e uma delas é precisamente fazer com que os outros admitam que nada para nós vale de facto se implicar a nossa separação. Contudo é para mim motivo de felicidade que tenhas ido e que, ao menos por alguns dias, tenhas um ar mais respirável do que este.

A tarde em casa da Eunice⁵⁸ esteve agradável. Conversei bastante com o Azevedo. Falámos bastante do Casais e ele disse-me que quando o Lemos esteve cá o João Paulo lhe disse tais coisas que o Lemos⁵⁹ acabou até por se irritar e contou ao Azevedo que não poderia dizer ao Casais tudo quanto ouvira.

A camisa foi muito mais barata que cá, oxalá seja boa. Pelo menos há-de fazer-te aí a temporada.

O Alexandre Eulálio escreveu um postal, mas terá escrito para aí e, ao que depreendo, até estará lá contigo. Também ele crê que terás passagem para ir ao Rio.

O Correia deve ter vindo cá buscar o Ward, mas eu tinha saído e a Gracinda não sabia bem o que era e não se deu ao cuidado de procurar porque, como eu nada dissera, não tinha garantia alguma de que fosse com assentimento nosso que o senhor vinha.

Quando fui daqui passei pela casa do Zé, que não vi, a buscar os pequenos e a Helena deu-me uma cadeirinha de baloiço, de verga, e uma boneca que trouxera da Madeira para a Mariana que vai ficar radiante quando vir.

Na melhor das hipóteses ainda estaremos 20 dias sem nos vermos, meu amor. Uma imensidade. A vida é tão breve, que todas as horas de separação me parecem horas inúteis, horas em que não valeu a pena viver. Ainda hoje me sentia tão desasada que não fazes ideia, e, isto apesar da simpatia imensa com que realmente todos me rodeavam.

Amanhã vem cá a Ernesta jantar e o Martim⁶⁰ que transferiu por hoje eu não poder garantir que estaria à hora do jantar.

Encontrei a morada do Casais, de modo que daqui em diante é para lá que vou escrever porque com ele estarás sempre mais em contacto.

Meu querido Jorge, és tudo quanto na vida desejo e quanto a vida me faz desejar. Compreender-nos-ão um dia os nossos filhos? Bem o desejo porque significará que como nós encontraram com quem se identificar. Beijo-te, meu amor, com uma infinita ternura, beijo-te sempre.

Tua

Mécia

Bahia, 11/9/59

Meu amor, minha querida Mécia

Afinal a carta foi-me entregue ontem pela manhã pelo Cidade⁶¹, e era tua, querida. Que alegria tive, e agora fico na angústia de receber notícias tuas com essa complicação de escreveres para o Lourenço cartas que poderão ser abertas no primeiro momento de distração. No dia 22, devo partir para o Rio, e o Alexandre Eulálio, que chegou ontem, garante que irei a Brasília e que, possivelmente, a Ouro Preto, além de que arranhou de um amigo um apartamento para mim, de empréstimo, o que me permitirá poupar o que o Gabinete me pagará pela conferência sobre «poesia portuguesa» (assim, sem mais nada). Irei num grupo com a Maria de Lourdes, etc., mas creio que já te disse isto. O tempo que se perde aqui de um lado para o outro, a desorganização do Colóquio, o trabalho de relator (a sério) que desabou sobre mim, todos são tremendos. É uma cidade dispersa largamente, em que para comprar-se um selo é preciso ir a casa do diabo. Postais ilustrados, nem se fala! Até parece que aqui ninguém compra nada. É como se, para o que precisasses, tivesses de ir à Baixa buscar tudo. Mas pode ser apenas irritação minha, numa terra assim onde todos são muito amáveis, mas não pensam que a gente nunca esteve, nem vive principescamente como todos eles (à exceção dos milhões que andam apenas de calças e calções, e sandálias sem mais nada: aqui, na Bahia, onde 70% da população é negra e pobríssima, é o que se vê). E as mulheres embora muito mais arranjadas, não andam muito melhor.

O meu trabalho hoje foi insano. Toda a manhã fiquei metido aqui no quarto a preparar os relatórios (sucintos) das 4 teses que relatava à tarde... Mas só a meio da manhã o Lourenço me veio trazer uma delas, a do Paço d'Arcos (com 80 páginas, Deus meu). Lá fiz o relato delas com êxito e brilho e geral agrado, parece. E o Da Cal fez o relato da minha num coro de louvores. Parece que triunfei, meu Amor – com a tua presença saudosa no meu coração. E agora que é uma hora da noite, numa terra onde amanhece às 5, já estou a pensar que fico pela manhã a ler (só amanhã: pois só agora a recebi) a tese do Urbano, que relatarei amanhã à tarde mesmo. Isto é impossível.

Depois de ter acabado a sessão já tarde (presidida primeiro pelo Marcel Bataillon⁶² e depois pelo Cidade, puxa!) fui, com o Casais e com o Agostinho da Silva deambular um pouco (não há meio de conseguir dar-lhe ao Casais o recado da tua carta: esquece-se de estar comigo a sós, como o diabo da cruz... – antes que me esqueça, também relatarei a tese do Casais), jantei com o Fafe, para termos tempo de ir a um cinema longíssimo (tudo aqui é longe) – e o jantar custou 20\$00 – ver Les Tricheurs, do Carné, que não veremos em Lisboa e é uma obra crua e corajosa, belíssima sobre a juventude transviada que, pela violência sem complacências não terá uma cena que não fosse cortada em Lisboa, e mesmo a que ficasse... teria de ser tornada muda. E aqui me tens a escrever-te meu Amor, perfeitamente exausto: uma sessão de trabalhos, em que era quase só eu a relatar, quatro teses, durante três horas, é uma brutalidade. O pobre do Da Cal, amanhã, a quem atiraram todas as teses sobre o Eça, relatará cinco!

Recebi do Ernesto Oliveira os exemplares, não sei se te disse na carta anterior.

— * —

Quando escreveres para o Rio, para onde vou a 22, fá-lo ao cuidado do António Pedro Rodrigues, Livros de Portugal, Rua da Alfândega, Rio de Janeiro. As minhas andanças, se as houver, lá terminarão sempre, e lá colherei certas as tuas queridas notícias, meu Amor.

Aqui, não escrevas para o Lourenço se a carta chegar depois de 2.ª feira. Ele parte para a Europa – Montpellier – na próxima terça feira, de hoje a 8 dias. Carta até ao dia 21 aqui, podes endereça-la para: IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros – Salvador Bahia – o que só hoje soube.

— * —

O que o Sousa fez dá-te ideia de como é aquela gente: certamente teve medo de que eu ficasse no Brasil e não lhe pagasse, pois que expressamente me pedira que, por lhe faltar para a renda de casa (!) não partisse sem lhe pagar.

Dos 2.500 cruzeiros que eu trouxe tenho neste momento 800. Como a camisa que me tem sido utilíssima (ainda não pude comprar as cuecas, pois as lojas fecham às 6!) custou outros 800, quer dizer que, desde que vim gastei em mim 30.00 por dia, o que não é muito. Nada comprei – tudo isto é apenas um refresco ou os transportes. Se eu precisar o Pedro de Andrade me adiantará sobre o pagamento no Rio, e em S. Paulo também receberei. Não te preocupes com isso. Mas o que eu farei sem dúvida é converter a passagem de regresso a partir directo do Rio, pois é a maneira de não gastar dinheiro aos pouquinhos nos aeroportos por aí fora. Que venho eu fazer, entirely upon myself, à Bahia e ao Recife, outra vez?

Nada consigo, meu Amor, para trazer-te. As brigas destes tipos por causa dos convites e das passagens ainda duram. Se o António Pedro Rodrigues pelo Rio não resolver o problema, não sei como poderá ser. A minha mágoa é imensa. Isto não tem graça e encanto sem ti, e se me mexo para ir ao Rio, etc. é para não perder a oportunidade e para ter também o que só raros têm.

Receberei amanhã carta tua? Que notícias me trará? As tuas saudades e o desejo de presença a cruzarem-se com os meus minha querida Mécia. Creio que nunca mais irei a parte nenhuma sem ti. Se para cá viermos, não virei sem trazer-te comigo – e é talvez possível em S. Paulo. Meu amor, beijo-te toda com infinito amor e saudade. Aperto-te contra o coração e no meu coração. Teu

Jorge

[a 2.ª folha é de papel timbrado e ao lado diz: «papel que recebi hoje»]

«Resp. 17/8 JS»

Lx., 12/8/59

Meu muito querido Jorge

Por certo ainda hoje não terei notícias tuas da Bahia, que o transbordo de avião retarda. Estou ansiosa por saber como achaste o Casais, que tal é esse ambiente, como te pareceu, assim em conjunto, a heteróclita representação portuguesa.

Por cá tudo na mesma. Eu é que tive ontem um tringlo de fígado como já tenho tido. Vi-me e desejei-me toda a noite com cólicas e agonias, mas hoje estou a massinha cozida e água das pedras a ver se a coisa endireita, na forma do costume. Estou tonta que parece que vou de barco, mas isso não me impede, é claro, de fazer a vida do costume. Vi já a prova de crítica do Monumental que devolverei hoje mesmo, e mais umas folhas da Literatura que também devolverei, ou melhor, virão buscar hoje mesmo, se quiserem. Nada encontrei que impedisse a devolução imediata.

O Agostinho da Silva mandou o caderninho sobre o Fern. [Fernando] Pessoa. Meu Deus, mas o homem está louco de todo, ou é da minha vista?

Veio também a página do Comércio com o teu artigo em grande relevo.

O doutor parece que sempre vai com a Maria e o Manuel depois de amanhã. A Maria está radiante

Como estará decorrendo o Colóquio? Ao que me garantiu a M. Antonieta o Delgado está em Paris, o que é, de certo modo, bom para simplificar a vida dos que vão aí. Terá aparecido o Galvão? Não se chegou a escrever ao Mariz⁶³ e às vezes podia ser que ele estivesse casualmente no Rio, já que essa gente tanto se passeia.

O Martim esteve cá ontem. Ela tinha escrito ao pai uma carta semi-água-doce que não adiantava nada, mas como o pai na carta para mim dizia para lha mostrar a ele, então parece que lhe escreveu outra brutíssima, dizendo-lhe que se é tão amigo dos nossos filhos então que lhes faça doação da parte dele, e que, se acontecer algo ao Óscar aquela carta aparecerá como prova de ter sido uma cabala forjada pelo pai, etc. etc. uma coisa duríssima. Parece que o pai não aparece no Silva Lino, escreve cartinhas e postalinhas de longe em longe. A ideia do Óscar era quando ele lá fosse ser prevenido pelo Silva Lino e diante deste obrigá-lo a falar, uma vez que ele não fala igual a duas pessoas.

Tudo isto me cansa, me aborrece, me enjoa. A humanidade é vil, é pérfida, e aquelas patacoadas do Agostinho da Silva ainda me irritaram mais.

Bem se vê que está longe desta esterqueira há muitos anos, para ter esperança de que este povo faça alguma coisa na vida. O paraíso terreal!

Mas que gente!!! Manicómio, era do que ele precisava.

Como estarás meu amor? Que saudades tenho de ti. Ao menos junto de ti tudo sou capaz de esquecer, tudo tem menos importância, tudo nada vale ou conta.

Anseio por que me digas quando voltas para deixar de contar os dias que tens de ausência e pensar só nos que faltam para te abraçar.

Beijo-te, meu amor, cheia de saudades, com todo o amor de que sou capaz.

Tua

Mécia

P. S. – Os pequenos mandam-te sempre muitos beijinhos, bem como te mandam saudades e lembranças os amigos e conhecidos: Pureza, D. Violante, M. [Maria] Emília, M. [Maria] Lamas, etc., etc., toda a gente com quem adrego de falar.

Mais beijos da tua

Mécia

[Lx.], 12/8/59

Meu amor

Esteve aqui há pouco tempo, e por pouco tempo, o Cardoso Pires⁶⁴ com a Maria Lamas⁶⁵ (são íntimos e até compadres). Ela falara-lhe nas «Libertinagens» que ele mostrou curiosidade em ver e ela veio cá pedir-me se eu me importava de lhe mostrar.

Esteve a fazer grandes elogios da tua antologia. Acha o teu prefácio magnífico. Como toda a gente mostrou o seu pasmo por tanto que consegues produzir.

Contou uma muito boa do Perdigão. Parece que ele disse a alguém que não dera a bolsa para o Saraiva⁶⁶ ir para França porque este lhe fora falar «de igual para igual»... Este homem precisava de ser desancado aí. Imagina que me contou o Azevedo que ele chamou o Hernâni Cidade à pedra e o Reinaldo⁶⁷ porque o Colóquio estava a ter muitos colaboradores das esquerdas.

Imagina também que ele achou a bodega do conto do D. Monteiro,⁶⁸ «licencioso»; depois o Paulo Guilherme ilustrou o dito com umas senhoras mais ou menos em camisa, mais ou menos deitadas, e ele achou os desenhos também «licenciosos» e lá esteve o Bernardo uma data de tempo à espera e a revista por sair, porque Sua Ex.ia estava escandalizado.

A verdade é que as relações que ele estreita com o Brasil nestes termos não interessam nada, é para Trigueiros e Companhia terem passeios de graça, por isso, já agora, o que era preciso era dar-lhe para baixo. É uma criatura infecta, não há dúvida.

12/8/59 (está 13-8-59)

Só agora chegou a tua segunda carta do Recife. Estou aguardando que passe a hora do almoço para ir à M. [Maria] Emília buscar o que pedes para passar à máquina. É inadmissível que uma carta deitada horas depois de outra levasse mais 3 dias, mas isto dá já a medida dos correios daí e, principalmente, faz-me apreciar melhor a sorte que tive na 1.^a. Será por ter vindo registada que veio mais depressa e que essa gente funcione assim ao invés do que é lógico? (e daí não, que talvez o registo para eles seja uma taxa, não de garantia, mas de rapidez).

O Correia ainda me não trouxe o dinheiro. Tive que pedir à Pureza 200\$00 para dar à M. [Maria] Emília e ainda lhe fiquei a dever 76\$00. Hoje veio o «Recorte» tive que pedir-lhe outra vez 50 e fiquei sem nada. Estou a ver que tenho de telefonar ao Zé e bem me custa.

Precisava de acabar a minha tradução mas não consigo, por mais que faça, nem sequer chegar à regularidade que precisava das 12 páginas diárias. O pai escreveu-me hoje: ameaça-me a mim porque a «noiva» até é virgem!!! e de caminho vai lançando suspeitas sobre a mãe! Nunca vi criatura mais reles. Tudo isto me desinquieta, me traz enervada e nem sequer estás comigo para que eu saiba por momentos o que é não pensar em nada e só viver por ti e para ti. Não haverá um deserto qualquer para onde vamos os dois? Ou será que mesmo lá sairia de debaixo da areia qualquer verme para nos incomodar? Porque aí não é suficientemente longe ainda há Pimpões que lá cheguem! O Martim propôs ao pai que faça uma doação da parte dele aos nossos pequenos e o Óscar, cruzando-se, escreve-me hoje pensando em propor que faça

a mim a cota disponível e o resto aos outros. Tudo isto é delírio porque nem ele faz e uma doação a menores encravaría a casa por mais de 21 anos!!! O que haveria de fazer era partilhas com posse da casa a nós e tornas a ele, combinando ele que as não receberia. Mas tudo isto é ilusão porque ele não larga de mão o que é dele.

Mais nada, meu querido. Como dizer-te que estou sempre a teu lado e que a tua presença me acompanha vá para onde for? Mas é verdade, meu amor. Quero-te mais que nunca e mais que nunca me sinto saudosa de ti e triste por mais uma vez te não poder acompanhar. Já estas na Bahia há 5 dias e portanto nada conseguiste quanto a uma possível ida minha. Paciência.

Muitos beijos, meu amor, muitos da tua

Mécia

Bahia, 5.^a feira, 13/8/59

Minha querida Mécia, meu Amor

Faz hoje uma semana que parti, e curiosamente (acabo de olhar para o relógio) pego da caneta para te escrever quando, com as 4 horas de diferença (são 6 da tarde), a semana se cumpre exactamente. Semana vertiginosa de despaiamento, de tropicalismo, de trabalho insano desde que à Bahia cheguei (passei a tarde inteira fechado no quarto a preparar o relato da tese do Casais, para amanhã pela manhã, que tinha de ser feito agora, pois logo à noite vou ver a Cacilda Becker na Maria Stuart). É noite. Por entre nuvens, um crepúsculo vermelho que sumiu rápido atrás da imensa ilha de Itaparica que está aqui defronte dentro desta baía sem limites de que a cidade é uma parte mínima. A minha tristeza é imensa. As únicas notícias tuas que até hoje recebi são as que a mulher do Cidade me deu. Só quando estou totalmente exausto te não tenho escrito todos os dias as cartas ou partes de cartas que terás recebido, meu Amor. O Urbano levará esta, e por isso nela nada conto de especial senão o ar livre que se respira aqui e sem ti respiro, a amargura de não ter-te a meu lado nesta paz sem limites de uma noite quente e serena, em que saberia bem suarmos juntos. Isto é muito belo, de uma força tropical que se intromete nas ruas, e creio que poderíamos ser aqui, meu Amor e minha Vida, incrivelmente felizes. Assim, nem sei que possa dizer-te, roído de saudades, sem ouvir nas tuas cartas a tua voz e o teu conselho que são o meu arrimo e a minha consciência, inquieta a todo o instante por uma falta de notícias, que, comunicada, não aflige ninguém, de habituados que estão à fantasia destes correios de cá, em que um telegrama a avisar de uma chegada 3 dias antes, chega depois do avião em que o sujeito vem (aconteceu ao Pedro de Andrade ao ir daqui ao Rio, antes de eu chegar). Depois, com a ida dos Lourenços para a Europa, estou a ver que a minha tortura só terá alívio no Rio, se entretanto carta tua tiver chegado às mãos do António Pedro Rodrigues (aí, como o correio é directo, levará menos tempo a chegar, presumo). O Casais tem sido muito amigo, e abriu-se comigo, e creio que fui injusto na alucinação dos primeiros dias que não comunicarás a ninguém, de perigosa que é. Mas nada disto importa, senão o silêncio que me rodeia. Eu sei que estás sempre comigo, não só porque és a minha própria alma, como por teres o dom de invisível estares a meu lado sempre em toda a parte. Esse invisível, porém, me assusta. A tua presença, o teu calor, o teu afecto, o teu infinito amor de que os nossos filhos são, graças a Deus, a expressão viva, preciso de tudo isso agarrado a mim, colado a mim, na tua boca, nos teus olhos, no teu corpo que é o mais belo poço de ternura que jamais houve no mundo. Como se é injusto humanamente! Como pode ignorar-se e como só é de um e não poderia ser de mais ninguém (pois não seria assim, nem seria sequer) um tesouro maravilhoso como é a tua pessoa, meu Amor! Eu não tenho desejos senão de ti, e tudo o mais não conta, nem importa. Querida Mécia – é incrível que estejamos separados!

Até ao Rio, não desisto de resolver este problema – o da glória infinita do teu coração batendo ao pé de mim, em mim, e para mim, dos olhos às pontas dos dedos. Meu Amor, estou cansado da vida, tão cansado de ver-te sem paz, acabrunhada de trabalho e de aflições, num

buraco sem horizontes como é a nossa vida. Mas nela brilha «uma pequenina luz», a luz do teu amor – como ninguém entendeu que não há mais luzes, que toda a minha «fidelidade» é a ti? Beijo-te com uma profunda saudade, abraço-te com uma dorida ternura, e não me distraio um só momento da tua imagem tutelar, que beijo, beijo, beijo.

Teu do coração

Jorge

Lx., 14/8/59

Meu amor, meu querido Jorge

Faz amanhã oito dias que chegaste à Bahia e ainda de lá não tive notícias tuas. É esta a última carta que te escrevo para aí e possivelmente a última que te escrevo mesmo pois não sei se vais ou não a S. Paulo e ao Rio e ao cuidado de quem, para lá, te poderei escrever.

É horroroso estar assim sem notícias tuas. Fico sem ter que dizer, e, contudo, levo o dia angustiada. Eu sei que me tens escrito todos os dias mas esses correios malditos levam séculos e quase teremos que dar uma velinha a S. António se acabam por chegar mesmo.

Ontem um incêndio destruiu totalmente a igreja de S. Domingos. Se ao menos aproveitassem a oportunidade para acabar com aquela garganta e ligassem o Rossio a Martim Moniz, não era nada mau. Mas se calhar vão pôr ali um mastronço qualquer ou fazer uma estúpida reconstituição.

À noite a convite da Maria Lamas, fui ao Restelo ver a «Grande Estrela Azul». Uma coisa italiana bem feita, sem concessões de happy end mas muito lenta de acção, com interpretações boas mas não excepcionais. Uma coisa um pouco deprimente ou o meu estado de espírito é que anda deprimido.

De resto tenho andado sempre tão próxima do limite nervoso que por vezes não sei como me aguento.

Ontem veio a Revista do Livro, por sinal três exemplares do n.º 13. Calculo que um exemplar seja para dar à Sophia com quem já falei pois vem uma extensa crítica aos livros dela, do Fern. [Fernando] Mendes Viana. Diz bem, diz mal, diz muitas coisas acertadas, outras que não concordo, mas é sempre agradável uma pessoa que leu e releu cuidadosamente tudo o que está cheio de vontade de acertar. E vai dizendo que a Sophia⁶⁹ é um dos grandes da língua portuguesa, actualmente.

O correio nada trouxe digno de menção: uns recortes, a Vértice, não sei se mais alguma coisa. Tanta curiosidade tenho em relação ao Colóquio e nada saberei, naturalmente, tão cedo.

Tenho-me visto um pouco atrapalhada com a Literatura Inglesa por causa de me teres levado o livro. Ontem tive mesmo de escrever ao Rogério para esclarecer uma dúvida.

Ando tão esgotada que só me apetecia ir para onde não visse gente. A condição humana começa a enjoar-me só porque o é, independentemente do mais que é ou não é. Tanta abjecção, tanta, luta, tanta torpeza, e ao fim e ao cabo para nada.

Se minha mãe tivesse pensado alguma vez cinco minutos em que a vida acaba em vez de viver no pavor do fim; se em vez de pensar nas gratidões aos filhos tivesse pensado na minha vida, nada disto seria, ou pelo menos tudo poderia estar simplificado, mas não, as bondades, as gratidões, as delicadezas, os subterfúgios para se não encarar a realidade da vida, e a resultante de terem outros que enfrentar realidades muito piores. – Que heresia pareceria isto às almas delicadas que fazem dos mortos múmias da perfeição, em vez de já não vivos! E contudo nada tem que ver com a saudade que as pessoas deixam, com a veneração que se lhes tribute,

com o respeito que se dedique à memória. E tu sabes bem que irreparável vazio fez minha mãe na minha vida e quanto a dor de a ter perdido é ainda viva e quanto a tento iludir com a distância que por vezes tento pensar que é a normal e não a definitiva.

Perdoa, meu querido Jorge. Quando estás comigo até a dor dos que a minha estima perdeu é mais suave, mas quando estás longe tudo é negro, tenebroso. Nunca fiquei tão só e ainda por cima tão sem notícias e depois... com o pavor dos desastres que era uma coisa que não tinha, no dulce far niente em que vivia de que só aconteceria aos outros e agora me parece que é a mim que tudo vai acontecer.

Terei ainda hoje notícias tuas? Manda-as por toda a gente que venha antes de ti. O Adriano telefonou a saber se já tinhas escrito e manda-te um abraço. O Dr. lá foi hoje para Bruxelas e Paris com a Maria. Sinto-me insuportavelmente só, meu amor. Beijo-te, beijo-te cheia de saudades e de amor.

Tua sempre

Mécia

Bahia, 15/8/59

Minha muito querida Mécia, meu Amor

Finalmente, tive ontem a alegria imensa de receber enfim a primeira das tuas cartas vinda pelo correio, todas as minhas notícias eram as da carta que os Cidades me haviam trazido. Ora vê tu: uma carta de 8, recebida dia 14! Deve começar a chegar agora. Mas dispersos como andamos aqui, sei lá se encontro hoje – que é feriado na cidade e amanhã que é domingo – o Lourenço em alguma das coisas que há: hoje à tarde o passeio pela cidade que ainda não pude fazer, à noite as cerimónias do candomblé, o culto negro, e amanhã, o dia inteiro, o passeio marítimo na Baía. Ontem, tive sessão pela manhã (relatava a tese do Casais) e tudo se prolongou tanto em discussões em que o teu esposo brilhou, que a sessão foi suspensa para continuar à tarde (relatei então a tese do Lourenço). À noite, houve na Escola de Teatro o Bonde do Desejo, do Tennessee Williams, bem posto e bem representado, com um realismo tal que vão para a cama a encetar movimentos... antes de a iluminação apagar!... Anteontem sessões de manhã, à tarde estudei a tese do Casais, à noite fui dormir para o teatro, ver a Cacilda Becker, ilustre, numa Maria Stuart insuportável. E aqui tens os meus dias insanos, que só tiveram um raport esta manhã, em que descí à cidade para trocar algum dinheiro no banco (o 1.º que troco) e dar com o nariz na porta por ser feriado nacional. E vim escrever-te para um dos raros cafezinhos existentes nesta cidade (e no Brasil) onde o café se bebe em pé, ao balcão, e não há onde uma pessoa se sente.

As histórias que me contas, todas se souberam aqui, mesmo as fitas do Perdigão. Por este tenho passado imponente, até que ele se me apresentou e veio cumprimentar. Eu estava mesmo à espera do que me contas dos Castilhos – lembras-te que havíamos falado nisso? É certo que vou para o Rio a 22, e que depois irei a S. Paulo. Tudo o mais dependerá de lá, mas irei ao Ceará, sem dúvida (??), talvez no regresso ao Recife. Não sei ainda o que me pagam, quando e como. Do Rio se verá, e de S. Paulo também.

Isso da Mariana assustou-me profundamente, e só mostra como toda a vigilância é pouca, na idade desses meninos agora. Vai-me dando notícias de tudo e de todos. Eu nem tempo tenho tido para escrever postais. Espero que no Rio tudo se simplifique. Mas preciso ainda de tempo para preparar as patacoadas improvisadas que repetirei no Rio, em S. Paulo e onde mais for preciso, sobre a poesia moderna portuguesa.

Mas o que eu tenho são saudades tuas, que me tiram o gosto e o empenho por tudo, me fazem tudo soar falso, e saudades dos pequenos. Certamente receberás ainda primeiro que esta carta que o Urbano te levou e em que pus todo o meu coração. Meu amor, não sei pensar em nada senão através de ti, que és a minha consciência. Sem ti, tudo se passa como num sonho extravagante e alheio. Beijo-te com infinita saudade, ansioso por rever-te, por estar ao pé de ti. Ainda não desisto de que venhas – será possível? Mas esta gente é fugidia, vaga e incerta. Contigo aqui, eu saberia ter confiança – assim tenho só uma paciência que talvez seja o calor que me dá. Beijos, beijos do teu que te aperta contra o coração

Jorge

Lx., 15/8/59

Meu querido Jorge

Continuo sem notícias tuas e completamente perdida sem saber para onde te escrever. Aguardarei o correio de amanhã a ver se finalmente vejo letras tuas. O teu tio Romero morreu ontem subitamente com um ataque de angina de peito. Pensei se haveria de ir ou não e acabei por não ir. A verdade é que não tínhamos quaisquer relações com eles nem qualquer desejo de aproximação. O teu tio Germano é que é capaz de ficar escandalizado mas, se ficar, tem dois trabalhos. Foi ele quem me telefonou. A tua mãe estava lá, de modo que nem sequer fiquei com a obrigação de a acompanhar. O França⁷⁰ telefonou hoje a saber notícias tuas e a dizer-me que já mandara o livro ao Crespo. Ele parte para Paris no dia 7 e de lá para Brasília no dia 14.

Dos Estúdios Cor não mandaram o dinheiro e hoje tive mesmo de telefonar ao Zé a pedir um empréstimo de 500\$00, pois que nem sequer paguei ainda à Gracinda. Mandei-lhe a Mariana para a Helena ver e a Isabelinha também quis ir. Comeram rebuçados e trouxeram uma tablete de chocolate e a Mariana um passarinho de marfim que perdeu pelo caminho.

16/8/59

Finalmente, meu amor, veio uma carta tua. Uma longa carta quando eu já estava desesperada de angústia pensando que andaria perdida e me não chegaria às mãos. Essa da «Cidadeza» é boa! Mas que estúpida, coitada. E vai esse par de jarras por aí fora e tanta gente que gostaria e mereceria ir por cá ficou!

Não sei se cheguei a dizer-te que o Alexandre Eulálio escreveu dizendo que irias ao Rio. Como ele dizia também que te escreveria simultaneamente para a Bahia, talvez não tenha referido.

Entretanto chegaram 4 exemplares de Revista do Livro – 3 n.º 13 e 1 n.º 14. Como no 13 vem um artigo sobre a Sophia calculo que um exemplar fosse para ela. Se o vires pergunta-lhe se fez bem, e diz-lhe que te falta o exemplar n.º 12 para ficar com todos os números seguidos a partir do 10.

Se eu tivesse encontrado o Ernesto de Oliveira antes, ter-lhe-ia pedido a ele para levar a minha carta, logo me pareceu que os «Cidadezes» eram fracos mensageiros.

Creio que nada terei dito em cartas para casa do Casais que pudesse ser aborrecido eles lerem. Mas, que diabo, realmente o Casais não devia permitir que a Raquel dissesse mal da Alice. Com que direito o diz ela se é afinal a parte victoriosa, se nunca a viu mais gorda nem viveram no mesmo meio? Aí já anda mesquinharia a que o Adolfo não é alheio.

A minha primeira impressão foi de susto ao ler o teu remetente, depois, logo em seguida, pensei que tudo aí era possível de modo que quando li a tua primeira frase a tranquilizar-me, já tinha passado o maior susto. Tenho uma ideia de nome dessa senhora que possui cartas da Florbela, e teve muita intimidade com ela, mas pelas referências que dela li não sei onde, sempre pensei que deveria ser uma pobre triste.

Tão contente fiquei com a tua carta, meu muito querido Jorge, que nem fazes ideia. Nada me consegue preencher a vida se te não tenho perto, se sei que não estás a toda a hora para entrar. O Paulinho continua a gritar por ti a qualquer ruído que ouve da entrada ou saída. Todos os outros falam dúzias de vezes de ti e toda a gente tenta saber notícias tuas.

Veio uma carta do Luís de Sousa Rebelo⁷¹: quer que traduzas o Hamlet mas só dão 6.000\$00, o que é uma ridicularia. Ele também acha mas diz que não há mais ninguém para o fazer.

A tua mãe chegou há momentos assim a modos que chorosa, como é natural.

Meu amor é desconsolador escrever assim sem se ter a certeza de te chegar às mãos. E de qualquer modo, quando esta receberes, estarás já perto de regressar. E, quanto a isso, não sei que deseje: ir eu? Vires tu? Entretanto terás talvez já tido que pensar nisso. De qualquer modo, o que acima de tudo desejo é não estar longe de ti, meu amor.

Beijo-te, meu querido Jorge, com infinitas saudades.

Tua

Mécia

Lx., 17/8/59

Meu amor, meu querido Jorge

A direcção do Colóquio não veio já a tempo de eu o utilizar, mas utilizarei a do A. Pedro Rodrigues, no Rio, como me dizes.

Também não vejo necessidade de voltares à Bahia em lugar de vires directamente do Rio. Tudo será já perder tempo e até talvez dinheiro.

Finalmente nesta tua carta há já um começo de diálogo que até agora as nossas cartas têm parecido conversa de surdos, perdidos um do outro.

Tenho a cabeça em água. Tu longe eu sem saber senão sempre à la longue o que te vai acontecendo; eu aqui trabalhando na minha tradução o mais que posso, pela noite dentro, que é quando há mais sossego e pensando, dando tratos à memória, receando que fiques, desejando que venhas e não venhas: uma expectativa permanente que me dá cabo dos nervos e me não deixa render devidamente o trabalho.

[...]

Tu não quiseste ir para África correndo uma aventura que estava já a ponto de lançada e foi uma pena, isto aqui é atoleiro por todos os lados e ainda por cima é pobre ao nível dos dez tostões, que é a coisa miserável, desconsoladora.

Não haverá no mundo uma Pasárgada qualquer para onde vamos? Meu amor, o mundo é nojento e a humanidade está ao nível do mundo. E a vida é tão breve e tão poucas as coisas boas que nos dá, meu querido. É-me insuportável estar sem ti, sem te abraçar, sem me sentir nos teus braços com a cabeça no teu peito quente, acolhedor, que eu sei pertencer-me como te pertença inteiramente.

O Pedro ficou radiante com o teu postal. A Isabelinha já há dias fizera um rascunho que não cheguei a mandar-te. A Mariana ainda hoje logo de manhã entrou no nosso quarto e me perguntou por ti e quando respondi que estavas no Brasil respondeu-me «pois tá». O Vasquinho vai engordando devidamente e continua com especial encanto e mansidão. A Isabel Maria foi noutro dia em casa da Eunice considerada por todos a mais bonita. Na verdade confundem a «classe» que ela tem com beleza propriamente. Têm-me arreliado bastante mas também, coitadinhos, aqui metidos, numas férias estúpidas sem brinquedos, nem praia nem a mínima diversão que não posso proporcionar-lhes. Mas o que me tira a paciência e me faz ver tudo negro é cá não estares, é saber que estás tão longe que nem sequer posso pensar em telefonar-te, nem em ir ter contigo com esta complicada vida atrás de mim, com mensalidades, com letras, com o diabo.

Telefonei ao Luís Sousa Rebelo a dizer que não estranhasse o teu silêncio por estares aí. Não sabia. Fui-lhe dizendo que independentemente de aceites ou não, a remuneração era irrisória o que concordou e prometeu entretanto diligenciar no sentido de melhoramento. A coisa é um reatar, agora com direcção dele, da proposta do Nascimento, com a M. da Saudade como já anteriormente estava combinado, para o Romeu e Julieta (salvo erro). O Hamlet fora

nessa altura atribuído não sei a quem mas o S. Rebelo diz que se desligará pois só tu poderás traduzi-lo e mais ninguém.

Enfim, meu amor, vivo das tuas cartas e do teu amor. Beijo-te, beijo-te cheia de saudades. Abraço-te cheia de ternura.

Tua

Mécia

Bahia, 17/8/59

Minha querida Mécia, meu Amor

Recebi esta manhã das mãos do Casais, uma carta tua, aberta, que vinha, disse ele, dentro de outra endereçada a ele (o sobrescrito só, ou carta inclusa, não sei, que não me disse). É uma carta de 12 que começa, «estou ansiosa por receber notícias tuas da Bahia», o que me faz ficar na dúvida de se não recebeste as notícias que te mandei do Recife, e ao mesmo tempo me parece estranho o intervalo entre ela e a anterior, que me leva a supor que se terá perdido carta tua. No sábado, tive pela primeira vez um intervalo: tinha tempo hoje para estudar a tese de amanhã, e não relatava nada em sessão. Afinal, à procura dos meus «correios» fui parar à Faculdade, e o Celestino banqueiro e chefe espiritual à portuguesa da bahiana pagou-me um almoço chato (num sítio maravilhoso, o Yacht Club, sobre o mar) com o Reynaldo, a Guilhá, e o Franco Nogueira⁷² – imagina só! A gente que eu tenho conhecido aqui e se fazem ou julgam meus amigos de infância: o Lopes de Almeida, o Pimpão, o Medeiros de Gouveia, o Perdigão, a catrefa toda. Ontem, tivemos um passeio magnífico: primeiro de autocarro, sob chuva desvairada dos trópicos, aos campos de petróleo (a Petrobrás), almoço lá, e depois regresso de navio, à tarde, pela baía fora – um espectáculo deslumbrante que me doeu não estivesse partilhando comigo. Eu e a Maria de Lourdes temo-nos arreliado sobremaneira com a ida ao Rio, porque o Thiers é um aldrabão e um pulhazote de impenca. Mas eu hoje fiz um discreto espectáculo de ameaças e de iras no Hotel, para alguns ouvintes selectos, e ficou tudo arrumado, e à noite, todas as eminências brasileiras têm sido amabilíssimas comigo. Os homens do Ceará – puxa – querem que eu vá lá... e para lá depois, organizar o Instituto de Estudos Portugueses. Toda a gente diz que o Ceará é bonito, que Fortaleza é uma cidade linda e nova... Que te parece meu Amor? Hoje, o Chicó⁷³ prometeu que me leva a Brasília e a Minas Gerais (a convite do Presidente da República). Amanhã, com o Amora, se darão os últimos retoques na ida a S. Paulo. Se eu manobrasse esta gente toda e pudesse e quisesse (se tu estivesse comigo, meu Amor), com muita paciência (que felizmente o calor húmido deste clima dá às pessoas), a estadia poderia ser prolongada. Mas, com esta gente, é preciso esperar, andar com o dinheiro à frente quase sempre (depois reembolsam bem), e combinar *in loco*. Combinação prévia... é difícil como o diabo.

Não imaginas como é difícil encontrar roupa e nylon que, neste calor, é uma tortura que ninguém usa. Como aqui no Hospital Português lavam e passam a roupa, o problema não se põe, e não comprei as cuecas que aliás procurei sem resultado. A camisa de nylon tenho-a usado (e lavado) à custa de muito suor. A actividade intensa, a balbúrdia de centenas de pessoas que se conhecem e com as quais se conversa, o clima, tudo contribuiu – juntamente com a ausência de ti, querida – para eu não saber bem a quantas ando em matéria de tempo, de quando se passam as coisas, o que te contei ou não.

Sobre o Casais e a Raquel há imenso que conversar contigo, mas por carta não vai, meu bem. É comprido e complicado. E não há pressa disso, pois é?

O Agostinho da Silva não é maluco, não. O que ele quer dizer, quando fala de Portugal, é o Brasil. Ele acha que Portugal acabou, como creio já ter-to dito. É um homem admirável (não deixei de ver claro nestas coisas, bem?) que esta gente adora como um santo. Imagina tu que o parecer reiterado dele e a minha informação vão trazer para aqui o Eudoro, vindo de Santa Catarina.

As coisas aqui são pèssuais... a ponto de, meu amor, se cantar um samba na rádio... em minha honra. Ainda não ouvi, nem sei a letra. Não é de riso tudo isto? Se calhar, não é?

Esta manhã fui às sessões, à tarde meti-me em casa a trabalhar na tese da poesia concreta (!) que relato amanhã, fui jantar ao hotel que é longe daqui. Fiquei em amena conversa para desenferujar a língua, com um americano, – depois o Sérgio Buarque de Holanda⁷⁴ e o Cícero Dias⁷⁵, cuja retrospectiva se inaugurou agora e proclama que é meu amigo velho, de Lisboa. Não nos demos muito, mas não vale a pena contrariar estes tipos. Amanhã, terei sessão pela manhã; de tarde, estudarei a tese do Eudoro, e à noite irei ao espectáculo do Gil Vicente, curiosíssimo de como soará na boca desta gente, e desconfiado de que não muito bem.

Estarás melhor, meu Amor? Tenho esperança de que sim – é tão inconcebível esta distância estúpida em tempo também, esta conversa de surdos que ficam as nossas cartas que se não respondem! Terás tido o devido cuidado contigo? Tens-te poupado, meu Amor? Lembra-te que, no mundo, só te tenho a ti – que mesmo os filhos um dia se afastam ou podem não compreender-nos. O teu amor me alumia e segue. Terei carta tua, amanhã? O Urbano entregar-te-á logo a minha? Telefona à mulher, a saber quando ele chega: o nome é o do pai: Urbano Rodrigues, na lista. Ainda não tive ocasião de escrever a ninguém, nem aos pequenos todos (menos os três mais pequenos, é claro). Andarei neste turbilhão, mais turbilhão por não sentir-te ao meu lado, até partir?

Minha querida Mécia, meu Amor – que saudades imensas, que desejo de ti, que falta de ti eu sinto! Beijo-te, beijo-te, beijo-te.

Teu do coração

Jorge

Lx., 17-18/8/59

Meu amor

[...]

Eu que sou tão «limpa», que tanto aprecio o aprumo integral nos outros como o exijo de mim, que por isso mesmo tanto desejo que sejas intangível! Eu sei que a mãe se preocupava com a minha vida e que pensava que tu não eras para mim daquela aparente delicadeza que ela desejaria, mas ela sabia que não tinha nenhum filho tão feliz como eu, e sabia que tu não estimavas ninguém como a mim. Muitas vezes falámos nisso e nunca da minha boca saiu qualquer queixa contra ti, pelo contrário.

Que gente burra. Não sabem nada, não sonham a que ponto nos queremos, nem sequer nunca lhes passou, por partículas de segundo, na mente, como de facto tenho sofrido por ti. Nunca compreenderiam que tenho sofrido sempre com esperança e que, possivelmente, a certeza de que precisas de mim, de que só apoiado em mim te libertarás de ti próprio, me faz querer-te mais, com mais forte amor, com mais ternura, com mais intimidade, se é legítimo dizer-se. E também nunca saberão quanto te sou grata por teres feito de mim uma mulher que ama, que deseja e que sabe o que é sentir o prazer de ser possuída e de se entregar até ao fundo mais fundo de si. Mas como explicar? E para quê? Pudesse a minha boca procurar a tua e não mais pensaria em nada. Ser a minha vida preocupação para alguém quando eu, eu que sou mãe, só desejo que meus filhos encontrem quem com eles faça uma vida só, como nós dois fazemos. A maior e única amargura da minha vida é pensar que a morte ou até a vida nos separe alguma vez. É uma amargura que me advém afinal, e por paradoxal que pareça, de tanto te querer.

Meu amor, são quase duas horas e estou esgotada, da roupa toda a manhã, de alguma tradução (pouca), da conversa da Ernesta, coitada, mas a quem fazer sala me cansa, de tudo isto e sobretudo de desgosto profundo de estar longe de ti e de continuar com a vida suspensa das tuas cartas.

Beijo-te, meu amor. Que os teus braços me protejam mesmo à distância e pensando neles eu tenha esta noite o repouso que tanto necessito. Tua sempre, meu amor,

Mécia

[Esta carta é acompanhada do seguinte texto datado de 18/8/59, da filha mais velha do casal, Isabel Maria]

Papá

Está bem? Eu e os manos estamos todos bons. Papá o postal que o papá mandou ao Pedro e o meu achei-os muito engraçados.

Papá sabe? O Pedro achou entre as receitas dos bolos quatro livros que eram do papá de histórias e eu já li um livro e mais metade de outro e achei-os muito engraçados.

Sabe a Ernesta veio cá na segunda feira e trouxe uns bolos muito bons. Com isto termino. Um xi-coração muito grande e muitos beijinhos da filha querida

Isabel M.

Bahia, 19/8/59

Minha querida Mécia, meu Amor

Recebi ontem das mãos do Lourenço (que hoje parte com a mulher para uma viagem de regresso, via Rio, Bolívia, Paris, México, França) duas cartas tuas: a de 9, em que não recebeiras notícias minhas, e a de 10, em que contavas (?) de enfim as receberes da Bahia. Ontem, relatei pela manhã, numa tempestade de meninotes que me chamavam «velho», as teses sobre a «poesia concreta» que aliás não ataquei. Ao almoço, no Hotel, o M. [Marcelo] Caetano veio a mim para agradecer-me o cartão com que eu declinara, «sobrecarregado de trabalho» a recepção dele, e felicitar-me pela brilhante actuação na secção de «literatura», onde de facto pareço um boneco de sabugo, sempre em pé, a meter a colherada. Após o almoço, o Thiers veio muito doce trazer-me o bilhete de avião para o Rio (no sábado). A seguir fui com a Belchior ao Banco trocar 300\$00 (o Casais pagar-me-á os artigos de S. Paulo adiantados e fará contas com eles depois, o que lá esclarecerei), dei umas voltas pela Cidade com ela, voltei ao Colóquio, onde precisava de ir, fui ao jantar de despedida (com o Barradas de Carvalho, o Agostinho da Silva, a M. [Maria] de Lourdes [Belchior], o Victor Ramos, o Fafe, o Luís de Albuquerque) ao Lourenço e à mulher (440 cruzeiros...), perdemos com a jantarada o espectáculo do Gil Vicente, vim para o Hotel escrever o relatório da tese do Eudoro até às tantas, deitei-me, e aqui estou, às 8 da manhã (hora já tardia!), a responder-te. É extraordinário como recebo uma carta tua em que lamentas a conversa de surdos que o correio nos impõe, quando vai a caminho uma carta minha em que me queixo do mesmo. Mas é tão natural, da maneira que estamos afinados, meu Amor!

Espero que tenhas escrito ao teu Pai e ao Óscar, pondo tudo bem claro, sem animosidades que complicam mais as situações. Não te arrelies, querida, demasiado – lembra-te daquele provérbio cínico: «nunca digas tanto mal de alguém, que não possas um dia dizer bem»... Será grave a coisa da Helena?

Querida, não temas que, impensadamente, eu me entusiasme a ficar aqui. Só se, preto no branco, nos aparecesse uma situação definitivamente mais desafogada que a que temos. A minha experiência desta gente fugidia e vaga e irresponsável já é muita... Até agora, se a gente do Ceará tem projectos mais definidos, não financeiramente é certo, e mesmo isso... Lá irei ver, se a ida se concretiza. Mas só no Rio eu saberei que voltas que dou. Espero que escrevas sempre para o António Pedro Rodrigues, como te recomendei que fizesses.

Ainda bem que estive agradável a tarde na Eunice. Também eu não disse ao Adolfo tudo o que o João Paulo me disse, não era possível sem ofender e quase pactuar com uma violência que não temos de partilhar.

O Alexandre Eulálio «parece» que me arranjará o apartamento no Rio, mas mal o vejo no «flirt» um tanto estranho em que anda – ao que noto – com um jovem americano. É possível que eu me engane, e de resto nada tenho com isso, o Veríssimo é que tem sido amigo; envia-me americanos, escreve-me cartas – e eu ainda não tive tempo de escrever-lhe um pos-

tal. Nem sequer preparei o relatório carioca (que aplicarei igual nas outras partes). Vamos a ver se hoje assento com o Amora a questão da ida a S. Paulo.

Vou começar a mandar pelo correio pacotes de papelada do Colóquio, para não ter de carregar com ela. Quero diminuir ao máximo o meu peso (já aliviado de alguns livros e dos que trazia para o Casais), para não dificultar a facilidade de movimentos. De S. Paulo, volto ao Rio, depois é que não sei a ordem das andanças na viagem de regresso, que pode meter Brasília, Minas, Amazónia, Ceará, etc. Informar-te-ei sempre de tudo, meu Amor.

Que infinitas saudades tenho de ti e da tua presença junto de mim. Toda a gente, de resto, sente isso. Ainda ontem o Lourenço me dizia que a nossa correspondência é a contraprova das Evidências... Minha muito querida Mécia, meu Amor: se não fosse estupidez perder as oportunidades que, dentro dos limites razoáveis de tempo, me aparecerem de ver o Brasil, eu chegava ao Rio e metia-me no avião para Lisboa. Preciso de ti a todo o instante, nada sei ver sem ti, sem a tua presença comigo e em mim. Dá muitas lembranças a toda a gente a que nem tempo tive de escrever um postal. E para ti, meu Amor e minha Vida, as saudades, os beijos e os abraços do teu do coração

Jorge

Lx., 19/8/59

Meu amor, meu querido Jorge

Ontem viera apenas o postal para a Isabel Maria, mas hoje não veio nada teu para ninguém.

À noite estive aqui o Ferdinando com a rapariga. Casam, provavelmente, no sábado. Não dou muito por aquele casamento em que ele com um génio furioso se quer impor como senhor e dono, e ela por tudo respinga. Mas, enfim, pode ser que seja só deste statu quo em que vivem, que é realmente desagradável. Manda-te os respectivos abraços mas vinha tão preocupado e rezingão da vida dele que não falava de nada. Trazia na mão o teu voluminho da Ática e vinha encantado com o estudo da Florbela que acha das tuas boas coisas.

Do «Recorte» enviaram um artigo do Terra publicado aí na Voz de Portugal, é mais ou menos, senão integralmente, o artigo de cá sobre as Líricas. De resto, por coincidência, chegou um postal dele, de Segóvia. Pareceu-me compreender que vem novamente só. Aquele casamento também não resultou, se me não engano. Estou à espera de vê-lo entrar por aí dentro um dia destes, uma vez que o postal data de 16.

Combinei hoje com a Albina levar os pequenos umas manhãs à praia. Estão fartos de me pedir e estão numa fase de tantas tolices em casa que talvez lhes faça bem irem.

Ontem e hoje, para variar, ando de torcicolo. De resto, mesmo do estado geral não me sinto famosa, desde que tive a trabuzana do fígado.

Mas nada há que possa interessar-te, que eu saiba.

Não percebo que voltas vais dar depois da Bahia, mas entretanto o saberei por certo. Se realmente alguém regressou da Bahia (e pelo menos o Ernesto e o Urbano não iam para se demorar se não o mínimo) logo após o Colóquio espero que alguém me traga notícias tuas, pelo menos telefónicas.

Não te preocupes em trazeres-me coisas. Para mim o melhor presente será a tua presença, mas, se puderes, compras umas pequeninas coisas para os pequenos que, da outra vez que foste a Inglaterra, tão desconsolados ficaram por não lhes trazeres nada.

Afinal porque não foi o Saraiva? Chegaste a saber? Deve ter sido uma trapalhada idêntica à do Serrão. E afinal não apareceu nem Natércia nem Natália. E a Merícia?

Temo que se tenham perdido cartas tuas, meu amor.

Que fazem eles às teses que as pessoas mandaram? Publicam-nas? E possibilidade de publicação de uma antologia poética tua? Tenho a impressão que a Bahia não será grande centro de actividade possível. S. Paulo ou Rio devem ser muito melhor. O José Paulo não deu notícias, ou não chegou cá.

Meu amor, que saudades sinto de ti. Deitada é como se a cama não fosse a minha habitual, estranho-a todos os dias, e sinto-me perdida por te não encontrar. Nenhum repouso é verdadeiramente repouso e acordo de manhã cansada de sonhos e de voltas.

A tradução não tem caminhado como seria para desejar. Não consigo concentrar-me

devidamente e mesmo a minha cabeça anda meio azorata, por mais que faça não consigo fazer grandes empreitadas.

Interrompi porque se veio aqui postar a D. Violante que ficou de palestra fiada mais de uma hora. Manda-te sempre saudades, lembranças e pergunta todos os dias por notícias tuas. A Pureza também tem andado esquisitória, ia hoje ao médico.

Quando virás? O meu temor que fiques é só pelo mais tempo que ficaria sem te ver e sem te sentir ao meu lado.

Meu muito querido Jorge, espero que amanhã o correio me traga carta tua. Até lá viverei ansiosa. Beijo-te meu amor com imenso amor, com infinita ternura.

Tua

Mécia

Lx., 20/8/59

Meu muito querido Jorge

Ainda hoje não voltei a ter notícias tuas. Isso é uma malfadada terra onde as cartas chegam ou não chegam e só chegam quando chegam. Deus me livre de ter de estar separada de ti mais do que o tempo previsto, dava em maluquinha. Esta expectativa diária inibe-me de trabalhar, inibe-me de pensar seja no que for, antes de o correio vir porque espero carta tua, depois porque fico no desconsolo e com uma esperança ainda vaga no correio da tarde.

Da Cor não mandaram ainda o dinheiro, tenho-me visto aflitíssima. Tenho pensado em telefonar amanhã de manhã para a repartição a pedir ao Gaspar que se não esqueça, e, com o extraordinário a pagar ao Ernesto, nem sei como repartir o que me fica. Tenho de ir ao passaporte onde ainda não fui por falta do dinheiro e tenho de dar qualquer coisa ao Ferdinando que não sei o que há-de ser. A minha tradução atingiu agora a terça-parte e claro que tu aí não tens tido tempo para pegar no Faulkner, que de resto bem pouco nos dá já tanto mais que nada temos dado ao Agost. Fernandes da máquina, e essas coisas influem sempre na cordialidade das pessoas, por mais que elas digam que não.

Ontem à noite a D. Maria Lamas veio buscar-me para dar uma voltinha. Estava um luar lindíssimo e a temperatura muito agradável. Palestra fiada, falando sempre muito de ti, da M. [Maria] Emília cuja vida ela não suporta mas entende que embora o marido tenha culpas, a maior culpa é dela. O curioso é que desde que ela está cá aquela galfarraria não se atreve tanto àqueles griteiros com a mãe, porque a avó, com ar calmo mas firme, intervém logo.

A avó do Dr. veio ontem cá e veio mesmo, para os velhotes irem passear. A D. M. [Maria] Lamas ficou indignada. E agora vão aproveitar a deixa para prolongar a estadia dela aqui, havemos mesmo de ver. A senhora está já quase completamente desmemoriada, confunde os netos e as filhas e os bisnetos, faz tudo na cama a toda a hora, tanto lhe fazia estar aqui como numa casa de saúde onde ao fim de uma hora, se calhar, estava a chamar netas às freirinhas. A estupidez é um dos piores males deste mundo.

Ainda não estou boa do meu torcicolo nem do meu fígado.

Os pequenos lá foram à praia esta manhã. Vinham radiantes e a Albina diz que se portaram muito bem e melhor que ninguém a Mariana que vinha toda contente. O Paulo, cá em casa, é que choramingou toda a manhã de se ver sozinho.

Disseram-me ontem que os jornais brasileiros não entram cá, por quê? As notícias do Colóquio só falam do Marcelo. Dá a impressão de que ele tem sido o «astro». Seguirás amanhã mesmo para o Rio?

Irás a Ouro Preto? A Brasília? Se assim fosse era uma passeata completa. Oxalá. Só temo a tua demora por causa da Junta, não vá haver complicação com faltas que eles podem considerar excessivas a partir de 22 ou 23.

Não te demores, meu amor. Não suporto estar assim tanto tempo sem ti. Virás antes do fim do mês?

*Até amanhã, meu querido Jorge. Espero ansiosa que o correio me traga letras tuas.
Os pequenos mandam-te muitos beijinhos.
Quando voltarei a abraçar-te? A sentir os teus braços a envolver-me?
Que saudades tenho, meu amor. Beijo-te com imenso amor.
Tua*

Mécia

Lx., 20/8/59

Meu amor,

Sem cartas tuas sinto-me tão ôca que pegando da pena e olhando para o papel na minha frente me parece que tudo é inútil, tudo quanto diga ou faça e ainda por cima na incerteza de receberes, pois que, longe como estás há 14 dias ainda nem notícias tenho de que alguma carta minha tenha chegado às tuas mãos.

O Martim recebeu carta do Óscar. Parece que o pai já levou o desenho do Malhõa, umas bugigangas e os livros. Deve estar a preparar-se para pôr à porta uma carroça e transportar a secretária e o piano com o qual o Óscar gastou o ano passado 4.500\$00 a arranjar !!! Parece que agora está apressado nas partilhas. E nem compreendo bem porquê, pois se pretender vender a parte dele nós temos prioridade. Tenho a impressão que a única coisa que resta é conseguir que ele venda aos filhos a parte dele e conseguir que ele não peça uma exorbitância, nem que, para isso, tivéssemos de hipotecar a nossa parte. E ainda dizem que Deus Nosso Senhor faz tudo pelo melhor. Neste caso só se for pela melhor maneira de ficarmos sem nada.

Parece que o vice-reitor disse que pensava que ele já tivesse casado mas é pouco provável porque ele continua a ir dormir a casa embora saia de manhã e só apareça ao fim da tarde.

21/8/59

Veio finalmente carta tua, meu amor. Veio também o dinheiro da Cor mas da Junta não deram sinal de vida e eu que fizera tenção de telefonar para lá, com o aparecimento súbito do Terra esqueci-me. Imagina que se separou mesmo da Nicole com acordo dos pais dela que chegaram à conclusão que ele realmente a não podia aturar mais. Ele está triste com a situação em si mas muito aliviado. Ao que me foi contado ela é mesmo insuportável.

De tarde, também, apareceu-me o Ferdinando que não sabe ainda se a papelada chega a tempo de casar amanhã. Mas, a menos que tenha conseguido acordo da Conservatória, a tua procuração não serve pela simples razão que também para casamento civil já não há padrinhos mas testemunhas e essas têm de estar mesmo presentes. Tudo para reduzir cada vez mais a coisa civil a um formulário.

Até agora não me chegou qualquer notícia do Urbano mas concludo da tua carta que já deve ter vindo (telefonei para casa e pensam que ele chegará amanhã).

Os jornais de cá nem uma só vez citaram a propósito do Colóquio qualquer nome fora do Perdigão, do Marcelo e do Reinaldo, como se tivessem sido estes sempre os astros do Colóquio.

Chego à conclusão que, em relação aos Castilhos, ele é um banana e é ela quem manda, e que ela não deve apreciar o nosso género. Posto isto arruma-se na respectiva prateleira e pronto, deixam de existir e tenho pena, por ele.

O Paulinho apareceu ontem com 39.º de febre e com os intestinos em estado lastimoso, e hoje apareceu a Mariana na mesma mas sem a febre. Estou já a medicá-los e agora, às 9 da

noite, o Paulo já não tinha febre embora dos intestinos nem um nem outro parecessem com apreciáveis melhoras.

Escreve um postalzinho à Pureza e outro à D. Violante (Leandro para cá mesmo – a Pureza é: R. Carvalho Araújo, 84-2.º; Eunice: Quinta de Entre-Vinhas; Zé de Portugal: Estrada dos Arneiros, 12-2.º; Alçada – Livraria Morais; Agost. [Agostinho] Fernandes.

Mas querido Jorge, sem dormir toda a noite com o Paulinho ao meu lado agitado e a escaldar; com visitas sucessivas, estou exausta e nada adiantei na tradução que é agora a minha bête noir.

O artigo do Terra aí foi com desconhecimento dele reproduzido.

Até quando, meu amor? Muitas e muitas saudades e todo o meu coração num grande, interminável beijo da tua

Mécia

Lx., 22/8/59

Meu amor, meu querido Jorge

Esta manhã telefonou-me o Urbano com quem falei um pedaço. Como a casa dele é tão longe, pedi-lhe que deitasse a carta no correio, visto eu não saber ainda o que será do meu dia com casamento ou não do Ferdinando – que a esta hora, 3 menos um quarto, ainda não sei se é esta tarde. No caso de ser, e o Conservador não se contentar com o n.º do meu bilhete de identidade e exigir a respectiva apresentação, ainda terei de ir ao Governo Civil servindo-me, por portas travessas, de um conhecido da Maria Emília.

Irá o Terra substituir-te, apesar de ontem me ter dito que não acederia, porque o pobre do Ferdinando assim de repente e com o Osório e o Rogério fora não tinha ninguém. Ainda pensei no Zé que está sempre por tudo, mas não estava em casa.

De manhã falei para a Junta. Não estava o Gaspar mas estava o Barroso que me disse que o Gaspar fora ontem fora e ainda não aparecera. Por volta do meio-dia falou o Gaspar, repetindo o que dissera o Barroso e dizendo-me que, à tarde, iria à pagadoria e mandaria cá. Entretanto o Ernesto telefonou a pedir se eu lhe pagava. Se chega cá primeiro que o dinheiro é uma atrapalhação – e foi mesmo. Veio o Ernesto que se foi, ficando de passar por aqui um pouco mais tarde. Pouco depois vinha o Alberto com o vencimento e um cartão do Gaspar.

Depois muitos e variados telefonemas e em conclusão: os papéis não vieram, não há casamento hoje; o Terra não pode ir porque não tem bilhete de identidade em ordem (portanto irei calmamente na 2.ª feira passar a manhã para o Governo Civil à espera que me dêem o passaporte) e eu com o dia praticamente perdido. Sim, porque no meio dos telefonemas, da vinda cá do Ferdinando, de idas à M. [Maria] Emília a ver se ela poderia escrever o cartão para o tal senhor, tudo culminou em eu estar a falar ao telefone e a Gracinda a mudar-me o vestido porque me disse «está lá dentro o Sr. Eng.», não me disse qual e eu julguei de momento que fosse alguém da Junta, dava uma fita cómica.

Os pequenos estão melhores dos intestinos embora não bons de todo e ambos abatidinhos.

Hoje não veio carta tua, terei amanhã a do Urbano e outra em que me digas já o teu definitivo programa? A estas horas estarás já no Rio? Calculo que sim. Depende do que me digas na próxima carta ser ou não esta a última que te escrevo. São 22, contando seis dias para chegar lá, faz 28. Virás já depois disso? O M. Bandeira entregou-te uma carta que lhe escrevi para ti quando não sabia ainda de que direcção me servir? Daqui para lá e de lá para cá é um «tempão» aflitivo. Mas, de qualquer modo, toda a próxima semana será de expectativa da tua chegada. Como vais prevenir-me? Telegrafas. Terás antecedência que chegue para me escrever?

Quantas saudades tenho, meu amor. A vida não tem sentido senão o que tu lhe dás para mim. Estou desejosa que venhas. Ansiosa por me sentir nos teus braços e ser tua, que o meu desejo cresce de dia para dia tornando-me mais insuportável a tua ausência.

Que venhas em breve, meu querido Jorge, para minha tranquilidade, porque é tranquilidade estarmos juntos mesmo nesta inquietação tremenda que é a nossa vida aqui.

Beijo-te, meu amor, beijo-te todo com saudades, com amor e com ternura imensa.

Tua

Mécia

Rio de Janeiro, 22/8/59

Hotel Nelba

Minha muito querida Mécia, meu querido Amor

Cheguei enfim ao Rio (viagem excelente, de 3 horas de avião, e panorama aéreo magnífico) e só agora, no cúmulo da exaustão, consigo ter de mim uns momentos (sairei dentro em pouco para uma recepção aos «colocados» que vieram ao Rio) para escrever-te. Os últimos dias na Bahia, sem ti, carregado de trabalho de andanças e de confusão de gente, caía na cama exausto e a más horas, para não dormir. Esta noite, andei pelo quarto, à espera que se acomodasse (não fosse cair em cima de mim, na cama) a osga doméstica que no quarto havia... Não te escrevi, por me ter sido humanamente impossível. E mesmo ontem (que a carta foi interrompida) tive o António Pedro Rodrigues a passear-nos, fui a casa do Celso Cunha, depois à recepção do Director da Faculdade, e regressi ao hotel, a ponto de cambalear e arrastar os pés. É que poucos trabalharam na Bahia como eu. Recebi do António Pedro⁷⁶ a tua carta de 17/18, que trazia a da Isabel Maria, que me encantou. Dá-lhe muitos beijos.

Creio, meu Amor, que esses fantasmas e vilezas da tua família e do teu Pai em especial estão, na minha ausência, no abandono em que te sentes, apoderando-se de ti. Não quero que te deixes possuir por eles; que nos importam polémicas torpes que podes varrer com uma carta serena, e com o nosso imenso amor, querida? Resguarda-te desses venenos, pensando que estou contigo a todas as horas, como tu estás comigo. Chega a horrorizar as pessoas a forma como eu penso constantemente em ti e nos filhos. Que importa essa miséria meningética que é o teu pai? Ele tem qualidades estimáveis – deixa correr. E agora pretende dividir-nos a todos uns dos outros. Mas já estávamos, querida! E a nós dois não há veneno, nem pode haver, nem distância, nem silêncio, nem demora que nos separe. Isto é que é fundamental, e nada mais importa. Não te deixes envolver, repito. Só eu te envolvo em mim a toda a hora, ouves?

Estou tão inquieto com essa coisa do dinheiro! O Canhão pagou-te? O Gaspar mandou o vencimento? O abono actualizado também foi pago? O Casais foi de facto de uma amizade a toda a prova. Deu-me 4.000 cruzeiros que ainda não gastei praticamente, e aqui pagam-me, ao que parece, como nos outros sítios. É possível que eu consiga até repor no nosso orçamento o que trouxe (eu só gastei os 2.500 cruzeiros e troquei 300.00 do dinheiro português que trazia). Comigo não te preocupes, sob esse aspecto. Assim tu te aguentes sem inquietação de maior até eu chegar.

A minha conferência aqui é a 27; parto hoje para S. Paulo, daí virei ao Rio; sigo para a Bahia e Recife, depois provavelmente Ceará (a capital é Fortaleza), Recife, Lisboa. As tuas cartas ser-me-ão dirigidas pelo António Pedro. A Maria de Lourdes, o casal Barradas de Carvalho, o Luís Albuquerque, de Coimbra, que andam atrelados a mim, têm sido excelentes camaradas.

Sai da Bahia com saudades da forma como fui tratado por toda a gente (o que não deve iludir-nos, já que uma coisa é visita e outra permanência), e fiz bons amigos de lá e de outros pontos. Em especial sinto saudades do Casais e da Raquel. É verdade. Eu tenho de reconhecer que (segredo, meu Amor) eles se amam de facto e são felizes, só com o espectro do João Paulo

atravessado. E foram comigo, após os «passes» preliminares, de uma dedicação e carinho que não eram interesseiros, mas reflexo da autêntica amizade do Adolfo. Nem uma só vez este falou da Alice. Só uma vez a Raquel afluorou a questão do divórcio mas como ele não deu saída não falou mais. Creio que já te contei. Claro que há interesse da parte deles em serem amigáveis comigo, mas há maneiras de o ser. E o Adolfo falou sempre de ti com a melhor estima e admiração reais, das quais a Raquel já estava por ele informada.

Enfim, agora ao pegar numa das tuas cartas, vi aquela da virgindade da noiva... Diabo... Lá vai com efeito o teu pai, na idade em que está, precisar de um cobridor prévio, para resolver esse problema... Ele há cada uma!

A Maria de Lourdes e o Barradas estão à minha espera pacientemente para darmos uma volta pelo Rio. Telefonarei hoje ao Bandeira, ao Ciro, ao Drummond⁷⁷, e ao José Paulo. Logo escreverei mais.

— * —

Demos a volta, almoçamos rapidamente, telefonei ao Bandeira, fui vê-lo, recebi dele a tua carta, o Ant. [Antônio] Pedro levou-me ao Pão de Açúcar (no telegráfico), não há palavras que descrevam o Rio, meu Amor, tudo é literatura barata ante esta grandiosidade espantosa de natureza e do que o homem pôs nela. Fomos jantar, convidados pelo Ant. [Antônio] Pedro, a um restaurante português, em Copacabana, de onde, mais exausto sempre regresssei ao hotel. Ontem, domingo, era impensável deitar esta carta, o que farei agora pela manhã (acabo de me levantar e tomar o pequeno almoço). O Bandeira foi muito simpático, vou estar com ele às 4 e meia. Os dias passam-se vertiginosamente, num corrúpio de pessoas e coisas, num «atrelamento» a que não se pode fugir. Ainda não sei se irei a Brasília e a Minas; partirei por certo para S. Paulo, no dia 28, logo depois da conferência. Irei mandando pelo correio papelada e livros. No dia 1 regressarei aqui (irei a Brasília ou não nessa altura) começarei, via Bahia Recife, o regresso. Do Recife, irei ou não ao Ceará, e embarcarei de volta. Conto que lá para o dia 8.10 o mais tardar estou de volta.

A carta que o Manuel mandou tua era anterior à que recebi. Vivemos, meu Amor, numa balbúrdia de correspondência trocada em que nem a cronologia nos dá a ilusão de sequência. E eu roído de saudades de ti, ansiando por falar contigo e ter-te, e tanto precisando da tua pessoa e da tua presença. Contigo a meu lado estaria pronto para tudo. Escrevi-te um poema:

Nas terras de além do mar
 está meu Amor assentado.
 Seus olhos fitam a noite,
 Seu seio sobressaltado
 respira em brandos soluços
 nas cartas que está escrevendo
 o meu silêncio de ausente,

de distante e de presente
no corpo que se torcendo
está de saudades de mim.

Oh meu amor, minha amada
Meus ouvidos, minha fala.

Beijos, beijos aos pequenos. Beijos e abraços e saudades do teu do coração

Jorge

Lx., 23/8/59

Meu amor, meu muito querido Jorge

Há dois dias que te não escrevo por não perceber nada das notícias desconstradas que tenho recebido. A Emissora está farta de anunciar uma série de palestras, entre as quais a tua, no dia 27... na Bahia. Em vista disto, e porque de ti nada recebera que me pudesse orientar, fiquei aguardando carta tua. Ontem recebi a do Urbano e hoje recebi duas, uma de 17 outra de 19. Que alegria meu amor! Ontem à noite a Helena Cidade telefonou-me para me ler uma passagem de carta da mãe com adjectivos para ti. Foi simpática (aquela rapariga consegue ter facetas agradáveis, isso não há dúvida). A mãe está muito encantada contigo e com a tua actuação.

Também o Ernesto Oliveira me telefonou no domingo dizendo que tu «pensavas permanentemente em mim». É curioso como toda a gente nos rodeia daquela simpatia benevolente que se costuma ter com os namorados jovezinhas, e como é ponto assente que o que para nós conta antes de mais é o nosso amor que a todos encanta. Ainda bem, meu amor, que assim sempre vou sabendo de ti e vou sentindo o teu calor, o teu afecto, a tua vida, mais palpavelmente, se é lícito dizê-lo.

Não, não escrevi nada ao Casais que, perante as últimas notícias, ou nenhuma que então tinha, não sabia por que tom afinar.

Já o Casais nos avisara de quem era o Thiers, queira Deus que se «porte» bem daqui em diante.

No domingo apareceu-me aqui o Terra com o irmão e uma francezinha. Fui com eles a Algés tomar um refresco. Depois apareceu o Ferdinando que afinal, e finalmente, casou ontem ainda por influência do Osório, que foi quem te substituiu, pois que a papelada tinha vindo sem o selo branco...

Ela já estava numa fúria, tanto mais que desde sábado estava queimando os oito dias de licença que lhe tinham concedido. Dei-lhe 200\$00 em nosso nome e paguei a meias o casório (75\$00 cada um) dado que compete aos padrinhos do noivo fazê-lo.

De manhã fora ao passaporte. Lá pus o dedo mas ainda não ficou pronto desta porque agora ainda falta uma assinatura que só põem 24 horas depois.

Entregaram-me o bilhete de identidade que agora o Ferdinando levava então para per-fazerem as tais 24 horas e me ser entregue, finalmente. Entretanto foram para cá tantos os telefonemas, os recados, as idas e vindas nestes últimos três dias que parecia uma fita de irmãos Marx. Claro que eu quase não pude trabalhar na tradução e só nos intervalos consegui, não sei como, ver primeiras provas de mais um caderno da Literatura. Tinha algumas dúvidas que, como entretanto me tinham mandado o original inglês, lá resolvi, e uma delas, por sinal, com o auxílio do Ernesto que viera com a Eunice buscar o dinheiro. De resto eu tencionara telefonar ao Zé mas assim foi melhor. De resto os homens da tipografia têm sido muito simpáticos (com o tipógrafo a escrever-me bilhetes «ilustre senhora», e a colaborar com a melhor das boas

vontades, coitado), mas foi depois que lhes escrevi um bilhete a metê-los na ordem porque o rapazinho não dava os recados que eu mandava, eles não percebiam o que eu dizia pelo telefone e estavam na grande confusão por não estares cá. O original que lá têm deve chegar.

Vejo que a Belchior tem sido boa companheira tua, como eu já esperava. Também para ela terás sido um bom apoio.

Não escrevi ao pai nem ao Óscar. Ao pai ficou o Martim de escrever, o que ainda não fez, mas se o não fizer falará pois vai para o Porto passar férias na 2.^a feira. Entretanto escrevi-lhe eu a ele uns tópicos para responder ao pai e ao Óscar. E, quanto a este, fiz-lhe ver que a posição do Óscar e a insistência em eu ir lá continuava a ser o mal de não terem lido todos a carta que para todos eu escrevera e que lhe pedia a ele para, uma vez que fora ele, Martim, o intermediário da contra-proposta que nos fora feita, que nós não tínhamos mudado de ideias em relação à venda da casa, eles é que nos tinham proposto outra solução e que, portanto, e uma vez que nós não recebíamos o rendimento (insisti de propósito) que nós poderíamos assinar uma dívida a juros ou uma hipoteca, mas nunca uma venda.

O pai não contava que para lá das nossas animosidades nos manteríamos unidos contra ele, se fosse preciso, em ter jogado com todos na desunião por partes. Contou-me ontem o Martim que também para o Rui escreveu uma carta em que dizia mal de mim mas que o Rui lhe respondeu tesamente (mandou cópia ao Martim que é quem tem o dossier completo das cópias das cartas de todos, das recebidas e das enviadas). O Martim disse-me que se ele se atrever a repetir as insinuações em relação à mãe que lhe parte a cara. Ontem estivemos a fazer as contas e os 80 contos que ele diz que ela juntou, dá precisamente aquilo que ele terá juntado nestes dois anos decorridos que, está-se mesmo a ver, lhe passou para as mãos.

Esqueci-me de perguntar da operação da M. Helena. Nos rins tem uma colibacilose (será?), e já não é pouco.

Quanto à carta que me trouxe o Urbano, foi para mim como um banho lustral, meu querido Jorge. Fico tão envergonhada quando me dizes coisas como estas, meu amor. Só realmente o amor que tenho por ti me pode fazer avolumar tanto aos teus olhos. E, vê lá, eu acho sempre que te dou pouco, não por dar pouco, mas por não saber dar-te mais, embora o desejasse. Só realmente quando me possuis eu creio não ser possível a ninguém, nem humanamente, uma dádiva mais total. É como se simultaneamente estivesse todo em mim estando eu dentro de ti, abarcada pelos teus braços e pelo teu corpo numa envolvência indescritível. Nada na natureza se poderá realizar melhor do que eu realizo a minha condição de mulher. E tudo te devo, meu amor. Quanto gostaria neste momento de pôr as minhas mãos sobre a tua cabeça, nos teus olhos, na tua boca, como tanto gosto de fazer, deitada ao teu lado, às escuras, para ir moldando nas minhas mãos os teus contornos inesquecíveis e sentir aquela felicidade imensa, transbordante, sequiosa de ti e apaziguada por ti, quando «deitada à tua beira, sei que se rasga, inteiro, o véu da Graça».

Só desejo viver o suficiente para poder um dia dizer aos nossos filhos o que acima de tudo devem querer e como se o obtiverem nada mais contará para eles. Meu querido amor, as sau-

dades que tenho de ti são imensas. Sinto-me como que pairante quando estás assim distante de mim e nada me consegue distrair o pensamento de ti nem nenhuma conversa me é possível que não acabe em ti. A M. Lamas tem sido atenciosíssima comigo. Pelo menos dia sim, dia não, cá vem perguntar por ti. Noutra dia dizia ao Cardoso Pires que não conhecia nenhum casal como nós porque se via logo à primeira como nos compreendíamos e nos amávamos. Quando me lembro dos anos que vivi sempre em guarda. Bem eu pressentia que quando nos dêssemos seríamos como uma força não divisível, eu é que ingenuamente não compreendia e instintivamente me assustava da própria violência do que viria a sentir. Às vezes desejo que seja eu a fechar-te os olhos para ter a certeza de que até ao fim viverás em amor, mas não sei se teria coragem de te sobreviver e dou comigo a pensar e a desejar ardentemente que a vida me leve antes de ti, tanto mais que não desejaria que os nossos filhos se magoassem ao sentir que não eram eles a minha razão de viver mas tu, só tu, meu amor, ainda que tanto e tanto lhes queira também. Até já meu amor?

Beijo-te com infinitas saudades, beijo-te.

Mécia

[Esta carta vai acompanhada das seguintes duas cartinhas, uma do filho Pedro e outra do amigo Pitó]

23/8/59

Papá estás bom? Todos nós cá em Lisboa, estamos todos bons. Papá quando vier do Brasil vai ser uma alegria, papá, não sabia que eu vou para França com o Terra e depois o papá vai esperar ao aeroporto.

E eu já sei [andar] de bicicleta e a Isabelinha também.

A bicicleta já está arranjada e já hoje estamos a andar de bicicleta.

Pedro

Ex.mo Sr.

Jorge de Sena

Como vai essa vida lá no Brasil?

Em minha casa está tudo bem.

Senhor engenheiro – Se for ao Ouro Preto e ao Siará desejo-lhe boa viagem.

Não calcula a ansiedade em que está a sua esposa; até o Pêu e o Béu como chama a Mariana e as miúdas pequenas, falam sobre a viagem e estão muito contentes. A Mariana diz que vão de «baco». Adeus, bom negócio e espero a resposta.

Minha mãe manda-lhe muitos abraços.

Do seu muito amigo

Pitó

Rio, 25/8/59

Minha querida Mécia, meu querido e imenso Amor

É uma e um quarto da noite, sento-me enfim na borda da cama para escrever-te, tendo diante de mim as tuas cartas de 17 e 19, que recebi ontem e hoje das mãos do António Pedro e a carta do nosso Pedro, que encantou toda a gente.

Há, meu Amor, no mundo uma Pasárgada qualquer, onde, no meio de um mixto de bagunça e generosidade, podemos, com fome, ser felizes, querida, e é aqui.

Dirás ao Luís de Sousa Rebelo, que traduzo o Hamlet, com o direito reservado de republicar em separado no Brasil a tradução.

Do falhanço do casamento do Terra me falou na Bahia o Coimbra Martins (aquele leitor de Paris que é um criança petulante e insuportável, de quem o Terra é amigo, e que vinha, não sei a que ponto contra vontade, na inenarrável delegação oficial). Dá-lhe o maior abraço meu, a esse Terra de uma figa.

O menino Alberto virá em Novembro espanear-se aqui um ou dois meses, disse-me o Bandeira. Arranjou passagem num barco inglês. Não sei se ele pensa estabelecer-se aqui no Rio, pendurado no Manuel. É bem possível.

Dá um grande abraço meu, de parabéns, e sinceros e fundos desejos de felicidade, ao Ferdinando. Querirá ele vir para aqui? Talvez se possa arranjar.

Eu vou para S. Paulo na 6.^a feira, depois da conferência que faço depois de amanhã e não tive nem tempo de escrever. Voltarei aqui na 3.^a ou 4.^a feira da próxima semana: devo ir a Brasília com o Presidente Juscelino. Amanhã serei recebido no Catete pelo pessoal da Casa Civil (Cyro dos Anjos, Alphonsus de Guimarães Filho, etc.), pela manhã. Terei às 13 horas o almoço oferecido pelo Itamaraty e jantarei em casa da Cleonice. Mas o dia está quase horariamente comprometido num corrupção infernal.

Pelo Urbano e pelo Ernesto, ambos se comportando como dedicados amigos, terás tido notícias minhas. O Joaquim Paço d'Arcos quebrou o polimento e foi malcriadíssimo, porque eu, relator, não propuz a tese dele para publicação! Estou-lhe fazendo a cama. De resto, toda a gente o detesta, de incómodo que se está tornando.

O Saraiva não veio, porque a dactilógrafa saltou o nome dele, imagina!... Mas o processo terá vindo daí, ou representado cá pelo Medeiros de Gouveia, um abutre com quem almocei hoje, num almoço do António Pedro e do Thiers Moreira... Este, a troco de uma lição que não chegarei talvez a dar na Faculdade de Filosofia, parece que me arranja 20 contos.

Umhas teses serão publicadas na íntegra (as que os relatores propuseram), outras em resumo. Mas ninguém tenciona esperar. As do 2.^o Colóquio ainda não o foram, calcula, e este foi o 4.^o.

Há possibilidades de publicação que estou furando de antologia minha, e de trabalhos para os Cadernos do Ministério da Educação. O Paula Machado e a Yolanda, com quem hoje passei uma agradável manhã inteira de negócios, resolverão o problema do O'Neil com a

Portugália (o contrato deles é para a língua portuguesa, pelo que, discreta mas insistentemente pedirás ao Lyon de Castro, a devolução do meu original, sem te dares por entendida, as negociações continuam) e tencionam remunerar a minha assistência à Coleção Clássicos. O Paula Machado não ficou zangado com o atraso.

O caso do Serrão foi pura e estúpida trapalhada que ele podia ter esclarecido na Panair. Telefona-lhe e diz-lhe, etc. bem como que na volta de S. Paulo verei o pai dele e lhe darei notícias.

Não houve Natálias, Natércias e Mécias no Colóquio. De resto só por esta última eu esperava, com aposentos reservados no Grande Hotel da Bahia.

Falei hoje ao telefone com o José Paulo que vai amanhã à noite buscar-me a casa da Cleonice. Isto te dá bem ideia do inferno que tem sido esta estadia no Rio, depois do inferno de trabalho na Bahia.

Vê só o que tem sido: ontem, Manuel Bandeira (magnífico e amigo), depois João Conde (o Álvaro Lins partiu do Recife para aqui, antes de eu chegar, e o mesmo sucedeu com ele daqui para a Europa) disse-me ele, (e é pena), fui jantar com amigos, e à noite, preparar notas para a conferência.

Hoje: manhã na Agir, almoço com o A. Pedro, visita ao Drummond (que me recebeu falador e afável e amigo – todos têm sido admiráveis de solicitude, ainda hoje o Bandeira me ofereceu partilhar o apartamento, se eu tiver dificuldades financeiras), a Livraria Leal (publicações do Ministério da Educação...), fui junto com o Bandeira que me levou à Faculdade de Filosofia, daí fomos para casa da Lourdes jantar (aquela amiga de Londres, lembras-te?), e apareceu o Vinícius de Moraes, que agora me deixou no hotel.

Em S. Paulo conversarei decisivamente com o Lemos. Estou num estado de cansaço total, que só me mantenho de pé à custa de Alka Seltz, Equani e Atarax, com tonturas permanentes. Hoje, felizmente, começo a melhorar e a arrebatar. Não te preocupes com isso. Tem sempre presente no teu espírito e no teu corpo que nada tem sentido para mim senão em ti.

Acho de suma conveniência que investigues duas coisas: uma, a possibilidade de o Setas pagar as nossas dívidas; outra, que é necessário adicionar ao teu passaporte a relação dos pequenos. Urgentemente, não é verdade? Que saudades tenho de ti, meu Amor, a falta que me fazes! Nem sentido tem dizer isto, pois que bem sabes como eu não sou senão contigo e em ti, meu Amor.

Beijos, beijos, beijos e saudades do teu do coração

Jorge

Lx., 27/8/59

Meu amor, Jorge

Recebi agora a tua primeira carta do Rio. É datada de 22 e acabada a 24. O Ciro está no Rio? Dá, a ele e à mulher, lembranças minhas. Bem como ao José Paulo.

Pensava que não tornaria a escrever-te e que aí pelo dia 1 ou 2 estarias cá. Afinal pelo menos até 8 não posso contar contigo. Estou receosa da tua demora por causa da Junta, não haverá depois complicação?

O Terra voltou cá ontem. Continua obsessivamente falando da Nicole e só por raros intervalos se consegue que fale noutra coisa. A D. Maria também cá veio mais uma vez saber novas. Tudo está ansioso que volte.

Irás a Brasília e a Ouro Preto?

Hoje é a tua palestra no Rio. Espero que seja um êxito. É a primeira vez que não estou a teu lado em circunstância idêntica, mas é como se estivesse, estarei sempre pensando em ti.

Calculo que, ao voltares à Bahia, ainda lá encontres cartas ou carta minha, mas, se amanhã não vier programa teu com datas posteriores ao dia 1, que é o que dás para regresso ao Rio, de S. Paulo, não voltarei a escrever-te.

Por cá tudo na mesma.

Afinal foste encontrar bons camaradas nos Barradas de Carvalho. Desta feita ficas conhecendo meio mundo. O Hélio também anda nessas andanças?

Há pouco telefonou o Jacinto Ramos⁷⁸. Queria convidar-nos para irmos ver o Catão do Garrett na «Guilherme Consul», com que concorreu ao prémio de arte dramática, para amadores. Era nos dias 31,1 e 2. Expliquei que não seria possível por ti e embora ele insistisse para eu ir, dado que ele pensa que passará na eliminatória e portanto repetirão depois o espectáculo na Trindade em fins de Setembro, ficou assente que iríamos nessa altura.

Ainda bem que o Casais foi assim amigo. A Raquel terá feito tudo para te cativar sabendo que somos amigos da Alice.

Quem foram os «coloquistas» que foram ao Rio? Mas a Lourdes não ia para S. Paulo?

Ao menos agora ficas farto de andar de avião de um lado para outro. É verdade, já me esquecia. Ontem telefonou-me o Rui Belo (da Aster) – queria os poemas do Malarmé e algo sobre ele. Procurei e encontrei um estudo no Quenell e umas referências noutros. Ele veio cá, depois à tarde, levou, deixando uma lista escrita por ele e assinada, e ficou de trazer muito em breve. Foi muito simpático, conversamos bastante depois até com o Terra que entretanto chegara. Pasmou da biblioteca, é claro.

A tradução ainda vai na pg. 266, para 820...

Telefonei ao Canhão a agradecer-lhe o vale e o livro e a dizer-lhe que tudo corre bem em matéria de provas. Agora é pelo próximo fascículo que ele começa a ficar aflito. E eu consumida com a estafa que estás a ter aí. Como vais depois aguentar o trabalho? E como desencilhares-te dele?

Estou preocupadíssima.

Como te tens dado com as comidas?

Dá um grande abraço meu ao Lemos e lembranças ao Amora e mulher.

Meu amor, deixei para o fim agradecer-te o poema que me mandaste. Achei-o belíssimo, querido, mas como de costume quando a tua poesia me abrange, sinto-me enleada e não sei como agradecer-te senão beijando-te.

Os pequenos mandam-te muitos beijinhos e muitas saudades. Não esperava nada que te demorasses além do dia 1. Esta tua carta deixou-me num desconsolo tremendo apesar do gosto que me dá saber-te contente nessas andanças. E já faz 4 semanas que foste, meu amor! Enfim, que voltes bem, é quanto desejo. Eu espero-te sempre, ansiosa, sempre tua, sempre.

Beijos muitos da tua

Mécia

Rio, 27/8/59

Minha muito querida Mécia, meu imenso Amor

Ontem e hoje, foram uns dias incríveis de trabalho e andanças, que já contarei. Fiz a minha conferência, no Gabinete Português de Leitura, hoje às 6 da tarde, falada, com umas escassas notas, li poemas (nada preparara). Saí-me muito bem, estava bastante gente, e o Bandeira, o Drummond e o Conde foram lá. Até me pareceu mentira como fui capaz, cansado e disperso e preocupado como ando, roído de saudades tuas e sem a tua presença diante dos olhos mas só no coração. Em tudo por tudo, nesta distância, tenho procurado resolver seja o que for como creio que seria se a tua opinião querida me guiasse.

Na conferência me apareceu o Joaquim Ferrer, que casou riquíssimo com uma roceira daqui. Com ele almoço amanhã, antes de partir para S. Paulo no avião das 3 horas.

– Tens sabido da Sophia e do Tareco?⁷⁹ Ainda não tive tempo de escrever um postal, mas os postais irão para toda a gente e chegarão ainda primeiro do que eu...

Ontem passei a manhã de automóvel no Corcovado e na Tijuca. De cansado e confuso, já nem me lembro com quem almocei. Oh Deus meu: foi salvo erro, o almoço do Itamarati, no incrivelmente pomposo e «1900» Copacabana Palace do «Voando para o Rio de Janeiro», lembra-te? Foi agradável e de boa companhia. Depois, fui para a Faculdade de Filosofia, onde tinha de me avistar com o Director (para receber as «massas» que eles teimam, e é bem bom, em pagar-me, para auxílio carioca, por duas vagas lições que lá farei: uma sobre Pessoa, outra sobre Camões) – recebi adiantados 15 contos, para aulas no dia 3 e no dia 8. O Gabinete Português de Leitura pagou-me 5 contos pela palestra e a estada no Hotel até hoje. No regresso de S. Paulo, instalar-me-ei no apartamento do Casais, no Leme, que está emprestado a um amigo dele que o partilhará comigo, para poupar este dinheiro. De S. Paulo virei, se Deus quiser, na 3.ª feira próxima. Lá me consultarei seriamente com o Lemos.

Mas reatando: após 3 horas no Gabinete do Director da Faculdade, onde brasilicamente toda a gente entra livremente e fala ao mesmo tempo, recebi; fui jantar, mais a Lourdes, a casa da Cleonice, e o José Paulo foi-nos buscar depois para irmos a casa dele. Esta manhã fui ao Catete, onde passei a manhã das 10 às 12,30 em palestra com o Cyro, que é sub-chefe da Casa Civil do Presidente, e conheci o Alphonsus de Guimarães⁸⁰.

Almocei só, porque não fui convidado para o almoço da nossa embaixada, parece que por não ter apresentado à chegada os cumprimentos que outros não apresentaram. Avistei-me com o ocupante do apartamento do Casais, jantei com o Fafe e deambulei um pouco com ele por Copacabana para espairecer e assentar ideias. Copacabana é a 20 km deste imenso centro da cidade, em que vivo. Calcula. Mas os transportes são rapidíssimos (até demais, vai-se com o credo na boca) e barato. A vida aqui, embora subindo, ao que se queixam (mas os ordenados sobem também), é mais barata que aí. Garantem-me que viveríamos com 40 contos bem, mas há possibilidades de ganhar uns 50, com o mesmo trabalho que aí temos.

Recebi hoje, de uma vez, três cartas tuas: a de 20, a de 20/21, e a de 22. Vou telegrafar-te para que continues a escrever para o Rio, compreendes?

Isso do Colóquio é inteiramente falso. As estrelas do Colóquio foram: eu e o Da Cal, com a secção de Literatura à pinha de público. O Reynaldo, ninguém lhe ligou; ao Azeredo, mamaram na teta; o outro foi «esculhambado», como cá se diz, em pessoa e nos jornais, e nem ao Rio teve «tempo» de vir.

Parece que irei a Brasília; parece que irei a Ouro Preto, aqui tudo parece, por uma forma que afinal acaba sendo. O que eu sofri quanto ao bilhete para o Rio, de expectativas! E não só o bilhete apareceu, como apareceram 15 contos com que eu não contava.

Creio ter-te dito – estou respondendo às cartas – que o Coimbra Martins nada augurava do casamento do Terra. O Ferdinando terá casado? Casaste-o mesmo, minha querida?

Sem querer ser doutor, eu já concluíra isso mesmo dos Castilhos. O Gaspar Simões mais a sua bela, anda aqui no Rio; ligado à Aguilar e à espera das vagas lições que fará, depois de mim. Ninguém lhe liga nenhuma (deve andar roído) nem tem por ele a mínima consideração.

Falaste com o Urbano? Não terá adiantado muito; e mal sabe ele que não propus a tese dele para publicação. Sabes que o Paço D'Arcos explodiu comigo por isso mesmo, declarando que se soubesse que eu fazia aquilo, teria metido «cunhas» ao Reitor? (Só de partir-se-lhe a cara).

O Bandeira entregou-me – eu disse? – a carta que por ele me escreveste.

Imagina, meu Amor, que, por um dos companheiros no passeio querer comprar um colar de pérolas cultivadas (contrabando do Japão, que é muito barato aqui), ontem no fim do passeio ao Corcovado, fomos parar, pela mão do António Pedro, a casa de um estranho filho de sírio, que tem na secretária (a casa é de um luxo extravagante que faz lembrar romances policiais do Chandler) os retratos, autografados, do Salazar, do Pai Tomás e do Costa! Comovido com aquela visita dos gloriosos professores portugueses (oh santa simplicitas dos patifes!) brindou cada um com um alfinete de gravata com uma pérola negra que valerá um conto de réis daí! Muito cara nos sairá esta bolinha útil para as aflições, quando o homem despertar!

Meu amor, não brinco. Quero que sintas e saibas e penses a todo o instante que estou contigo e só penso em ti e nos filhos e na nossa segurança. A todo o momento me acompanhas e proteges, a todo o instante te sinto e quero sentir a meu lado. Logo que, aguardando as viagens próximas, eu assentar, lançar-me-ei aos poemas ingleses e ao Faulkner.

Que tristeza infinita me enche, que saudade imensa, que amargura, que doce e áspera esperança, meu Amor. Mais do que nunca precisamos, abraçados, saltar – e creio que vale a pena, e é a única coisa possível de valer, entendes?

O correio demora muito... Mas mais que nunca te amo e te quero e és a razão de ser da minha vida. Tem serenidade, espera, que regressaremos um ao outro.

Dá lembranças a toda a gente, e explica o meu silêncio. Dá muitos, muitos beijos aos pequenos. E vibra no meu coração até que, com muitos beijos, eu te aperte nos meus braços.

Teu

Jorge

Lx., 28/8/59

Meu muito querido Jorge

Esperei com ansiedade que o correio me dissesse hoje coisas mais concretas sobre as tuas andanças, a partir do Rio.

Hoje terás ido, ou irás, para S. Paulo, para onde te não escrevi pois só ontem me deste a certeza de ires.

Dia em que não recebo carta tua é um dia que me não rende, em que fico aérea, como se me perdesse repentinamente. Depois, isto de não saber nunca ao certo onde estás nem para onde vais aumenta a minha própria instabilidade. Não terás aborrecimentos com o Sousa Pinto? Queria pedir para lá o teu ordenado e custa-me ao mesmo tempo fazê-lo. No entanto não posso estar sem o receber até vires, pois o que tenho é já quase nada e praticamente nada paguei, como sabes.

O Zé⁸¹ deve ir hoje para o Canadá e fico sem essa possibilidade. E por sinal me faz agora particular falta. Da tipografia telefonaram ontem: faltam 4 páginas (tal qual o que eu calculara). Estão consumidos e eu, com o Zé fora, só vejo os Vidigais com competência, mas que também não estão. Como hei-de descalçar esta bota? Eu posso mandar compor mesmo assim para corrigir nas primeiras provas, mas pouco adianta, uma vez que não estarás de volta nestes 4 dias próximos, como eu calculava. Estou de facto preocupada. Não poderias demorar-te menos em cada sítio? Vê lá, Jorge. E além disso não posso que estejas tanto tempo e tão longe, meu amor. É-me insuportável viver sem ti e a vida é tão breve que temos de agarrar todo o tempo que ela nos conceda. É certo que também isto se aplica à oportunidade que estás tendo, talvez única. Não sei, Jorge mas vem o mais depressa que te for possível. Como hás-de dar ao Flávio as informações que ele te pediu se vens assim tão rés-vés à ida dele? Se lhe escrevesses, ao menos?

Ontem o Alçada⁸² telefonou a saber notícias tuas. E agora mesmo o França telefonou também. Ele vai para Paris a 7 e para o Rio a 15. A cunhada também teve uma menina de modo que agora o Sr. Leonel tem quatro netas e continua a não ter netos.

Afinal quem vem para cá de embaixador é o Negrão de Lima. Que virá ele fazer? O Álvaro Lins está ainda aí?

Os jornais por cá não deram especial relevo ao Colóquio salvo no respeitante à delegação oficial que só faltou dizer a que horas S. Ex. ia ao W.C. Também esses brasileiros podiam ter sido um bocado menos pródigos em «honoris causas». Quase já não dá honra nenhuma merecer tal honra depois desta distribuição quase ao domicílio. Mais do que a política da boa vizinhança exigiria não creio que fosse preciso e não há duvida que se excederam. E afinal o Perdígão dera-lhes mesmo o coice. Tinha de se vingar da classe turística. Diz ele que o Brasil é muito grande para poder estender a Acção da Gulbenkian até lá. Então ele não sabia quanto media o Brasil antes de ir? O limite do ridículo neste país é inatingível ou é atingido a todo o instante.

Meu amor, não creio que o Brasil nos sirva. Está demasiado perto e tem demasiados contactos com esta piolheira. Há-de ter sempre a marca indelével deste povo irremediável que primeiro lhe pisou, descalço, o solo.

Tem estado um calor insuportável desde que foste. Só hoje refrescou um pouco. Só me lembro de um estio tão quente e tão prolongado nos nossos 2 primeiros anos de casados. Houve esta semana uns dois ou três dias de tal atmosfera que estava convencida que teríamos abalo de terra ou tempestade violenta. Afinal parece que se resolveu ontem uma trovoadazita de meia hora que, no entanto, aliviou um pouco a atmosfera.

Meu querido Jorge, meu amor, estou cheia de saudades tuas. Desespera-me pensar que ainda estarei sem ti mais dez dias. Muitos beijos, meu amor, muitos da tua.

Mécia

S. Paulo, 28/8/59

Minha muito querida Mécia, meu Amor

Escrevo-te do meu quarto do Jaraguá, o melhor hotel de S. Paulo, no 2.º andar, tendo diante da janela enorme um mar de cidade e arranha-céus.

Levantei-me há pouco. Ontem fiz, de improviso repetido (repetindo o do Rio ante-ontem), a minha conferência. Até parece que sou um profissional dinâmico e aéreo destas coisas, pois que ontem, ao descer do avião, o Amora que me esperava (eram 4 e meia) me anunciou que a conferência era às oito e meia. Ultrapassei já todos os limites da exaustão, mas, curiosamente sinto-me com uma imensa energia que espero Deus me conserve por amor de ti. No Rio, ontem pela manhã (são 50 minutos de avião, mas foi um pouco difícil aterrar e demorou mais um quarto de hora), fui à Embaixada deixar um cartão ao Embaixador que não me convidara para o almoço. «Totalmente ignorante das práticas diplomáticas, não apresentei a V. Ex.cia quaisquer cumprimentos, à minha chegada ao Rio, onde, como sempre tenho feito, procuro honrar o nome de Portugal. Antes de partir para S. Paulo, peço a V. Ex.cia que aceite os meus cumprimentos respeitosos». E, assim, não só me livre de um almoço, como quem fica com as orelhas a arder, é ele. Depois, almocei com o Ferrer e o António Pedro, passei no Hotel a pegar a mala, e marchei no avião para aqui. À chegada, o Amora deixou-me no hotel, onde enfim consoladamente tomei o meu banho de repousante imersão (por toda a parte há só chuveiro, e uma banheira é um luxo), e fui ao jornal Estado de S. Paulo, onde o eminente director e magnate Júlio de Mesquita me recebeu logo e conversou meia hora comigo ante o pasmo da colec-tividade, pois que ele só gasta 5 minutos por cabeça seja de quem for. Meteu delicadamente na algibeira, sem a abrir, a carta que o Casais me dera para ele. O Lemos que alertara meio mundo apareceu logo na redacção, estive com ele à noite longamente, mas não só para falar à vontade, e hoje almoço em casa dele. Calcula que, depois do dia que foi, a palestra durou até às 3, e hoje às 9 já eu estava a pé.

Logo estarei com o Carvalho da Silva, e à noite vou a casa da Lygia Fagundes Teles⁸³ (a quem o Cyro telegrafara e que afinal encontrara no Jornal). Irei para o Rio na 3.ª à noite ou 4.ª de manhã. Espero, meu Amor, que entretanto tenhas continuado, por receberes as minhas cartas que te vão elucidando, a escrever para o Rio, ao cuidado do António Pedro. Tanto quanto o Rio é uma beleza, humanamente porca e delirante, S. Paulo é uma metrópole imensa. Não estejas preocupada, aguarda com serenidade, que o dinheiro não vai faltar (queira Deus), e em breve te terei nos meus braços e aos nossos filhos. Tu sabes como sem ti não sei viver, até parece, querida, que isto se tornou lendário, pois é uma coisa que toda a gente sabe! É como se tivéssemos lançado à nossa volta uma luz que toda a gente detecta numa espécie de pasmo e de respeito... (acaba de telefonar-me da portaria o Carvalho da Silva que me interrompe a carta. Não sei quando a retomarei, mas certamente em casa do Lemos).

De facto, assim foi. Apareceu depois o Fernando de lambreta, e trouxe-me para sua casa, onde conheci a Cláudia, que é imensamente simpática, e almocei. Conversamos muito e lon-

gamente acerca da nossa vida, e filhos. Continua escrevendo para o António Pedro, e espera um pouco, com alguma paciência. Meu imenso amor e minha vida, tu sabes que és. E a que ponto me guio, a todo o instante pelo que tu pensas e desejas. Mas as possibilidades e o aqui são outros, e quero que os nossos filhos saibam e vejam que quisemos e tentamos dar-lhes um outro mundo.

Beijo-te toda, meu Amor, e receberás notícias minhas com todo o amor que me enche e é a minha única razão de ser. Não descansarei enquanto não te tiver nos meus braços, não dormir contigo, sentindo-te a meu lado como segurança máxima da minha vida até à morte. Estou certo de que os nossos filhos tudo compreenderão. Mas, se o mundo é mau, estúpido e mesquinho, basta-nos o nosso amor, que pode e deve resistir a tudo, pois que a tudo, minha querida, tem resistido.

Beijo-te, beijo-te, beijo-te, com imensa ternura e saudade. Teu do coração

Jorge

P. S. – O Fernando manda-te muitas lembranças. Diz que não descansa, enquanto te não vir. Mais um grande beijo do

Jorge

Lx., 29/8/59

Meu muito querido Jorge

Telefonei há pouco para os Livros do Brasil a pedir à D. Alzira que me pagasse o teu ordenado. Por ela soube que o Sousa Pinto já está de regresso desde ante-ontem, dia 27, não estando ainda lá naquele momento. Pedi-lhe que me mandasse em vale, mas depois disse-lhe que falasse primeiro com o Sousa Pinto. Não irá haver aborrecimento com ele por causa da tua demora aí? Escreveste-lhe? Estou muito preocupada, Jorge. A D. Leonor teve um menino.

Ontem telefonou o Ruben, a saber de ti e a pedir-me o telefone do Pereira Bastos (chegou ontem à noite, com a Maria mas ainda o não vi). À noite apareceu o Palet com a Gininha. Vinha saber se já regressaras. Esteve aqui um bocadito à palestra. Já é major.

À tarde veio o correio que me trouxe o «Oriente-Expresso» todo. Só pelo cotejo verifiquei que há bastantes gralhas novas pelo que, possivelmente, terei de pedir terceiras. Li o prefácio e vou entrar agora no texto. Continuam a faltar as folhas da dedicatória e da epígrafe. Também aqui e ali fiz pequeninas emendas enquanto ia cotejando, mas coisas sem importância. Não foi neste momento nada oportuno, não só porque tenho de parar a tradução como porque é muito deprimente. Ainda se fosse um livro de desespero, mas é de conformidade, que é o pior de tudo.

Também telefonaram da tipografia. Lá conseguiram alargar a letra um pouco e, como entretanto se meteu o fim do capítulo e as folhas em branco respectivas, parece que remedeiam sem mais texto, o que é para mim enorme alívio.

O Álvaro Lins ainda está no Rio, só deve regressar a meados do mês. Hoje não tive carta tua, estou numa tristeza profunda. Eu acredito que não tenhas tempo de me escrever todos os dias, mas isso não menos deixa de revoltar que nada receba mesmo. Estou desejosa que voltes, meu amor. Não consigo conformar-me com o prolongamento da tua estadia. Eu que te esperava o mais tardar a 31 ou 1.

Não sei que te diga meu querido Jorge, se não que tenho infinitas saudades tuas e que não sei como hei-de poder esperar ainda mais 10 ou 12 dias.

Os pequenos estão bonzinhos. Ainda hoje foram todos para a praia com a D. Violante. Vinham todos contentes, excepto a Isabel Maria que tem sempre conflitos com os irmãos, com a D. Violante, enfim com ela mesma se Deus quisesse.

O Vasquinho esteve outra vez avariado dos intestinos mas agora está já bonzito e parece-me que não chegou a abater. Está muito engraçado. Já brinca muito bem com as mãozinhas e já agarra até os pés, o que lhe dá uma precocidade de cerca de dois meses. Também se entretém imenso com o boneco da cabeceira da cama.

O Boxer passou por cá no regresso. Cita-te entre as pessoas que abrilhantaram o Colóquio. Não sei mesmo o que terá dito. A notícia que é comum exactamente aos D. [Diários] da Manhã e do Notícias, põe elogios à delegação oficial e também abrilhantaram o Paço d` Arcos e tu...

*Até breve, meu amor. Esta vai para o Rio sem esperança alguma que te chegue às mãos.
Escreve-me, meu querido, estou preocupada, inquieta, ansiosa por ti.
Muitos beijos, muitos, meu amor, da tua*

Mécia

Lx., 30/8/59

Meu amor

Esta carta tua de 25 deixou-me verdadeiramente perplexa e estonteada. Antes de mais preocupa-me o estado de cansaço em que dizes estar. Isso não pode ser Jorge. Como vais enfrentar depois cá um ano inteiro ou começar vida aí, se as coisas para isso se proporcionam? Estou aflitíssima, meu querido Jorge. Que tal é o Juscelino?

Hoje vem no jornal que houve barulhos em Niterói. Fico preocupada mais ainda. A vida aí subiu nova alta, até onde chegará enquanto durar o sangradouro de Brasília?

Como vai o Thiers arranjar-te esse dinheiro, se não deres a tal lição na Faculdade de Filosofia – Isso em moeda portuguesa são 3 contos e tal? Amanhã telefonarei para o Lyon de Castro. Também telefonarei ao Serrão e ao Rebelo.

Mas, meu Deus, ficas a conhecer toda a gente que vale a pena aí!

Que quererás tu dizer «conversarei decisivamente com o Lemos»? Como me falas em adicionar os pequenos ao meu passaporte? Isto quer dizer que tens possibilidades em que ainda me não falaste? Mas eu fiquei apavorada, Jorge. Não é possível eu mudar-me para aí de um dia para o outro. Que garantias daria eu ao Setas? Que pequeno ou pequenos ficariam cá com a tua mãe e com quem a tratar deles? Porque eu não vou largar assim a casa onde enterrámos já tanto dinheiro e quando nada temos para legar aos nossos filhos e amanhã podemos não viver já.

Penso que haveria uma possibilidade de se arranjar uma demora aí tua: conseguíres ser convidado para o Congresso da Estrada (o Canto Moniz⁸⁴ já aí está – partiu ontem, disse-me hoje o Sousa Marques que foi ele quem pediu para solicitarem a ida dele mais cedo como elemento indispensável para a organização do dito congresso) se te pagassem a passagem utilizá-la-ia eu, se não pagassem dar-te-ia ensejo a uma demora até fins de Setembro, o que seria já um prazo mais largo para resoluções tão graves como a que estarás tomando.

Como poderíamos nós de repente plantarmo-nos aí com uma familória como a nossa e sem ninguém que nos ajudasse? Como poderíamos mandar dinheiro para cá? Quem pagaria a minha deslocação e a dos pequenos que me acompanhassem? Como haveria eu de fazer viagem sozinha com 5 ou 6 crianças sendo três praticamente de colo? Tudo é preciso pensar, meu amor, e esta tua carta deixou-me desvairada de problemas e de desencontrados desejos. Como me aguentaria aqui, pouco tempo que fosse, sem um chavo de lado nenhum?

De tarde estive aqui o Sousa Marques que possivelmente, a pedido do Lara, vai tomar conta de uma fazenda ao Sul do Lobito. Ao fim da tarde veio a irmã do Vasco Miranda que se foi embora pela meia-noite. O irmão sempre que lhe escreve ou fala pelo telefone por quem pergunta primeiro é pelo Vasquinho que teve um desgosto profundo de não ver quando aqui esteve. A D. Violante que fora passear com os pequenos entrou a dada altura aos berros pela casa dentro porque a Joanhinha teve um capricho de desobediência, atravessou a rua a correr em frente do cinema, a Mariana correu atrás dela e a criatura com medo de algum automóvel correu por sua vez e estatelou-se no chão donde não conseguiu levantar-se senão ajudada

por um magala e pelo Pedro. Não pode mexer um braço e temo que tenha deslocado um ombro ou feito uma luxação, pelo menos. Amanhã vai lá ao Posto a que tem direito, vamos lá ver.

Consegui ver as provas do último caderno da literatura. Na precipitação da revisão tinham-te escapado imensas coisas que corrigi e nem sequer precisei de auxílio da Maria. Agora estou a ver o «Expresso-Oriente». Como de qualquer modo terei de ver 3^{as} provas porque eles fizeram gralhas novas quase em cada emenda, também tenho feito algumas pequeninas alterações quer na linguagem quer nos termos propriamente. Por exemplo, dizes que ela via ao espelho os apuros da sua toilette, quando se diz retoques nesse caso. Mudei pose para atitude que pose é galicismo. Coisas de pouca monta mas que melhora. Mas de texto propriamente (o prefácio vira ontem) só vi 14 páginas porque meti o fascículo à frente. Ver se amanhã dou uma avançada.

De resto hoje, mesmo que não tivesse tido as sucessivas visitas, eu não poderia fazer nada porque a tua carta me deixou transtornada e num estado de nervos incrível.

Terei amanhã uma carta que me diga alguma coisa mais? Vivo horas de inexcedível ansiedade.

Como terá corrido a tua conferência? Terei carta de S. Paulo?

Meu amor, contigo estarei sempre bem seja onde for, mas não sei se já será tarde para recomeçar a vida. Estou cansada, meu querido Jorge, e esta vida aqui matou em mim a esperança e a confiança que só em ti, de facto, mantenho. Sem ti não vivo mesmo, meu amor.

Beijo-te meu querido Jorge, com infinita saudade e com todo o amor.

Tua

Mécia

31/8/59

Telefonei ao Rebelo. Ficou muito contente com a tua aceitação. Diz que já falou com o Nascimento por causa da remuneração e que ele ficou de estudar o assunto. Também calcula que eles não porão objecção à tua cláusula de publicação aí.

Telefonei ao Lyon de Castro⁸⁵. Não estava mas a senhora que atendeu disse-me que estava ciente do assunto e ficou de mandar o original. De casa do Serrão não atendem. Hoje não veio carta tua, meu amor, continuo preocupadíssima.

Mais beijos, muitos da tua

Mécia

S. Paulo, 30/9/59 [30/8/59]

Minha muito querida Mécia, meu Amor

Hoje tive várias visitas pela manhã, fui almoçar a casa do Domingos Carvalho da Silva⁸⁶, com o Fafe e a Lígia Fagundes Teles (que é uma sujeita encantadora), depois o Décio (o do suplemento literário do «Estado», como te lembrarás) veio buscar-me para me levar ao teatro no «Theatre en rond» uma peça de um jovem autor (que acabava hoje), no fim conversei com aquela tropa que fui cumprimentar, e vim para o hotel e sentei-me a escrever isto – e neste momento interrompo com um imenso beijo, porque chegou o Amora, que me vem buscar para jantar com ele e com o cônsul (!) de Portugal.

— * —

Afinal, demoraram-se no bar aqui no hotel antes de jantar, eu, prometendo ir ter com eles depois, voltei ao teatro (a outro, o da Maria della Costa, que também acabava hoje, pois parte para aí), fui comer depois com eles um prato de carnes frias (no restaurante mais luxuoso de S. Paulo, puxa, que fica por conta das vezes que não mais lá irei, com um cônsul pagante), e vim para o hotel, e aqui me sento trémulo de cansaço, para escrever-te, pois que amanhã —⁸⁷ e fui mesmo dormir, que não podia mais, e aqui me tens, meu Amor. Afinal, eu tinha, querida, o demónio seja cego, surdo, mudo e paralítico, imensas reservas de energia. Não sei como, no estado de cansaço em que vinha, eu tenho aguentado a correria imensa em que ando (ou o trabalho insano na Bahia) desde que vim. Mas aguento. Sobretudo, meu Amor, acompanhado no Rio e aqui pela tua saudade e pelo teu espírito, durmo bem as poucas horas que tenho tempo de dormir. As possibilidades que nos oferecem, entendes, são boas aqui ou no Rio, e apenas importa assentá-las e escolher pelo seguro e pelo melhor. Estou tratando já da tua vinda para sacudirmos as árvores das patacas. Resolverás inteiramente por ti quais os pequenos que virão e os que ficam, durante esta estadia cuja duração depende de inúmeros factores. Na Embaixada, regressando ao Rio, o que farei na 4.^a feira pela manhã, resolverei o que é preciso fazer para prolongar a minha licença. Por avião, deverão mandar-me texto do Rogério e provas da História, para o António Pedro – Trata de saber o que é preciso para os pequenos saírem (creio que são acrescentados ao teu passaporte, ou para eles é arranjar outro – terei de fazer alguma declaração? – verei na Embaixada). As dívidas, pois parece mal ausentarmo-nos, ainda que brevemente, sem as liquidarmos, nem seria seguro e justo para o Pedro, com a letra, é centralizá-las (Letra, Rolim e Arnaldo de Oliveira) num empréstimo do Setas, que depressa pagaríamos. Não há duas soluções, não é verdade? E, nestas condições, ante um acto consumado de eu estar aqui explorando possibilidades enquanto elas durarem creio que não poderão os amigos recusar-nos um auxílio. É pena o França vir de avião, ao que julgo, pois poderia ser-te companhia. As saudades que tenho, o anseio de ter-te nos meus braços me dão ânimo para tudo. A certeza de que és una e indivisível comigo permite-me arrostar tudo para ganharmos amplamente e digna-

mente um futuro para os nossos filhos, enquanto o trabalho que dermos nos garantir uma subsistência livre. Aqui podemos ser ricos de tudo o que nos falta, meu Amor. Telefona, por teu lado, ou vai a casa dele, ao Alarico da Silveira, para ele te explicar o que importará para uma ausência provisória vossa, que vêm estar comigo enquanto eu aqui estiver. A todo o momento penso em ti e nos pequenos. Sem vós não sei viver, sobretudo sem ti, que és tudo o que tenho no mundo e quanto me basta nele. Do coração te beijo toda com imensa e incrível saudade, meu Amor. A tua imagem me acompanha a toda a hora, mas quero-te aqui comigo – nem sentido tinha que eu respirasse este ar, sem que a meu lado o respirasses comigo. Estou aqui sem notícias tuas, ansioso por voltar ao Rio onde elas me esperam sem dúvida, pois o António Pedro, se algumas viessem, só mandaria o que chegasse aqui até hoje. Não sei se o Amora tem alguma carta, mas já saberei. Quarta – feira pela manhã tomarei o avião para o Rio (e todas as passagens restantes que eu tenho são válidas por um ano). Até agora as minhas horas de voo, querida, já vão em 33! Meu amor – telefona ao Sousa Pinto, explicando-lhe a minha demora, dizendo-lhe que tenho feito contactos úteis e que a ninguém senão a ti tenho podido escrever neste corrúpio. Muitos beijos, muitos abraços e saudades do teu do coração

Jorge

Lx., 31/8/59

Meu muito querido Jorge, meu amor

Antes de mais e responde-me imediatamente. Na tradução do Oriente-Expresso há uma frase assim: «Newboys shouted, and a line of stiff sedate men in black broadcloths and women in black veils waited along the platform» (2.º capítulo de Ostende). Tu suprimiste a palavra «broadcloths». Estive a ver e pode ser várias coisas, como uma banda, uma espécie de uma echarppe, etc, etc. Parece-me que em português charpa, dá um significado que se aproxima, se é que o não é. Como tenho de pedir 3.^{as} provas, atrazarei um pouco até que respondas. O Zé faz-me uma falta formidável.

À tarde recebi uma carta tua de 27. Aflige-me o à-vontade em que te vais deixando ficar por aí, sem nada pensares nem dizeres em relação ao Sousa Pinto e à Junta e, por outro lado, com umas reticências, umas frases vagas das quais fico suspensa. Terias de pedir a licença ilimitada.

O Sousa Pinto mandou o dinheiro como eu pedira mas agora, assim suspensa, estou cheia de escrúpulos por lho ter pedido.

Ainda bem que a tua palestra correu bem. Era de esperar. Eu todo o dia e toda a noite pensei em ti, pois não tinha qualquer indicação de hora.

O Joaquim Ferrer fez comigo e com o João Apolinário⁸⁸ uma incrível Epigrafia no tempo em que andava em lua de mel com a 1.^a mulher.

A Sophia e o Tareco estão em Moledo. Depois daquele dia em que lhes falei por causa do estudo do Mendes Viana não voltei a falar-lhes.

Que tal está o Cyro?

Se aí não têm consideração pelo Simões como o convidaram para conferências com passagem paga e tudo? E o Paço d'Arcos ainda anda por aí? O Urbano também não vai ficar muito contente quando souber que não propuseste para publicação a tese dele. Se demoram tanto tempo a publicar que vais fazer da tua? Aguardar ad eternum ou vais depois integrá-la em qualquer trabalho sobre o F. [Fernando] Pessoa.

Voltarás à Bahia? Irás ao Ceará? Tudo isto requer imenso tempo. O meu terror é que nada arranjes aí e acabes vindo exausto, desesperado e mais que nunca desesperançado; e ainda por cima aqui venhas encontrar complicações na Junta.

Recomendas-me serenidade e é coisa que não sou capaz de ter. Só te vejo longe, tão longe que me é absolutamente impossível meter-me ao caminho e imbuído numa esperança que, calculo, me não queiras concretizar mas, o que é pior de tudo, da qual me dás palavras vagas. Se ao menos fosse possível telefonar-te, mas não, tudo é impossível mais do que aguardar ansiosa as tuas cartas que, graças não sei a que santo, ao menos se não têm perdido.

Não te esqueças que o P. [Padre] Antunes⁸⁹ te pediu que visses a possibilidade dele ir.

O Ferdinando disse-me que estaria interessado em ir mas vem cá amanhã jantar e depois te direi.

Jorge, meu amor, estou cheia de saudades e já não sei para quando adie a possibilidade de te ver, de te abraçar, de te beijar longamente, de ser tua, mais tua que nunca. Os pequenos perguntam por ti e quando vens.

Eu não encontro palavras para te dizer o que sinto e o desgosto que me causa a tua ausência em cada dia mais que passa, vendo mais afastado aquele em que te verei.

Abraço-te meu querido Jorge, cheia de tristeza e de ansiedade, mas com tanto amor quanto possas imaginar.

Beijo-te, beijo-te, todo.

Tua Mécia

P. S. – E como vou arranjar-me de dinheiros? O que tenho não chega senão para mais aí uma semana (contando que a M. [Maria] Emília me pague a renda e que este mês não se paga o gás – electricidade) Não te seria possível mandares-me algum pela embaixada brasileira cá, ou pelo Cyro? Como hei-de pedir seja a quem for e sem qualquer garantia? Mesmo que pudesse no dia 21 levantar o teu ordenado, não poderia porque não tinha nas mãos os recibos. E no dia 23 tenho de pagar os 3 contos da letra. Desconfio que desta feita vou parar a Rilhafoles.

Dizes-me tu pedir ao Setas. Mas, Jorge, eu não posso pedir ao Setas 19 contos para a letra, mais 6 para o Rolim, mais 9 para mercearias e farmácia, mais 7 ou 8 ou mais para eu viver até não sei quando. E com que dinheiro porias tu casa aí mesmo só com camas, cadeiras e mesas?

E o fascículo da Literatura? A propósito: deixaste-me uma nota que eu substituísse escriturais por bíblicas, mas nunca tal palavra encontrei.

Hoje não veio carta tua. Terás escrito de São Paulo de onde demorará mais que do Rio. A não ser que venha à tarde, como aconteceu ontem.

A Mariana ainda hoje voltou a perguntar por ti. O Paulinho continua doente dos intestinos (ou melhor, apareceu outra vez doente, ontem), o Vasquinho também não há meio de ficar bom de todo.

Meu amor, mais beijos sempre muitos, muitos da tua

Mécia

Lx., 2/9/59

Meu amor, meu muito querido Jorge

Chegou hoje o original do O'Neill que em tom de ofício agradeci.

Tenho-me visto grega com as provas da Literatura. Agora surgiram-me umas pequenas grandes coisas que uma houve que não consegui mesmo resolver e outra só reparei na tolice depois de já ter devolvido as provas (undertone está traduzido por subterrânea). A frase faz sentido, contudo e não tem consequências para o que se segue embora à primeira vista, assim, só pela palavra, parece impossível. Depois havia mais adiante uma frase em que havia pelo menos duas asneiras: coda traduzida por corda, e som menor (que não era o que lá estava) e de qualquer maneira seria tom. A frase envolvia uma citação do Shakespeare que estava suprimida mas fazia falta. With «a dying fall» mesmo indo ver a respectiva fala (vê lá como já estou espevitada...) não encontrei uma tradução que fosse simultaneamente condigna do Shakespeare e encaixasse na tradução. Acordei a Dina às 8 da manhã, já com o rapaz da tipografia à porta esperando, que foi estudar o caso e daí a meia hora... nada conseguira; fui à Maria que, essa... prontamente traduziu (ó a douta ignorância !!!) mas não encaixava.

Em resumo: pus a frase como devia ser e deixei a citação em inglês mesmo.

– O Rogério acaba de telefonar para saber notícias tuas. Manda-te muitas saudades. Os Ferdinandos estiveram ontem a jantar cá e ele disse-me que te escreveria hoje mesmo.

Não tive carta hoje, pelo menos no correio da manhã. Esperava ter carta do Rio ou já de S. Paulo. Estarás já a estas horas regressado ao Rio? São 2 horas da tarde, de cá.

Interrompi mais uma vez: telefonema da Helena Cidade⁹⁰ para me ler uma passagem do Da Cal em que faz a ti e à Lourdes copiosos elogios à vossa actuação no colóquio... Os Cidades ainda aí estão porque a Cidadeza tem aí um irmão em casa de quem estão. Não tenho mandado nunca lembranças para a Lourdes, mas aqui vão por esta e por todas as outras vezes que me tenho esquecido.

A Merícia está cá. Não foi porque teve uma inflamação nos olhos, provocada pelas lentes de contacto que ela usa.

Que me dirão as tuas cartas, meu amor? A minha ansiedade é enorme.

Estou cansadíssima do sarau de provas. Hoje vou ver se acabo de ver o Oriente-Expresso, mas ainda me faltam 100 páginas. E o que me apoquento é o atraso que me está causando na minha tradução, que representa um dinheiro que urgentemente precisávamos.

O Paulinho e o Vasquinho estão melhores, felizmente, vamos a ver se agora entram na normalidade com leite pasteurizado que vou passar a comprar.

Até quando, meu querido Jorge?

Beijos, beijos, meu amor. Abraço-te com infinita ternura.

Tua do coração

Mécia

S. Paulo, 2/9/1959

Minha muito querida Mécia, meu amor

O Joaquim Barradas de Carvalho te levará notícias minhas, mais rápidas neste momento, que quantas eu te vou dando. Amanhã, com o Soares Amora, vou a Assis (600 km para o interior) fazer uma conferência. Regressarei ao Rio no sábado farei na semana seguinte, as lições na Faculdade de Filosofia. Tratarei na Embaixada, logo, da minha demora aqui, que pode prolongar-se com vantagem para vós. É-me difícil com esta ausência do Rio que se prolongou aqui, incertamente, dar notícias concretas com a horrível falta de notícias tuas, meu Amor. Mas se queres vir já, como eu tanto e tão dolorosamente de saudade anseio, telegrafa para o António Pedro Rodrigues, pois me é possível transformar em vinda tua as passagens que possuo. Trarias os três pequeninos que não podem estar sem ti, os papéis, os originais dos contos, os inéditos do Pessoa metidos nos volumes e folhetos (que estão por cima deles) e (esses volumes e folhetos também). E o vol. do Ward. E as minhas colaborações antigas todas, bem como as cartas que estão por responder. Tu sabes bem o que para uma temporada é preciso que venha. Quanto aos pequenitos creio que só a Mariana pagaria mas isso podia ser resolvido na Panair com o Sousa Pinto que é amigo do representante lá. A este explicarás a minha amizade (receberás Agosto, para o que eu fiz tudo o que era preciso) e o meu silêncio pelo inferno de solicitações (nas quais tenho feito utilíssimos contactos para ele).

Espero que tudo se resolva pelo melhor para felicidade nossa e dos nossos filhos. Todos os amigos se apostam em que a nossa vida se modifique e melhore. Mas nós contaremos acima de tudo e por tudo com o imenso amor com que te abraço e beijo cheio de saudades, meu Amor.

Teu do coração

Jorge

Lx., 3/9/59

Meu querido Jorge

Ontem telefonou para cá uma senhora acabada de chegar do Brasil (José Pedro Machado) que me disse da tua saúde e disposição e que tu «ainda te demorarias uns dias». Estivera contigo em S. Paulo onde já não estarás há um ou dois dias. E, entretanto, nem de lá nem ainda do Rio, recebi carta tua. É possível que de S. Paulo demorem mais e portanto venha a receber uma de lá ao mesmo tempo, ou até depois, de uma que me tenhas escrito do Rio.

Este recado deu-me a impressão de que, afinal, regressarás. Se foste aí colher um desconsolo de desafogo e liberdade vislumbrados e não alcançados, bem me custa. Terias deixado de pé possibilidades futuras? Eu creio que te era neste momento muito difícil «dar o salto» com tanta coisa cá entre mãos difíceis de realizar ao longe (Brecht, prosas do Pessoa, por exemplo) e muito principalmente a dificuldade dos encargos brutos que aqui temos e o dinheiro daí não valer nada cá nem cá poder chegar. Mas é evidente que terás pensado em tudo e medido as possibilidades presentes ou futuras. A mim, o que mais me custa, é sobretudo estar separada de ti e caso aí ficasses nem daqui a 6 meses eu poderia deslocar-me e isto se tudo corresse bem.

Sei que te é insuportável viver aqui onde eu só detesto viver por tua causa e pelas dificuldades que a vida aqui te criou, razões que a ninguém se pode expor. Não posso, portanto, não tenho coragem, para poder ser razão mesmo pequenina para que não procures por todos os meios sair daqui. Peço-te só que penses com calma e não acredites excessivamente nas pessoas: uma coisa é a afabilidade para quem está de visita, outra a para quem está em permanência. Terás falado em S. Paulo com Milton Vargas que seria talvez uma possibilidade para o Congresso de Estrada?

Acabei de ver as provas do Greene. Pedi 2^{as} provas, como já te disse. Como se vai resolver o fascículo para este mês? Não tarda que comecem a reclamar original. Se o Zé estivesse pedida-lhe que revisse um bocado.

O Eugénio mandou umas magníficas fotografias de estátuas do Antino. Vou acusar a recepção num postalzinho.

Hoje telefonou o Leão Penedo a perguntar por ti – queria trocar impressões contigo sobre a tua estadia aí, ao que me disse.

Se tu assentasses o O'Neill eu poderia entregar talvez o original à Portugália. Escreverias uma cartinha ao Fernandes e ele que me telefonasse a dizer qualquer coisa. Ficariamos livres daquele compromisso e eu com umas massinhas para me aguentar mais um tempinho. Ainda o que valeu foi não haver Rolim este mês, mesmo assim, e sem pagar a renda da casa, não terei para mais que 5 ou 6 dias e muito poupadinhos (tenho 200 escudos por junto) e isto se entretanto não vierem da água e do telefone.

Os pequenos já estão bonzinhos. O Paulo ficou bastante abatidinho e pálido. O Vasquinho é que está recuperando visivelmente. O Paulo perguntou ontem por ti insistentemente.

A D. Violante cá anda de braço ao peito lastimosa por não poder trabalhar. Agora a filha vai para fora amanhã e vai por certo passar a vir comer cá porque ela, coitada, não pode fazer nada que logo foi no braço direito.

A tua mãe tem-se flauteado bastante para a tia Irene que anda sempre nos corrupios dos médicos. Parece que o tio Germano sente bastante a falta do tio Romero com quem se entendia bem. O tio Jaime parece que veio cá.

Voltei à tradução ontem à noite. Uma coisa deste tamanho que não é em fascículos desanima e ainda nem a meio vou é de perder a paciência.

Até quando, meu amor? Os pequenos andam um pouco pressentindo no ar qualquer alteração. Falam em ir ter contigo, fazem projectos variados e desencontrados. O Pedro não se cansa de dar sentenças.

De resto toda a gente pergunta, todo a gente opina, toda a gente aconselha, toda a gente... e ninguém dentro dos nossos reais problemas.

Mas querido Jorge. Dói-me estar longe, dói-me não poder ajudar-te, não poder trocar impressões e sobretudo dói-me esta irregularidade das cartas que me faz parecer que estás inatingivelmente longe.

Darás hoje a tal lição na Faculdade de Filosofia? Irás a Brasília e a Ouro Preto? A possibilidade de Fortaleza? O Da Cal foi lá fazer uma conferência, disse-me a Helena.

Querido Jorge, estou tão cheia de saudades, meu amor! Se me vejo nos teus braços ainda me parecerá mentira.

Até sempre, até breve, até amanhã em que te escreverei, como de costume.

Beijo-te, meu amor, com ansiedade e infinito amor. Beijo-te sempre abraço-te muito contra mim.

Tua

Mécia

Lx., 4/9/59

Meu querido Jorge

Há quatro dias que não recebo notícias tuas. Preocupada como já estava este silêncio desespera-me mesmo admitindo que foi carta de S. Paulo que não chegou ou ainda não chegou. O facto é que nada sei de ti e que me é insuportável viver neste aguardar permanente e enervante.

Ontem o Tamen deu uma entrevista na Rádio Renascença. Nada disse, muito gaguejou. Mas disse que os poetas estrangeiros que mais o influenciavam eram não sei quem, não sei quem e Eliot, sobretudo Eliot (se fosse possível gostaria de lhe perguntar em que língua o conhece) e entre os portugueses Gil Vicente e, actuais, tu e Cesariny. Depois, a respeito dos que ele achava que de entre os actuais ficaria, achou igualmente tu e o Cesariny.

Acho que ele tem a escala de valores um pouco baralhada, mas enfim, isso é com ele.

Telefonei para a Moraes e apanhei o Alçada a quem pedi que lhe transmitisse os teus agradecimentos, embora cá não estivesses. Foi mesmo por mero acaso que ouvi: estava a trabalhar na tradução e creio que o Pedro abriu o rádio e como disseram «diário literário» arrebitei a orelha, porque nestas coisas gosto sempre de meter o termómetro. E, com tanta sorte, que ouvi a entrevista.

À noite (ao fim da tarde) apareceu o Terra a quem dei o teu abraço que retribuí. Diz que se nós formos para aí também vai. Encontrou o Coimbra Martins⁹¹ que lhe cantou as tuas loas.

Faz depois de amanhã um mês que foste, meu querido.

Dou voltas à cabeça para pensar como tornar compatível o que dizes nas duas últimas cartas recebidas e o que o senhor me disse ao telefone, ante – ontem. Terás desistido da ideia de ficar? Virias para nos vires buscar? Terás dado ontem a lição na Faculdade de Filosofia? Darás a do dia 8? Que voltas darás? Voltarás à Bahia, como me tinhas dito? Terás ido a Brasília ou irás?

Por certo antes que esta carta te chegue às mãos terei nas minhas as respectivas respostas, mas nada me recompensa as horas e as noites de ansiedade que estou vivendo. Sinto-me tão cansada já, meu amor. A tua vida tem sido dura para nós e as horas de expectativa derrubam-me mais do que enfrentar as coisas de cara. Porque me não dizes tudo em vez de lançares frases sibilinas, ou de significado mais largo do que tudo o mais que dizes permitiria?

Até amanhã, meu querido Jorge. Muitos beijos, muitos da tua do coração

Mécia

Lx., 5/9/59

Meu amor, meu querido Jorge

Estou perfeitamente angustiada. Há 5 dias que não tenho notícias tuas. Pelo amor de Deus compra uma série de postais e põe todos os dias um no correio, mesmo que te limites a pôr a direcção. Isso não é terra de gente, uma terra onde os correios funcionam ao sabor do acaso uma pessoa pode morrer de aflição que nada os comove.

Hoje é dia 5, tu não vens nem dizes nada. Garanto-te, Jorge, com toda a calma de que sou capaz neste momento, que o meu estado nervoso inspira algum cuidado. Horroriza-me saber-te andar de um lado para o outro, horroriza-me a ideia de uma viagem tão grande de regresso e a ideia de que não volto a ver-te, que já me apavorava quando foste, apoderou-se de mim de um modo absolutamente insustentável. Hoje gastei os últimos tostões. Agora passarei a servir-me do dinheiro do Rogério, que ainda não lhe mandei por ele me ter dito que o levaria quando viesse a Lisboa.

Da tipografia pedem original. Telefonei ontem ao Azevedo por causa da gravura que fará sobre o Volpone. Disse-me que me ia telefonar porque contavam comigo num jantar íntimo de despedida do França. Disse-lhe que ia mas não sei se irei. Não estou em estado de espírito.

Mais nada senão que estou aflita, meu amor.

Muitos beijos da tua

Mécia

Lx., 5/9/59

Meu amor, meu querido Jorge

Esta tarde recebi finalmente duas cartas tuas: uma de 28/29, outra de 30 ambas de S. Paulo.

Vejo que estás decidido a ficar aí e estás tratando já da minha ida. Por um lado o facto de me ver praticamente perante o facto consumado deu-me certa calma, por outro continuo a achar tudo quanto dizes, muito vago. Em vista das tuas cartas fui ao jantar do França que era realmente muito íntimo: Soromenhos, Azevedos, Vespeiras. Borges (casou e espera menino, muito simpáticos, vieram agora mesmo trazer-me a casa) e um casal (Chico Garcia) cuja mulher se pôs a olhar para mim..., depois pôs-se a fazer investigações junto da Fernanda e em resumo: tinha estado numa colónia de férias, em Espinho, era de mim a única pessoa de quem se lembrava e do carinho que eu lhe dera. Pormenores de que já nem me lembro mas que nela, criança então de 10 anos, ficaram gravados com infinita ternura que ainda se reflectia. Achei imensa graça.

Antes de mais, meu amor, quero dizer-te da tranquilidade que me deram as tuas cartas, tranquilidade pura e simples, só por serem tuas, só por falares de ti, meu amor. Mas eu queria, querido, que me explicasses melhor o que se passa. Depende do que aí ganhares os pequenos que levarei. Custa-me imenso não levar todos, mas de facto, mesmo por causa da tua mãe, não era inteiramente justo fazê-lo. Conversarei com a Pureza na 2.^a feira e da possibilidade de ela vir para cá morar com o marido. Não sendo assim tentarei talvez a Carmen mas só oferecendo-lhe ordenado chorudo. De resto, e isso dependeria daí, poderia tentar levá-la comigo. Arranjar-se-ia passagem para ela? Que dinheiro, e como, poderei dispor aqui? Sem isso nada posso resolver de quem fica. A Isabel Maria parece-me preciosa auxiliar para mim na viagem e aí em todas as emergências. O mais dócil e mais ficável parece-me ser o Pedro que poderia ser internado no Colégio Moderno onde eu tinha, quer pela Alice quer por mim, possibilidades de lhe dar tratamento especialmente carinhoso.

Parece-me que mais do que nunca deverias fazer um imediato requerimento ao ministro⁹² pedindo para ficar aí a assistir ao Congresso da Estrada. Depois falavas aí com o Presidente.

Com franqueza não tenho cara de telefonar ao Sousa Pinto que já se lamentou ao França da falta de notícias tuas. E depois, dizer-lhe o quê, que não voltas? É absurdo no fim de tanto tempo ser eu a dizer-lhe, concordarás. Vou mandar-te o Brecht pelo França e vou escrever à Ilse que te mande o mais que tiver.

O Ferdinando telefonou hoje na minha ausência a dizer que já tinha o meu passaporte, o que significa já saber o que é preciso para os pequenos. Amanhã de manhã lhe telefonarei a saber.

Tenho a cabeça em água, Jorge. Anseio por estar contigo, por poder finalmente ter cinco minutos de plena paz, por te ver livre e liberto de tanta coisa. E terás tu a coragem de recommençar completamente a tua vida? Meu amor, eu sei que sim, nem deveria perguntar-te, mas achas que será aí local indicado? E eu que nunca pensara no Brasil como possibilidade: É verdade que os nossos filhos exigem de nós que tudo tentemos para lhes melhorar o futuro, assim

o consigamos. Não fossem eles e eu não teria cinco minutos de hesitação, apesar de me custar deixar as boas amizades que aqui tenho. Também o número de pequenos que levarei dependerá do tempo que pensas ficar aí. O que tu dizes é desencontrado, até chegas a certa altura a falar num ano, e então só levaria os mais pequeninos. E custa-me imenso deixar seja qual for, Jorge. Todos eles são um para mim, todos eles representam o nosso imenso amor, representam momentos, horas, anos de compreensão total, de vida, de sofrimento, de angústia, de felicidade, tudo sempre em comum, tudo sempre por inalterável amor por ti.

Meu querido amor. Vou ver se consigo repousar e fico aguardando que me dê notícias mais concretas. Por certo terás tu de pedir o averbamento dos pequenos ao meu passaporte que é agora válido para 2 anos e renovável, por mais dois. Antes que para mim ou para os pequenos surgisse complicação de residência, já tu terias de ter a tua resolvida: que o teu passaporte caduca primeiro.

Até amanhã, Jorge, minha vida. Quantas saudades tenho, quem me dera poder fechar os olhos e só acordar aí; começo a viver horas de nostalgia de desenraizamento. Até me custa deixar o teu padrinho que tão raro vejo e em cuja solidão penso.

Até amanhã, meu amor. Beijo-te, beijo-te, com saudade infinita. Aperto-te nos meus braços e beijo-te mais uma vez.

Tua

Mécia

P. S. – 6/9/59

O Alçada foi uns dias à Covilhã. Vou falar com ele para o deixar como nosso procurador universal no caso da casa e da herança que agora, de qualquer maneira, só com procuração tua se poderá fazer. Vou mesmo ver se consigo assentar com ele a edição completa da tua poesia, preto no branco, por causa das dúvidas.

Hoje não vieram notícias tuas. Terás chegado ao Rio na 4.^a feira, de modo que só amanhã ou depois terei possibilidades de as ter.

Meu querido amor. Muitos beijos, muitos da tua

Mécia

Lx., 7/9/59

Meu amor

Dizia-te ontem que te mandaria, pelo França, papel selado, mas afinal faltou-me coragem de ir despedir-me. Vou ver se telefono a alguém que me ponha em contacto com qualquer gente que vá para o Rio para te mandar trabalhos teus em curso: Teixeira de Pascoaes, Garrett e Chestov. Vai dizendo o que precisas de livros que eu leve para eu ir avaliando a bagagem.

Por uma carta do Casais fiquei sabendo que estarias hesitante entre ofertas de engenharia e ofertas de caracter literário. Se te vais enterrar na engenharia, irás, com certeza, enterrar-te muito mais do que cá. Tu lá sabes.

A Clara veio ontem pedir-me para eu a levar, se for. Era bom elemento, de facto, mas tudo depende das condições em que aí estivermos.

O Ernesto ficou de vir cá esta noite ou ao fim da tarde. Com ele vou combinar coisas e assentar ideias. Se ele estiver pelos ajustes dou uma saltada a casa do Sousa Pinto.

Mas, o que é preciso é agarrares aí bem o presidente da Junta, toda a gente é dessa opinião. Fala-lhe claro e aproveita para lhe contar as patifarias que fizeram com que te desinteressasses. Conta-lhe o complot organizado contra o projecto do Rabaçal, as patifarias do Canto Moniz. Era preciso quem esparralhasse aí o roubo do Canto Moniz nos jornais de modo que ele viesse corrido. O Miguel Tavares Rodrigues deve servir bem, é questão de lhe contares as coisas.

Ontem à tarde estive cá o Ferdinando que está bastante tentado a ir; foi ele quem levou a minha carta para lhe por um envelope que eu não tinha.

Desde ontem que estou com um tremendo ataque de reumático no braço direito que abrange o cotovelo até à mão. Não posso fazer nada, nem escrever à máquina e é com imensa dificuldade que escrevo.

O Murilo Mendes⁹³ telefonou ontem a perguntar por ti. A Sociedade de Escritores oferece-lhe amanhã um cocktail. Quando eu lhe disse que provavelmente ficarias por aí respondeu-me «então o Brasil está de parabéns». Fiquei eu de ir, visto, que agora, todos os contactos para essas bandas são bons e devem lá estar os brasileiros todos.

De manhã o correio nada trouxe. Trará logo ou amanhã, assim o espero. Enquanto me não disseres certezas absolutas receio mexer seja no que for. Vou pedir ao Alçada que vá às Casas Económicas estudar o caso da nossa casa, para que eles não possam armar-nos uma traquibérnia qualquer. Parece que ele vem hoje da Covilhã, ao que me disse a menina da Moraes para quem telefonei agora, por causa do Murilo. Assim já tenho apoio para ir e aproveitamento para falar.

Não posso escrever que as dores no braço são mais que muitas.

Meu amor, será certo que em breve estaremos juntos? Custa-me a crer. Confio em ti, meu querido, e estarei bem onde te sentires bem.

Muitos, muitos beijos da tua

Mécia

P. S. – Telefonou-me agora o Sousa. Diz que tenhas prudência porque o Canto Moniz e o Flávio têm aí grandes e altos contactos que te podem criar ambiente desagradável. Há pois que ter tacto com o 2.º e fazer a cama ao 1.º.

M.

Lx., 7/9/59 (está 8/9)

Meu amor, meu querido Jorge

Estou ainda fervendo da conversa que hoje tive ao telefone com o Sousa, que por estar na hora da tiragem, não pude contar-te por extenso. Aliás fiquei de ir falar com o Gaspar que pouco depois me falou também, muito atenciosamente. O Flávio já perguntou por ti. Deve estar ansioso pelas informações que te pediu. O Sousa fez-me um grande discurso: que tu devias vir cá para pores as coisas em ordem, para falares, porque a verdade é que o Canto Moniz tinha aí altos conhecimentos, o Flávio também, e podiam criar-te, se quisessem, um mau ambiente, «rabos de palha» (textual). Eu fui-lhe dizendo que se eles tinham altos conhecimentos talvez os teus não fossem mais baixos, mas, além de indignada com a aceitação que já naturalmente cá se faz de chantage, fiquei temerosa, como sempre, de que haja por detrás disto quaisquer complicações que não tenhas querido contar-me. Porque tu tens uma ideia errada acerca de me poupares, e as coisas acabam por me vir cair em cima quanto menos espero e com muito maior brutalidade. Deves alguma coisa a alguém da Junta? Terás tido quaisquer atritos que eu desconheça? Como se passou exactamente a ida ao aeroporto do Sousa, visto que ele declarou a mim e à Eunice «que interrompera o seu jantar para ir ali»? Foste, nesse caso, tu que lhe telefonaste ao chegares ao aeroporto? As meias-verdades endoidecem-me e desarmam-me completamente, que só de posse da verdade inteira, se pode organizar uma defesa eficaz. Tudo isto e a expectativa das tuas notícias e sobretudo das tuas concretizações me têm posto num estado de nervos que nunca atingi. A tua mãe veio hoje de Casal Ribeiro impressionada com o estado de saúde do teu padrinho. Escreve-lhe umas letras, Jorge.

8/9/59 (está 9/9)

Esta manhã telefonou o Gaspar que estava à tarde com o presidente da Junta que amanhã tem de ir a Coimbra e parte para aí no dia 14, em avião especialmente fretado para o Congresso. Afinal o presidente o que quer... é saber o tom em que há-de escrever o discurso. Disse-lhe que o procurarias lá e o ajudarias em tudo quanto ele precisasse. Perguntou-me dos teus projectos e disse-lhe que só sabia o que me tens dito da intenção de ficares lá. Anteriormente contei-lhe o que sabia acerca das representações oficiais (por cá já corre muita coisa) e disse-lhe que ele contasse o que quisesse. Disse-lhe que tu aqui estavas à mercê de dois patifes que eram o Canto Moniz e o Edgar (e ele concordou) e que aí te vias acarinhado por todos.

Que mesmo para ires se te fizera uma chantage, e ele disse, sim «foi só uma mais para dar pressa»... e eu «não, não foi chantage pura e simples, não tem outra classificação». Depois disse-me que e tal era aborrecido abandonares o serviço (eu respondi que estava na mão dele e do Flávio encontrarem uma solução que não fosse essa) que podemos criar complicações até para a minha saída e eu prontamente: «mas nessa altura metia-me na Embaixada e pedia asilo político» Rimo-nos ambos muito !!! Enfim, a conversa foi muito amigável o que não impediu que lhe dissesse tudo quanto me apeteceu da Junta e das pessoas da Junta. Ele con-

cordou que nos seria impossível viver com o ordenado da Junta e difícil humanamente ganhar o mais que era necessário. Ficamos muito amigos e ele disse que diria ao Flávio que a tua demora era devida a teres tido sucessivos convites e que já agora resolveras esperar a ida dele para conversar, por estares tentado a aceitar convites que te têm sido dirigidos. Creio que era o melhor pé em que podia ser posta a coisa. Tu podes, a troco de uma certa atenção com o senhor aí, conseguir dele o que quiseres. O que é preciso é desfazer o Canto Moniz.

É verdade esqueci-me de dizer que ele me mandou o Alberto buscar e trazer, que te manda muitas lembranças.

O Rogério telefonou de manhã. Manda-te hoje a tradução que tem feita e o Ward entende que o melhor é seres tu a fazer a tradução e, nessa altura, alvitrei eu, ele a ver cá as provas. Realmente parece-me a melhor solução. Afinal a diferença de trabalho em relação ao teu trabalho não é muita, a probabilidade de melhoria para o fascículo é maior e evitam-se mais andanças de correio que, ainda por cima, para Brasis são perigosas de não chegar.

Hoje estou um pouco melhor do braço mas arrasada com a conversa com o Gaspar que, aliás creio decorreu muito bem e muito serena, aparentemente.

Meu amor, só realmente o teu amor me dá coragem para lutar nos momentos precisos.

Beijo-te meu amor com infinitas saudades. De facto por muito que me custe deixar tudo isto, isto não te merece, meu querido Jorge. Beijo-te todo, esperançada que em breve estarei nos teus braços e serei livremente tua, que libertado te não conheço, será um recomeçar do nosso amor, mais firme e confiado que nunca.

Tua, meu amor,

Mécia

Rio, 8/9/59

Minha muito querida Mécia, meu Amor

Chegado ao Rio no sábado à noite, vindo de S. Paulo, depois de uns 55 minutos bem esticados de má viagem de avião e demora de aterragem, mergulhei num corupio insano, sempre sem notícias tuas, pois só ontem recebi do António Pedro (e hoje também) as tuas cartas que são as de 23 e 2 deste mês. Já em S. Paulo a correria foi inenarrável e contei-te nas cartas que te escrevi como pude. Mas, desde quinta-feira 3, até hoje 8, não te escrevi porque tudo excedeu as minhas forças, e é prodigioso para mim o que eu, respirando livremente, aguento. Mas, totalmente sem um momento de meu, só me restou sempre cair à cama e adormecer pensando em ti. Consolou-me a ideia de que as notícias que vais receber do Barradas de Carvalho se adiantarão a quantas eu fosse dando. E a Maria de Lourdes, que partirá de regresso na 3.ª feira próxima ou coisa assim (foi hoje para S. Paulo), te dará circunstanciadamente notícias minhas. É inenarrável o que eu cirandei em S. Paulo, a pé, na lambreta do Lemos, em automóveis de meio mundo. É extraordinária a solicitude de toda a gente – e a maneira como, diz-se, conquisto toda a gente. Em Assis (estado de S. Paulo 600 km para o interior), os professores manifestaram ao Amora o desejo expresso de que me contratasse para lá, do que ele me falara antes. Hoje, dei a 1.ª lição na Faculdade de Filosofia e os alunos exigiram à Cleonice e ao Thiers que eu desse mais uma. Hoje, deveria ser o Camões (e eu ia em branco, só com o meu livro na mão) e na 5.ª feira o Pessoa (a tese da Bahia, que terei de resumir por os letrados não terem preparação filosófica). Pois exigiram por mãos levantadas que eu falasse genericamente de «poesia moderna» por ter corrido que eu falaria e eu ter posto o caso à votação. Falei de improviso uma hora, e o Bandeira que assistia disse que eu nada repeti do que dissera no Gabinete Português de Leitura. Assim, amanhã será o Camões, e depois de amanhã o Pessoa. Retomando o fio do que se passou nestes dias. Na 5.ª feira, depois de ter visto gente em corupio (o Décio de Almeida Prado foi incansável em apresentar-me pessoas que representam oportunidades em S. Paulo), almocei em casa do Amora e partimos para o aeroporto S. Paulo – Baurú – Marília, num DC-3 de 30 lugares, 3 horas. Depois, táxi aéreo, ou seja um mono motor com 3 passageiros e o piloto, que voa a 300 km. e se usa para desporto em Portugal, e aqui, em centenas de sítios, fazem ligações domésticas aterrando nos locais mais inverosímeis. 20 minutos depois, Assis, cidade de 35.000 habitantes, onde funciona a Faculdade modelo, com gente escolhida que o Amora dirige, e onde vai todas as semanas. Parece uma cidade do Far-West, no meio das palmeiras, com vaqueiros e tudo, mas ligada por muitos comboios a S. Paulo, onde regresssei num dos nocturnos, com cama (12 horas que se dormem bem). À chegada a Assis, visita à Faculdade, depois jantar, depois sarau em casa do Víctor Ramos (um português excelente que lá está) e cuja sogra, esposa do grande médico Samuel Passos, é grande amiga da Maria Lamas, a quem manda lembranças. É uma mulher notável, na extrema esquerda absoluta e activa de que é grande figura. Fomos então dormir para o hotel (o Fafe, que tem sido um admirável companheiro, ia também, a convite do Amora). No dia seguinte,

às 10 horas, conferência na Faculdade, sobre poesia moderna e o que me veio à cabeça. À tarde, várias reuniões na Faculdade, jantar de magna sem cerimónia amiga, e no cais tinha os professores, um grupo de alunos e alunas para me cantarem canções portuguesas e brasileiras, uma macacada incrível que me fez chorar e desejar desesperadamente ter-te a meu lado. Chegado a S. Paulo pela manhã, marchei para casa do Amora, onde almocei (ele e a Helena como todos em S. Paulo, foram e têm sido excelentes de hospitalidade e generosidade) e depois do almoço fomos para o aeroporto, que estava fechado devido ao nevoeiro e esperamos horas que reabrisse a «ponte aérea» (aviões de ? em ? de hora entre Rio e S. Paulo). No domingo, ontem e hoje, nos «intervalos» do que vou contar, andei à caça do amigo do Casais, fui ao Leme, um inferno que culminou em finalmente ter na mão a chave do apartamento, de que, a pedido dele mandei já fazer um duplicado. Mudar-me-ei para lá amanhã ou depois mas o meu endereço é, até nova ordem, o dos «Livros de Portugal», como até aqui. Às 14 horas de domingo estava eu num teatro (toda esta gente de teatro se derrete de eu os ir ver e opinar!) a ver as «6 personagens» do Pirandello, pois o Décio em S. Paulo me apresentara ao secretário e actor da companhia que me esperava. De lá saí, entre conversa para jantar e logo a seguir o Alexandre Eulálio me veio buscar para levar ao Aníbal Machado, o autor de «Tati a garota» e a «Morte da Porta-Estandarte», que é um patriarca das juventudes artísticas. Gostei muito dele que me recebeu muito bem. Como vês, meu Amor, tudo isto é deitar às 2 e levantar às 8. Ontem, estive com o António Pedro, como hoje, e fui à noite a outro teatro ver uma peça do Tennessee Williams. E no fim do teatro, fui ainda a casa do Vinicius de Moraes⁹⁴, que isso exigira. Era feriado, e foi de dia o meu grande corrupio do apartamento.

Hoje, fui à Presidência da República ter com o Cyro, recebi o bilhete para Brasília, que terei de marcar para este fim-de-semana, levou-me a almoçar a casa dele, veio deixar-me no M. [Ministério] da Educação, onde estive com o Drummond e o chefão Rodrigo de Mello Franco de Andrade, saí esbaforido para o aeroporto, nada consegui de marcação, vim ao hotel buscar os livros para a conferência e fui de táxi para a Faculdade. À saída jantei com o Fafe, encontrei na rua gente (cada vez me convenço mais que todas as grandes cidades são aldeias), e meti-me no Av. Beira-Mar a tomar o escasso fresco que consegue penetrar este forno que é o Rio, e vim escrever-te. Amanhã, pela manhã tratarei de Brasília, almoçarei com os comendadores (!!), irei ao aeroporto despedir-me dos Barradas que te levarão esta carta, irei ao Ministério da Educação tratar com o arquitecto das minhas deslocações e estadia na futura capital, correrei à Faculdade despejar o Camões e encontro com o Chicó. E terei, não sei a que horas, entrevista com o embaixador de Portugal para tratar da «prorrogação» das minhas licenças... Deverei ser convidado para o Congresso da Estrada e para o Congresso de Brasília, onde reverei o Adolfo.

E agora, meu Amor, coisas concretas e futuras. Em regime de lições livres, e de Janeiro em diante com contrato de dois anos e pulso livre (3 horas de aula por semana), o Amora ofereceu-me lugar de professor em Assis, que é um apoio seguro, com 44 contos por mês. O Décio garante-me mais 6 de 3 artigos mensais no «Estado»⁹⁵. Ficamos livres e calmos para traba-

lharmos e ganharmos mais uns 10 contos mensais. Aqui vive-se modestamente (como temos vivido) com 30, e Assis ainda melhor. A instalação nossa é o menos, toda a gente quer ajudar-nos de facto.

Vais receber, dentro de poucos dias, algum dinheiro que te mando, e te chegará bancariamente às mãos. Mandar-te-ei todo o dinheiro que puder, meu Amor. A mulher do Fafe telefonar-te-á para te dar, sem prazo de pagamento (alguns meses) alguns contos de reis portugueses.

— * —

Trarás todo o Pascoaes, todo o Pessoa, a minha papelada, a máquina de escrever, etc., tudo o que possas e vejas necessário para os trabalhos próximos, entre mãos. Os pequenos até dois anos pagam no avião 10% e até 12, 50%, o que significa que farás as tuas contas e trarás aqueles que entenderes mais conveniente que venham: os três mais pequenos e a Isabel Maria, que te ajudará, talvez seja o melhor. Os outros viriam depois.

Isto, meu Amor, é um grande mundo, e a generosidade desta gente e dos nossos amigos portugueses é um facto. É agora ou nunca, meu Amor, e eu estou certo de que nunca mais daí sairíamos, entendes? Aceito Assis para começar, e para ter enfim aquela vida plena contigo e com o meu trabalho sem engenharias, que eventualmente poderei ter, pois também deste campo vieram possibilidades sondadas e ofertas concretas. O ensino das crianças é aqui gratuito. Adaptar-nos-emos. Contigo a meu lado, fora dessa piolheira irreparável, iremos até ao fim do mundo (e Assis... é um pouco isso). Acho importante que, sem alardes, pois, oficialmente, a nossa instalação não é definitiva, prepares tudo como melhor souberes, e tu sabes tudo como eu não. A questão do Setas, se lha puseres como deve ser – que é a de oportunidade única e da inconveniência de um regresso ao beco sem «saída» –, estou certo que se resolverá. E de cá pagaremos tudo. Mas é urgente que venhas, eu não posso passar sem ti e sem os pequenos (arranjarei para eles facilidades no avião). À tua ordem, a passagem será transformada na tua vinda directa ao Rio, onde estarei a esperar-te. Sonho dia e noite obcessivamente, com ver-te atravessando o campo com as crianças. E não posso mais de saudades. Eu creio firmemente que o destino nos abriu uma porta, para fora de todos os terrores: acho uma loucura dar um pontapé na sorte. Que mais poderemos nós ganhar aí, trabalhando como trabalhamos? Porque não havemos, trabalhando o mesmo de ganhar o dobro? Aguardo-te ansiosamente, com a maior urgência, como quem não vê mais nada no mundo senão a tua imagem, a tua voz, a tua consciência, o teu corpo. Vem, meu Amor, vem – que, com lágrimas, beijos, saudade, desejo, e uma alegria de liberdade imensa, eu espero beijar-te e abraçar-te por toda a eternidade, como te abracei e beijei no aeroporto aí.

— * —

Trás também o O'Neill, pois tudo se resolve com a Agir⁹⁶, e mandaremos daqui cópia que não temos, ao Agostinho Fernandes.

Telefona docemente à Natércia Freire⁹⁷ e arranja-me uma série de artigos encarecendo os contactos esplêndidos e as visitas que desfrutamos por cá. 200\$00 é aqui um conto. O telefone dela é 681149. O ideal seriam artigos para o jornal e artigos para a «página».

— * —

Lembra-me a toda a gente com infinita amizade. Se não tenho escrito nem um postal, das minhas cartas vês que, entre as solicitações agradáveis e o furar pela vida (quem diria na moleza triste daí, que eu era capaz?), nenhum tempo me resta. E eu preciso contigo a meu lado, assentar trabalhando com a energia imensa que só pensar em ti me dá.

Beijo-te toda, meu Amor, e espero-te ansiosamente. Teu do coração

Jorge

P. S. – Não respondi às dificuldades que apontas porque já não adiantará, dado o tempo que isto demora. Mas garante à Cor que, salvo um atraso inevitável, tudo entra nos eixos. Mais um grande beijo.

Trás, é claro, todos os sacos de poemas meus. Quanto a vistos, pedes o turístico na Embaixada, e não esqueças a vacina na Rocha do Conde de Óbidos.

P. S. – O Joaquim e a Margarida te levarão esta carta, assim como algum dinheiro que de emergência lhes emprestei – cerca de um conto (5 mil cruzeiros) que te darão. São amigos nossos.

Lx., 8/9/59

Meu amor

Lá fui hoje à Sociedade de Escritores. Encontrei mesmo à entrada da porta a família Cortezão com quem depois subi. Estava pouca gente entre a qual Ferreira de Castro⁹⁸, Urbano; Cardoso Pires, Manuel Nascimento⁹⁹, Piteira Santos¹⁰⁰, Etelvina; Paulo Quintela¹⁰¹, Nemésio e estes ouviram na falinha final do Murilo um bocado de osso para engolir.

Estava o João Clemente que me veio trazer a casa e me elucidou (o Alarico não está). Diz ele que tens de modificar imediatamente o teu visto para um visto permanente (com esse visto não podes ter no Brasil profissão remunerada, coisa que o Cyro te arranjará com toda a facilidade. E acha que eu devo ir com um visto normal de turista, falando também tu ao Cyro já nisso. Assim se evitará mexidas de emigração e o diabo a quatro. Todos eles são de opinião que deverias preferir S. Paulo onde o clima é muito melhor e a vida, com todos os seus defeitos, muito mais organizada. A Clara está decidida a ir comigo mesmo que tenha de pedir o dinheiro da passagem. O Ferreira de Castro vai no «Vera Cruz» que parte dia 22 de cá. Se entretanto me confirmares a nossa ida mandar-te-ei algumas coisas. Ele vai estar 10 dias entre Rio e S. Paulo e depois regressa.

O Lopes Graça¹⁰² vem hoje defender a gravada canção portuguesa que tu a gravaste nos ensaios. Uma larga parangona logo na 1.º página. Depois te mandarei o recorte quando vier.

Estou tão cansada que não posso mais hoje. Vou deitar-me. Boa noite, meu amor.

— * —

9/9/59

Nada veio no correio de hoje. Na situação em que estou que nem sequer sei se é de pé no estribo, nada pode ser mais enervante. Eu já te pedi pelas alminhas que ao menos mandes postais só com a minha morada.

Hoje o Rogério talvez venha cá. Não tenho já o dinheiro para lhe dar (de resto ele tinha-me dito que podia servir-me dele) mas o pior é não saber que dizer-lhe quanto a entregar-lho. Não sei se terás escrito ao Sousa Pinto. Eu não posso falar com ele na base das notícias tão pouco concretas que me dás. O Ernesto deve vir cá logo à noite e vamos a ver o que ele diz. A letra tem que ser paga ou renovada a 22. Nada posso falar com o Setas sem dados seguros. A tradução da Literatura e pouco mais dará para aguentar a casa aqui. Mas, como vais ter tempo de fazer tudo com um emprego de full time? E quando te fica tempo para vivermos finalmente e produzires num ritmo que nunca aqui te foi possível?

Estou tão preocupada, meu amor, mas o mais que estou é assustada com a nossa separação e a ver a minha ida cada vez mais difícil à medida que penso que terás de arranjar aí casa onde caibamos e de a encher com aquele mínimo indispensável. Dir-me-ás que num mês ganhas para isso, e é verdade, mas como vivo eu aqui durante esse mês? Quem vai pagar as nossas passagens?

A Clara manda-te a norma do requerimento. É a minha autorização de saída, acrescida dos nomes dos pequenos, ficando aquela inutilizada. Pergunta aí mas creio que podes pôr o nome de todos ainda que vão.

Lx., 11/9/59

Meu Amor

De-repente tudo se desanuviou, meu querido Jorge. Hoje veio cá o Barradas que me trouxe o teu calor. Sim, irei logo que tenha mandado a declaração para os pequenos.

Falarei hoje mesmo ao Sousa Pinto.

O Flávio vai na carreira normal. Parte daqui a 14 dias, chega ao Rio no dia 15 às 11 horas. Com a tua licença adiada terias possibilidades de receber o teu ordenado? Dir-me-ás o que conversaste com ele. Convinha talvez continuares a pagar o Montepio mesmo que peças a licença ilimitada.

Fico esperando o telefonema da mulher do Fafe. Vou hoje tentar falar ao Setas e tratarei das vacinas para adiantar tempo.

O Barradas deu-me um conto de reis. Paguei à M. Emilia a renda da casa. Fico a dever ao Rogério, com quem falei pelo telefone.

Logo escreverei mais longamente.

Muitos beijos, meu amor, muitos.

Penso, que para não ser tanto dinheiro no avião, levarei o Vasco, o Paulo e a Isabel Maria, seguindo os outros de barco com a Clara.

Meu amor, tudo me parece um sonho. Beijo-te, beijo-te.

Tua

Mécia

Responde:

Entrego ao Rogério uns livros que são dele (L'Humanisme – Robert, Figuras e Ideias – Rodolfo Mondolfo)? De quem são Quelques aspects de l'Humanisme Médiéval e La Dialettica Hegeliana... do Croce? E duas Critiques – tudo isto nos «mochos»? «Il Sedicissimo»?

No livro castanho há apontamentos:

Osório – Lefebvre

Sophia – Breton

Rio Turvo

Ferdin. – Diálogos

Garden Party

Encontros do Acaso

Avez-vous lu Char?

mais abaixo desgarrado há um titulo que não percebo Le R(ouge et n?)

Pereira Bastos – A Ilha Verde e Vermelha

Sebastião de Araujo – Florbela

Gonzalez – Gésemon (Club dos oficiais – Base Aérea n.º 4 – Lagares Açores)

Castilho – Hemingway

Schlumberger

Terra – Petrarca

Brancamp Freire

Depois há um apontamento que não percebo nesta exacta disposição:

Unprofessional Essays Havana

Greene

Saraiva

Saa

Mario Martins

Miguel Angelo

Abaixo do livro castanho está La question (Heure Alleg) – que lhe faço?

Que faço à série de livros que estão dependentes de acusar recepção ou folheamento, na estante da tua direita sentado à secretária? (Abelaira, Pascal, o do Terra, etc., etc.)?

Levo os teus livros e as nossas traduções?

4 livros que estão na estante à tua esquerda da secretária:?

Death is a Mist

Will to survive

Joseph the Provider

Lorenzaccio

Entreguei ao Ernesto o Genet.

Queres o 1.º volume do Ward?

A irmã do Vasco Miranda devolveu:

Introduction a la pensée de Teilhard de Ch.

O Amador de Poesias – Péricles Eugénio

Onde ponho?

____ * ____

Que faço a uns livros que vieram da «Vértice» para crítica que nunca fizeste?

____ * ____

Pedes-me livros para o estudo de Camões: pede o que te lembrás que eu posso esquecer-me de alguma coisa.

____ * ____

Dou baixa das assinaturas «Vértice» e «Brotéria»?

____ * ____

Encontrei duas cópias de «Amparo de Mãe». Dou uma ao Rebelo? Não era ele quem pedira?

Rio, 11/9/59

Minha muito querida Mécia, meu querido Amor

As tuas cartas inquietas, de 3 e 4, cruzaram-se com as que te levava o Joaquim e a Margarida Barradas de Carvalho, de quem fiquei amigo, e que a estas horas te procuraram já para tas entregar mais aos 5 mil cruzeiros que lhes emprestei de bom grado, até porque já eu falara com o António Pedro para te mandar dinheiro. Esta levar-ta-á o Chicó, e não sei se chegará primeiro ou depois do que as notícias que a Maria de Lourdes te levará também. Hoje, recebi nos «Livros de Portugal» a carta do Ferdinando e a tua carta de 5 e 6, que me aliviou da angústia de saber-te tão inquieta, pois que recebeste já cartas de S. Paulo. Pelo Joaquim, terás compreendido, meu Amor, que não há arte que chegue para estes equilíbrios na corda bamba de correspondências que podem ser, e são vigiadas, visto que, normalmente levam daqui – garantem-me – 3, o máximo 4 dias. Porque é preciso que a nossa «transferência» se passe docemente, quanto possível com a simpática colaboração dos nossos «amigos de Peniche». Ontem, fui direito à cabeça do touro, com a maior inocência, e visitei o embaixador: que me recebeu com muitas atenções, e se prontificou a pôr o caso da minha «demora» aqui, atendendo aos convites de que sou alvo, para o Terreiro do Paço. É possível que chegue à frente dos 60 engenheiros das estradas (!) o Arantes¹⁰³. E, nesse caso, tudo se resolverá aqui. O Amora vai escrever uma carta a mim e outra à Embaixada convidando-me. E o Thiers que receberá outra dele, fará a repetição do pedido como coisa sua, à sombra do acordo cultural de que ele é o delegado. A coisa daqui não depende de boas ou más vontades de Flávios e Cantos. Só a regularização da situação aí é que pode depender. Mas, se eles nos mandarem à fava, que remédio teremos senão mandá-los também? Por enquanto, tentam-se as boas, e veremos. Por cá, toda a gente está apostada da melhor vontade. Sabes bem, meu Amor, que não avalio nada nem ninguém acima do que pode dar. Não te preocupes, senão na medida em que me estás faltando dolorosamente a meu lado. E não me consultes sobre coisa alguma, meu Amor. Tudo o que tu decidires, tudo o que fizeres estará bem feito.

Livros: Separar toda essa gente da Renascença e estudos históricos sobre a época – que importam para trabalhar no Camões. O Rogério que te restitua o Lucien Febvre – «Rabelais».

Escrevo-te sozinho na sala grande do apartamento do Casais para onde me mudei ontem de manhã, depois de tremendas contumélias tragi-cómicas de chaves, com o amigo dele. Imagina que o telefone pedido há dois anos o vieram pôr ontem mesmo. Sítio bom é o Leme – parece um Bairro do Restelo, com os meninos brincando na rua, mas em que uma praia maravilhosa está aqui à frente de dois renques de prédios que têm todos pelo menos, dez andares. No 12.º deste estou eu.

Anteontem fiz a lição sobre o Camões e ontem a do Pessoa.

— * —

A carta foi interrompida pela chegada abrupta do Gentil Noronha, o amigo do Casais que zela pelo apartamento, fulo por eu não [ter] arranjado o duplicado das chaves. (o que

mandei fazer, mas só uma funciona). São 10 horas da noite, e tenho de atravessar a cidade para te deixar esta carta no hotel do Chicó. Fiquei irritado com esta cena idiota – ele vinha dormir para cá, e saiu pela porta fora, sem chave, e voltará e eu que lhe abra a porta da rua. Uma chatice, em que realmente não tive culpa, mas ele tem razão. Mas eu não adivinhava que ele vinha para aqui de vez em quando.

Amanhã, às 12 horas, parto no Viscount, a jacto, para Brasília. Não sei se volto amanhã ainda, se depois.

Beijo-te com imensa, com infinita saudade, com amor que não tem palavras tantas são as saudades e o anseio de ver-te nos meus braços. Que correria isto tem sido, querida – mas estou lançando as bases de alguma coisa para nós e para os pequenos que beijarás por mim, e alguma energia ainda tenho, por amor de ti, aos quarenta anos cansados que são os meus. Beijos, beijos, beijos do teu do coração

Jorge

Lx., 11/9/59

Meu muito querido Jorge, meu amor

Telefonei ao Sousa Pinto que teve um baque que eu senti do lado de cá do fio. Disse-lhe muito vagamente que te demorarias e pedi-lhe que passasse por aqui. A verdade é que deverias escrever-lhe porque o que eu lhe direi é francamente muito pouco.

Falei também telefonicamente com o Setas que virá cá amanhã.

Fiz já uma estimativa do que precisaremos. Para a casa (sem contar com pequeno nenhum) será preciso à volta de 2.300\$00. Como a literatura são 1.680\$00, admitindo que daremos ao Rogério 180\$00 pela revisão das provas, precisaremos de, enquanto durar a Literatura, por cá apenas uns 700\$00. Quanto ao que preciso para centralizar as contas, deve totalizar 34.000.00, não contando com as passagens. Por outro lado fiz uma estimativa das coisas que temos na forja: O'Neill, Líricas, Obras Completas (falei a este respeito com o Alçada), tradução minha, Newman, Faulkner, Pascoaes, Fernando Pessoa, Hamlet, Chestov, edição da poesia-pintura. Tudo isto totaliza uma quantia que orça num mínimo de 53.000\$00. cinco dos quais devemos ao Alçada e um ao Agostinho Fernandes.

A tua solução de levar os pequeninos comigo e a Isabel Maria parece-me bem. Dizes que tens facilidades na Panair, então move-as porque nessa altura levaria todos e a Clara. Caso contrário, deixarei o barco marcado para a Clara e os restantes pequenos.

O Ernesto com quem falei hoje aconselhou-nos a esperar pelo Zé que tem conhecimentos nas companhias de aviação. Lembrei-me do Filipe mas não atendeu. E se eu falasse ao Raul? A verdade é que o avião se marca de um dia para o outro, assim eu tenha tudo em ordem. Para já o que é preciso é que mandes o documento para eu poder averbar os pequenos no meu pasaporte. Se a Mariana pagar 50% de passagem mais valerá deixá-la ir com a Clara, que de barco é com certeza muito menos.

Quase tudo o que pedes tinha já apartado.

O Barradas esteve cá um grande pedaço a contar-me e à M. Lamas coisas daí que ambas estávamos ansiosas por saber.

Falei mesmo agora com o Saramago. Foi atenciosíssimo. Manda-te muitos cumprimentos, e acha que os fascículos até vão lucrar com o seres tu a fazê-los inteiramente. Até se ofereceu para ver as provas, bem como as 3^{as} do «Oriente-Expresso» (a propósito: perguntei-te uma dúvida que me não disseste – broadclothes) – tem paciência pega nas minhas cartas e responde-me ao que eu te tenha perguntado.

Manda-me dizer o que tens cá que não nos pertença para eu entregar. Que faço dos romances «Lins do Rego»? E do concurso «Ática»? Que dicionários levo? Que precisarás para preparar as aulas?

Talvez pudesses lá encaixar o Padre Antunes.

Pergunta se hei-de levar alguma roupa de lã, cobertores, casacos. Quais as temperaturas mínimas de lá? Ir de avião reduz-me de tal modo a bagagem que nem sei que faça.

Meu amor, começo a pensar que em breve estaremos juntos e isso me enche de uma tal alegria que não saberia dizer-te. Custa-me ter de deixar algum dos pequenos mesmo por pouco tempo, mas se for preciso deixarei mesmo. Se fosse possível embarcá-los à minha frente, seria o ideal. O Vera Cruz parte a 22, mas já não deve dar tempo nem se calhar haveria passagem. Amanhã ainda vou saber.

Meu amor, meu querido Jorge, sinto uma satisfação imensa por teres escolhido e se te ter deparado uma coisa que finalmente te permitirá ser quem és sem divisão. Estava tremendo que o ganhar mais te tentasse para o lado da engenharia e eu não pretendo que tenhamos de sobra, mas apenas que chegue bem para não vivermos nesta preocupação constante e para que os filhos não sejam um quebra-cabeças. Em todo o caso, de momento, preocupa-me onde nos irás alojar e como vais arranjar dinheiro para comprar aquelas coisas indispensáveis e mínimas para podermos viver.

E como podes demorar-te no Rio depois em Brasília? Só comesas a dar aulas depois?

Custa-me imenso deixar isto mas estou tão contente, meu amor, por te sentir liberto, confiante e contente. Agora só penso em ir o mais depressa possível.

Quanto tempo estaremos ainda separados: 3 semanas um mês? Vai parecer-me tanto tempo, meu amor! Toda a gente se mostra contente por arranjares uma solução para a nossa vida. A quem deixo entregue o dinheiro do Rolim? Ao Martim? Já escrevi hoje para o Porto a perguntar ao Martim se quer vir cá para casa. Sempre a tua mãe ficava mais acompanhada.

O marido da Pureza não quer deixar a casa de modo que acabei por optar pela D. Violante que ficou radiante e será, de facto cuidadosa com a tua mãe. E ainda deve ser o mais económico.

Meu muito querido Jorge, meu amor, que tanta saudade tenho de ti.

Muitos beijos, muitos da tua

Mécia

12/9/59

Estive a ver e a indagar as coisas e parece-me que o melhor seria eu ir pacatamente de barco levando comigo a Clara e os pequenos todos, com Pedro ou sem Pedro. Independentemente de facilidades os pequenos custam na Panair, Vasco e Paulo; 1.460\$80 cada: os outros 7.164\$00 cada. Aqui põem dificuldade à reversão da tua passagem, só aí, além de ser sempre vantajoso aí por causa de desvalorização da moeda. O Vera Cruz parte a 22 e depois a 17 de Outubro. Ainda tem lugares e creio que a 2.^a para nós e 3.^a para a Clara seria muito mais barato e até terias aí também facilidades. Pagando aí sairia também com certeza muito mais barato. Portanto vamos assentar no seguinte: que me convertes aí a passagem da Panair para mim e marcas a passagem para 3 ou 4 pequenos conforme as facilidades que tivesse, ou marcas todos para o Vera Cruz. Se o teu pedido de averbamento vier nada impede que embarque a —, se a papelada não viesse a tempo, esperaria por 17, que o barco me permitiria levar um pouco

mais de bagagem. De qualquer modo aí é que tens de tratar das passagens porque sai muito mais barato.

Mais beijos, muitos da tua

Mécia

Importante

Falei agora com o Agost. Fernandes. Terminou o prazo de publicação do «Maurice Baring». O Amaro está de férias. Pergunta que compromisso tens em relação a isso e se queres mantê-lo.

[Lx.], 12/9/59

Meu amor, meu muito querido Jorge

Esteve há pouco aqui o Setas com a Corália. Foi atenciosíssimo e disse-me logo que nos pagaria a letra e o Rolim. Irá na 3.ª feira ao Pancadas e Moraes e faz logo a transacção. Depois escreverei ao Pedro fazendo os devidos agradecimentos. Embora ele não quisesse eu disse-lhe que poderia assinar uma letra que em todo o caso pagaremos quando pudermos (e eu lhe prometi ser o mais breve possível, embora ele não fizesse questão).

Disse-lhe que possivelmente depois precisaria de mais mas então lhe diria. Isto porque, como me disseste que receberia do Fafe e não sei quanto, só depois poderei saber.

Ele disse-me que a Panair costuma dar facilidades quando é um grupo de família e que até permite o pagamento a prestação mas realmente, diz ele, deve convir pagar aí por causa de desvalorização do cruzeiro que aqui, em venda, pagam a \$16. E escusava de ficar a dever favores ao Sousa Pinto que nesta emergência deve estar furioso e convencido que lhe comeste dois contos e quinhentos sem ver que os ganhaste. Logo que possas escreve-lhe umas letrinhas. E ao Setas também era conveniente (Alameda Afonso Henriques, 60 2.º)

— * —

Informou-me a Helena que por acordo daí o teu bilhete é convertível em passagem de barco onde só pagam as crianças de 1 ano para cima. Estuda, portanto, bem o caso.

Pergunta-te se um poema que o Da Cal fez e lhe mandou foi feito a sério porque é, diz, uma coisa incrível.

13/9/59

Continuando. Isto vai um pouco descosido mas é à medida que me vou lembrando.

Que queres que faça à chave da tua gaveta da Junta?

As criadas (e a Clara iria como tal) pagam só 2/3 indo de barco. Em qualquer caso (no caso do barco) marca passagem para todos, se o Pedro tiver que ficar desisto eu aqui na altura da partida.

Os camarotes de 2.ª classe, com 4 lugares custam 10.600\$00 (moeda portuguesa). O Vasco não paga, o Paulo e a Mariana pagam ?, os outros menos. Isto totalizará uns 43.000\$00 (incluindo Clara), 14 dos quais terás na tua passagem de avião. Há ainda a considerar bilhetes de grupo familiar que eles têm. A Clara indo sem mim, mesmo que acompanhe os pequenos, não tem direito a redução.

Pensa bem. Eu, desde que tenha o teu papel de adicionamento dos pequenos ao meu pasaporte, telegrafando-me tu, ponho-me em marcha no Vera Cruz, dia 22. Está tudo na tua mão e nas delongas do correio.

O Zé escreveu, está aflito de dinheiros queria receber o Capote. Telefonei à Helena que fosse ou mandasse a Ni aos Livros do Brasil.

Meu amor, esta expectativa é já um todo nada agradável. Estou ansiosa, meu amor. Quem me dera poder ir com todos a 22, a 2 de Outubro estaria aí.

Beijo-te, meu amor, beijo-te com infinitas saudades.

Tua

Mécia

Lx., 13/9/59

Meu muito querido Jorge, meu amor

Estou farta de pensar e sempre chego à conclusão que a melhor solução è irmos todos de barco. O Sousa Pinto não apareceu até agora. Significa, com certeza, que está furioso, não vou pedir-lhe favores. De resto é realmente o mais cómodo. Claro está que não será já possível apanhar o barco de 22, mas iremos a 17 de Outubro e nessa altura estarás já instalado em Assis.

A mulher do Fafe telefonou-me hoje. Ele não lhe disse quanto me havia de entregar. Vou encontrar-me amanhã com ela e creio que lhe pedirei 10 contos. Com eles pagarei tudo à justa e irei vivendo com o que me fores mandando. Depois para a viagem pedirei então ao Setas, como já lhe disse.

Afinal parece que o Flávio foi ontem e não a 14, como me tinha dito o Gaspar. Oxalá tenhas sabido e tenhas ido esperá-lo.

A Faculdade não te pagaria ao menos uma passagem? Ao Simões pagaram ida e volta. Se tu falasses ao Amora? Que nesse caso então já o problema se punha de outro modo. Ou, pelo menos com qualquer facilidade que conseguisses já diminuía o nosso encargo, porque a verdade é que só para passagens, mesmo de barco, vamos ficar a dever um dinheirão. Ora dados os encargos de cá, não sei quando acabaremos de ter dores de cabeça. Até agora apenas estou a centralizar as dívidas, mas as passagens serão um acréscimo delas.

Hoje não tive notícias como já calculava. Estou agora ansiosa por que venha a Belchior que é de quem espero ouvir mais pormenorizadas notícias.

O Ferdinando esteve cá hoje, foi até depois ao Aeroporto levar a carta para ti. Depois à noite apareceu a D. Violante que continua e continuará de braço ao peito e por fim apareceu a Clara que vai amanhã levar a papelada e requerer o passaporte.

Ontem falei à tua mãe a quem ainda nada dissera para não suscitar alarmes. Aceitou tudo muito bem e declarou que sim senhor tomaria conta da casa e gostava de ficar com a D. Violante. Claro que lhe disse que nas férias grandes teríamos facilidades de vir cá, embora não já nestas próximas, e que, por outro lado, se víssemos que a vida se nos estabilizava lá favoravelmente ela iria. Concordou com tudo com toda a facilidade. Era conveniente que lhe escrevesse ao menos um postalzinho, que ela ficava radiante.

Agora que sei que em breve estaremos juntos já me não custa tanto esperar. Se me vejo de partida ainda julgo ser mentira. Em todo o caso bem me custa deixar tudo isto que estimo e sobretudo tantas pessoas cuja amizade me é consolo. Mas, meu amor, nada me afasta de ti nem em pensamento. Estou onde estiveres e só junto de ti estarei bem. Quantas saudades tenho, meu amor, nunca uma ausência tua me deu tanta aflição: a certeza de que estavas jogando a nossa vida e sobretudo a nossa separação ia-me pondo maluquinha. Só agora começo a recompor-me de nervos mas estou imensamente abalada ainda.

Agora só penso em voltar a ver-te e em sentir-me nos teus braços, meu amor. Deus queira

que possas resolver aí as coisas o mais rapidamente possível que nunca nenhuma pressa responderá à minha ansiedade.

Muitas saudades, meu amor, muitas e muitos beijos da tua

Mécia

Lx., 14/9/59

Meu amor

Hoje estive com a mulher do Fafe. Foi atenciosíssima. Acabei por almoçar com ela na Baixa. O marido tinha-lhe dito que me desse cinco contos, mas ela disse-me que me daria o que precisasse. De modo que me deu 15 e se eu precisar mais dar-me-á; se eu não precisar de todo deposito. Fui com ela à Panair para procurar um senhor (Xara Brasil) que arranjou para o Fafe condições muito favoráveis mas o senhor só vem na 4.^a feira porque está neste momento em França. Pesa tu aí os prós e os contras e vê o que será melhor e mais cómodo, mas aí é que tens de resolver porque é mais barato pago em cruzeiros do que em escudos. Como agora tenho este dinheiro não te preocupes com mandar-me mais, com isto pago tudo e viveria um mês ou mais, se fosse preciso. Resolve aí, e depois manda-me dizer.

O Martim chegou ontem do Porto. Está bom e manda-te um abraço. Do pai nada mais há. Eles têm a impressão que ele está hesitante, mas como não fala a ninguém e sai de manhã e entra à noite, mesmo o Martim só o viu ontem de manhã, de fugida.

O Luís de Matos deve ter chegado ontem mas não me telefonou de modo que concluo que nada mandaste por ele. Aguardo a Lourdes Belchior. Entretanto vamos a ver se recebo o papel para o adicionamento dos pequenos que sem isso não posso pôr-me em pé de marcha.

Não voltei a ter notícias depois do Barradas.

É bom ir o Sr. Esteves que te saberá resolver as coisas burocraticamente. Ainda hoje voltei a falar com o Director que te felicita embora tenha pena que te vás. É bom, de facto, resolver as coisas do modo mais agradável para todos. Poderás ficar a pagar o Montepio? É um por-menor a pensar.

Estamos todos bem e ansiosos por ir. A Isabel Maria já anda lindamente de bicicleta e o Pedro já se vai aguentando.

Quando irei? Quando assentarás arraiais em Assis? Estou desejosa que me digas que estás instalado.

Meu amor, estou ansiosa por notícias. Muitos beijos, muitos da tua.

Mécia

Lx., 15/9/59

Meu muito querido Jorge, meu amor

Lá fui ontem ao Aeroporto. Entreguei ao Esteves um embrulho em que iam alguns dos teus trabalhos em curso. A carta levou-a o Mesquita Lima¹⁰⁴ a que se ofereceu e que achei muito avelhentado.

Cumprimentei o Flávio que no fundo me pareceu furioso por te «escapares». Disse-me com um ar displicente que sim já sabia que estavas tentado a ficar, mas que 44 mil cruzeiros não eram nada, uma ridicularia.

Conversei bem o Esteves visto ser ele o homem das dificuldades. Oxalá tudo corra bem.

Encontrei o Filipe que ficou de vir cá hoje.

Nada veio no correio. Aguardo ansiosamente a chegada da Belchior que espero venha hoje, segundo me disse o Barradas.

Se me apanho aí ainda julgo que é mentira, meu amor, que saudades!

Hoje veio cá o Rogério. Vinha do Sousa Pinto que ao falar de ti lhe disse que te demorarias por aí nuns Congressos ... uma coisa vaga, não lhe deve ter querido adiantar, mas no fundo o Rogério ficou a pensar que realmente ele não tinha ilusões.

Encontrei no aeroporto o Gromicho que estava a despedir-se de uma prima que com o marido ia para o Congresso. A mulher è realmente insuportável, é de fazer perder a paciência a um santo.

Falei noutra dia com a mãe do Lemos que ficou radiante por irmos. De resto ela sabia pelo filho que estavas furando nesse sentido. O Lemos já tem menino?

O Gonzalez foi para os Açores?

A M. Helena sempre foi operada ao braço. Tiraram-lhe a chapa e os parafusos que lhe tinham posto e por um triz lhe iam dando cabo de um tendão. Parece que está melhor da colibacilose. Agora estão convencidos que o Rui Manuel é um «artista».

Quem está muito doente é a M. Leonor (o pai já mal se levanta da cama, está a dar as ultimas) tem uma dilatação na aorta, não pode andar muito nem ter emoções e está há quase um ano com uma febre estranha que pensam ser febre de malta. O Martim dentro do próximo mês ou faz as pazes ou em Maio acaba o tempo do divórcio e se casa com outra que tem em vistas.

E mais nada, meu amor, se não a minha saudade. Pelo Ferreira de Castro te mandarei mais Teixeira de Pascoaes e mais Pessoa. Estou atada de pés e mãos pela falta do teu requerimento e agora estou ansiosa por saber como irei. Começo a impacientar-me e principalmente a não suportar mais ver os dias passarem sem nada saber de ti. Escreve-me, Jorge, estou sempre desejosa de saber o que vais fazendo e que tudo te corre bem por aí.

Meu amor, muitos beijos, muitos, infinitas saudades num grande abraço, num interminável abraço.

Quando me beijarás?

Tua meu amor, tua sempre e com muito amor

Mécia

P. S. – Levo o teu fato castanho? O pullover?

Mais beijos, meu querido amor

Mécia

[Rio], 15/9/59

Meu amor, minha muito querida Mécia

O Mesquita Lima deu-me a tua carta que eram duas, de 13 e 14. Que alegria ter notícias tuas tão próximas, tão frescas! Que pena a Maria de Lourdes ter partido uma hora antes (efectivamente, com a saída deles cá para fora, pelas alfândegas que os «chatearam» com especial amor – 2 horas!) – eu ter-te-ia respondido e então é que era ida por volta!

Não temas o Canto Moniz, com quem hoje deparei no aeroporto (e falámo-nos muito diplomáticos e measureiros); pouco importa de resto. Eu recebi todos com muita imponência, e ficaram um pouco gagos com as deferências com que era ali tratado pelos outros. Mas, meu Amor, toda a gente vinha sabendo que eu ficaria cá, como isto, como aquilo! A coisa deve ter transpirado pelas Pontes, sem dúvida. Ao António Pedro Rodrigues, disse do C.M. todo o mal que podia; e mesmo os portugueses bem como a «situação» lhe não gramam os ares nem os negócios que andou propondo quando cá esteve anteriormente.

O Presidente disse-me (amanhã lhe telefonarei a combinar ir vê-lo) que te foste despedir dele! Foste mesmo? Safa!

E agora o triste disto tudo e que creio te servirá de eterna emenda quanto a recovagens. O Sr. Esteves disse-me que trazia de ti uma encomenda para mim. Não faço ideia o que seja. Mas o caso é que ele em Lisboa a entregou ao Sr. Prego (!), agente da Panair aí, em vez de a trazer com ele, e agora ao desembarcar o embrulho que, para mais, vem endereçado ao Congresso (diz o Esteves), não se sabe em que mão está nem para onde foi parar. Eu estou por tudo, mas é triste perder-se assim o que talvez sejam papeladas minhas. Serão os contos? Nesse caso, o original manuscrito da história do pato estará na gaveta da esquerda da secretária, onde se guardam vários manuscritos. Não sei que esperança haja de a coisa aparecer.

Procura aí em Lisboa o tal senhor, e vê se ele se lembra por quem mandou a coisa.

O Luís de Matos foi com a Maria de Lourdes hoje – ela te dará notícias minhas, já deu quando receberes esta carta – e o Chicó e o Luís Albuquerque tomam no Recife o mesmo avião. Ele é de Abrantes ou Alferrarede, e conhece muito bem, de infância, a Vitória e a irmã, calcula! Sabias?

— * —

Eu não me esqueço de ninguém, quanto a vinda para aqui. Mas não posso «cavar» coisa nenhuma, enquanto os meus contactos não estiverem todos estabelecidos. Quem me dera ter cá o P. e Antunes neste Brasil imenso onde tudo, com avião, não é longe! E o Terra, e sei lá quem mais! Talvez eu arranje para o Terra o lugar do Ceará que não quereirei para mim, depois de, se for possível, ser eu a montar lá os Estudos Portugueses.

Penso não ir para Assis, antes de tu vires. E vou não aceitar o lugar da Cosipa. Ou tenho coragem de abandonar o equívoco da engenharia ou não tenho. E é agora ou nunca. Não achas? Que me importa a mim ganhar mais daqui a um mês ou dois, se posso não me ajeitar? E que necessidade tenho de ir estar em Santos dois ou três meses (como benemeritamente o

Amora, que acha como toda a gente, que eu chego para tudo, ele próprio julga de tentar?), quando o que importa é a tua instalação definitiva em Assis, com os pequenos?

Estou aguardando as cartas do Amora, para as apresentar na Embaixada ou ao Presidente da Junta [Autónoma das Estradas], bem como a do Thiers. Amanhã telefonarei a meio mundo. Hoje foi chegar de Brasília e ir à Livraria, almoçar com M. de Lourdes, escrever-te, marchar para o aeroporto (abraçamo-nos com lágrimas), é muito boa rapariga e nossa amiga, esperar o avião daquela tropa fandanga: imagina a corte do C. Moniz, Amorim, Elias da Cosra, etc. Veio também o Edgar, o Rolim, a quem falarei aqui, o Viriato de Campos, etc., etc. Um ramalhete, com o Perdigão também. Trouxe-me à cidade um engenheiro meu conhecido que vive cá (do Galeão ao centro são 20km, e do centro ao Leme, de onde estou a escrever-te em casa do Casais são outros tantos quase, e tudo cidade sempre!), jantei com a minha modéstia habitual (70 cruzeiros), e vim a correr para casa (na velocidade do bonde, quase uma hora) para não ficar na rua, pois o porteiro ficara com as chaves e fecha a porta às 10 horas e ninguém mais o vê.

Seria o Ward o embrulho?

De dicionários acho que é de trazer todos os de línguas estrangeiras, mais o «The English Language» e «The Essentials» do Jespersen que estão ao pé. E os dicionários português da Porto – Editora, embora aqui tenhamos de afazer-nos a outra ortografia como sabes.

E agora, meu Amor, à medida que todos os companheiros de Colóquio vão partindo – estes eram os últimos, e o Fafe não apareceu no aeroporto à partida de Brasília e não sei onde ele pára, se partiu ou não já, pois partiria – vou ficando mais intoleravelmente roído das saudades de ti que eles te vão levando.

Agora me lembro: a Clara, sem profissão certa, poderá vir como turista? Se pode, tanto melhor. Quanto a regularizar aqui a situação de todos, não haverá dificuldades. São muitos os amigos, a boa vontade e as suas influências. E há sempre o último trunfo a jogar.

Comecei a rever o texto do Rogério, mas há coisas que não entendo sem o livro, que terei de procurar aqui rapidamente. Há-de haver em qualquer biblioteca, e há muitas à minha disposição.

Que saudades, meu Amor! Que desejo de ver-te e ter-te!

Preciso de esclarecer como podem depois embarcar os pequenos que fiquem. Que passaporte terão de ter? Era seguro que investigasses correctamente aí, pois pode não funcionar à última hora, aí, o que daqui se fizer, e surgirem complicações.

Que solidão, meu Amor, é o mundo sem ti! E como não sei ser nada, nem saborear nada, sem que tu partilhas! Aguardo-te ansiosamente.

Terei despesas aqui para resolver papeladas. Mas do que ganhei e trouxe ainda tenho perto de 14 contos, e ganharei alguma coisa até vires. O Amora deu ordem para o que eu quisesse, e aqui não teria dificuldade; mas não quero servir-me de ninguém, senão em último caso. Aguentar-me-ei, e poderei até ver de passagens para os pequenos. Não te preocupes, meu Amor.

Beijos, beijos, beijos e um imenso abraço cheio de saudades do teu do coração.

Jorge

Rio, 16/9/59

Minha querida Mécia, meu Amor

Esta manhã, tentei telefonar ao Presidente, sem resultado, e fui andando do Leme a Copacabana, para deixar-lhe um recado. Iam, precisamente quando eu chegava ao Palace, saindo de automóvel guiado pelo Canto Moniz, o Presidente, o Mesquita Lima e o Esteves. Se visses a imponência displicente com que nem esperaram que eu acabasse de lhes falar! Mas onde julgam eles que estão? Eu estou no Brasil, e quero que todos se lixem, e hei-de lixá-los. De modo que, com o Presidente nada ficou combinado, e o Esteves parece não ter consciência do que fez cuja responsabilidade lhe cabe! Eu não posso procurar um pacote que vem endereçado ao Congresso, não é verdade?

Comprei depois uma escova para o fato (para ver se o desencardo do pó de Brasília) – 70 cr –, dois pares de meias, pois umas estão todas rotas, e a lavanderia é uma lesmice: 190 cr. os dois pares. E terei de comprar um fato ordinário, levíssimo para poupar este, pois o azul escuro é impossível vesti-lo com este calor.

Nos Livros de Portugal não tinha carta tua, que é o meu alimento quotidiano aqui no Rio. Mas com o António Pedro comecei a tratar das passagens e das declarações. Com apresentação dele, fui ao consulado falar com o cônsul, que me recebeu bem e me dará – espero – a declaração amanhã mesmo. Logo que a tiver ta mandarei.

Que amargura me deu o encontro com aquela corja engenhárica – que proas, que importância! O Viriato, ontem, para mim: – Então parece que V. é pessoa importante? – E eu: – Pois sou. Lá é que nunca deram por isso. – Filho da puta. O próprio António Pedro cujas simpatias tombam para lá (só que cada vez mais suponho), ficou um tanto escandalizado com aqueles ares. Eu não devia tê-los esperado; mas procurado depois – o Presidente. Estou farto, meu amor, de ser tratado como quem não sou.

A ansiedade que eu tenho de ver-te aqui, com os pequenos, com a Clara! E o diabo que os carregue todos os que me têm humilhado, por necessidade de ganhar o pão, durante estes anos todos. Beijo-te, beijo-te, ansiosamente e saudosamente. E aperto-te contra o coração, meu único Amor, minha querida Mécia. Teu

Jorge

Lx., 16/9/59

Meu amor

Decididamente a tua estadia aí dá cabo de mim. Há 5 dias que nada sei de ti. Desde ontem que não sei quantas vezes experimentei o telefone da Belchior que ninguém atende. É horrível Jorge, já te pedi não sei quantas vezes que não deixasses de me escrever só porque contas ter este ou aquele portador porque as pessoas não chegam, ou afinal nada trazem (o caso do Luís de Matos que o Barradas me disse que traria notícias que, pelo menos, me não chegaram) e eu estou amarrada em casa à espera de telefonemas que não vêm e ansiosa por notícias que também não vêm. Entretanto vou-me enervando e desesperando. Numa altura em que tanta coisa há para decidir, em que mais que nunca estou dependente das tuas cartas, o teu silêncio é desesperador.

Mas porque não há-de escrever-me regularmente como sempre, Jorge?

Esta impotência perante uma fronteira que não posso cruzar por causa dos pequenos, perante um transporte para o qual não tenho dinheiro é verdadeiramente de endoidecer. Ninguém terá em dar-me notícias tuas, a pressa que eu tenho em recebê-las, é com isto que tens de contar. Por outro lado vejo o tempo a correr. Cada vez mais ser impossível apanhar o Vera Cruz de 22 e depois ter na minha frente mais um mês, fora o tempo de viagem, para estar finalmente junto de ti.

Ontem estive cá o Filipe a jantar. Conversamos muito sobre muita coisa. Fui buscar os poemas para lhe mostrar o Goya, que dos outros não tinha reprodução que auxiliasse. Gostou imenso.

Creio que de qualquer modo não regressarás cá tão cedo de modo que, a menos que monetariamente conviesse, não vale a pena estar a fazer prorrogações de licença quando, pelo tom em que me falaras eu tive que dizer exactamente os teus projectos, de modo que eles não têm ilusões na Junta.

Podia ter entregado ao Rolim o dinheiro e de todo se me varreu que ele ia. Telefonei ontem para o Hotel e quando me disseram que tinha ido para aí fiquei furiosa comigo mesma. Pergunta-lhe se posso entregar o dinheiro na gerência do Hotel, pedindo-lhes um recibo, por exemplo, ou se quer que lho entregue a alguém.

O Terra, com quem falei hoje, foi em tempos convidado para Assis. Agora está cheio de pena de não ter aceitado e disposto a ir, se lhe renovarem o convite.

Meu muito querido Jorge, estou exausta de espera, de ansiedade de saudades por ti, meu amor. Ontem telefonei à Natércia. Manda-te muitos cumprimentos, ficou, pareceu-me, muito interessada. Diz que mandes os artigos que quiseres. Ela vai talvez ser operada à vesícula mas as coisas vão-lhe chegando à mão na mesma enquanto estiver hospitalizada e depois entretanto te escreverá que fiquei de lhe dar a tua morada quando assentares arraiais. E também uma das coisas que me aflige é não te ver estabilizado. Quando irás para Assis? Estou ansiosa que me digas que estás tratando da nossa instalação.

O Alçada não voltou a aparecer-me estou temerosa que tenha desandado para Paris sem me tratar de nada. Mas o que me tolhe mais é estar de sentinela ao telefone e não ter o teu requerimento para os pequenos.

Meu amor, estou tão desejosa por partir, desejosa do repouso que é para mim a tua presença. Tantas vezes temos prometido um ao outro que é a última vez que nos separamos por tempo além de horas e sempre elas se nos proporcionam deste modo.

Nem sei que faça, meu amor, que esperar me é insuportável.

Beijo-te com infinito amor e com imensas saudades.

Tua

Mécia

P. S. – A Mariana está aqui e manda muitos beijinhos. O Terra também está a mandar um abraço.

M.

[Lx.], 16/9/59

Meu muito querido Jorge

Eram nove horas quando a Belchior me telefonou. Fui lá, recebi a tua carta e conversamos quanto permitiu o cansaço enorme dela.

Esta tua ida a Brasília deve ter feito com que eu tenha perdido o Vera Cruz. Por que não lês atentamente as minhas cartas? Eu não te peço declaração nenhuma para mim. A Clara mandou-te uma norma para adicionamento dos pequenos ao meu passaporte. Sem esse documento não os posso levar, Jorge. Estamos a perder um tempo precioso em desentendimentos.

Atenta bem:

1.º – Preciso desse documento.

2.º – Impossível ir de avião por causa da bagagem e porque não aguento fazê-lo com 3 crianças praticamente de colo, quando agora mesmo a Belchior mo disse.

3.º – Todas as companhias de navegação aceitam transferências de bilhetes de avião.

4.º – Há barcos italianos e possivelmente outros, além dos da Colonial.

5.º – Aí é que tu tens de comprar as passagens que sai muito mais barato, na própria Panair me disseram.

6.º – Se vais para Santos, afinal, os barcos (pelo menos os portugueses) levavam-me mesmo lá, o que simplificaria imenso.

— * —

Broadcloth – creio que dá sentido. Os homens tinham uma banda preta; interpreto que pertenciam a qualquer confraria ou é lá sinal de luto, visto que as mulheres também estavam de preto.

Claro que a Clara pode ir, como eu, com um visto de turismo, tanto mais que tem larga família em S. Paulo. Tens é de falar ao Cyro em lhe mudar o visto ou depois talvez por intermédio da família (mas para isso há seis meses), se arranjará. Não recebeste duas folhas de papel selado? Não recebeste a tradução do Rogério? É possível que de algumas coisas destas fales na carta que entregaste ao Chicó mas esse nem sinal de vida deu. Vou telefonar-lhe amanhã, se é que não desandou a estas horas já para a Caparica. Estou ansiosa por saber como te encontraste com o Flávio. Não pude mandar-te mais roupa porque o Esteves me disse que levava imensa bagagem, afinal, depois, verifiquei que ia como bagagem do Congresso e podia ter mandado mais coisas. Mandei o que me pareceu mais essencial e valioso mas estou em cuidado. No dia 22 o Ferreira de Castro levar-te-á mais coisas.

Meu amor, eu não tenho ambições a capitalista. Creio que será bom aceitar essa tripa até Janeiro. Depois é de pensar. Assis dá-te um incrível tempão livre para te desembaraçares de compromissos e para finalmente produzires com uns 4 ou mais meses de férias, e, como dizes, meia dúzia de alunos. Mas há tempo para pensar, de facto, e de resto, só tu podes ver e escolher, ninguém tem o direito de te influenciar. Para mim basta-me que chegue e que te sintas bem.

Meu amor, esta carta da Lourdes deixou-me profundamente desconsolada por não trazer o documento para os pequenos. Sem isso nada se pode fazer, meu amor, e a melhor forma é fazer o requerimento como se estivesses aqui sem meter mais trapalhadas de Consulados. Eu vou reconhecer pacatamente e depois direitinha ao Governo Civil com as cédulas dos pequenos na mão. Não recebeste duas folhas de papel selado, à cautela?

Vejo o tempo a passar e a possibilidade da minha ida muito longínqua. Estou triste, meu amor, muito triste, eu que estava tão esperançada de poder ir a 22! Talvez haja algum barco italiano em seguida e antes de 17 de Outubro para o qual falta uma eternidade.

Até quando, meu querido Jorge! Ainda sinto o teu beijo de despedida e os teus abraços a apertarem-me. Trata de tudo com a máxima brevidade, meu amor.

Beijos, beijos da tua

Mécia

Rio, 17/9/59

Minha muito querida Mécia, meu Amor

Acabo de sair do Consulado, onde fiz a declaração que finalmente aqui vai. Rigorosamente, diz o Cônsul, a assinatura dele deve ser reconhecida no Min. dos Estrangeiros nas Necessidades. Se fôr necessário, procurarás o Guilherme de Castilho¹⁰⁵ ou o Franco Nogueira¹⁰⁶, o eminentíssimo com quem fiquei de boas relações, espero, na Bahia.

Como os «Livros de Portugal» são perto, vim buscar o correio – tinha carta tua de 13, anterior, suponho, à que o Mesquita Lima me trouxe. Hoje mesmo irei tratar das passagens, e farei que avisem telegraficamente. Mas tenho de resolver ainda o problema do dinheiro. Como a declaração não vai chegar a tempo de embarcares no «Vera Cruz», eu porei a questão de virem de avião. Logo depois tratarei do caso da Clara. Aguentar-nos-íamos aqui no Rio, instalados no apartamento do Casais – tem paciência... e não digas à Alice (o Casais escreveu-me muito contente, porque o João Paulo lhe escrevera uma «longa carta»), até a caravana estar completa para seguir para S. Paulo e Assis, onde entretanto nos arranjaríamos uma casa.

— * —

Traz-me os poemas – Collected Poems, do Dylan Thomas e a Árvore onde está a tradução do Auden (O massacre dos inocentes) –

— * —

O França, se veio, não apareceu a ninguém, nem deu sinal de vida. E eu ainda não tive tempo de voltar ao Min. da Educação, onde o serviço do Congresso me informaria. Espero ir lá hoje.

Esta manhã telefonei ao Flávio, e ficou combinado tornar a telefonar-lhe, para me encontrar com ele e com o Esteves. Deste, que não tornei a apanhar, não sei se encontrou o malfadado embrulho. Já descobriste alguma coisa?

A chave da Junta, o melhor é com ela abrir as gavetas e trazer para casa tudo o que me pertence e por lá anda, mais os duplicados da Lixa, Rio Leça, Rabaçal (o novo ante-projecto – e pergunta o que se passou quanto a ele) que estão na estante do meu gabinete.

É curioso como de tudo o que sejam papéis, livros, propriedades, me sinto desapegado. Só a ti cada vez mais me sinto unido, esperando ansiosamente a tua vinda. Esta noite janto em casa do Jorge Amado¹⁰⁷, com o Cícero Dias¹⁰⁸ e o João Conde, e ventilarei também o assunto das passagens, pois que o Jorge tem amigos na Panair, segundo suponho. Ontem à noite, fui a casa do José Paulo Moreira da Fonseca¹⁰⁹, que quer uma entrevista para o Jornal de Letras, e lá encontrei outra vez o jovem poeta Mendes Viana, filho do que esteve aí, como te lembras, do Itamarati, por causa do Delgado¹¹⁰. Viemos até ao Leme, onde ele me disse morar, e morava defronte de mim. Numa terra deste tamanho, é extraordinário.

Meu amor, espero-te ansiosamente e nem consigo, nestas andanças exaustivas, trabalhar decentemente. Quando vieres de avião, telegrafa logo que marcares o dia, para os Livros de Portugal, de outro modo, arriscamo-nos a que chegues, sem eu saber, dada a demora. Imagina tu que os telegramas aqui (não sendo Western, que são mais caros), viajam de avião ou na distribuição normal!...

Beijos, beijos, beijos, e as saudades todas do teu do coração que te abraça com imenso amor

Jorge

[Lx.], 17/9/59

Meu amor, querido Jorge

Venho do fiscal onde fui informar-me do que seria preciso fazer em relação à casa. Tens de fazer um requerimento ao Ministro em que exponhas que tendo ido aí ao Colóquio com autorização ministerial se te depararam temporárias condições de estadia que aceitaste e que deve prolongar-se por X anos (dizes 3 ou 4, talvez depois se prorrogaria) e pedes para continuar a amortizar a casa tanto mais que nela ficará residindo tua mãe que já fazia parte do agregado familiar quando recebemos a casa. A Helena Cidade servirá de cunha para ele, se o Alçada não servir.

Esta manhã telefonei ao Chicó que não entregou a carta à Belchior. Disse-me que vinha cá trazer-ma mas acabou por concluir que era muito longe e ma deixaria na Livraria Alemã. Entretanto falei com o Terra que ficou de ir buscá-la.

O Alçada não voltou a aparecer, temo que tenha ido para Paris e só me apareça na volta, isto é, lá para o fim do mês.

Vou ver se o Ferreira de Castro me leva todos os livros que pedes e mais algum que me pareça ser-te útil.

Creio que terás papel selado para este requerimento visto que foram já duas meias folhas e só terás utilizado uma para o requerimento dos pequenos, em todo o caso vou mandar-te outra.

Vais finalmente assentar arraiais aí? Contigo de um lado para o outro mais difícil é ainda conseguirmos dialogar.

A Helena Amora mandou-me dizer pela Lourdes, particularmente, que eu fosse o quanto antes para me não acontecer o que acontecera à Alice! Claro que eu não lhe fui explicar as razões que por ventura assistiam ao Casais e por outro lado será difícil que alguém entenda a que ponto somos um só, mas achei graça ao recado. É evidente que se dependesse só de mim já aí estaria há muito, não para impedir que alguém se interpusesse mas pelo gosto imenso de estar ao teu lado e de saber que a minha presença te é grata.

A verdade é que só vejo o tempo passar. Há 42 dias que te foste e nada sei de quando nos tornaremos a abraçar mas não será muito em breve, com certeza. Farei o embrulho para a Ática que pedirei ao Terra para deixar lá, em todo o caso não será entregue sem que me digas que lhe escreveste umas linhas, o mesmo acontecendo em relação ao Prémio «Lins do Rego».

Amanhã terei carta tua? Por certo não que seria preciso que me tivesses voltado a escrever na própria 3.^a feira.

Meu amor, tenho tantas saudades! E é sempre o dinheiro, a burocracia, as delongas imprevistas e tudo tempo perdido e vida que se esvai não para ti inteiramente mas para mim neste marasmo, nesta suspensão de hora a hora, neste despegar que muito me custa, neste fazer mental de bagagem que dependerá de transporte.

Beijo-te, meu amor, beijo-te com imensa saudade e imensa ternura.

Tua

Mécia

Rio, 18/9/59

Minha querida Mécia, meu imenso Amor

Escrevo-te sem saber se terás embarcado no «Vera Cruz», por tua iniciativa, já que eu nada podia fazer nesse sentido. A passagem de avião foi requisitada oficialmente, terá de mendigar-se (não é muito elegante, vamos lá, mas não podemos prender-nos com essas coisas) o reembolso dela. A passagem do barco já não era possível marcá-la aqui, sob pena de se perderem uns contos de réis, se nem a ordem para ela, nem a minha autorização chegassem a tempo. De tudo isto tenho tratado, meu Amor, mas não são coisas fáceis, e sobretudo não são rápidas, infelizmente. Ontem, foi uma correria por causa de tudo isso. As passagens de avião, melhor é pagá-las aqui (como melhor é trazeres esse dinheiro, se trouxeres, meu Amor, o máximo em notas de escudos e não em cruzeiros. O escudo aqui vale mais), e a Panair dá de acto desconto e possibilidades de prestações. Cheguei, na agência, a pensar em telegrafar-te, mas onze palavras (que descontado o endereço, eram quase ininteligíveis) custavam um conto e duzentos e não adiantaria à tua capacidade de decisão, meu Amor. Depois de ter andado nisto, fui ao Ministério da Educação saber do França, que chegou anteontem e partiu para Brasília, sem sequer tentar contacto com o António Pedro. Perguntou por mim a um funcionário do Simeão Leal, com quem depois estive conversando, por conveniência de cultivá-lo. E saí, a caminho de jantar, amargurado com tanta delonga, a perda do embrulho, a impossibilidade de entrar em contacto com o Presidente e o Esteves, numa terra onde, se não se marca pelo telefone qualquer coisa, é impossível encontrar as pessoas. Isto não é o mesmo que ir ao Terreiro do Paço.

E, quando atravesso a rua, dou de cara com... o Esteves! Tem andado à procura do pacote que não aparece de facto. E estivemos então, sentados num botequim conversando. Ele tinha o papel selado e eu também, e fiz dois requerimentos: um pedindo que até 15 de Setembro por se prolongarem os convites seja considerada a comissão de serviço; outro, pedindo a licença ilimitada. Nós viemos para aqui, para conquistar a nossa liberdade, meu Amor – não há motivo para não pôr logo a situação como é, embora eu não tenha falado em liberdade ao Esteves, pois não vinha a propósito... Depois, vim a casa lavar-me (de sujo e suado que a gente se sente sempre) e não mudei de camisa, porque a lavadeira não tornou a aparecer, está doente (e evito ao máximo a camisa de nylon que me faz tonturas), e cheguei atrasado a casa do J. [Jorge] Amado, em Copacabana, gastando num táxi o que teria poupado com o convite (não é verdade: 30 cr. contra uns 100) para jantar.

Recebi ontem, nos Livros de Portugal, do Rogério, o Ward e o texto para diante, que reveerei agora urgentemente. Mas agora pela manhã vou escrever a entrevista para o Jornal de Letras, que o José Paulo Moreira da Fonseca me pediu.

Desesperadamente espero por ti, para nos fixarmos definitivamente, e começo a não saber pensar nem resolver nada. Mas isto é uma crise passageira, de não ter ainda o dinheiro na mão para pagar as passagens.

Uma solidão como esta em que ando (e os encontros e as visitas só me enervam mais) não é o mesmo que ir dois meses a Inglaterra. Não te preocupes porém – anima-me com as tuas cartas e tudo passará.

Vou escrever para S. Paulo a declinar o convite da Cosipa. Viver em Santos e mergulhado numa empresa técnica, é uma aventura estúpida e perigosa para a libertação do espírito, que procuramos. Se não salto agora para a vida universitária, perco a oportunidade. Antes viver em Assis, onde ficaremos o tempo que for preciso até coisa mais vantajosa como meio urbano (que financeiramente não me parece que haja e toda a gente diz que não há).

Só sonho, dia e noite, com a tua vinda, com abraçar-te e beijar-te, com falar interminavelmente contigo, meu Amor. E com ver o encantamento pasmado dos nossos filhos ante este mundo diferente.

— * —

Antes de fechar a carta, saí para almoçar e ir aos Livros de Portugal, onde encontrei a Cleonice Berardinelli. Não tinha carta tua. Estou ansioso por notícias, roído de saudades. Que se passará?

Beijos, beijos, beijos e abraça-te o teu do coração

Jorge

Lx., 18/9/59

Meu amor

Tenho andado em arrumações que é mais operação de catalogar na cabeça para futuros pedidos de que propriamente para arrumar, o que também era mais que necessário.

Queres o Dicionário analógico? Mandei encadernar o 3.º volume para não ficar assim. Que outros dicionários queres? O Luís de Sousa Rebelo escreveu a confirmar a nossa conversa telefónica. Eles não pagam mais que os 6.000\$00, mas deixam-te publicar aí, desde que a publicação não seja anterior. Querem a tradução em prosa porque como mais ninguém aceitou fazê-lo em verso para não quebrar a unidade da colecção. Eu mando-te a carta e tu escreves ao Rebelo, que é melhor. Inclusivamente eles podem pôr prazo para tua entrega e tu pões prazo para a respectiva publicação, prazo além do qual publicarás aí.

Telefonou agora o Sr. Saramago¹¹¹. Não acusaste a recepção da tradução do Rogério. Queria umas indicações que lhe dei. Combinei com ele guardar lá os fascículos das Mil e Uma Noites e só mandar para cá quando já estivessem encadernados, descontando nessa altura a respectiva encadernação no fascículo. Para já encaderno os dois primeiros volumes.

Está na hora do correio, meu amor. Beijos, muitos e saudosos da tua

Mécia

Lx., 19/9/59

Meu amor, meu muito querido Jorge

Parece-me que estás a fazer ondas desnecessárias, Jorge. Hoje recebi uma carta do Casais para me convencer a ir. Serei eu que estou maluquinha? Mas, alguma vez será preciso convencer-me a ir para onde estiveres? Tu sabes que nada está dependente de mim mas de ti. Eu não posso levar os pequenos sem o teu requerimento, e esse problema põe-se tanto em relação aos sete como a um só que eu quisesse levar e, é evidente, não deixaria de levar pelo menos o Vasquinho. Eu não posso embarcar seja de avião ou de barco sem tu aí me marcares as passagens. Eu não devo ir, e em todo o caso vou, sem que me digas ter sequer um quarto, pelo menos relativamente instalado, para mim e para os pequenos. Se eu for de barco posso levar roupas de cama e de mesa, os talheres e alguns tachos e panelas, mas faltarão um mínimo de móveis e pratos. Como queres que, com tudo isto dependendo exclusivamente de ti eu me ponha a caminho? Se tu ainda estás hesitante entre Santos e Assis e entretanto não estás nem num nem no outro lado mas no Rio, muito belamente, como quererias, mesmo que eu tivesse tudo burocraticamente resolvido e só dependesse de mim, que eu me fosse por aí fora? Achas que é possível andar com meninos e bagagens de um lado para o outro feito família piranga? Mas não é possível Jorge, além de que eu já não tenho 20 anos mas quase 40 e exaustos física e moralmente falando. Desde que foste tenho envelhecido anos e emagrecido quilos e chorado lágrimas como nem me lembro na minha vida. Só me faltava no fim de tudo virem as pessoas convencer-me a ir, Meu Deus do Céu, Jorge, mas quem neste mundo poderá arranjar um argumento mais forte do que tu estares longe e dizeres vem. Não é preciso ninguém entre mim e ti, meu amor, porque não é nenhuma espécie de dever ou de raciocínio que me liga a ti, mas o infinito amor que tenho por ti e faz que estejas sempre acima de tudo e de todos para mim.

Está na tua mão e não na minha que eu vá e eu não ficarei aqui uma hora mais que seja assim que tenha ordem de seguir.

Relê as minhas cartas, vê o que tens a fazer, faz as coisas com calma e sobretudo escreve-me que estar sem notícias tuas é a pior das torturas.

Os pequenos estão bons. Hoje vacinei o Vasquinho a ver se evito levá-lo em plena reacção das vacinas. Espero que na Direcção de Saúde me não obriguem a vaciná-lo outra vez e se limitem a passar o atestado, vamos a ver. Entretanto hoje são já 19, o tempo começa a ficar invernos e portanto a pedir roupas quentes e eu sem saber que fazer, aguardando, aguardando todo o dia e desesperando-me de saudades e de impotência.

Muitos beijos, muitos, meu amor, da tua

Mécia

Lx., 19/9/59

Meu querido Jorge

Acabo de receber a tua carta de 15 e 16. Telefonei logo para o tal Sr. Prego que já não encontrei na Panair mas encontrei, no Aeroporto, o Filipe que ficou de ir ver se encontrava lá (não estava também).

Iam duas camisas tuas, o Pascoaes, o O'Neill, já nem sei que mais mas tudo importante. Ia dirigido ao Congresso (Av. Presidente Vargas, salvo erro) mas indicando o teu nome. Se não estiver na Panair deve estar lá no Congresso pois iam mais de 20 embrulhos para lá.

Mas Jorge, que trapalhada estás tu a fazer e a perder já quase 15 dias com a declaração? Não calculas como estou aborrecida. Tudo porque não lês as cartas, porque tudo te expliquei mais de quantas vezes. Fazes uma declaração no papel selado exactamente com a norma que te mandou a Clara e para o que te mandei as indicações dos pequenos e o papel selado:

Declaração

Fulano, casado, eng, civil, declara para os devidos efeitos, que autoriza a sua mulher, M. M.de F. Lopes, portadora do bilhete de Identidade n.º 985329 passado pelo Arquivo de Ident. do Porto, em 3 de Junho de 1959, e seus filhos, Isabel Maria Lopes de Sena de 9 anos; Pedro Augusto de F. L. de Sena, de 8 anos; M. Joana de F. L. de Sena de 7 anos; M. Manuela de F. L. de Sena, de 6 anos; Mariana de F. L. de Sena, de 2 anos; Paulo Jorge de F. L. de Sena, de 1 ano; Vasco Manuel de F. L. de Sena, de 4 meses, a ausentarem-se para o estrangeiro, incluindo o Brasil.

Lx.

Jorge Cândido de Sena

Eu vou reconhecer e pronto, mais nada. Se os pequenos não forem todos comigo, como espero não aconteça, já tenho todas as normas do que é preciso que é o adiconamento ao pasaporte da Clara e a tua autorização.

Para que estás tu a meter o Cônsul e o diabo a quatro, não me dirás? Se lesses as minhas cartas com atenção já nada disto acontecia. A carta em que te explicava tudo isto era, salvo erro, do dia 7 ou 8, quase 15 dias passados para nada.

Claro que o turismo nada tem que ver com a profissão. Não podia a Clara viver dos rendimentos?

O Rogério mandou-te o livro, é possível que entretanto o tenhas recebido.

– Interrompi porque veio o Setas trazer a letra e os 6.000\$00 para o Rolim.

– Vê se lhe escreves. Hoje mesmo escreverei ao Pedro.

O Sousa Pinto nunca apareceu, escreveste-lhe?

O que eu já te disse terá ido ao encontro do que terás resolvido em relação à Cosipa. De facto, embora seja menos dinheiro, eu acho que não deverias dividir-te, farto de divisões estás tu, é tempo de começares a realizar-te plenamente. Eu, Jorge, só quero viver sem aflições, os

filhos compreenderão um dia que há algo mais do que juntar dinheiro, e terão orgulho de ti, assim o espero.

Essa gente é inconcebível de importância! Que idiotas! E essa gente toda foi toda à custa de quem?

Esta manhã telefonou o Ruy. Chegou ante-ontem (é verdade, também ia uma carta do Padre Antunes). Está um bocado assustado com a ideia de irmos para aí passar dificuldades porque o Luís de Lima lhe disse que 40.000 cruzeiros eram uma bagatela. Ficou de vir cá na 2.^a feira.

Estou farta de esperar, farta de aturar gente aqui, cansada de levar os dias à espera do correio, meu amor. Trata tudo o mais breve possível. Parece que os outros barcos (argentinos, italianos, sei lá!) são bastante maus mas tanto me faz, quero é ir para junto de ti, meu querido Jorge. Aqui, sem ti, não é viver, mais que nunca.

Meu querido Jorge, começo a pensar que só irei a 17 de Outubro no Vera Cruz, antes disso não vejo qualquer possibilidade. Mas, saiba eu que vou e o dia em que vou e começarei a estar mais animada.

Muitos beijos, meu amor, muitos da tua

Mécia

P. S. – Procura o embrulho na Agência da Panair, que é, segundo o Azevedo, o que eles costumam fazer, ou então no Congresso, para onde terá ido juntamente com os outros. Endereço que ia: A Delegação do Congresso Internac... [Internacional]. (Eng. da JAE – Jorge Cândido de Sena) Av. Pres. Vargas – Rio.

Lx., 20/9/59

Meu amor, meu querido Jorge

Esta tarde estive aqui o Sousa Marques. Estava tão radiante com a ideia de o Viriato ter ido, do abraço que ele te mandou, das boas intenções que ele levava (aliás parece que ia na intenção de farejar quaisquer possibilidades que surgissem) que nem tive coragem de lhe contar o teu diálogo com ele. E às vezes talvez não houvesse realmente má intenção, fosse só graço estúpido. Ele está agora com a ideia fixa de escrever um estudo exaustivo sobre o Stefan Zweig e o Sousa Marques até o aconselhou a mostrar-te.

Valerá a pena levar o teu smoking?

Ao fim da tarde apareceu o Ferdinando com a Fernanda que jantaram. Disse-me que tinha, sim senhor, aqueles livros que tinhas anotado e ficou de falar ao Osório e de escrever ao Gonzalez. Os pequenos estavam impossíveis com os Pitós a pô-los tremendamente barulhentos, o Paulinho na cama outra vez com febre a chamar a toda a hora, o Vasquinho impossível de griteiro.

Só depois do jantar relativamente sosseguei e só agora, meia-noite, a casa entrou de facto em silêncio. Tenho a cabeça em água e sinto-me esgotada.

Hoje não veio correio. Estou ansiosa por saber o que se terá passado de facto aí com o Presidente. O Sousa Marques ficou indignado com a atitude do Esteves que ele também conhece. Diz que conhece o tal senhor Prego e vai telefonar-lhe amanhã. Entretanto talvez já tenhas encontrado, Deus queira que sim.

Estou em não mandar-te nada pelo Ferreira de Castro. Ele diz-me que tem imensa bagagem por causa de apanhar entre ir e vir aqui no Outono, aí o Verão, no regresso o Inverno, o que acredito. Também receio que enquanto resolves ir para Assis tratar da nossa instalação e não estejas no Rio quando ele chega.

O Sousa Marques conhece gente na Colonial de modo que diz que se tu comprares aí turística, que talvez ainda seja mais barato do que a 2.^a que ele aqui arranjará a dar-me boa acomodação. A mulher do Fafe telefonou ontem da Arrábida para saber se eu já tinha tudo resolvido para ir. Tem sido atenciosíssima. O pai dela é da Nacional (o Sr. Tição) e conheceu muito bem o teu, e por outro lado, foi o anterior dono da farmácia da Vitória.

— * —

21/9/59

Ainda hoje não veio o documento, mais um dia perdido!

O Ruy esteve aqui esta manhã. Vinha muito preocupado com a nossa situação aí e a esse respeito o tranquilizei. Mas ficou cheio de macaquinhos por não mandares a autorização para o passaporte, por não falares em teres instalações para onde vamos. Diz que te vai escrever. Mas é de facto nosso amigo. Deu 500\$00 à Isabel Maria e obrigou-me a prometer que não recorreria a mais ninguém senão ele, se precisasse. Diz que é por egoísmo mas tem imensa pena que

nós vamos, porque éramos nós umas das poucas pessoas que ainda o faziam vir cá. (tal qual o que também disse o Terra). Está magríssimo e ao que me disse, não levantou nem tenciona levantar o prémio do SNI.

O Paulinho está melhor. O Vasquinho muito impaciente, será talvez já da vacina.

Se me apanho aí ainda julgo que é mentira, meu amor.

Beijinhos dos pequenos (o Paulinho tem perguntado muito por ti e a Mariana também).

Muitos beijos, meu amor, muitos da tua

Mécia

P. S. – Chegou agora mesmo a tua declaração

M.

Lx., 21/9/59

Meu muito querido Jorge, Meu amor

Ainda antes de fechar a carta que já seguiu te disse que chegou a tua declaração. Já não vejo o tempo de ir hoje ao Governo Civil (são 5 e meia da tarde) e portanto, completamente impossível seguir amanhã no Vera Cruz. Perdido este barco que era o meu motivo de urgência parece-me que o melhor é assentar em ir no dia 17 de Outubro. Irias para Assis onde ganharias um mês e eu desembarcaria em Santos, onde me parece ficaria muito mais perto. Inclusivamente talvez pudesses ir esperar-me ao Rio e seguir connosco. Entretanto, em Assis, irias vigiando a nossa instalação. Eu levarei todo o dinheiro que tiver comigo e até mais algum que pedirei ao Setas ou à M. [Maria] Virgínia Fafe, se vires que é melhor.

Estava aflitíssima com medo que o Ward não tivesse chegado aí, ainda bem que chegou.

Meu amor, tu não podes ter mais pressa de ver-me do que eu de ver-te, de abraçar-te, de estar finalmente ao teu lado, que aqui tenho medo de tudo, aqui tudo me parecem obstáculos intransponíveis.

Já tinha pensado que o facto de o bilhete ser requisitado oficialmente daria dificuldade em reavê-lo, querias tu que eu tratasse aqui.

E em relação à Junta pagam-te os 15 dias de Setembro? Hoje telefonarei ao Gaspar a quem fiquei de dizer o que fosse sabendo.

22/9/59

Lá fui ao Governo Civil. Tive que ir reconhecer a assinatura do Cônsul. O Castilho estava de licença, o Franco Nogueira foi hoje para a América, o Jorge de Freitas só ia de tarde. Encontrei por acaso uma funcionária de lá que conhecera em tempos e que tudo me facilitou amavelmente. Graças a uma amiga do Pereira Bastos, devo ter tudo pronto amanhã. Depois é o visto e as vacinas e ficarei pronta a seguir. Para tudo isto não precisarei de menos de uma semana.

Despedi-me pelo telefone do Ferreira de Castro. Ele tem um amigo em Assis que se chama Casimiro Nunes. A tia Irene também tem uma prima casada em S. Paulo com o director (pelo menos era há poucos anos ainda) da Faculdade de Medicina – o Dr. Cunha Mota.

Deixei os fascículos em curso entregues na Cor para nos enviarem para cá só quando estiverem encadernados. E mandei encadernar as coisas dependentes do Soromenho. Fica assim melhor e mais valorizado. Na Cor, aliás, aproveitei para assinar uns poucos de recibos por ti porque a senhora não podia mandá-los à contabilidade sem isso. Tudo isto com o Terra providencialmente levando-me de um lado para o outro.

Meu amor, tenho na minha frente os boletins de inscrição para a Companhia Colonial, que me trouxe o Sousa Marques. Não obriga a nada e, no caso de, como espero, aí pagarem as passagens, entretanto estaria aqui já tudo tratado, menos possibilidade de correrias de última hora.

*Meu querido, beijo-te cheia de saudades, beijo-te, meu amor, muito
Tua*

Mécia

Anotado – «Ambassador – Fran Martins
2.^a feira – 12h, almoço»

Rio, 22/9/59

Minha muito querida Mécia, meu Amor

As tuas cartas dão-me uma infinita amargura e uma grande alegria, porque são esta ansiedade de nos vermos juntos, são as notícias que me chegam de ti. Mas quero que saibas, meu Amor, o que é óbvio mas a ausência e o desespero da ansiedade te pode fazer esquecer, que nem um só momento descurado ou olho desatento o que me dizes: peço-te que não obscureças ainda mais o negrume da minha solidão.

Eu demorei-me mais dois dias em Brasília, furioso por dentro, por não ter lugar nos aviões para regressar. De contrário, a estadia no sábado e domingo em nada atrasaria as correrias aqui, pois são dias em que nada funciona. E não queiras nunca saber o que foram de inferno de solidão estes dois dias esta semana, em que, esquecido de todos como é natural, deambulei silencioso e silencioso recolhi ao apartamento do Casais. Eu mandei consularmente a norma por ter-me sido expressamente explicado que não serviria de outro modo, por eu estar cá. E se te incluí (e foi essa a minha confusão legítima), foi porque a norma que a Clara mandou te incluía, o que não entendo, mas fiz.

A minha desesperada esperança é que o papel tenha chegado a tempo e tu tenhas, num ímpeto de aventura, embarcado mesmo no «Vera Cruz». De avião, terás de vir, meu Amor, se não houver outro processo. A diferença é recuperar o dinheiro da passagem minha: 1.º – são pessoais e intransmissíveis os bilhetes, mas isso arranjar-se-ia; 2.º – foi requisitado oficialmente pela Universidade da Bahia, e por certo vai ser necessário meter a gente lá para eu receber ou transformar a passagem. Dadas as dificuldades e demoras do correio aqui, uma pessoa nunca sabe o que há-de escolher: tratar aqui ou pôr os outros a tratar lá... Imagina que só ontem recebi as cartas do Amora para o Thiers como Presidente do Acordo Cultural e para a Embaixada, que me vão servir para ilustrar o requerimento ao Ministro das Corporações, que entregarei com a carta ao Embaixador.

Eu não vou para Santos, meu Amor. De engenharia estou farto – e quero iniciar a minha vida em Assis. Eu, para partir para lá – e recusei ir agora ao Ceará precisamente para não me afastar das tuas notícias –, preciso que estejas aqui. Alugar uma casa, alugam-ma lá. E ficaremos no hotel os dias necessários à instalação provisória.

Com os descontos que aqui arranjo, tu, de avião – Lisboa-Rio, pagas 65.000 cruzeiros, os ? bilhetes ficarão a 34.000, e os pequenos de colo (até 2 anos e cada pessoa só pode trazer um) 7.900 cruzeiros. Tenho a impressão que ficaria mais barato – e a rapidez compensa a incomodidade que é relativa. Já pensaste em 10 dias de barco com a tropa toda, o que será de inquietação e cuidados?

Não consegui ainda falar com o Rolim. Não apareço no Congresso, para que não me convidaram, e não suporto os ares que aquela gente assume. Só o Esteves é verdadeiramente amável... Ontem, fui, a pedido do António Pedro e porque queria mostrar ao Presidente as cartas do Amora, à conferência do Lobato (que foi amável comigo) no Gabinete Português de Leitura.

O Esteves ficou impressionado... e o Presidente, com os seus ares, perguntou-me a quantos quilómetros do sertão era Assis. O diabo que os carregue. Depois de amanhã, na recepção que o Embaixador lhe oferece – e a que irei, pois preciso que este encaminhe o requerimento da casa –, espero ver o Rolim. São estas coisas, numa cidade imensa, onde não se pode andar de táxi (por economia, embora não sejam caros), que me exasperam, pelo tempo que fazem perder. E eu, «cavando» a nossa instalação, não posso recusar este ou aquele encontro com pessoas que podem ser apoios em trabalhos futuros. É um inferno de perda de tempo, de que me queria ver fora com urgência.

O Terra, para Assis, não é possível. Diz-lhe que procurarei colocá-lo no Ceará, onde irei organizar os Estudos Portugueses.

Acho bem o dicionário analógico. Camões, as edições, os estudos sobre ele, o Bruno, o Pico de Mirandola, os livros de História do Renascimento, Burckardt, etc., Francisco Sanches, etc.

Ao Rogério os livros dele: *L'Humanism; Quelques Aspects; La Dialethica, Figuras e Ideas* – são dele.

As duas «critiques» vieram a mais do Pe [Padre] Antunes. São dele.

Traz também os dois números das Rev. [Revistas] de Teologia de Estrasburgo, que estão deitados por cima das religiões, e também o Dicionário das Heresias, que está ao pé (2 v.). E também os Heterodoxos do Menendez y Pelayo.

Osiris – Lefebvre – entregue.

A Sophia tem: *Poèmes de Breton e Rio Turvo de Branquinho da Fonseca*.

O Ferdinando tem esses três livros e os números todos da Rev. [Revista] Diálogo. E também Le Rouge et le Noir.

O Pereira Bastos tem esse livro do Osório de Castro, o Sebastião Araújo os sonetos da Florbela. O Gonzalez (e agora, nos Açores), La Grande Triade de René Guénon, que deveria vir. O Castilho tem Madeleine et Gide, de Schlumberger, e The Green Hills of Africa, de Hemingway. À Nicole (ex-Terra) emprestei, lembrás-te, as poesias (ed. italiana e boa) do Petrarca.

Ao Terra os estudos do Brancamp Freire, raridade de que preciso.

O António José Saraiva tem (e preciso absolutamente) *As Memórias Astrológicas de Camões*, do Mário Saa, as poesias de Miguel Ângelo, e um trabalho Babel e Sião, separata da Brotéria, do Pe [Padre] Mário Martins.

O Padre Antunes tem Unprofessional Essays, de Middleton Murray e *Our man in Havana*, do Graham Greene.

La Question, do Allego, não sei como foi aí parar, mas não vale a pena trazer.

Os livros de acusar recepção, deixas ficar. Os quatro da esquerda da secretária eram para dar a quem interessassem.

Traz-me o *Ulysses*, do Joyce, e o 1.º volume do Ward.

Os livros da Vértice, para crítica, devolves.

Não dês baixa da Vértice e da Brotéria. Depois, transferem-se para cá. E dá-se baixa, quando a Faculdade assinar.

Ao Luís Rebelo já dei o Amparo de Mãe.

Os nossos livros e as nossas traduções traz todas.

Para decidir a tua vinda de avião, apenas aguardo as tuas notícias sobre o Vera Cruz. Terás embarcado hoje, meu Amor? Ai que saudades tenho, nesta suspensão horrorosa! Não posso estar sem ti, não sei viver sem ti, sem ti dissolvo-me em coisa nenhuma. Vem meu Amor, de qualquer modo! Contigo aqui, sou outro, esta demora liquida-me. Amanhã, vou pelo telefone que marquei hoje, assentar coisas e dinheiros com o Amora.

Beijos aos pequenos. E saudades, beijos, beijos e beijos do teu do coração que te abraça.

Jorge

Lx., 23/9/59

Meu amor, meu muito querido Jorge

Vou agora ao Governo Civil ver se está pronto a passaporte. Logo depois tratarei do respectivo visto para o que, possivelmente, irei à Chancelaria.

O correio da manhã nada trouxe. Estou sempre desejosa de mais notícias.

Já tenho na minha mão o passaporte – o adiconamento dos pequenos, o da Clara é que ainda não tenho porque tem de ir a informar à Pide e o diabo. Eles disseram-me que não fosse haver encrenca, o melhor era ter uma declaração tua para adicionar ao meu passaporte, o que por intermédio da amiga da M. [Maria] Emília consigo em poucas horas. Faz, pois, sem mais aquelas, uma Declaração com a norma que te mandei: «F... casado, eng. civil, declara para os devidos efeitos que autoriza a sua mulher F... portadora do Bilh. de Ident. n.º 85829 passado pelo Arq. do Porto em 3/6/59, a ausentar-se para o estrangeiro fazendo-se acompanhar de uma serviçal». Eu vou aqui reconhecer. Tens aí papel selado, com certeza pois te mandei já 3 folhas.

Eu pedi ao Pereira Bastos para mover as suas influências, se até amanhã não estiver resolvido, vou tratar do meu visto sem mais delongas.

Estou começando a animar mas estou desejosa que me anuncies ter já aí resolvido o problema das passagens. Mesmo para 17 de Outubro o tempo começa a não ser já muito.

Nunca depois de casados estivemos tanto tempo separados, meu amor, e este tempo tem-me parecido uma eternidade que também nunca me pareceu tão comprido.

Estou desejosa de me ver junto de ti, meu querido, de me sentir ao teu lado, de te beijar, de ser tua.

Até amanhã, meu amor, muitos beijos, muitos da tua

Mécia

Pergunta o que exigem aí de documentos nas escolas. Servirá um atestado de frequência? De inscrição? Certidão de idade sei que é preciso porque me disse o João Clemente, já mandei tirar.

Lx., 24/9/59

Jorge, meu querido

Nada me trouxe o correio, talvez logo à tarde, que há 3 dias que não tenho notícias tuas. Cada dia que as não tenho é como um dia inútil, em que nada acontece, ou pelo menos nada que realmente eu considere que valeu a pena. Não sei o que terás feito, o que estarás resolvendo, como te manténs aí.

Afinal não recebi dinheiro nenhum mas só o que o Barradas me deu. Não tinhas chegado a mandar? Pago tudo, estou já a ficar com uma reserva pequeníssima nas cá me arranjarei, de momento aflige-me mais ver-te ou pensar que estarás tendo dificuldades.

Escrevi umas letras para o Mariz, embora ele deva circular aí pelos meios que não nos devem interessar grandemente senão como influências vantajosas. O Álvaro Lins e o Alarico já devem ter chegado, quando for ao visto procurarei falar-lhes.

O tal Sr. Prego tem estado para o Porto de modo que nada consegui ainda investigar embora o Filipe e o Sousa Marques, cada um por seu lado, se tenham interessado.

Nada mais. Os pequenos estão agora bonzinhos. Até agora as vacinas não deram grande abalo ao Vasquinho embora tenham pegado. Vais achar muita diferença ao Paulinho. Está muito alto, fala imenso e está a perder o ar de menino. A Mariana cada vez mais engraçada e desenvolvida. Diz que tu estás no Bésil e responde logo que quer ir, quando se lhe pergunta. A Isabel Maria não está grandemente entusiasmada porque lá «não conhece ninguém», o Pedro está convencidíssimo que vai para França com o Terra e só depois se nos vai juntar. A Joaninha e a Manelinha estão mortas por ir, passam a vida a perguntar se vamos de barco ou de avião e quando vamos.

Ontem falei com o Rui Belo¹¹² ao telefone. Disse-lhe que estivesse descansado com o Newman pois o traduzirias embora agora com um ligeiro atraso. Mostrou-se pesaroso com a tua resolução embora compreensivo que tivesses de mudar o rumo de vida para coisa mais conforme às tuas tendências. Disse-me que muita gente iria pensar que era uma atitude política ao que eu respondi «não sei porquê, troca uma repartição por uma Universidade, coisa que aqui lhe não davam por não ter um curso de letras, é a coisa mais legítima do mundo» – concordou e congratulou-se.

Os jornais, em parangonas, anunciam os palestrários do Lobato.

Está a afligir-me a tua permanência no Rio onde não tens qualquer fonte de receita.

O Fernão¹¹³ faz anos a 28, escreve-lhe um postalzinho que ele fica radiante. Se eu for no Vera Cruz estarei aí precisamente de hoje a um mês, mas o teu silêncio aflige-me, começo a ver o tempo a passar e nada resolvido.

Falou agora para cá o Jorge de Freitas. Ficou contentíssimo por saber que ias em situação tão agradável. A M. [Maria] do Amparo teve outra menina há mês e meio e teve de fazer cesariana, coitada. Está nos serviços de cifra o que além de ser bom monetariamente parece que é bom quanto a categoria. Fiquei de dar um salto a casa deles antes de me ir embora.

Meu amor, temo que a vida não chegue a dar-me a alegria imensa de te ver trabalhando com gosto e vivendo sem esta escravatura que era a nossa vida aqui, mas tudo correrá bem, não é verdade? Enquanto não me vir embarcada não terei repouso possível, meu amor. Tanto tenho pedido que me escrevas todos os dias umas letrinhas, por que o não fazes se era sempre esse o teu costume?

Beijo-te cheia de saudades. Beijo-te, meu amor, com carinho infinito.

Tua

Mécia

Rio, 24/9/59

Minha muito querida Mécia, meu Amor

Aqui vai o requerimento para o Ministro das Corporações, sem indicação de lugar ou de data, que preencherás conforme aí for julgado conveniente.

Acabei de almoçar e estou a escrever-te logo após. Saí de casa, depois de ter trabalhado, para deixar na Embaixada as cartas para o Embaixador sobre a minha situação. E, na carta que lhe dirigi, eu falo também nesse requerimento da casa, para que a comunicação dele chegue à Direcção Geral de que depende a nossa casa. Ontem foi um dia de andanças, em que à noite jantei com o Ledo Ivo e estive em casa dele. Achei-o simpático. Mas estou ansioso por sair daqui, por ter-te comigo, por estarmos instalados. Esta tarde, por mera conveniência, bem calculas, terei de ir à recepção do Embaixador aos congressistas portugueses da Estrada, onde espero encontrar o Rolim. Uma vez livre disto tudo, e contigo aqui, tudo será diferente, meu Amor.

Hoje não havia nos Livros de Portugal carta tua. Só tenho a que recebi ontem, de 19, e que me entristeceu e ao mesmo tempo me fez bem, pois me animou neste cansaço de andar de pessoa em pessoa, que todos dizem coisas contraditórias. Quando vieres, verás que isto não tem a precisão daí, embora tenha coisas bem melhores e inestimáveis.

Eu nunca hesitei entre Santos e Assis, e não te quero «família piranga», como dizes. Família assim, de casa às costas e improvisada, é aqui toda a gente e é considerada a coisa mais natural do mundo. Sobre Santos quis ouvir-te mas tu e bem, acabaste por pôr a decisão em mim. Se chegasses ao Rio tinhas, ainda que pese à Alice, a casa do Casais à tua disposição, que é ampla e fornecida de roupas, e onde caberíamos bem uns dias. Em Assis não teremos casa ainda, segundo depreendo do que me diz o Amora. E ficaremos em S. Paulo, não sei onde, comigo a ir e a vir de avião, até instalação definitiva. Mas, mal parta para S. Paulo, na 2.^a ou 3.^a, acabarei esclarecendo tudo, pois aqui já estou farto de agências e de consulados.

Se vieres de avião, vens directa a S. Paulo. Se de barco, directa a Santos. E poderias perfeitamente vir de avião com o Vasco e virem os outros de barco com a Clara. Nem um momento eu descurei tudo isto, meu Amor. Estaríamos assim instalados para os recebermos melhor e sem confusões. Portanto eu vou de S. Paulo, dar ordem para tu vires. Ainda hoje terei de ir ao consulado levar os retratos que tive de tirar e resolver a situação militar. E tenho passado ávido, estes dias, atrás do Paula Machado, da Agir, pois não posso ir embora daqui sem deixar bem estabelecida a minha colaboração com eles. Tudo isto, numa terra de transportes infernais (chega-se a ter saudades da paragem do Restelo) que são rápidos, quando se apañham, é um desperdício de tempo angustioso.

O Casais, meu Amor, escreveu-te por certo na melhor das intenções animadoras. Ele só quererá ter-te animado, para lá do amor que sabe que é o nosso. Se não lhe saiu assim, terá sido por falta de experiência.

Estou ansioso por ver passado este interregno que me parece à consciência uma vadiação insuportável. Aqui, nestas andanças, nem é possível trabalhar, a ter de sair para comer, a

andar atrás da lavadeira, eu sei lá que mais, coisas para que estou velho e sobretudo, meu Amor, sem ti.

Contigo, tudo me parecia bem e não exaustivo. Depois, pensa que o clima daqui é duro, nunca mais vesti camisola, e mesmo gravata e casaco são insuportáveis. A vantagem é que as crianças andam de qualquer maneira, e as pessoas também que ninguém repara. Assis é quente. S. Paulo é menos. Com chuva, só guarda-chuva que sob gabardine sua-se.

Meu Amor, que saudades, que anseio de ter-te e ter-te comigo. Só peço que não desanimas, como eu faço por não te desanimar. Nada no mundo me vale o que tu vales. A nada quero ou quereirei como te quero a ti. Nem um momento esqueças ou duvides disto.

Vem, meu Amor – eu sei que virás logo que tudo se resolva. Espero-te com o coração inteiro, meu Amor. Beija os nossos filhos com o nosso amor.

Jorge

Lx., 25/9/59

Meu amor, meu querido Jorge

Há quatro dias que estou outra vez sem notícias tuas. Não percebo como, por mais que te peça, não metes no correio umas letrinhas que me digam de ti todos os dias. Não sei que se passa, se estarás tratando das passagens ou não, se irei ou não de barco e em que barco.

Ontem surgiu nova complicação em relação à Clara. Aparecera-lhe na véspera um agente em casa a inquirir de como ela ia pois não tinha posses para isso. A interferência do Pereira Bastos já não chegou a tempo porque a retardou por ter partido logo do princípio que estava com certeza certo. Ontem falei com o Jorge de Freitas e ele foi indagar e teve então a explicação cabal – o país só exporta prostitutas ricas e não modestas. Quando uma rapariga nova e solteira requer passaporte para o norte de África ou Brasil vão ver, se vive modestamente concluem que vai para o mercado de brancas e indeferem... Vamos ver que volta se pode dar e entretanto talvez chegue a tua declaração que tudo simplifica.

Já falei com o João Clemente e logo às 3 e meia telefonei-lhe para combinar a hora do visto. Também me telefonou o Amaro porque o Agostinho Fernandes quer falar comigo para assentar as tuas coisas. Fiquei de ir lá hoje das 2 e meia para as 3 ou amanhã de manhã. Sem me teres respondido do Baring, sem nada saber dos trabalhos em mãos, sem nada saber do destino do embrulho onde ia o Brecht, não sei que irei dizer-lhe. – O Sr. Prego diz que o Esteves lhe entregou uns embrulhos e que ele fez seguir todos, mas na Panair foram atenciosíssimos e ficaram de indagar para o Brasil – vai tu, em todo o caso à Agencia, se ainda não foste.

O António Pedro escreveu-me uma carta muito bonita cheia de tristeza por seres mais um que se vai. Também a M. [Maria] Lamas escrevera uma carta transbordante de humanidade e pesarosa sobretudo pela falta que fazemos à M. [Maria] Emília e à M. [Maria] Benedita. Para o Dr. é que, apesar da boa camaradagem, será um alívio de vizinhança.

Meu amor, como até agora o Jorge não telefonou vou ao Agostinho Fernandes. Se for ainda a tempo de correio dir-te-ei o que houver.

Muitos beijos, meu querido, muitos da tua

Mécia

Lx., 25 /9/59

Meu muito querido Jorge meu amor

Nem tu fazes ideia das andanças que poupaste com esse maravilhoso visto que te deram. Eu além de não sei quantos papéis e atestados de saúde e vacinas e mais que, por favor, serei poupada é ao certificado de registo criminal e certificado de meios de subsistência.

Amanhã a Eunice levar-me-á e aos pequenos à vacina e ao atestado de saúde e tenho de tirar umas fotografias de tamanho especial.

Lá fui à Portugalía. O Agostinho Fernandes foi simpatiquíssimo. Estivemos falando do pai e de pôr os dados todos na mesa a esse respeito. Disse-me que te transmitisse a sua muita satisfação por saíres daqui e por arranjares melhores possibilidades de vida. No fim e embora lhe não tivesse dito que ainda me despediria estava com os olhos rasos de água. Lá me encontrei com o Saraiva e com a Ilse por mero acaso. O A. Fernandes não te dispensa de traduzires o M. Bang. Quanto ao Brecht ficou assente que reverias e mandarias directamente para a Alemanha para evitar mais correios e perdas de tempo. Eu passarei a limpo à máquina uma cópia que guardaremos por segurança.

Só tive neste tudo uma tristeza, Jorge, foi ter verificado que uma vez mais me enganaras em relação a «Wild Palms». Ainda bem que por prudência quando se falou nisso, eu disse que não me lembrava bem quanto receberas adiantadamente. Tão aflita eu estava nessa altura e tu entregaste-me menos 200\$00 do que recebeste! Será que tudo isso vai acabar aí? Deus queira meu querido Jorge, que é uma coisa que profundamente me amargura e desgosta.

O Saraiva vai para Paris com uma bolsa do Colégio de França que dura 5 meses e ele vai tentar que chegue para 6 meses. Mostrou-me uma carta do Bataillon em que dizia que a ausência dele fora falada durante uma sessão do Colóquio. Confirmou-me a coisa da bolsa da Gulbenkian não lhe ter sido dada por ter ido falar com o Perdigão de igual para igual. Lamentou que te fosses embora verberando a sua esperança de que em breve estejas de volta.

Eu, com Costa Dias e tudo lá, fiz de conta que nada se passara. Depois saí com o Terra que também aparecera e ao sair da porta encontrei o Renato que foi connosco lanchar, porque a Isabel Maria, que eu levava, estava cheia de fome. Toda a gente achou a Isabelinha muito bonita. Todos te mandam lembranças, abraços, parabéns, o seu desgosto pela tua ausência e o desejo de que em breve estejamos de volta. Eles estão aflitos com o Faulkner que há muito deveria estar entregue.

Também à tarde o correio nada trouxe. Que aflição me dão estes silêncios, meu amor.

Vai aqui a indicação que o tal senhor da Panair conhecido do Sousa Marques veio em pessoa trazer-me há pouco. Deus queira que entretanto tenhas já encontrado o embrulho.

O mais é a saudade imensa que tenho de ti. E punhas tu a hipótese de eu seguir com urgência! Não há urgências contra a lentidão das burocracias. Eu devia em boa norma depositar no Consulado 6.000\$00 por mim e 2 por cada criança imagina!!! Disso também o João Clemente vai tentar dispensar-me.

Que difícil é em qualquer parte do mundo que duas pessoas inseparáveis se juntem uma vez que circunstâncias fortuitas as separam. O meu receio é que vejo o tempo passar e se tudo se demorar a partir de 4 de Novembro, necessito de nova autorização tua que esta... caduca. Mas espero, meu Deus, nessa altura estar junto de ti, meu querido Jorge. Que saudades, Jorge, que desespero de lonjura, meu amor. Penso constantemente em ti, a sensação dos teus braços em mim não se apaga, a minha pele guarda a viva recordação dos teus beijos. Sinto-me numa inutilidade que só em ti me realizo e só por ti sou muito mais do que realmente valho. Cada dia que passa é maior a minha solidão e maior o meu desejo de falar interminavelmente contigo ou de silenciosamente me deixar penetrar da tua presença. Quando me deitarei a teu lado, feliz, «trop heureuse pour pouvoir dormir»? Porque momentos há em que o muito querer-te se satisfaz em sentir-te deitado a meu lado, embebida de paz e de silêncio, um silêncio em que ouço a minha vida e a tua serem uma só, e como que ganharem forma para além de nós. São esses momentos, os momentos perfeitos de posse de dádiva espiritual. Meu amor que coisas horríveis estou dizendo só para te dizer que te quero loucamente e que te beijo interminavelmente a tua boca e o teu corpo, minha ansiedade e minha paz.

Tua sempre

Mécia

Pelo Sr. Esteves foram entregues nos escritórios da Panair em Lisboa 8 volumes com o peso total de 55 quilos. Estes 8 volumes seguiram no avião fretado pela JAE tendo as respectivas etiquetas, para levantamento dos volumes no Rio, sido entregues ao Sr. Esteves.

– É possível que o volume para o Sr. Engenheiro Jorge de Sena esteja incluído neste número.

— * —

No avião a seguir ao da JAE seguiu um volume dirigido à nossa Delegação ao Congresso, com o peso de 3 quilos.

– Também é possível que seja este o volume procurado, e que, se ainda não foi levantado poderá ser procurado no Aeroporto do Galeão, no departamento de «Achados e Perdidos», mediante as seguintes informações:

«Volume ido de Lisboa na viagem 281/15 Sete como bagagem desacompanhada, com etiqueta n.º 05/07/53, peso 3 quilos».

26/9/59

Nada me trouxe o correio da manhã. Lá fui às vacinas. O médico atenciosíssimo, fez tudo em pro-forma, quanto à inspecção e vacinar só vacinou a mim e à Clara por minha indicação. Sabes quanto lá ficou em dinheiro? 800\$00!

Para as fotografias... 150\$00, pois só os 3 pequeninos não precisaram.

Deus me livre de ter de deixar algum dos pequenos, nunca mais o arrancávamos daqui. Ele achou-os a todos muito engraçados mas quem mais o encantou foi a Isabel Maria e depois à despedida a Mariana que lhe fez uns adeusinhos muito ternos. Foi o Ernesto quem nos levou e trouxe.

À hora do almoço telefonou o Joel para se congratular com a nossa ida e oferecer os seus préstimos, se eu visse necessário.

A República também já deu notícia em relação a ti.

Não te esqueças da declaração para a Clara «F..... a mesma cantiga sempre, declaro que autorizo a sua mulher, F..... portadora do Bilhete de Identidade n.º.... a viajar para o estrangeiro... com uma criada.

Lx...

JS»

Muitos e muitos beijos da tua

Mécia

Lx., 26/9/59

*Meu muito querido Jorge, meu amor
Veio agora à tarde a tua carta de 22.*

A verdade é que ninguém saberia no Governo Civil se estavas aí ou aqui desde que pusesse «Lisboa tantos de tal». Não poderias ter-me deixado tudo isso como deixaste a autorização para eu sair? Aliás a autorização com a data que lhe puseste caduca exactamente quando caduca a não necessidade dela, que são 90 dias após a emissão do passaporte... só depois é que vi.

Separei já os livros que pedes. A maior parte deles já separara. Quanto aos livros dispersos só não falara também ao Castilho porque, como te disse, não encontrei no Ministério. O Ferdinando escreveu ao Gonzalez. O Terra devolveu-me o Petrarca que tinha em poder dele, e queria ficar ainda com o B. Freire. Pode ser? Espero que tudo volte ao redil antes da minha partida. O prémio Ática entregarei à Helena Cidade. De casa do Sebastião Araújo não atendem. Tudo está para fora a gozar as férias, em toda a parte. O mesmo do Palla.

Já saberás a esta hora que a tua resolução para o lado de Assis me agradou inteiramente.

A viagem de barco é mais demorada oito dias de percurso, um de partida outro de chegada, mas o Vera Cruz tem salas para permanência obrigatória das crianças. Pelo que me dizes da passagem de avião ou teria de deixar cá um dos pequeninos, Vasquinho ou Paulo, ou teria de levar comigo a Clara que em lugar de 5 ou 6 contos de moeda portuguesa pagaria o correspondente a cruzeiros 11. É impossível, Jorge. Com instalação e tudo ficamos encravados anos sem fim.

Também não posso sequer levantar a papelada que hoje ficou na inspecção sanitária enquanto não disser para onde vou – Santos ou Rio. De avião nem sequer posso levar o carrinho do Vasquinho que me faz muita falta.

Nada me dizes sobre a revisão do Ward. Nem me dizes o que fazes. Depreendo desta carta que não mais pensaste no embrulho para procura do qual entretanto terás recebido indicações.

O Tanger disse-me ontem que lhe parece durante um ano de ausência não ser preciso a tal autorização mas parece-me que é mais seguro, à cause des mouches.

Quando o Presidente te perguntou a quantos quilómetros ficava Assis do Sertão devias ter logo muito sorridente respondido que só um bocadinho mais longe que Lisboa. Assim é que se desarma esta gente.

Falas-me nesta carta na solidão em que te sentes, mas no entanto, vejo pela data que estive quatro dias sem me escrever. Contudo sabes bem a ansiedade em que estou, e quanta aflicção sinto em cada dia que não tenho carta tua. Se a tua autorização para a Clara chegar devo ter toda a papelada pronta lá para o fim da semana, ou seja dia 3. Isto na melhor das hipóteses. Só depois disso portanto, estarei apta a partir ao primeiro sinal teu.

Se tudo correr bem espero de hoje a um mês estar a chegar aí. Assim pensando já os dias começam a ser a descontar e o tempo parece menos. Depois, na minha tristeza, começo a temer

que entretanto te deixe de interessar, que os meus beijos deixem de satisfazer-te. Que dura prova é a separação quando duas pessoas se amam como nós, meu querido.

Quando passarei as mãos pelo teu corpo fresco e macio? Nunca me cansarei de te olhar e sentir junto de mim. Desejo ardentemente ser tua, que me possuas com aquela segurança, com aquela total ausência de egoísmo em que és perfeito como não concebi nunca que se pudesse ser. Como mereci eu uma pessoa como tu me faz cismar, e quase me leva, por paradoxal que pareça, a crer em Deus, meu muito querido Jorge. Meu amor, até amanhã, muitos beijos, muitos da tua

Mécia

[Lx.], 27/9/59

Outro dia sem notícias

O Padre Antunes telefonou há pouco. Chegou ontem de noite. Diz que quando mostrou ao Ruy a minha carta em que anunciava que ficarias o Ruy teve um choque medonho e lhe disse o que a mim repetiu, que éramos das raras pessoas que ainda o faziam vir cá. Como o Ruy telefonou e ficou de vir almoçar amanhã pedi-lhe que viesse também. Ficou de fazer os possíveis.

Hoje espero os Ferdinandos que ficaram convidados permanentes de domingo enquanto eu estiver aqui. Aquele também fica desasado sem nós, coitado.

Disse-me a Fernanda que ele descompôs o Gonzalez por carta por ele ter ido sem sequer me telefonar e sem ter devolvido o livro.

Encontrei um conto de um Carlos Chapi— com um cartão do Palet a apresentá-lo. Chegaste a ler? Devolvo ao Palet? (agora vejo que é um pedaço de tradução do The big money – chegaste a recomendar o senhor ou nunca mais te lembraste?

Que fizeste em relação ao Sousa Pinto? Escreveste ao Gaspar?

Imagina que a Helena Portugal (o Zé escreveu a pedir dinheiro do T. Capote e eu aconselhei a que ele fosse aos livros do Brasil) foi ao Sousa Pinto mas chegou lá e nem soube dizer que livro o Zé traduzira nem há quanto tempo. O S. Pinto também não sabia, é claro, depois lá chegaram à conclusão e ele deu-lhe dois contos para depois fazer contas com o Zé, o que eu recomendara expressamente que salvaguardasse. O Zé ainda deve estar pelo Canadá mais uns 8 ou 10 dias.

Só de livros tenho já apartados (e quase só os que tu indicaste) uns 30 ou 40 quilos, segundo calculo.

As lavandarias passam a ferro ou só lavam? Era indispensável que arranjasses um ferro de engomar porque quando eu chegar tudo deve ir sujo e será preciso pelo menos passar alguma coisa de emergência, coisas que no entanto, se eu for de barco, farei por ir lavando pelo caminho.

As passagens, em escudos, custam de avião (sem Clara) 50.000\$00, de barco, em 2.^a classe com Clara 24.000\$00. Se marcares turísticas no barco ainda é menos e talvez arranjassem qualquer desconto.

Se eu precisasse qualquer coisa de repente telegrafar-te-ia para os Livros de Portugal cujo endereço telegráfico é Casalivros, salvo erro. Previne lá porque mandaria só Sena – Casalivros – Rio.

Tanto o Sousa Pinto como o Moraes hão-de ter igualmente endereço telegráfico que o Ant. Pedro Rodrigues e o J. Paulo sabem com certeza. Pondo tu também Sena... Lx. de certeza absoluta que me era entregue. A Portugalia também tem, com certeza, endereço telegráfico.

Mas tudo poderá ser tratado com a devida calma, assim o espero.

Mais beijos, meu amor, muitos beijos da tua

Mécia

«Receb. em Assis a 5/10»

Lx., 28/9/59

*Meu amor, muito querido Jorge**Um dia mais sem notícias tuas.**O P. [Padre] Antunes não veio, veio o Ruy que almoçou comigo. Leu-me um poema dele e mostrei-lhe os teus de que gostou imensíssimo. Também se inclinou para o «Retrato do desconhecido», para a «Morta», para o «Keats», embora gostasse, visivelmente, de todos. Ficou todo contente por teres quem te publique.**A irmã do Vasco Miranda telefonou-me ontem à noite. O Vasco vem cá aproveitando o feriado do 5 de Outubro para se despedir de mim. Está tristíssimo por seres mais um que vai. Aqueles são realmente dos nossos amigos.**A Mãe do Lemos está aflitíssima. Desde 8 de agosto que não recebe carta do filho e está preocupada porque, entretanto, deve ter já havido novidade por lá. Diz-me o que souberes.**Quando me não escreves é como se nada se passasse, só conta a tristeza de nada saber de ti. O Alçada disse que viria hoje cá para tratar definitivamente das coisas, que afinal vai no dia 2 para Paris. O Ruy levou uns ensaios do Eliot que eram dele e de facto tinham a assinatura dele. O mais disse que não lhe interessava.**Que tens feito, meu amor? Por que me não escreves todos os dias, como sempre fizeste?**Já reviste o Ward? Em que tens trabalhado se tens tido tempo e sossego para isso. O Eulálio escreveu uma carta ao O'Neill em que fazia referências a ti, notícias narrativas não qualificativas.**Estou mais uma vez dependente de ti para ter tudo pronto quanto a papelada. O tempo que tudo leva é desesperante. Quando penso que tu me julgavas já a caminho no dia 22 até me fez rir. Tudo são barreiras intransponíveis, nesta terra, querido Jorge.**Finalmente chegaram hoje do Porto as certidões dos pequenos que, a conselho do João Clemente, mandara tirar. Em vez de 2 de cada um, veio só uma e uma minha que eu não pedira. Tudo tirado com urgência (e pedi-as eu há quase um mês). Quer dizer gastaram tanto ou mais do que tivessem tirado em tempo normal as 2 de cada pequeno que eu pedira porque o F. Clemente me disse que aí para tudo era preciso certidão de idade e que eu levasse mais que uma de cada para não ter logo de entrada complicações em relação à escola. Estes sistemas de desatenção irritam-me sobremaneira.**Escreve-me, Jorge. Não posso compreender porque desta vez o não fazes com aquela regularidade que te era tão peculiar, agora que a distância é maior que nunca, que a minha ansiedade é também maior que nunca, é que tu estás assim meu querido,**Até logo, meu amor. Muitos beijos, muitos da tua do coração*

Mécia

Rio, 29/9/59

Meu Amor, minha muito querida Mécia

Para simplificar, e porque fui ao Consulado por causa da licença militar e levar os retratos que me haviam pedido e tirei, fiz a declaração imediatamente, aproveitando a amabilidade deles. Aqui vai ela. Escrevo-te do correio, para não perdê-lo. Espero que não haja encrenca com o engano dos dois nn no nome, tanto mais que a assinatura vai reconhecida.

Beijos, beijos, beijos, infinitas saudades do teu que te aperta contra o coração

Jorge

Lx., 29/9/59

Meu amor, meu querido Jorge

Chegou hoje a tua carta com o requerimento da casa que entregarei ao Alçada que ficou de vir cá ontem e não veio mas tem de vir hoje ou amanhã que, no dia 2, parte ele para Paris.

Já reviste o Ward? Da tipografia passam a vida a telefonar-me e hoje telefonou-me o Saramago muito preocupado com o atraso.

– Telefonou agora o Alçada – ficou combinado que eu irei com ele amanhã ao notário fazer a minha procuração, levar-te-ei a cópia para tu assinares aí.

– Telefonou imediatamente a seguir o director da Academia de Amadores que vira a notícia no jornal e tentara falar para os Livros do Brasil onde lhe tinham dito que nada sabiam.

Será que realmente ainda não escreveste ao Sousa Pinto? É imperdoável, meu amor.

Pouco antes telefonara a Sophia para saber se era verdade que ficavas. Está desolada com a falta que lhe fazes. Perguntou-me pelo Simões.

Entrementes recebia a visita da Francisca também desolada. Estarreço só de pensar no bota-fora com os nossos fornecedores habituais e tudo que andam em corrupio para cá a lamentarem-se.

O Fernão é possível que venha no fim desta semana cá para se despedir. Aquilo com a M. da Paz vai muito tremido e quer por força que lhe arranjes aí qualquer coisa, bem como o Martin.

Depreendo desta tua carta que terás ido hoje ou foste ontem para S. Paulo e fico sem saber para onde hei-de escrever-te.

Contigo em S. Paulo fico mais animada. Se arranjares em Assis uma casa com camas em número suficiente: 1 para nós, 2 para as 3 pequenas e Clara (provisoriamente) 2 para os pequenos (o Vasquinho, indo eu de barco, tem provisoriamente o carrinho) com roupa que levarei poderemos, ao menos dormir em casa embora comamos no hotel, é já diferente do que instalarmo-nos todos no hotel. Se tivermos de ficar uma noite em S. Paulo, talvez o Lemos possa alojar, mesmo no chão, os pequenos maiores.

Pergunta aí a qualquer senhora (a mulher do Lemos, por exemplo, ou a Helena Amora) se vale a pena levar os vestidos de fazenda das pequenas, vestido de veludo meu, outro de malha porque se não valer a pena fico logo com a bagagem reduzida a metade. O meu casaco comprido, preto com uma pequena pele nas mangas e na gola. Estou consumida se te mudaste assim bruscamente sem aviso prévio porque não posso levantar a documentação da vacina sem dizer ao certo para onde me dirijo. E tudo são atrasos, Jorge, começo a ver o tempo a fugir e mesmo o dia 17 do Vera Cruz me parece já muito perto para o que ainda é preciso.

Claro que, meu amor, em última análise era sempre em ti que poria a decisão. Só no transporte realmente não nos pomos de acordo. Mas Jorge então eu ia deixar a Clara fazer a viagem com 6 crianças? Tu não imaginas como está o Paulo de desinquieto, nada pára com ele, diz tudo, está um tourinho bravo. O mesmo da Mariana se pode dizer. A rapariga dava em doida e só por milagre chegaria lá com todos. O Vasco é precisamente o que numa viagem

daquelas, menos preocupação dará. De resto está de momento muito abatido por causa das vacinas, coitadinho. Esta noite praticamente não dormiu nem me deixou dormir, desesperado de sono e de comichão.

Meu amor, eu não quero desanimar-te – «a sorte está lançada» e não estou mal contente com ela, pelo contrário, estou cheia de esperança em ti, convencida de que vais finalmente realizar-te plenamente, confiada que deixaremos esta premência de vida impossível que aqui tínhamos e principalmente, querido, certa que finalmente te libertarás de ti mesmo, libertando-te desta pocilga de pseudo-moralidade. Só por isso iria contigo para a Conchinchina, se fosse preciso, e mesmo que fosse para viver pior do que aqui. Não era possível continuarmos a viver aqui como vivíamos, sufocávamos e estoirávamos.

Sei que não será possível querer-te mais do que te quero, mas não sei o que é querer-te com paz, com alegria, sem medo de tudo. É tudo isso que espero ter, que teremos, se Deus quiser.

Espero que tenhas ido procurar o embrulho à Panair. Tudo quanto lá ia era importantíssimo, Jorge e há-de estar aí, porque ele foi enviado de cá.

Deus queira que tenhas recebido no Rio a indicação para a autorização da Clara. Estou consumida.

Os pequenos estão todos bons mas andam indisciplinadíssimos. A influência dos Pitós e um pouco menos de atenção minha, absorvida como ando com tanta coisa, deram esse imediato resultado.

Estaremos de hoje a um mês todos já em Assis? Assim o espero, meu amor. E entretanto já nos teremos abraçado interminavelmente que intermináveis são as saudades que levo.

Até amanhã, meu querido Jorge. Beijos, beijos da tua sempre.

Mécia

30/9/59

Na carta de ontem vinha o requerimento da casa, não sei se te disse. Hoje falei ao telefone com a mulher do Palla que me disse que preferia não nos ter conhecido, do que ter agora este desgosto.

Dirijo esta para S. Paulo. Mas onde estarás? E fico preocupada com o embrulho da Panair, com a declaração para poder levar a Clara. O tempo foge. Tens de encontrar o embrulho, Jorge. Porque não procuraste o Milton Vargas que por certo estaria no congresso ou te daria qualquer cartão? Foste à Agência do Rio? Telefonaste, ao menos para o Galeão? Tudo quanto lá ia era importante, Jorge.

Hoje não veio carta tua. É-me insuportável viver assim sem poder nunca contar com notícias.

Beijos, meu amor, da tua

Mécia

[Anotado à margem a meio da carta: «Vita Nuova»]

Rio, 30/9/59

Meu amor, minha querida Mécia

Hoje almocei e jantei em casa do Joaquim Ferrer, e protelei a ida para S. Paulo, para amanhã, com o fito de acabar um trabalho que não acabei, de receber ainda notícias tuas que não recebera ontem (vieram 3 cartas de 25, 26 e 27) e de despedir-me do Manuel Bandeira e do Joaquim Cardoso¹¹⁴.

— * —

Traz-me os dois livros de capa preta, que contêm diários, e estão deitados na última prateleira da estante de História, à esquerda da passagem para a salinha da secretária.

— * —

Eu não estou percebendo nada das nossas correspondências. Se não tenho escrito todos os dias, é raro o dia em que te não escrevo, e conforme a estação do correio ou a ocasião a carta vai ou não expressa registada. Dá-me a impressão que nem todas chegam, mas a verdade é que, por elas, podes acompanhar os meus passos e saber bem o que tenho feito no Rio. A demora em uma carta responder a uma determinada carta, dá uma confusão tremenda, quando estamos tratando de assuntos importantes e a resolver coisas, o que não sucedeu nunca das outras vezes que na Inglaterra me demorei. Então, trocávamos apenas as novidades e as saudades, e a nossa conversa de amor prosseguia incólume. Agora, entremeada do anseio de estarmos juntos e dos contratempos brasílicos deste mundo triste e em especial dessa pátria, é demais para nervos cansados como os nossos.

Farei tudo para que venham no Vera Cruz, se outra coisa não houver antes: Chato foi o tempo que se perdeu (e afinal não, com estas intermináveis declarações, que espero agora sejam todas) com a urgência daqui, que de tão boa e atenciosa, não resolveu coisa nenhuma. E eu, com a esperança de que virias no Vera Cruz, meu Amor, nesta viagem!

Como não pensei no embrulho! E o dinheiro que gastei em táxis com o Esteves, pagando-os a mais... pois que vi que de outro modo ele não se mexia! Já debes saber (e não compreendo que carta é essa que recebeste) que o embrulho passou para Buenos Aires e apareceu, no regresso, na limpeza do avião.

Mas que inferno de dinheiro e papelada em que te metem – que horror e estupidez humana! Estará resolvido o caso da Clara? (1) Quanto ao ferro de engomar, meu Amor, está toda a gente a postos à tua espera, qualquer (a Helena Amora, o Lemos, em Assis todos os que lá estão) te empresta um, minha querida.

Logo que saiba do teu embarque, eu marcarei uma passagem a bordo, do Rio a Santos, onde desembarcarei contigo, pois que ainda tenho de avião, mais uma passagem S. Paulo – Rio. É para Santos que tu vens que é o porto de S. Paulo.

(1) *Entretanto, terás recebido a declaração da Clara, que consegui e mandei imediatamente.*

Já terás o visto? Queira Deus que sim Nossa Senhora nos acuda!

Tenho também pena da Maria Emília, que vai regressar à sua noite antiga. Aqui consideram o Pereira Bastos uma besta... o que será injusto, por gaffes que cometeu quando cá esteve (a opinião é do António Pedro Rodrigues).

De todos os trabalhos só poderei dar conta refugiado em S. Paulo. Aqui, sozinho, numa casa onde volta e meia, nem água há, é impossível estar, e as solicitações e convites, de que todos se queixam no Rio, tornam a vida infernalmente dispersa. De resto, tudo são contactos que não posso descurar, nem me convém dar-me os ares que levaram daqui corrido o Gaspar Simões, regressado no domingo passado à pátria, sem ter sido capaz de fazer uma referência a qualquer dos que vieram, dos que estão ou dos que ficam. É filho da mãe mesmo! Só uma referência da «Tribuna» (a minha já saiu)... à Natália Correia, grande poeta.

Que ideia a tua, meu Amor! Como podes não me «interessar»? Que loucura Santo Deus! Há alguma coisa no mundo que verdadeiramente me interesse além do teu amor, minha querida? Mas ainda tens dúvida a esse respeito? Que receio podes ter, se sempre te provei o infinito amor que te tenho, a maravilha de segurança e espírito que para mim és, o encantamento que é para mim a tua presença, a delícia que é para mim o teu amor quando nos damos um ao outro como, suponho eu, ninguém se dá?

E foste-te queixar para o Casais que eu não respondi a perguntas urgentes... E ele agora escreve-me a descompor-me a dizer que também a ele eu não respondo! Ora, bolas, minha filha, até que ponto o Adolfo tem que ver com a nossa vida. O que é que eu não tenho tratado e explicado?

Mas nada disso importa, senão o nosso Amor.

1/10

Vim aos Livros de Portugal, para despedir-me do António Pedro. Não havia carta tua, que, se calhar estarás já escrevendo para S. Paulo. Para lá vou, agora, no avião das 15 horas. A saudade imensa que tenho de ti, não há limites para ela. Anseio pelo momento de nos vermos, de sermos felizes. Espero em Deus que isso nos será permitido, como foi permitido o amor único que é o nosso. Beijos, beijos, beijos e saudades do teu que te aperta contra o coração.

Jorge

P. S. – *Dá lembranças a todos os amigos*

«rec. 7»

Lx., 1/10/59

Meu amor

Tenho estado aqui em contacto com a gente da Panair que acabou ontem por me fazer chegar a seguinte resposta: abatimento de 20%, 200kg de bagagem. Isto dá 50 contos, mais ou menos o preço da 2.^a classe no Vera Cruz (a turística que pagarias aí e que talvez já fosse diferença apreciável), mas teria de ser pago cá. Eu vou combinar com eles a possibilidade de pagares aí, por exemplo 2 ou 3 pessoas e eu pagar cá o resto, embora não sei bem a quem pedir o dinheiro (talvez parte ao Setas, parte ao Agostinho Fernandes, pagável em trabalhos) mas o que me complica tudo é tu nem sequer falares no Faulkner, não me teres respondido acerca do Baring. Tem paciência, Jorge, há imensas coisas, imensas a que nunca me respondeste. Não há direito porque me colocas mal perante pessoas e fechas portas. Então o Ward? Tu estás cheio de pressa que vá, acredito, mas neste andar nunca mais saio daqui. Discutimos o transporte e não chegámos nunca a conclusão nenhuma. Agora estou temendo que tenhas ido para S. Paulo e não tenhas feito a declaração para eu levar a Clara, pois me não preveniste com o devido tempo. Tudo é tempo perdido e eu angustiada com raras notícias tuas, tudo pouco concreto. Há mais de um mês que em todas as cartas me dizes que vais marcar a minha passagem. Eu preferiria que me dissesses: «não sei quando poderei tratar», do que todos os dias viver nesta ansiedade, à espera de aviso da Panair. Todos os dias a dizer a todo o mundo que telefona para cá que não sei, sim, talvez, no fim do mês, no dia 17, etc. etc.

Claro que não podes fazer-te em dinheiro, mas, por exemplo, resolveste o caso O'Neill com a Agir? Já era um dinheirinho que eu poderia pedir sem ser favor.

Estou consumida com o pacote que foi de que nunca mais falaste. Foste à Agência da Panair? Telefonaste ao menos para o Galeão, como te mandei dizer? Mas porque não hás-de ao menos escrever-me um postal todos os dias? É estranho, Jorge, deves concordar, e eu estou consumida. Desde que foste que ando falando para o boneco. O natural seria que me respondesses lendo previamente as minhas cartas, como eu faço. Mas não, tu apenas referes que as recebeste e passas adiante.

E manda o Ward, Jorge, não há direito do que estás fazendo. O bocado que eu te mandei já o tens há mais de 3 semanas e o outro, pelo dia em que me dizias ter recebido, esperava que estivesse de volta há mais de oito. Mas não, nada chegou e nem sequer falas nisso.

Vê se assentas, pelas alminhas.

Estou desesperada de falta de notícias, desta instabilidade, de ver o dinheiro a fugir e não ter a quem mais recorrer.

Beijos dos pequenos. Muitos beijos, muitos da tua

Mécia

Lx., 2/10/59

Meu querido Jorge, meu amor

Fui hoje à Panair tratar de tudo das nossas passagens. Põem-nos em S. Paulo por 50.000\$00 com cerca de 200kg de bagagem. A mulher do Fafe ofereceu-me o dinheiro e entre ela e o Setas me arranjarei. Vou portanto logo que tenhas mandado a declaração para a Clara e os papéis estejam prontos. Se aí conseguires reaver a tua passagem tanto melhor. Se puderes mandar algum dinheiro manda para o Martim (Pinto Basto – Av. 24 de Julho, 1-1.º). Depois tudo quanto mandarmos será para o Alçada, como fica expresso na minha procuração (ficará aí outra igual – eu levo a cópia), que se encarregará dos pagamentos que tivermos de fazer.

Estou, pois, unicamente dependente de ti. Avisar-te-ei com tempo de quando chego.

Outra coisa: o Sousa Pinto telefonou hoje a perguntar se as notícias que tem vindo a teu respeito no jornal eram verdadeiras, que tu ficaras de vir no fim do mês e nada lhe disseras até hoje. Quer saber da tua resolução do Prémio Lins de Rego, na volta do correio, porque há quem queira já desistir do concurso com estas delongas.

Não há direito, Jorge, que não lhe tenhas escrito umas palavrinhas. São estas que nos estragam a vida, que nos fecham portas, que te prejudicam, porque é desagradável que se diga que abandonaste o lugar sem mais aquelas, nem uma atenção. É verdadeiramente imperdoável. Já pensaste bem na minha situação, a ter de falar com ele?

Hoje também não veio carta tua. E continuo nisto de esperar, esperar, sempre, quando uma carta chega já quase me nem compensa da ansiedade que tive durante os dias em que a esperei.

O Gonzalez escreveu por ricochete à carta do Ferdinando dizendo que dera instruções ao Ferdinando para ir buscar e me entregar a Grande Triade; o Sebastião Araújo trouxe a Florbela; o Ferdinando, parte dos que tinha... e trará amanhã os restantes. O Terra entregou o Petrarca e levou o Branc. Freire que te enviará logo que queiras.

O Saraiva ficou de mandar cá os livros e um mais que também tinha e não sei que queeres que lhe faça – levo ou deixo à Emília?

Já sei todas as informações quanto ao clima de S. Paulo e o que hei-de levar. Embora Assis seja mais quente, a verdade é que por certo iremos com relativa frequência a S. Paulo. Falei com a irmã de uma velha amiga minha cujo marido (Eng. Brasão Antunes) está aí muito bem.

Encontrei na rua o Rui de Sousa que te manda muitas lembranças e um abraço.

Ontem veio cá a Alice jantar, desolada e chorosa, nem quer convencer-se ainda. A Sophia já se lamentou à Helena Cidade.

Estas coisas fazem a gente viver horas de suprema consolação, isso não há dúvida.

O Zé escreveu-me um postal a dizer que deve cá estar pelo dia 5 e temeroso de que seja uma aventura. A Fernanda França também escreveu a perguntar se eu preciso de alguma coisa porque o marido já lhe mandou dizer que sempre ficas.

*Só notícias tuas não tenho, meu amor. E quantas saudades tenho, Jorge. Estou desejava
por ir, por te ver, meu querido Jorge.*

Muitos beijos, muitos da tua

Mécia

«Receb. a 14/10»

Lx., 2/10/59

Meu amor, meu muito querido Jorge

Chegou no correio da tarde a declaração para a Clara. Amanhã irei ao Governo Civil. Vamos ver se não inventam ainda qualquer escolha.

Nesta carta nada me dizes acerca do embrulho e, no entanto segundo penso, já deverias ter recebido as minhas informações da Panair acerca disso.

Escrevi-te uma carta ao cuidado do Amaro para a Rua Frederico Steidel, 137-4.º e duas também ao cuidado dele mas para a C. P. 8105 que depois encontrei. Mandas-me agora o remetente do Lemos, concluo portanto que é para lá que devo dirigir a correspondência.

A Helena César chegou de Londres e telefonou-me toda penalizada. Disse-me que ia fazer os possíveis por vir cá. Também a Helena Sampaio telefonara a dizer-me que viria 6.ª ou sábado para se despedir de mim. O que me vale é o telefone e por outro lado é um inferno, há noites em que não faço nada senão estar de plantão a atender este e aquele.

Entre esta carta, que é de 29, e a anterior, que é de 24, medeiam cinco dias em que me não escreveste e esta nem sequer é uma carta. É isto que me espanta, que tu nunca fizeste e que não compreendo que o faças agora, quando estás mais distante que nunca, quando tanta coisa todos os dias te pergunto, quando sabes que estou sempre ansiosa, quando estou farta de te pedir que me escrevas nem que seja um postal. Que se está passando, Jorge? Estou temerosa, meu querido Jorge e deves concordar que tenho imensa razão. Na Bahia, cheio de trabalho, escreveste-me regularmente, depois é que tudo se alterou. Por quê?

3/10/59

Todo o dia andei numa correria, nem tive tempo de acabar esta carta.

De manhã fui fazer a procuração que me prendeu no cartório até às 11 e meia um inferno de movimento, com a senhora a escrever uma linha durante a qual se levantava três vezes e interrompia outras. Saí de lá e fui de correria ao Governo Civil a ver se implicavam com a tua declaração. Depois fui ao Ministério onde a pessoa que havia de assinar acabara de sair. Voltei lá às 2 horas, dei dois dedos de palestra ao Jorge de Freitas que estava de serviço enquanto esperava e saí novamente em correria para apanhar a senhora que no Governo Civil tudo me simplificava mas que na 3.ª feira irá para fora. Lá ficou tudo despachado e o passaporte estará pronto na 3.ª feira ao meio dia (2.ª é o 5 de Outubro). Vamos a ver se posso ir nesse dia ao visto que tem de ser concedido num mínimo de 6 dias antes da partida.

Se o conseguir, estarei pronta a partir na 2.ª, dia 12.

Os livros e os papéis que pedes, pesam mais de 70 kg, vê lá. Já tenho duas malas só com eles e ainda tenho que chegue para uma 3.ª, bem à vontade.

Hoje não veio carta tua. Virá amanhã? Estou consumidíssima com o Ward de que nem me falas. Não posso compreender. Tu não vês que não podes fazer isto? Hoje é dia 3 e nem

sequer está entregue o original quando o fascículo já devia ter saído! Estas coisas têm-me tirado anos de vida, Jorge. Quase maldigo a hora em que foste daqui. Se a conquista da liberdade começa para mim com mais de dois meses de aflições, de incertezas e tudo pior do que nunca. Numa carta há mais de um mês tu dizias que me não afligisse, que me não faltaria o dinheiro. Queria-me rir se não fosse a M. [Maria] Virgínia Fafe de que estaria eu vivendo com um conto de reis por junto que me entregou o Barradas e com o teu ordenado quando chegou às minhas mãos mais de meio comprometido.

Quando eu digo a alguém que a uma semana de partida não tenho aí onde alojar-me, as pessoas ficam varadas e o caso não é para menos.

Daqui em diante vou escrever-te apenas nos dias em que tiver carta tua que é para saberes como é agradável estar dias sem saber nada, sequer se as pessoas são vivas.

É-me insuportável viver como tenho vivido e tu não te apercebeste ainda disso, meu amor, parece que de repente ficaste surdo e indiferente apesar dos protestos que fazes.

A mais do que isto é o amor imenso que tenho por ti e a minha inconsolação de estar longe de ti.

Beijos muitos da tua sempre

Mécia

4/10/59

Não veio correio.

São Paulo, 2/10/59

Meu imenso Amor, minha muito querida Mécia

Cheguei ontem a S. Paulo, cerca das 16.30 da tarde, na «ponte aérea», e tinha a Helena Amora à minha espera. O Soares Amora partira antes, na sua viagem semanal a Assis. Mas, no sábado, às 7 da manhã, estará cá, e logo trataremos com a agência da tua vinda. Ele deixou-me uma série de recados, se eu precisava de dinheiro, etc. Eu preciso de arranjar um fato ainda mais leve que o novo que trouxe, pois não é possível usar o azul, pesado demais, nem convém gastá-lo. Ontem o trouxe vestido para aliviar a mala, e hoje e amanhã o usarei, para poder mandar limpar o outro, a que o Rio deu uma côdea incrível. Como verás, a cidade mais bela do mundo é também a mais porca. O clima é intoleravelmente abafado lá; mas, se houvesse vento, as nuvens de lixo sufocariam a população inteira.

O Lemos foi «pai» na 2.^a feira, e tudo correu optimamente. Ontem, à chegada, a Helena levou-me à Bienal a ter com ele, o França lá andava a devorar quadros com um ar perfeitamente dispéptico (ele estranha muito o Brasil, nada sente de comum com isto), depois passámos a visitar a Cláudia na Maternidade, e enfim fiquei instalado (e é donde estou a escrever-te) em casa de um rapaz do «Estado de S. Paulo», poeta de mérito e português de origem (naturalizado já), o Carlos Maria Araújo, que ele e a mulher (a esposa, que mulher aqui não se diz, é feio, significa «amante» – diz-se «minha senhora» ou «minha esposa») foram e são gentilíssimos comigo.

Logo que tudo esteja decidido e arrumado, marcharei para Assis, de onde virei para ir ao Rio apanhar-te de passagem, como já te disse que faria.

A vinda para aqui coloca-me de início na confusão de falta de notícias tuas, sem as quais fico louco de indecisão e inquietação absurdas. Receio que a moleza do A. [António] Pedro demore e que ainda escrevas para lá. Poderias escrever para esta casa que também eles me mandariam as notícias para Assis, se eu já lá estiver. Aqui é: c/o Carlos Maria de Araújo – Rua 9 de Julho, 1030 – Apt. 103 – S. Paulo, Capital – Brasil.

Agora que vim para cá, e embora as minhas andanças de avião não tenham acabado (pois aqui se vive no ar, com a maior rede de aviação civil do mundo), sempre te digo que, passada a euforia do luxo de andar de avião e da comodidade que é, ganhei um medo que nem sonhas. Primeiro, porque temo que o destino me faça das suas ironias, precisamente quando nos preparamos para uma vida nova, de nova felicidade, e segundo, porque ainda há dias, ao levantar voo aqui em S. Paulo, o avião da «ponte aérea» (mas são inúmeros: os aviões entre Rio e S. Paulo são diariamente mais que os comboios do Estoril) se estatelou e morreu tudo. Os aviões caem todos os dias aqui. Mas é preciso pensar nos milhares que andam no ar constantemente.

Enfim, podemos também pensar que, não querendo andar de avião (o que complica tudo, pelo tempo perdido), uma pessoa pode ser atropelada na rua, o que no Rio ou em S. Paulo é a coisa mais fácil do mundo. Aqui, não farás tu travessias de rua, como as tuas célebres da Praça Marquês de Pombal – te garanto que ganhas emenda.

Depois do jantar, ontem, estive no atelier do Lemos a palestrar com ele e o França, que está lá instalado.

Espero que agora não sejam precisas mais declarações – arre! O papel selado, como te disse, acabou-se, e só conseguiria novas coisas aqui, inscrevendo-me no consulado como me inscrevi no do Rio de Janeiro. Quanto à permanência minha e vossa, parece (que aqui nunca se tem a certeza de nada, mas as consequências também nunca são policiais como aí) que o facto de ter um contrato estadual implica automaticamente a concessão de «carteira modelo 19» a mim, a ti e aos pequenos. Era assim, mas não se sabe se ainda é.

Continuo a viver zaranza desde a falta dos óculos, pois que a habituação aos novos, mais fortes, me põe a cabeça em água, com dor de cabeça, uma chatice. E, para ler, se o tipo é miúdo, vejo pior. O médico aliás me disse que eu precisaria para isso de outros óculos, para astigmatismo e vista cansada, que a minha já está. O que isto me prejudica é incalculável: tonturas, tropeções na rua, o diabo, uma espécie de depressão medonha.

Mas esperemos que há-de passar. Ainda bem que arrumei no Rio tudo o que eu preciso arrumar de lá, que eu estava farto daquela balbúrdia e da solidão.

Aqui me sinto mais acompanhado, pois no Rio é um cada qual que se arranje.

Imagina tu que o Paço d’Arcos, contou-me a Helena (agora ele anda aqui, muito oficial, no meio da detestação geral) arranjou – e é uma bofetada que me dá – a que, saltando por cima de tudo, a tese dele seja publicada já e na íntegra, fora do Colóquio, nas publicações da Universidade da Bahia. Adulou o Reitor de lá para isso. Hoje mesmo escreverei para o Casais e para o Moacyr Maia a revelar o facto; e garanto-te que, desta feita, é que ele me paga tudo de uma vez. Aqui, caiu-lhe a máscara: nele não há virtude alguma – tudo o que ele faz, até as dignidades de que se reveste, são apenas manobra para a sua política literária. Que sujeito repelente. Dizia-me a Helena Amora, ao comentar-me o que ele dissera (para esbofetear os relatores da Bahia), que «afinal ele nem é a pessoa distinta que aparenta» e era a única coisa por que se lhe perdoavam outras. E é verdade. Mas hei-de pôr tudo isto em pratos limpos. Escreverei um artigo que há-de ser o retrato psicológico do tipo e das suas manobras.

Só me faltava esta, que, no fundo, é um golpe no meu prestígio, que não posso consentir, e aqui, meu Amor, é do prestígio que se vive. Quem for considerado «avacalhado» como eles dizem, está perdido. E muito mais por uma criatura como o Paço d’Arcos que ninguém considera e só consegue o que «cava» oficialmente, com as protecções de tudo o que é oficial daí. Mas não falemos mais em trampa.

Estou ansioso por te ver aqui, por resolver o que ainda falta. Com a história do Ceará, parece-me que até ambos decidirmos com segurança, o conveniente é um provisório muito provisório. A propósito: traz a minha carta de curso, isso pode ser necessário, o «canudo». O inconveniente do Ceará é ser longe – e ficarmos, para todos os efeitos, cortados do Rio e de S. Paulo, onde é então uma fortuna vir (não direi tanto). Aqui, não é assim, todavia. O avião entre o Rio e S. Paulo custa um conto de réis brasileiro, ou seja para uma distância como Lisboa-Porto, metade do preço de comboio aí. E o autocarro ou o comboio ainda são mais baratos. Ora, aqui,

a norma é um pouco a de que quem não aparece esquece. Imagina tu que, no Rio, a dispersão e a desatenção são tais, que muita gente me perguntou pelo Adolfo, supondo-o no Rio ainda, cavando a vida por qualquer canto.

Nem que ele estava na Bahia havia meses sabiam. Aqui, só se sabe de cada um o que cada um participa – verás que, no meio de uma indiscrição jornalística que toca as raias da mania, esta gente é, afinal, mais discreta que nós, ou mais ocupada consigo. Nunca se pergunta a ninguém de que vive e como vive (... nem de quem é filho, se ele não fala nisso).

Que saudades tenho, meu Amor, de ti. Até sábado, tudo ficará resolvido e tratadas as tuas passagens. Como anseio por ver-te aqui, por estarmos descansadamente organizando a nossa vida e trabalhando, meu Amor! Estou farto deste estado de suspensão, e anseio por apertar-te nos meus braços, querida. Nunca estivemos tão longamente separados – creio que falaremos, ou tu me ouvirás, até ao infinito. Será que terás de futuro mais paciência para me ouvires? Beijos, beijos, beijos, e saudades imensas do teu que te aperta contra o coração.

Jorge

S. Paulo, 3/10/59

Meu amor, minha querida Mécia

Ontem à tarde, estive no «Estado de S. Paulo» falando com aquela gente; jantei em casa do João Alves das Neves, e fui depois à Bienal, onde o França fazia a conferência sobre o Amadeu de Souza-Cardoso, e a seguir fomos para casa do crítico Lourival Machado (que é também do «Estado») tudo isto com uma gripe medonha que, junta aos óculos a que não me adapto, me desmoraliza completamente. Esta manhã fui com o Amora à agência de passagens, onde após inúmeras investigações, se chegou à conclusão seguinte: o Vera Cruz não tem turística, mas 3.^a classe. Ficou então encomendada cabina para o dia 17, com passagem para ti e para a Clara (2 adultos), para os 5 mais velhos (5 meias) e para os dois mais pequenos, que não pagam.

Terás de conseguir aí ou na viagem a mudança de classe. Importa em (com os máximos descontos e a prestações) cerca de 169 contos brasileiros, de que se dará uma entrada de 63,4 contos brasileiros, que a Faculdade de Assis adianta (com modalidades de pagamento a assentar depois), pagando-se o restante em 6 prestações mensais (isto é o máximo de facilidade conseguível) que, com os juros, dão cerca de 18 contos por mês. O telegrama com a ordem de passagem, será expedido na 2.^a feira. Logo que recebas esta carta, se ainda a Companhia não tiver dito nada, põe-te em campo. Foi o mais que se pôde arranjar, e é melhor que o que afinal nem se arranjava no Rio. Aflige-me a classe; mas turística não há, ou estão chamando isso à 3.^a de cabine.

Sobre Assis as minhas obrigações até Março (em que começará o contrato bienal, e descontadas as férias grandes de Dez.^o, Jan.^o e Fev.^o) serão um curso livre sobre a criação poética e a crítica de poesia, feito em conferência semanal, às 6.^{as} feiras. Há casas para alugar em Assis, – como a nossa, mais ou menos, por 8 contos mensais. Mas, segundo os nossos colegas disseram ao Amora, a coisa será feita fingindo eles que (um deles) se muda, para mim, o preço não subir. Quando, para a semana, lá for, assentarei com eles isso e o equipamento mínimo da casa. Estes primeiros tempos vão ser duros, e ficaremos amarrados aos adiantamentos que o Amora nos fizer. Mas não há outro processo. Garantem-me que, com casa, etc., a nossa família consumirá lá uns 30 contos mensais.

Tens de trazer, portanto, o máximo de coisas domésticas que te parecerem úteis, incluindo a aparelhagem (aspirador, encerador, etc.) que vires que, volumetricamente, vale a pena. Tudo isso, desembarcado em Santos, se expedirá por via férrea para Assis.

Livros: Dentro de esta ordem de ideias, eu vou precisar de mais livros. Das filosofias, traz: Estética do Hegel, Critique du Jugement, do Kant, An Essay on Man (Cassirer), Philosophy in a new key (Suzanne Langer). De literatura inglesa: The Renaissance (Walter, Peter) e Studies in Italy and Grece (ou lá que é) do J. A. Symonds. Dos estudos de literatura (abaixo das histórias ou na estante dos calhamaços monumentais) – todas as coisas sobre poesia genericamente e L'âme romantique et le rêve, do A. Béguin. E deixarás combinada entre o Sr. Prego e o Martim a maneira de, particularmente, pela Panair, virem rapidamente os

livros que forem precisos. Mas trazes também: o Nietzche de Bertram e o do Jaspers, o Baudelaire, do Fondane.

De momento, é o que me ocorre, neste estado horrível de gripe (estou metido a tarde em casa, levei já uma injeção que um enfermeiro veio dar-me) e com os óculos às avessas, e na ansiedade de estar sem notícias tuas. O António Pedro, telefonicamente, disse ter uma carta que receberei por portador amanhã.

O Amora trouxe-me de Assis um cartão de cumprimentos do Costa Barreto, que é de desculpas pela publicação da coisa do Lopes Graça, pois não sabia como prevenir-me... E nem sequer me manda o recorte. Preciso dele com a maior urgência para ver se devo ou não responder, embora a minha atitude agora deva ser sempre a da pessoa que mandou à merda isso tudo, mais em especial quem podendo sair de lá como um Lopes Graça, para lá voltou. Porque, de facto, visto daqui, a diferença entre essa gente toda é muito pouca. Tu, certamente, não me mandaste o artigo (em que aliás falaste) por achares que eu já tinha bem com que preocupar-me, para além dos percevejos daí, e é verdade. Mas valerá a pena eu saber que insultos os Graças me dirigem, antecipando-se aos que o Estado Novo não deixará de encontrar. O Casais teve confirmação de que proibiram aí a publicação de qualquer artigo dele, seja sobre o que for.

O Ferreira de Castro chegou ontem ao Rio e, logo depois de ele ter saído, houve pancadaria a bordo, entre portugueses e brasileiros de um lado e 3 portugueses que se diz são da PIDE em serviço na Embaixada, segundo os jornais contam, por estes terem proclamado alto, entre os vivórios e os abaixos, que o Brasil precisava era de um homem como... calcularás.

As minhas premonições funcionaram bem. Verei o Castro aqui, quando ele cá vier. Não há pressa, tanto mais que me disseste que, por ele, nada mandarias afinal. Em nome da Ass. [Associação] Bras. [Brasileira] de Esc. [Escritores] tinham ido a bordo recebê-lo o João Conde, o Jorge Amado e outros. O Jorge (meu xará, que é o ter o meu nome) é hoje uma, senão a mais ilustre e respeitada figura de escritor, ao lado do Bandeira e do Drummond.

Não esqueças os meus artigos todos: em especial os que constituirão o Reino da Estupidez (os de polémica genérica) que estavam, salvo erro, agrupados em cima da História Genealógica.

São quatro horas, já passa, e vou sair para deitar-te esta carta no Correio Geral, único sítio em S. Paulo onde se pode deitar uma carta, pois os marcos são raros e não funcionam, e é urgente que a recebas. Não estou nada melhor da gripe, mas ainda bem que a tive aqui, e não no Rio, onde, se eu ficasse estendido em casa, ninguém daria por isso, nem os amigos que me suporiam partido para cá, sem dar notícia, à brasileira.

Não me posso conter de ansiedade em ver-te arrancada daí e às crianças.

Logo me sentirei menos só, menos triste, menos angustiado.

Que saudades, meu Amor, que vida a nossa! Quantos são bestas e felizes! Nada lhes falta, fazem o que querem e cresce-lhes o tempo!

O Nataniel nunca disse nada? Que disseram os da Cor sobre os poemas, o que é tão importante, financeiramente falando? Eu nem sei trabalhar, sem ti ao pé de mim. E agora que

é só esperar, desaba em cima de mim esta gripe (será só gripe ou o breakdown inevitável ao fim destas andanças todas?)

A minha vida e não só ela, como eu próprio, não tem sentido senão em função de ti. Por ti e para ti, pelo teu amor eu vivo, ou nada valeria para mim – esta é que é a verdade. És a minha consciência, o meu gosto de viver, a minha dignidade, tudo o que vale a pena. Sem ti, eu faria talvez poemas, e nada mais. Mas fá-los-ia? Acharia que valia a pena fazê-los? Ou apenas sonambulamente vaguearia? Oh meu amor, minha vida que tu és.

Aqui tens um soneto, que escrevi no Rio e julgo que não mandei:

Como quando indiscreto às coisas me insinuo
e de infinito amor lhes dou sentido
que de mim próprio é voz: precisão
de ser um ser que sendo as reconhece,
me vejo ambíguo e distraído e firme
na vã presciência que, rememorada,
é como um estar por sempre ininterrupto,
aliciando humanamente as coisas.

Mas, meu Amor, por ti tudo contemplo.
Por ti penetro como em ti em tudo
E torno realidade este fortuito
Encontro permanente de que vivo.
Mas em ti vivo. E mesmo noutra mundo
Eu te criara neste e às minhas coisas.

Beijos, beijos e saudades do teu que te aperta contra o coração

Jorge

P. S. – Traz-me o Eliot todo.

S. Paulo, 4/10/59

Meu grande Amor, minha muito querida Mécia

A vinda para aqui, ainda mais coincidindo com o fim-de-semana, deixou-me inteiramente sem notícias tuas. Soube, telefonicamente, que o António Pedro tinha no Rio uma carta, que não sei se é tua, e que, contra o combinado não mandou pelo portador que hoje teve. É possível que amanhã, de algumas mãos carta tua me venha. E amanhã mesmo ficarei certo de que a ordem das passagens seguiu, nos termos que expliquei na carta de ontem. Só agora, hoje à noite, me sinto um pouco melhor da gripe extravagante que me atacou com uma diarreia de sangue terrífica. Meteu cama, médico, estreptomocina que estou tomando – uma chatice, que só realmente a boa vontade e a solicitude dos amigos (o Carlos Maria de Araújo e a esposa, em casa de quem estou aboletado até ir para Assis) me faz suportar, assim só, sem ti. Mas foi uma sorte eu ter tido tempo de vir para S. Paulo. Por um dia, isto apanhava-me no Rio completamente só.

É da maior importância que a Embaixada do Brasil aí te passe um papel qualquer (baseado nas funções que venho exercer em Assis, e para o que te mando cópia de uma das cartas importantes sobre o assunto) declarando que as tuas bagagens são objectos de uso pessoal meu e da família, e que os livros são instrumentos de trabalho para eu exercer as ditas funções. De outro modo, sou informado de que, em Santos, a alfândega nos mete a alma no inferno e as mãos nas algibeiras.

Livros necessários:

- a 1.ª edição do Fr. Agostinho da Cruz e a edição do mesmo do Mendes dos Remédios.*
- toda a poesia do século XVII que está perto dele.*
- o 1.º volume do Ward e os fascículos publicados.*
- Cancioneiro Geral*
- a antologia de «poemas narrativos» do Cabral do Nascimento*
- aquela antologia feita pelo Teófilo Braga de que eu costumo ler às pessoas o «soneto anónimo»*
- os volumes todos do «Ensaio biográfico etc. dos poetas portugueses», do Costa e Silva.*
- o Breve Ensaio da História Literária Portuguesa livros de capa cor de laranja de papel do século passado, que está ao pé das Histórias do teu irmão, salvo erro.*
- a última edição da história do teu irmão.*
- toda a bibliografia de Pessoa: Simões, Casais, M. Sacramento, Entrambaságuas, etc...*
- a obra do Sá-Carneiro (Dispersão e Indícios de Ouro) e Invenção do Dia Claro do Almada que estão deitados por cima de obras portuguesas.*
- La Pensée de Karl Marx – J. Y. Calvez, o Henri Lefebvre, e de um modo geral esses livros «proibidos».*
- Joseph and his brothers – o calhamaço do Thomas Mann*
- The Death of Virgil do Hermann Broch (ao alto em frente, nos alemães)*

– os dois volumes verdes do Schlegel (alemães)

– de uma maneira geral, todos os livros preciosos dos raros que temos, e agora me não ocorrem, incluindo os de arte.

É muito possível que te telefone o Henrique Valente da Cruz que partiu daqui para Paris, via Lisboa, e que foi meu colega de curso no Porto. Ficas avisada, sem dúvida, se o fizer, é para te explicar a necessidade da declaração de que te dou notícia e é importante.

Não descanso, enquanto te não vir a caminho, e então contarei dia a dia e hora a hora o momento de ir esperar-te ao Rio, que é o mais perto que posso ir. Tocarás, por certo, suponho, no Recife, onde procurarás o Alfredo Pereira Gomes (telef.: na Fac. [Faculdade] de Filosofia: 4258; na Escola de Engenharia: 2456) ou ele te procurará; e na Bahia, onde por certo o Casais te aparecerá com a sua Raquel (telef. dele: 8372 – os telefones da Bahia ficam horas sem dar sinal, mas é «manha» e a gente espera com paciência). No Rio, se Deus quiser, estarei eu, com o António Pedro e a Cleonice Bernardinelli¹¹⁵ que quer conhecer-te e aos pequenos. Que ansiedade meu Amor, de ter-te nos meus braços, de passar este período de suspensão. Contigo a meu lado, tudo será diferente. Por ti mesma, calculas, nesta separação, o que eu tenho dispendido de energia para que a nossa estadia aqui tenha os pés em terra firme.

Mais livros:

– o Shakespeare todo

– os livros sobre Shakespeare (que estão juntos aos ensaios biográfico-literários)

– Keats and Shakespeare – do Murrey

– Biografia Literária – Coleridge (e creio outro volume de ensaios dele que está ao pé)

– toda a bibliografia shakespeareana que te salte à vista e me não ocorre agora, desfasado, desmemoriado das estantes.

– as Hist.-Lit. todas – francesas, inglesas, latina, etc. em edições Penguin e outras que para aí tenho.

– o Gomes Leal todo, que é raridade cá, e sobre o qual há muita curiosidade.

Se valer a pena (pelo transporte no barco) trazer uma estante desmanchada não será má ideia. E a telefonia, trazes?

5/10/59

Saí agora pela manhã para conseguir contactar com o Amora ou o Lemos que não sei se receberam notícias tuas para mim, pois que onde moro não tenho telefone. Não consegui, e já estou mergulhado naquela rede brasílica de desencontros, que é infernal para pessoas na nossa situação. Eu temia isto mesmo com a mudança para cá e com a ida para Assis na 3.^a ou 4.^a (amanhã ou depois) ou na 5.^a, ainda vai ser pior.

Vou melhorando de saúde mais ainda muito precário, para o que não contribui pouco o clima de S. Paulo, que parece um Porto sombrio, húmido de «garos» caindo a toda a hora; tanto mais que vim do forno que estava sendo o Rio. Seja tudo em desconto dos meus pecados. A tosse não me larga, da diarreia parece que estou melhor.

Não sei se te disse que, por ser impossível vestir o fato azul (dentro do qual aliás cada vez mais danço) e ter de mandar limpar o outro que trazia continuamente vestido, tive de comprar um fato (ligeiríssimo como se usa cá, e custou apenas 2.900 cruz.) Agora é que de facto fiquei sem nada. Mas o Amora está-me adiantando.

Dá lembranças a toda a gente, e os maiores beijos aos pequenos. E beijos, beijos, beijos e saudades infinitas do teu que te aperta contra o coração

Jorge

S. Paulo, 5/10/59

Meu Amor, minha muito querida Mécia

Finalmente recebi esta tarde, das mãos do Amora, uma carta tua, de 29! Estive desvairado com a falta de notícias. Esta manhã, como ontem, te escrevera carta importante, com instruções várias, que receberás ao mesmo tempo que esta, por certo. Eu vou com o Amora na 5.ª feira para Assis, de onde virei para ir ao Rio esperar-te. Esta tarde apareceu-me aqui, e encontrei-o no «Estadão», o Alexandre Eulálio¹¹⁶, que também estará no Rio à tua espera.

Já comecei a rever e a remeter Ward. Eles que mandem para Assis as provas. Já escrevi ao Sousa Pinto. Diz à Sophia que o José Paulo Moreira da Fonseca se queixa da falta de notícias do Francisco, e que lhe lembra o que pode ganhar com a venda da casa deles. O recado foi expresso, não me lembro se já to dei. Escusado será pedir-te que transmitas à Sophia e ao Francisco as saudades que terei (teremos) deles.

Da vinda de outras pessoas – e quantas mais melhor para nós – como o Fernão e o Martim, que gostaria de ter cá, depois de instalados discutiremos com os amigos as possibilidades, que as há para toda a gente que queira trabalhar.

Os correios põem-me louco. Constantemente me perguntas coisas a que já respondi, e pedes declarações que já mandei. Tenho esperança que tudo chegue em boa ordem.

Quanto a roupas, Assis é bastante quente, e sempre mais ou menos na mesma, sendo, ao que dizem, intolerável no Verão (Dez.º, Jan.º, Fev.º). S. Paulo é húmido e às vezes frio. O nylon com este calor é bastante insuportável. Mas algum agasalho é útil, sobretudo quando se vem aqui, e viremos algumas vezes, queira Deus.

Eu não ando a dormir, meu Amor. Eu sabia já que o Milton não ia ao Congresso. Recebi, sim, e já contei não sei quantas cartas (maldito correio!), a tragédia do embrulho que acabou por aparecer, depois de ir a Buenos Aires e surgir na limpeza do avião. Gastei um dinheirão em táxis, com o Esteves ao lado. Já terás recebido a declaração da Clara, que mandei imediatamente.

Em Assis, de acordo com os amigos de lá, preparei tudo conforme o teu programa, que, por cartas anteriores, coincide com a prudência que eles aconselham, para não sermos explorados. E, queira Deus, estaremos em Assis no fim do mês. Desembarcas em Santos, no dia 27, salvo erro, e logo que a bagagem se desvençilhe, nos distribuiremos nos aboletos de S. Paulo, para seguirmos um ou dois dias depois para Assis com a bagagem. Aqui o que se deixa para trás, perde-se. Afinal, o meu curso semanal será até ao fim do ano sobre a «criação poética» (tudo, de todas as línguas, que te cheira a isso, trazes também La Vita Nuova, do Dante, o Petrarca todo (italianos!) e o Nicolau de Cusa (filosofias).

Nas férias, conferências várias, para justificação do pagamento. Em Março, cátedra de «Introdução ao estudo da literatura», aquilo que o Mourão-Ferreira está regendo. Igualmente trarás todos os livros genéricos que te pareçam úteis.

Ainda não estou bom da gripe, que se me localizou numa constipação de cabeça, embora

o «terror» intestinal pareça ter passado. Espero estar bom ao ir para Assis, pois com calor uma constipação assim é muito incômoda.

Aqui, hoje, visto o fato leve (único suportável), mas trago camisola interior e a gabardine. Isto te dá uma ideia destas fantasias climáticas.

Logo que embarcares, encarrega o Martim de mandar-me um telegrama, para eu ficar descansado, pois que uma carta se arrisca a não dar tempo e nada, nem me trás a certeza gloriosa de que a caravana está em marcha.

Esperam-me para jantar, e vou parar. As saudades que tenho, o anseio de ter-te comigo, de ver os pequenos aqui, não têm conta nem medida. Sem ti, nada sou, meu Amor, bem sabes. Meu Amor, meu Amor! Beijos, beijos, beijos, infinitas saudades, e o imenso abraço do teu do coração

Jorge

P. S. – Entreguei hoje ao Décio, para publicação no «Estadão», «A cadeira de Van Gog» e a «Carta aos meus filhos». Ia dar-lhe um e ele quis os dois. Amanhã, entregarei artigo. Aqui tudo tem de ser à máquina, e, ainda por cima bêbado de gripe, as minhas dactilografias são sacrifício inglório.

Mais beijos, beijos e abraços do teu que te aperta contra o coração

Jorge

Lx., 6/10/59

Meu amor, meu muito querido Jorge

Mais um dia sem notícias tuas. É perfeitamente inconcebível o teu silêncio. Há cinco dias que recebi a tua última carta que nada dizia de ti. Estou consumida por causa do embrulho de que não falavas. Calculo que estejas em S. Paulo desde o dia 29.

Ontem almoçaram cá o P.re [Padre] Antunes, o Vasco Miranda e o Ruy que se foi logo após. Os outros e a irmã do Vasco que entretanto chegou, saíram daqui passava das 7 horas. Pouco depois entrava a Lina que acabara de saber que eu ia embora pela Alice, que insiste em fazer uma reunião para minha despedida. Chegou aqui em lágrimas, coitada, mais o marido também cheio de pena que nos vamos. O P.re [Padre] Antunes escolheu mais uma série de livros que te levarei, se for possível.

Hoje telefonou o Raul de Carvalho a perguntar se eu sempre ia e se lhe dava licença que viesse cá despedir-se num destes dias. Soubera pelo Rui Belo.

Esta tarde fui buscar o passaporte da Clara, depois levá-la à inspecção médica para preencher a papelada dela – o médico que nos examinou é o Cassiano Neves que jantou comigo em casa do Cyro, lembraste? Só depois é que reparei no nome e pedi à empregada que lhe perguntasse.

Depois fui ao Consulado onde o Vice-cônsul me recebeu com muita amabilidade. Amanhã telefonarei a saber se há qualquer contratempo e quando estará pronto. Achou perfeita a carta que sob indicação do João Clemente eu escrevera ao Cônsul a pedir o visto e que me dispensasse do registo criminal e do certificado de subsistência. Depois fui à Panair... onde só podem marcar-me a passagem para dia 17. Estarei no Rio das 11 ao meio dia (hora local) e à uma e meia em S. Paulo, no domingo, 18. Estarei no Recife das 6 às 7, hora demasiado matutina para ver o Alfredo.

Esta tarde telefonou-me o Luís Amaro. Está consumido com o Brecht e com o Faulkner. Pedi-lhe uma tradução para mim dado que precisamos de tanto dinheiro em escudos. Irei lá na 5.^a feira, mais uma vez, sem nada de concreto lhes poder dizer. Mas que vida fazes tu aí que cada vez tens menos tempo para me escrever? Toda a gente pasma quando digo que deixaste de escrever-me com regularidade. Mas porquê Jorge? Vivo horas de tristeza profunda porque me custa de facto deixar isto, cansada de papéis, de andanças, de telefonemas, de atrasos e ainda por cima nem tenho as tuas cartas que de tudo me compensariam largamente. A Isabel Maria continua pouco interessada em ir; o Pedro desconsolado porque queria ir de barco. Só as outras duas estão contentes por irem de qualquer maneira. A Mariana também diz a toda a gente que vai. Quanto ao Paulo, com a tua lembrança esfumada, passou para o Martim e acaba chamando-lhe papá embora sem entusiasmo. E há dias em que pergunta por ti insistentemente. O Vasquinho está agora muito bom, e, segundo opinião geral, muito parecido contigo

7/10/59

Veio a tua carta datada de 30. Como vês tinha razão para estar aflita com a perda do embrulho. Ainda bem que apareceu.

A Manelinha foi hoje, pela primeira vez à escola. Foi radiante e veio radiante. Eu deixei ao critério deles irem ou não os poucos dias que faltam e eles quiseram ir, lá foram.

Jorge o Ward?

A tua mãe começa a lamentar-se às pessoas que nem um postal lhe escreveste e tem razão, isso é verdade. A Helena Sampaio chega 6.^a feira para se despedir (começou agora o virote das despedidas), amanhã vem cá o Zé para conhecer o Vasco Miranda e para ver a M. [Maria] Lamas que vem aqui jantar à filha que não vê há não sei quantos anos. No domingo voltará cá para estar com o P.re [Padre] Antunes. No sábado a Alice terá lá: o Soromenho, Azevedos, Natália Nunes (com ou sem Rómulo), Regina Santos, Vidigais, Ruy, talvez Zé. Eu irei jantar. Antes de ir a Helena Cidade levar-me-á a casa do Fidelino para levar notícias directas à Helena Amora. O Adriano aparecerá para se despedir de mim não sei quando. Está entusiasmadíssimo com o tal inventário para a Gulbenkian.

Mas, Jorge, de facto não me respondes a milhentas coisas: o Baring o Ward, o Greene, o Sousa Pinto, se vais ou não para Assis, que estarás fazendo no Rio eu sei lá, Jorge, milhentas coisas que nunca respondeste.

De resto eu não me queixei ao Casais, ele pedia-me pormenores precisamente das tuas andanças e eu respondi-lhe que a não ser em linhas gerais (por exemplo, ainda estou sem saber se é Literatura Port. [Portuguesa] que vais dar e é a 1.^a coisa que toda a gente pergunta) nada sabia, o que é a pura verdade.

É possível que se tenham perdido cartas tuas para mim, mas perdidas ou não eu vivo na aflição e na ansiedade.

A Clara vai escrever às tias para ficar lá com o Paulo os dias que forem precisos. Porque o Paulo é agora o trovão da família. Mas quanto a enxoval, esse vai bem fornecido que a M. [Maria] Emília, coitada, fez-lhe roupinha em série.

Agora me lembro que, p. ex. [por exemplo] te perguntara o que era preciso, escolarmente falando, para os pequenos. Da Isabel Maria levarei o diploma da 3.^a classe, dos outros o boletim de passagem.

O Jornal de Notícias, do Porto, trouxe a notícia que te mandei e que agradeci num cartão em teu nome.

Ontem também em teu nome, devolvi a Brotéria com uma carta. Aquilo está infecto e o P. A. [Padre Antunes] diz que a culpa é dos assinantes que se calam. O P. Veloso deixou de fazer crítica de arte por causa das cartas que choveram. O V. M. fará o mesmo. E que passa a mais, não podes calcular.

Devolvi ao P.re [Padre] Antunes as Critiques e ele trouxe os 2 livros que lá tinha.

Encontrei um papel que dizia:

Bairro excêntrico – M. M. Grilo

Uma noiva na toca – Charlot (P. I. – França)

Poil de Carotte – Zé

Teoria do conhecimento – Zé

Os filhos da Candinha – Ruy

Journal de Salavin – ["]

Música ao Longe – ["]

Kangaro – ["]

Está certo?

Estou sempre tendo qualquer contratempo mais. Se me apanho junto de ti, nem quero crer. Eu sei quanto me queres, meu amor, mas é natural que eu esteja sempre aflita. Sei que te fazes pouca e má companhia e estou sempre temendo que te desgostes de mim, que o afastamento é capaz de tudo.

O Simões ia resolvido a ficar se lhe surgisse uma qualquer oportunidade !!! Deve ter vindo triste como a noite! E a Belinha que fez toilettes e tudo para ir ser aí grande dama!

É verdade, também nunca me disseste se o Lemos tem menino ou não, a mãe dele tem estado aflita sem notícias desde Agosto.

Quantas saudades tenho de ti, meu Amor! Estarei contigo daqui a 11 dias? Deus queira. Estes dias vão parecer-me intermináveis e ao mesmo tempo começo a estar irreprimivelmente enervada das coisas a resolver e até, das pessoas, apesar do muito que as estimo e estimo.

Muitos beijos, muitos, meu amor, da tua sempre

Mécia

P. S. – Outra coisa que não me respondeste – Que faço ao dinheiro do Rolim?

S. Paulo, 6/10/59

Meu Amor, minha muito querida Mécia

Não recebi hoje, de mão alguma, carta tua e dentro de pouco mais de uma semana, queira Deus, escrever-te já te não encontrará em Lisboa, mas a caminho dos meus braços. Enfim, meu Amor. Em carta ao Lemos a mãe dele anunciava-lhe que já tinhas tudo pronto para embarcar a 17.

Era preciso, se os não separaste, que trouxesses:

«Ulysses» – J. Joyce (que «vamos» ser convidados a traduzir!)

Filosofia de la ciência literária – Ermatinger e outros

La escatologia na Divina Comedia – Asin Palacios

Linguística e Ciência Literária – Spitzer

Menendez Pidal – todos

Pius Servien – todo

Francis Fergusson – livro de teatro (de bolso), que está na estante da direita do arco.

Rosicrucian Cosmoconception

Wordsworth (o vol. da obra poética e o estudo do Beteson)

Shelley (a obra – 2 vols.)

Byron (a obra)

John Donne (um calhamaço)

As antologias inglesas pinguinicas todas

A antologia da poesia futurista

Poeti d'oggi (antologia de Papini)

Hoje almocei com o Amora na casa dele, logo jantarei com os sogros do Victor Ramos¹¹⁷ (a senhora, amiga da D. Maria [Lamas], já te falei), e amanhã em casa do Jorge Fidelino de Figueiredo¹¹⁸. Na 5.ª feira, depois do almoço, partirei com o Amora para Assis.

Escrevi-te do Instituto de Estudos Portugueses, onde estive trabalhando pela manhã, e agora depois de almoço até ir ao «Estado». Às 11 horas, eu, o Amora e o Lemos fomos embarcar no avião para a Bahia o França, com abraços e lágrimas. Despediu-se de mim com os melhores votos e palavras amigas e tocantes de admiração, e telefonar-te-á à passagem de avião no aeroporto, a caminho de Paris. Tive, evidentemente, muita pena.

Para prevenir qualquer hipótese de eu não estar no Rio, que não acontecerá, se Deus quiser e como eu quero ardentemente, os telefones úteis são:

António Pedro Rodrigues: livraria – 431174

Manuel Bandeira – 22.0832

Paulo de Castro: escritório – 42.7755; casa – 46.9047

Cleonice Berardinelli: – 47.3503

Jorge Amado – 37.3435

Alexandre Eulálio: casa – 22.0040; escritório – 42.5254

Yolanda Bettencourt: casa ?; (da Agir) escrit. [escritório] – 52.8261

Toda esta gente se mexerá por nós o que for preciso. Mas eu estarei à tua espera, meu Amor, ansioso por trazer-te para aqui, por ter-te querida, por mostrar-te o Rio e São Paulo e marchar para Assis. E, afinal, desembarcar em Santos, como há 22 anos, mas contigo e com os meus filhos, que sois a minha vitória sobre a vida. Beijo-te toda, meu Amor, com infinita saudade. Beijos, beijos, beijos e saudades do teu que te aperta contra o coração

Jorge

P. S. – Estou melhor da gripe, ao que parece

P. S. – Compra uma boina e trás, que é o sonho do Carlos Maria e eu gostava de obsequiá-lo. Cabeça como a minha.

S. Paulo, 7/10/59

Meu imenso amor, minha querida Mécia

Não sei se hoje, pois ainda não fui ao Instituto de Estudos Portugueses, terei notícias tuas, ainda, agora ao fim da tarde, lá passarei. Entretanto, vou escrevendo, nesta expectativa intolérável que, amanhã, com a partida para Assis (que me afasta só 600 kms, mas em tempo de correio muito mais) aumentará medonhamente. Esta manhã, fui à Cosipa cumprimentar o director, o Plínio de Queiroz (é primo do Eça, pertence ao ramo brasileiro da família, e, revelação sensacional, o incesto dos Maias passou-se com uma tia dele e um tio, história que o Eça conhecia! – nem isto, que toda a gente sempre achou absurdo o Eça inventou!). Depois, almocei com o Alexandre Eulálio, e agora estou no «Estado», à espera do Décio para despedir-me dele.

Livros atrás –

Eminent Victorians –litton Strenberg (está na lit. ing. [Literatura Inglesa] salvo erro)

Roman catholicism in England (está na História)

Pelican History o England (todos os volumes)

Os poemas de Gerald Manley Hopkins (na lit. ingl. [Literatura Inglesa]) e o estudo biográfico sobre ele (biografias)

Dos Pelicanos ingleses (ao pé das antologias) os estudos literários todos e

– New writing in Europe

The Eighteen Nineties

The Georgian Literary Scene – P. Swimmertron

Introduction à la lecture de Hegel – Kojève (filosofia)

Sem os livros à vista, é difícil recordar tudo o que me será preciso, mas até que o correio te apanhe, irei lembrando.

A gripe ainda inteiramente me não largou, e o aspecto intestinal não está regulado por completo. Fiquei, como é costume, nestas trabuzanas, muito mole e pendurado. A instalação em Assis me vai animar um pouco, espero, até ao momento de ir esperar-te e aos pequenos.

Chegado ao Instituto recebi a tua carta de 1, que me deixou desvairado. Porque é toda de recriminações e de falta de notícias, que eu tenho dado. Hoje mesmo, para teu sossego, te mandarei um telegrama.

Com a Agir a questão do O'Neil ficou resolvida em princípio, e mais não consegui. Prometeram-me escrever ao Agostinho Fernandes. O Ward já começou a seguir. Já mil vezes dei notícia de ter recebido o pacote. Se tudo se não percebesse bem, meu querido Amor, era de endoidecer.

A ordem de passagem no Vera Cruz, onde não há turística (declararam-me os agentes), já seguiu. Como seguiu logo a declaração da Clara, santo Deus.

Tem serenidade, meu Amor – a estas horas de receber esta carta, por força há muito recebeste tudo. Até breve, querida. Beijos, beijos, beijos do teu do coração que te abraça cheio de saudades

Jorge

[Lx.], 8/10/59

Meu amor, meu muito querido Jorge

Esta manhã chegou o teu telegrama quando eu tinha já tudo aqui resolvido na Panair. Suponho que o que deu trapalhada foi tu não teres recebido no Rio as minhas últimas duas cartas escritas para lá. De qualquer forma as condições são excelentes agora e futuras porque eles nos garantem sempre um desconto igual (passa de 20%) mediante aviso meu. Também se dispõem a transportar-nos os livros que quisermos por próprio, aos 5 quilos.

*Telegrafei-te pois para cancelares a viagem no Vera Cruz que só valeria a pena se tives-
ses conseguido descontos formidáveis, ou pelo menos na ordem do que me deu a Panair.*

Nunca te lembras de telegrama-carta que é uma modalidade que existe para toda a parte. Exactamente com o mesmo dinheiro tinhas mandado um texto longo e mais explicativo das condições em que marcaste as passagens de barco aí. Quando eu ia a sair chegou a tua carta telegrama-expresso que afinal demorou 6 dias como outra qualquer. Não há nada a fazer quanto a pressas aí, disso não resta dúvida.

De resto é tanta a minha impaciência que cada dia me parece uma eternidade, quanto mais depressa for melhor, meu querido.

Beijos, beijos, beijos, meu amor da

Tua

Mécia

P. S. – Já tenho tudo em ordem e a documentação entregue na Panair. Uf! Parece que agora só falta embarcar.

Em casa responderei à tua carta já ultrapassada com os telegramas de hoje.

Muitos parabéns ao Lemos e à Cláudia.

Beijos da

Mécia

Lx., 9/10/59

Meu amor, meu querido Jorge

Ontem à noite reuni cá em casa o Zé, o Vasco e a irmã, o Adriano e a D. Maria Lamas. Conversou-se bem até as 2 da manhã, tendo sido tu quase sempre o assunto da conversa.

O Zé perguntou por um livro dele sobre o Crowley e levou os «Fígados de Tigre». Ficou de procurar o «Poil de Carotte» que é como encontrar agulha em palheiro na Babel da casa dele.

Sei que o França passa hoje aqui não sei se com demora ou não, fico à espera que mesmo de passagem me telefone ou mande qualquer recado.

Vejo por esta carta que tens outros óculos. Partiste os que tinhas?

O Viriato telefonou ontem ao S. Marques para dizer que estivera contigo na véspera de vir e que estavas ótimo e bem disposto. Fiquei sabendo que foras ao tal sarau da Embaixada, no que não chegaras a falar ou corresponde à carta ou cartas que, sem dúvida, se perderam.

Deixa lá o Paço d'Arcos em paz, não vale a pena, não te metas em questiúnculas. A verdade é que não publica dentro da publicação do Colóquio.

Não chego a perceber o que é essa coisa do Ceará. Mas pões a hipótese de irmos para lá viver? E não é um calor horroroso? A mim parece-me que Assis tem condições magníficas de perto e de longe.

Ontem estive na Portugália (o Amaro não estava que tinha ido para a livraria onde o Caldwell, de passagem, assinava livros – o Kim parece que o achou muito chato). O Agostinho Fernandes está aflito com o Brecht que se comprometera a publicar o 1.º volume até fins de Outubro. Também está aflito com o Faulkner e com o Baring. Por mim estou, sobretudo, aflita com o Ward. Terás mandado alguma coisa pelo França?

Meu amor, nunca me falta paciência para ouvir-te, falta-me é, por vezes, tranquilidade de espírito e tempo, nesta vida horrorosa que aqui levávamos.

O Adriano foi falar com o S. [Sousa] Pinto que foi muito amável com ele e combinou pagar-lhe 5.500\$00 (o mesmo que pagou ao José Júlio).

Ontem na Portugália encontrei o Fiorillo. Mandou-te muitas saudades, um abraço. Fez o teu panegírico e disse que o S. [Sousa] Pinto vai sentir imenso a tua falta. De resto a opinião geral é que ele não se aguenta no balanço sem ti. Estava a impingir um livro ao A. Fernandes e depois em conversa o Fernandes disse-me que ele queria tradução para a mulher mas que ele desconfiava muito da competência. Conte-lhe, é claro, a história do «Perdu». O A. Fernandes no fundo está radiante com a partida que tudo isto é para o S. [Sousa] Pinto.

Chegou agora mesmo a tua carta de 5. Falas nas cartas de «esta manhã e o ontem», que não vieram, pelo menos neste correio, mas talvez ainda cheguem dado o surrealismo desses correios. Precisamente as cartas que escrevi para o Rio, eram as importantes que teriam evitado estes receios de transporte que agora tenho.

Telegrafei-te ontem dirigido ao Lemos e congratulo-me agora por isso porque ele terá aberto e possivelmente resolvido.

Telefonei à Sophia a dar o recado do José Paulo que está farta de dizer isso ao Francisco e começou logo a lamentar-se da nossa partida e pediu-me para ir lá almoçar. Ficou combinado que, em princípio, irei 2.^a ou 3.^a. Estão agora melhor de finanças porque o Francisco arranjou umas coisas certas menos más e tem tido sorte de coisas de advocacia que lhe têm dado umas massas, de modo que a Sophia anda muito mais aliviada.

Estou receosa que a tua ida para Assis tenha complicado tudo mais ainda do que já estava. Nesta emergência não devias ir para parte nenhuma sem avisares com pelo menos 5 ou 6 dias de antecedência. Assim deu este lindo resultado de pagarem as passagens quando eu já tinha tudo aqui tratado, entretanto, e o destino fixado no visto.

Essa coisa da venda da casa do José Paulo pode ser-nos útil. Será a maneira de podermos converter sem quebra uns milhares de cruzeiros noutros milhares de escudos. Pedirei ao Francisco que se lembre de nós na altura.

Finalmente sei o que vais fazer em Assis, que era uma das coisas que eu não sabia explicar e todos me perguntavam.

Despacha o Ward, pelas alminhas. Vê se mandas já material para o próximo fascículo. Escreve mesmo à mão mas faz uma cópia com papel químico que é para não haver qualquer sarilho. Tenho alguma esperança de que o França tenha sido portador, oxalá.

Tenho de ir despedir-me do Gaspar e buscar as tuas coisas que ainda não fui. Hoje vou comprar umas malas, mas agora já estou sem saber o que faço sem me responderes ao telegrama.

Que saudades, meu amor, mas de qualquer forma o ter dia marcado para a partida (e que por coincidência é o mesmo de barco ou do avião) é já um pouco começar a aproximar-me de ti. Cheguei a pensar em telefonar para casa do Amora. Três minutos custavam quase 600\$00 e desisti. Se tivesse a certeza de te ouvir tê-lo-ia feito.

Muitos beijos da tua

Mécia

Assis, 9/10/59

Meu imenso Amor, minha querida Mécia

A vinda para Assis, ontem, onde esta manhã dei a minha primeira lição para professores e alunos – correu bem, apesar de a gripe ainda me não ter largado inteiramente (mas os intestinos parece que já estão bem) – deixa-me outra vez sem notícias tuas que estarão, entretanto, chegando a S. Paulo, de onde o Amora, que esta noite regressa lá, mas remeterá. Esta carta a levará ele, pois de outro modo receio que, daqui, o correio já te não apanha, se, como espero em Deus, V.V. embarcarem no próximo dia 17. Para isso fiz tudo e mandei tudo. Os aspectos financeiros te explicarei cá, mas, grosso modo, o Amora adiantou 63 contos (que pagaremos como pudermos, e possivelmente com a minha passagem de regresso, o que só poderemos fazer na Bahia, pois todas as entidades se recusam a transaccioná-la, por a Universidade a ter requisitado), e teremos de pagar, mensalmente, durante seis meses, letras que orçam entre os 19 e os 16 contos brasileiros. Aqui, devo hoje ir ver uma casa que me dizem boa para nós, casa independente como o são quase todas, e que custará 8 contos e quinhentos, salvo erro. Com as despesas de instalação (e aqui tudo se paga a prestações), os primeiros tempos serão difíceis. Mas, com serenidade e calma, e sobretudo com o teu Amor, tudo se resolverá tranquilamente.

Como te disse em anterior carta, eu irei ao Rio esperar-te e embarcarei contigo para Santos. Em Santos, estarão sem dúvida à nossa espera várias pessoas que nos transportarão e às bagagens para S. Paulo, de onde, nessa mesma noite (dormindo no trem), viremos para Assis. Assim, chegada pela manhã cedo, terás tempo de dirigir a instalação da caravana, auxiliada por este teu humilde servo. Nem sei que te diga, meu amor, que em todo o teu ser não saibas, de quanto e como espero o momento de apertar-te nos meus braços, de te sentir palpar comigo. Nunca tanto tempo estivemos separados: já dois meses passaram que te não ouço nem vejo, não te sinto que respiras a meu lado, te não possuo, meu Amor. Espero que não estranharás a pessoa nova que vais encontrar, ainda hesitante mas sereno no despaiamento, tentando uma vida nova, mais magro (julgo eu...), e com óculos mais grossos... Mas o teu Amor saberá reconhecer-me... não é?

Livros:

- Catálogos da Garnier, da Aubier, des Belles-Lettres
- Diderot (Oeuvres Romanesques) e outros livros franceses bons e que te agrade trazer.
- livros sobre «tradução»
- o Pascoaes todo
- La education estética del Hombre – Schiller
- o Horácio (latim-francês)
- Dictionary of Classical Antiquités
- Memoires d'Adrien, da Margueritte Yourcenar

É possível que algum eu já tenha indicado, e outros até tenham vindo; mas perdoa a uma cabeça que tem mil coisas em que pensar.

Não te esqueças, nos meus artigos, dos da Seara Nova e do Mundo Literário. Trás a colecção das Gazetas Musicais com a minha colaboração. Nem da colaboração em Árvore, Córnios, etc.

Afinal não tornaste a falar na hipótese, que aprovei, de o Martim ficar aí em casa. Quanto ao Fernão, não será difícil (desde que ele arranje a vir, mesmo como turista) instalá-lo aqui. Com os amigos de S. Paulo, arranja-se emprego para ele. Se ele vier, S. Paulo é melhor que a atmosfera dissolvente e afrodisíaca do Rio de Janeiro, que bateu de longe aos pontos tudo o que vi em Londres.

O França ter-te-á telefonado e dado notícias minhas.

Não esqueças deixar parlamentado, ou no Vera Cruz estabeleceres relações que permitam trazer para cá livros que forem sendo precisos. Isto é importante por mais económico que o correio e mais seguro.

Nada mais sei fazer agora do que esperar-vos ansiosamente. Valerá a pena trazer o frigorífico? É objecto de primeira necessidade aqui, tão importante como as camas. De objectos domésticos terás preparado a vinda do máximo, incluindo candeeiros de mesa (eléctrico, é claro). Mesmo se as camas de fechar pudessem economicamente vir, seria boa ideia me parece, pois que temos de diminuir ao máximo os nossos encargos mensais. E creio que, a partir de certa altura, o volume a bordo não conta muito.

Quando veio a tua proposta da Panair, como pelo correio terás entendido, já tudo estava resolvido e transaccionado para o barco. De resto, eles aqui não fizeram tais propostas, nos contactos que com eles tive. Com agora tudo concluído, eu tratei de tudo criteriosamente, e o mais rapidamente possível. A rapidez aqui é de outro tom, que vais ter tempo de conhecer e para o que é preciso te armares de paciência.

Esta cidade é como um bairro do Restelo sem mar e menos bonito. Mas as crianças vão gostar e não estranharão. É indispensável que tragas a bicicleta da Isabel Maria que aqui lhe (e lhes) será muito útil.

Mais livros que me ocorrem:

a poesia de todos os modernos portugueses de mérito (Pessoa, Cortes-Rodrigues, etc., etc... Régio, Casais, Botto, Cabral do Nascimento, António de Sousa, Pedro Homem de Melo, etc..., Sophia, Eugénio, Terra, R. de Carvalho, etc., etc., etc.)

por causa da antologia da Agir. Seria difícil pedi-los e coligi-los depois contigo cá.

Dá lembranças a todos os Amigos. Muitos beijos aos pequenos. Para ti, meu Amor, vai a alma do teu do coração.

Jorge

P. S. – Meu querido Amor

Não sei se esta carta te apanhará, pois que, logo que receberes a ordem da Panair, embarcarás directa para S. Paulo, onde então estarei à tua espera e não no Rio. Mas vindo de avião, os 200 kg. não serão tudo o que conviria trazer. É importante que aí a Panair te dê

uma declaração que podes deixar ao Martim, em que se diga que viajaste e todos contigo só com bagagem de imediato uso pessoal, para que o resto possa vir de barco a Santos, como bagagem não acompanhada. Tudo isto é a alfândega. Logo que partas, telegrafa para S. Paulo (ao Amora ou ao Lemos) dizendo o vôo, para eu estar em S. Paulo à tua espera, meu Amor. Alegra-me a tua decisão que mais depressa me permitirá apertar-te contra o coração. Beijos, beijos e saudades do teu

Jorge

P. S. – Não estava fechada a carta, telefonou a Helena, para ler o telegrama que enviaras ao Lemos. O Amora tratará de tudo como já saberás, quando receberes esta, se a receberes. Beijos do

Jorge

Lx., 11/10/59

Meu amor, meu querido Jorge

Telegrafei-te na 5.^a feira a tentar resolver a trapalhada das passagens e até hoje não veio a tua resposta que eu pedia. Entretanto, terás ido para Assis e não sei até que ponto o Lemos terá podido agir.

Seja como for amanhã, 2.^a feira, vou aqui à Colonial ver se veio qualquer marcação e cancelá-la.

Estes dias têm sido infernais. Na 6.^a feira à tarde veio a Helena Sampaio, sábado de manhã partiu o Vasco Miranda; à noite fui jantar com a Alice e ao serão estavam: Vidigais, Antonieta; Chicós, Zé, Ruy, Azevedos. Hoje à tarde apareceram cá sucessivamente ou coincidentes: Zé e Helena, P. [Padre] Antunes, Adriana (que me pediu para tirar retratos aos pequenos), M. [Maria] Lamas, Vidigais, Victoriana, Rogério e Graça e... a Carmen que deixou a Manelinha e a Joaquina em choro desatado quando perto da meia-noite se foi embora. Eu, o P. [Padre] Antunes e o Rogério estivemos a separar os teus livros. Já tenho cerca de 100 quilos. Amanhã vou jantar com os Vidigais, 3.^a com a Sophia, 4.^a jantar com o Palla e Carmo, possivelmente 5.^a com a Eunice, isto é o programa para já. Se toda a gente que diz que vai for mesmo ao Aeroporto, vai ser um acontecimento. A Helena Sampaio foi embora esta manhã toda chorosa e encantada com os pequenos. Disse-me depois que preferia não ter vindo pela muita mais saudade que os pequenos lhe deixaram. De resto é o que toda a gente acaba dizendo. Por toda a semana que vem deve aparecer-me a Helena César e o Ferrão. Eu ando com a cabeça em água e verdadeiramente comovida. No cansaço nem se fala que nem sei como me aguento.

12/10/59

Nada veio de ti hoje, estou consumida.

O S. [Sousa] Pinto telefonou. Não recebeu carta alguma tua. Está com pressa por causa do Prémio Lins do Rego. Também não veio Ward e o Canhão ainda anteontem telefonou para cá. É incrível que não tenhas sentido da responsabilidade nestas coisas, Jorge. Já cá devia estar material para outro fascículo e nem o de Setembro veio. E pedes que te mandem as provas. Nem sonhar, Jorge! E nem sequer serei eu já a vê-las, ao que me parece.

Até agora nada sei do que terás feito após o meu telegrama apesar de nele te pedir que me respondesses.

Verifiquei por uma carta recebida pelo França que a deitou no correio cá que, ao contrário do que julgas, carta que o Casais te tenha escrito não pode ter sido inspirada por outra minha, pois a minha recebeu ele... no dia 8, só. O França não me telefonou, mas mandou recado pelo Azevedo. O que me admira é que não tenhas mandado nem umas letras para ele. Aqui não foi culpa dos correios.

Estarás melhor de saúde? Estou bastante preocupada também por mais isso.

Será, esta, provavelmente, a última carta que te escrevo, pois indo a 17 não dará mais tempo para missivas. Domingo estarei ao pé de ti, finalmente, assim Deus o queira. Tudo me parece ainda impossível.

Mando-te muitas saudades, beijo-te imensamente e aperto-te contra mim ansiosa.

Beijos, muitos, muitos da tua

Mécia

Assis, 18/1/60

Meu muito querido Jorge, meu amor

Esta é principalmente para te tranquilizar quanto à chegada do Brecht. Veio hoje um postal da Verlag. Claro que não entendo nada mas não é difícil deduzir que se refere à chegada do teu original visto que diz «vom 2 Januar...» Levar-to-ei para a hipótese de teres conseguido aí um original da «Mère Courage» e teres tido tempo, ou venhas a ter, de a rever. Também veio um cartão de Boas-Festas do Veiga Leitão¹⁹: um desenho feito a nanquim do Quixote e do Sancho com esta quadra da autoria dele:

Um – ao cabo da Terra

Outro – para além dela

Ambos – a dimensão

Do Homem e duma estrela

Morada: Rua do Pombal, 92-2.º D., Porto.

Também vieram os regulamentos da Agir que pediras mas sem mais nada. Veio uma carta muito atenciosa do Décio mas com esse já terás falado, não vale a pena. Diz que sim escrevas sobre o Ferreira de Castro. E sobre o Nobre e sobre o Pessoa – Sá-Carneiro.

Depois veio num envelope, sem mais nada, um monte de contas enviadas pela D. Violante: recibos de água, contas da mercearia, da farmácia, sei lá, além de uma longa lista de «peixe-5\$00» «marmelada-2\$50» e assim no género. Fico a pensar que ela ficou furiosa com a minha carta e resolveu dar um coice e saiu pela porta fora. Enfim terá sido uma atrapalhação para a Pureza e para a Maria Emília mas a estas horas já resolveram com certeza e acabou-se. De resto graças à proverbial extravição das cartas para o Brasil, não vou ter recebido esta, só para a enfurecer. Imagina que gastou de selo 10\$00, foi quanto, possivelmente, nos custou a nós a malcriação. Veremos o que amanhã me trás o correio que esta só a mandarei depois de o ver. Entretanto... pode ser que eu chegue primeiro do que ela.

Terás feito boa viagem? Apesar de tudo não fico por aí além descansada em relação ao Pedro: represa e cavalos é um pouco de mais para ele que a nada disso está habituado. Também em relação a ti não estou muito tranquila, meu amor. Tive da última vez em S. Paulo horas bem tristes e angustiantes apesar das tuas garantias, posteriormente. Se a gente veio para o cabo do mundo para na mesma eu viver em angústia dou por mal empregado o sacrificio de ter deixado uma casa que era a nossa, que eu ia preenchendo a meu gosto como quem constrói a sua definitiva carapaça, a que me afizera numa cidade que eu tanto sempre gostara, tendo deixado aqueles que profundamente estimo lá e tendo, sobretudo, por incrível que isso te pareça, deixado lá a imagem da minha mãe, aquilo que já nem ela é, para vir para onde nenhuma raiz me chamava e onde não creio que me venha a enraizar a não ser se os nossos filhos se enraizarem e eu portanto só por ligada a eles.

Quanta coisa nas cartas que me escrevias antes de eu vir que em nada correspondeu à verdade. «que estavas outro», «a boa disposição» e afinal vejo-te mais irascível do que nunca, mais insatisfeito do que nunca, mais complicado do que nunca, mais violento do que nunca. Vais já dizer-me que estou a ser injusta, que nunca tivemos tantas horas de total compreensão, de autêntico amor... e isso é verdade, mas eu sou uma pessoa que não vivo apenas em função das horas de amor, mas para quem essas horas seriam o cimo de muitas outras de perfeito entendimento, de atenção, do que realmente é a estima e a compreensão, ou eu entendo como tal. Também pensei que te esqueceras de me mostrar que tudo depende, e só, da tua vontade mas não, não perdes oportunidade de o mostrar a mim e de o exhibir aos outros. Estás sempre a pregar que eu vivo virada para dentro, sempre mais fechada, mas repara que quando o não faço, quando saio espontaneamente de mim imediatamente tu me afastas. Ainda/o fizeste na véspera de te ires e sem a mínima delicadeza ou desculpa antes com aquela rudeza que me fere, que me faz encolher imediatamente, que me afasta aparentemente de ti ainda que no fundo nada me afaste, nem isso, apenas me desgoste e me tire a possibilidade de qualquer próxima iniciativa. Tu que tanto cogitas a meu respeito, até muito para além do que realmente se passa, não conseguirás conceber quanto erro há neste teu proceder? Ou é por fatalidade que continuas mesmo que estejas reconhecendo o que nisso há de errado? Mas tudo isto é afinal monólogo. Possivelmente não receberás esta carta antes de nos vermos e ela terá perdido todo o interesse, ou a receberás já não a tempo de resposta e portanto não a lerás sequer já atentamente porque, sinceramente, estarás, com satisfação, esperando a minha chegada.

Estou curiosa de saber o que se resolveu quanto à conferência da Amnistia. E o que aconteceu quanto à ideia de fusão das folhas de couve – a lombarda e a galega. Não creio que o cozinhamento das duas dê coisa que se coma, mas talvez...

Seria bom pagares ao Lemos – os quinhentos mais as fotografias. Como estão eles? Dá-lhes lembranças minhas. Eles vêm depois connosco? Era o que mais ou menos estava planeado.

Nada mais, meu amor, escrever na incerteza de ser recebido, sem possibilidade de resposta é desgostante. Ter-me-ás escrito? Por certo que não. É uma das coisas que me desgosta cá: como é que em Lisboa tu morrias de aflição se não sabias de mim um dia e tão depressa aqui te habituaste a viver dias e dias sem nada saberes de mim nem dos filhos? Eu vivo numa aflição os dias em que nada sei, por enquanto, pelo menos, não sei viver neste nem sequer ser possível esperar umas letras tuas, um telefonema teu, qualquer coisa que me diga que vives e me não esqueceste pelo menos naqueles breves momentos em que agiste nesse sentido.

Que terás resolvido quanto à Isabelinha? Oxalá eu possa levá-la. Os pequenos estão bem. O Paulo interrompeu-me a carta com uma daquelas amuadas silenciosas e expectantes. Fui deitá-lo na nossa cama onde ficou consoladamente agarrado à minha travesseira. Este pequeno não é meigo mas tem necessidade de ternura, ainda que aparentemente se não entregue, é curioso. E não há dúvida que tem horror a estar sem companhia.

Estive durante o dia, aos bocados, agarrada à tua tese da Bahia. Mesmo assim só consegui passar uma quarta-parte. É muito denso. Em menos de três dias não acabo, a menos que

fique arrasada e o faça por tarefa mesmo. É que além de denso de palavras é denso de conteúdo e mesmo que queira abster-me, ou mesmo que o faça, a prosa em si impede-me que vá mais depressa porque a toda a hora me parece que desacertei linhas, basta esquecer-me de uma ou duas palavras já escritas!

Quando terei notícias tuas?

Até amanhã, meu amor. Beijos muitos e uma imensa saudade da tua

Mécia

19/1/60

Veio uma quase longa carta do Zé, com imensas poesias que ainda não decifrei e te levei. Gostou imenso das tuas cartas à «República». E mais nada.

Beijos muitos da tua

Mécia

S. Paulo, 4.^a feira, 20/1/59 (60)

Meu Amor, minha querida Mécia

Não te telefonei, porque o Amora vai regressando amanhã mesmo de comboio, e ele te dará esta carta e me trará notícias tuas de que estou ansioso.

Como terás passado, meu Amor? Que saudades tenho, que desirmanado e desamparado fico sem ti! Terás repousado um pouco mais? E os pequenos como estarão? Não haverá novidade alguma? (Se houver correio importante – Agir, por exemplo – manda-me pelo Amora, mas tu sabes bem o que valerá a pena mandar por ele, ou trazes tu, quando vieres). Estou neste momento, no Instituto de Est. [Estudos] Portugueses, aguardando um telefonema do Longo, em que ele me dirá quando exactamente deves vir. Logo que, acaso, eu receba carta do Francisco Martins, com dados concretos sobre o Ceará, eu telefonar-te-ei.

Eu e o Pedro fizemos excelente viagem. Ele, contente, muito «crescido», muito camarada, foi um excelente companheiro. Viemos como dois bons amigos, conversando, beberricando no vagão-restaurant, e ele com um tino e um senso contrastantes com a maluqueira verborreica que é habitual em casa aí. Melhorou muito a minha impressão acerca dele! Chegámos, e marchámos para casa do Fernando. Almoçámos, deixei-o a dormir a sesta e vim aqui ao Inst. Est. Port. [Instituto de Estudos Portugueses], onde recebi um telegrama do Victor, que estava em casa do Pimentel, e me convocava para reunião, visto que o Sertório, chegado do Rio, estava lá. Durou horas, com o Sertório¹²⁰ a pregar-nos a paz com os Miguéis, os Colaços (!!!?), que o Pimentel (insultado por eles todos) devia dar o passo. Uma lástima. Calcula tu que, antes de eu chegar, declarou categoricamente que não tivera nada que ver com o 12 de Março! Depois, diante de mim, afinal comparecera à última reunião, levado pelo Tareco?... Foi o que calmamente lhe perguntei. Mas, de uma maneira geral, ouvimos tudo calados. Antes, passara no «Estado», onde o Bianchi me disse que o Décio, à chegada do Rio, às 10 da noite, ia lá. Fui lá com o Fernando – o que era melhor que contar com o telefonema matutino do dia seguinte e ficou assente que ele, depois de várias voltas, passaria por casa do Fernando a buscar o Pedro. Este ficara no «atelier» sozinho, deitado na cama. Quando voltei, dormia, nem deu por mim. Passámos a manhã à espera do Décio¹²¹ (fui à esquina cortar o cabelo) e, por volta do meio-dia, este apareceu. O Pedro foi contente, embora um pouco triste a separar-se de mim. Almoçava em casa do Décio, e depois seguíamos. A fazenda é a cerca de 400 kms de São Paulo, para diante de Ribeirão Preto, numa terra chamada Orlândia – tem telefone: 69. Dei-lhe o nosso daí.

No encontro no «Estado», tive de suprimir do artigo as referências de página, as notícias, a discriminação das obras completas de Sá-Carneiro. Mesmo assim, ainda ficaram de mãos na cabeça, com o tamanho do artigo. O Bianchi e o Décio mostraram-me a carta que tinha ido para aí, a dizer que eu não me ralasse com ter saído o artigo do Neves sobre o mesmo assunto. O Amora que agora foi lá, receberá os 2.000; por isso, não vai ser preciso por agora levantar dinheiro. E, a este propósito, não dei dinheiro nenhum ao Pedro – acho que não tem idade e parecia mal. Fiz bem?

A Conferência da Amnistia que afinal não foi autorizada (o Victor apanhou aqui o Chanceler Láfer, e pô-lo à parede) desabou em cima de mim.

Eu pertencia com o Victor e o Sertório à Comissão de Resoluções, sou o redactor de todas as mensagens que serão expedidas. Além disso, pediram-me para redigir (anonimamente) os entremeios de prosa do folheto que apresenta a documentação sobre «plenário», «prisões», «demissões», etc. Um folheto informativo que será distribuído aos delegados. Nem tempo tive ainda de pegar na crítica ao Nobre, que no «Estado» esperam, nem de ir à Biblioteca. Aqui, no Instituto é que consultei coisas sobre o Nobre. Ainda ontem à noite marchei para casa do Victor, onde havia reunião da comissão, com mais sossego que na União dos Escritores, que é uma balbúrdia. O Casais chega amanhã do Rio, mas calcula que exigiu que lhe pagassem a viagem! Falarei com o Victor para que ma paguem também, não te parece? O trabalho merece alguma compensação, ele tem dinheiro, e nós não temos!

A Cláudia, que te manda muitas lembranças, falou comigo acerca da Isabel Maria. Mesmo que o Amora a não leve para Santos, como é provável que leve, a Cláudia está disposta a ficar com ela, durante a nossa ausência; deste modo, podes dispor o teu espírito (e as finanças) para trazê-la, quando vieres. Esta manhã fui ao calista, porque, com estas andanças e os sapatos molhados da chuva que pontualmente continua a desabar todas as tardes, me era impossível dar um passo. Fui atendido pela preta que me tratou da primeira vez e me pôs em terror de me cortar os pés às fatias! Mas hoje estava de veludo, e creio que não ficou pelinha anónima por cortar nem cantinho de calo por podar. Vamos a ver se, com tanto carinho, «isto» vai durar algum tempo.

Agora me ocorre que tu podias amanhã falar com o Amora no caso da Isabel Maria, com toda a franqueza. Ele tinha mandado, esquecido de que eu vinha, para aí, a minha prosa sobre a «Tipologia», para, nas obras citadas, pôr: editor, local, data. Eu creio que só pus a data (não tenho aqui comigo, para ver, a cópia, que trouxe). O Lalande, que eu cito, é essa edição que está aí em casa, ao pé dos dicionários. «La Poésie Pure» do Bremond está, na Faculdade, na estante de Lit. [Literatura] Francesa. E parece-me que nada mais é. Mas tu podes ver isso com o Amora.

Afinal o Longo, após «longos» conciliábulos que se destinavam a remeter-me para o ortopedista, optou por que eu lá fosse falar com ele, visto que o telefone não dava nada. E é melhor assim, porque poderei explicar-lhe como as dores te arrasam e abatem e exauram, e telefonar-te depois com a indicação de qualquer remédio que te arrebite um pouco as forças, meu Amor. A menos que hoje, embrulhado na conferência, não possa lá ir, irei amanhã mesmo (estou aqui à espera que me tragam papeladas e a prosa tem de ficar pronta hoje).

— * —

Como vês, meu Amor, nem tempo tenho para me coçar – mas sempre, minha querida Mécia, para pensar em ti. A pensar em ti, mal durmo (hoje pela madrugada, sonhei com o Major Sequeira que nos ia processar, imagina!), mal ando, mal faço tudo. Sem ti, sabes bem como nada sou e nada valho. Começo a nem saber falar sem ti ao pé de mim, tal como não sei

dormir sem ter-te ao meu lado. E sem os teus braços, a tua boca, o teu corpo, não sei sequer, meu amor, viver. Beijo-te muito, muito, muito, aperto-te os seios com as mãos como tanto gosto – sou inteiramente teu. Dá lembranças à Clara, beijos aos pequenos. Recomenda-me aos amigos daí. Com imensas saudades, aperto-te contra mim. Teu do coração.

Jorge

Assis 21/1/60

Meu amor

Para começar aqui vão as indicações que pedes – Lalande Librairie Félix Alcan – Paris – 1926; Bremond – Bernard Grasset – Paris 1926 – 17.ª edição.

— * —

Soube de manhã pelo Robert da vinda do Amora. Há pouco mandou-me ele a tua carta e eu telefonei para o Robert a dizer que ele se não preocupasse em vir cá que eu iria à estação.

Eu estava já bastante preocupada com a falta de notícias tuas. Ontem toda a noite esperara telefonema teu em vão. Acabei de copiar o «Pessoa» e mando-te as duas cópias bem como todo o correio que podes querer responder. Escreve ao Ruy, não te esqueças. O Zé fecha-se em copas com o dinheiro.

Tenho repousado o que tenho podido e não tenho estado mal. Os pequenos estão bem. A Isabel Maria vai ficar radiante com a ida para S. Paulo.

Fico à espera do teu telefonema para marcar a minha ida. A mim convém-me ir o mais tarde possível porque não dou muito por a casa sem mim. De resto ficará reduzida a metade, o que dará às raparigas hábito de lazer que depois vai ser um caso sério para perderem.

Não seria melhor telefonares ao Francisco Martins? Penso que depois dê correrias e desencontros.

Eu confiava que o Pedro se comportasse bem na viagem. Ele sozinho é muito melhor do que no galinheiro. Antes de ir para S. Paulo telefonarei para a Fazenda a saber se ele se está comportando bem. E quando volta? Que combinaste com o Décio para a devolução do pequeno?

Eu nunca tive boa impressão desse Sertório, não que tivesse razões concretas.

Essa do Casais exigir o custo das passagens é muito boa. Com muita mais razão te deveriam pagar a ti, lá isso é verdade.

Levaste a passagem para o Rio? Tens contigo a carta do pai do Joel?

Essa remessa de livros deve ser outra que o Ferdinando anuncia numa carta de ontem. Escreve o cartãozinho para o Mário Monteiro.

Tem graça que também eu misturei o Tio Sequeira nos meus sonhos de anteontem! Até me lembrei que tivesse morrido.

Vieram dois fascículos da Lit. [Literatura] inglesa: 4.º e 5.º.

Escrevi-te uma carta há dias que por certo não recebeste ainda. Estava bastante pessimista quando a escrevi. Tudo porque, afinal, não sei estar separada de ti. Não sei como, apesar de tão bons propósitos, sempre acontece que nos separamos mesmo.

Mesmo sem portador vai-me escrevendo. As cartas levam 5 a 6 dias e por certo que não irei antes disso. Ou então telefona, eu nunca saio à noite, mesmo durante o dia, só quando de todo em todo é indispensável.

As Spyers (não sei como se escreve) estiveram anteontem cá um bocadinho pela hora do jantar. A Joaninha esteve lá esta manhã, com a Mariana. Elas são, de facto, sempre muito atenciosas connosco. O Erwin tem trazido o correio que sempre se oferece para vir trazer mas as pequenas gostam de ir buscar a casa dele. Hoje não deve ter vindo nada porque nada disse para cá.

Mando-te o contrato da Singer para assinares e devolveres pelo 1.º portador para mim, ou para a Clara, se eu já cá não estiver (às vezes poderá ser por questão de horas). A tua nacionalidade está enganada mas foi depois corrigida noutro papel. Não tem importância.

Creio que não há mais nada. A resposta dos autores da «Novíssima» é no fundo pérfida para ti e pretende dar a impressão que a tua foi feita por sugestão da deles! Fico com a impressão que aquilo é uma salganhada medonha. A culpa é sempre, no fundo, do Alçada sempre metido com crianças.

Tudo mais são as infinitas saudades que tenho de ti, meu amor, depois daquela despedida «gauche» sempre frustrada.

Dá lembranças ao Victor, à Dulce Helena e a D. Gervásia. Diz-lhes que já tenho saudades deles e da boa companhia deles. Como tem passado a Dulce Helena?

Há quanto tempo meu querido Jorge. Quando passarei outra vez as minhas mãos na tua pele fresca e terei o repouso da tua presença?

Saudades e beijos dos pequenos e lembranças da Clara.

Muitos beijos, muitos, meu amor da tua

Mécia

Assis, 10/6/60

Meu Amor

Nada veio no correio, nada de especial se passou cá em casa. As obras prosseguem com a lentidão que viste, ao som da permanente rabugisse do Ribeirão que continua a insistir nos nossos cuidados futuros para não tornar a acontecer. Os homens suspiram de alívio quando ele se vai embora.

Eu continuo a melhorar. Ontem lá escrevi ao Zé e hoje vamos a ver se tenho disposição para a Eunice ou qualquer outro daqueles a quem devemos notícias pormenorizadas. Na tradução pouco fiz com este andar sempre a vigiar os pequenos por causa da obra.

Tenho imensa pena de não ter ido contigo até porque gostaria bem de assistir ao doutoramento. Paciência. Telefona-me na 2.^a à noite para eu saber como tudo correu, uma vez que afinal tens notícias minhas já.

A D. Anita veio cá trazer-me outra vez o pomidge e umas bonequinhas muito engraçadas à Manelinha.

O Prado veio ontem atenciosamente acompanhar-me a casa.

Ontem não apanhei o Sarmiento Pimentel¹²² em casa. Dei o recado à senhora que me atendeu. Terá resultado? Ouvia-se pessimamente.

Nada mais senão os beijinhos dos pequenos e as minhas saudades. Dá lembrança ao casal Lemos e ao Casais e Amoras.

Beija-te meu amor, com ternura a tua

Mécia

Assis, 3/7/60

Meu Amor

O Prof. Stanley oferece-se para me levar estas letrinhas.

Tudo decorre com normalidade. Os pequenos melhoram na curva ascendente normal.

*Correio veio apenas uma carta do Zé que deve, afinal, ficar em Lisboa como vice-direc-
tor do serviço. Manda versalhada, nada diz de especial.*

Tudo o mais que vier lá irei dando conta por portadores que apareçam.

Levaste a carta para a COR? Não a vi por cá!

Beijos dos pequenos e lembranças da Clara.

Muitos beijos, muitos da tua

Mécia

Assis, 8/11/60

Meu muito querido Jorge

Veio hoje uma carta do Tamen¹²³ em que ele diz que deves já ter recebido todas as 2^{as} provas do livro. Como não chegaram, ao contrário do que ele diz, aguardarei mais dois ou três dias para lhes escrever dizendo que enviem outras, pois se terão extraviado. Manda a lista dos envios que eles fazem o que te fará poupar uns dez exemplares e ficam aguardando as tradicionais segundo a tua sugestão.

Esqueci ontem dizer-te que veio maviosa carta do Régio. Outra veio da M. [Maria] Emília em que anuncia a morte repentina da irmã que morava em António de Aguiar (a mãe da M. Leonor, a da tese sobre literatura negra). Agora, coitada, arranjou mais um hobby, não ter dado à irmã a assistência moral que ela necessitava sem ela saber. Imagina como estará a pobre Maria Leonor.

O Amora veio dizer que sim senhor, mas a verdade é que no dicionário diz que ranhoso é doença de ovelhas mas nada que se relacione com a expressão que empregas que deve ser corruptela ou generalização. Claro que telefonei ao Prado que me foi ver no Morais e logo lhe respondi atirando-lhe com a abonação do Fialho para a expressão, e do Aquilino e do Morais para a palavra ranhoso, no exacto sentido de tonto. Ele então vinha que tinha visto no dicionário que tu próprio lhe indicaras. Eu louvei a excelência do dito mas que para o caso presente deveria ter sido o Morais e não esse por onde devem ter começado. Tudo isto com as palavras doces correspondentes à doçura da carta dele que diz preciosas coisas entre as quais que o primeiro volume do Brecht não sai porque a censura não deixa.

A Haidée levar-te-á esta carta e juntamente a tampa do autoclismo para ver se encontra as peças. Há que comprar toda a parte de plástico por causa da peça partida e da rosca que falta e melhor seria comprar novo tampão, ou seja aquela tampa-bola de borracha que fecha a saída da água e que precisamente a peça partida acciona. Também é preciso comprar o «espelho», ou seja a tampa rectangular exterior – decorativa.

Afinal as certidões de idade dos pequenos estão visadas no consulado em Maio!!! Somos realmente mais previdentes do que nos julgamos.

Se a entrega da minha carteira não tem prazo, reservar-me-ei para quando voltarmos a São Paulo. Neste momento é inoportuniíssimo qualquer gasto e, só a ida, nos custa quase 2 mil cruzeiros.

Depois de tanto e activo noticiário o «Estado» silenciou por completo as «Jornadas Henriquinas».

Se puderes dá uma telefonada ao Manuel Machado. Ele ficará todo contente. E não te esqueças de falar ao Brazão Antunes.

Os pequenos estão razoavelmente. Ontem mandei o Paulo ao médico que disse ter ele gastrite. Uma caterva de remédios e ficou quase sem comer 24 horas. Vamos a ver. O Vasco também apareceu de intestinos avariados. Deve ser perturbação das «fresas». A Isabel Maria

esquesitota. Dá-me a impressão que temos novidade qualquer dia. Nada disto contudo é caso para dizer que foi alterada a normalidade.

Fui aos «irmãos Karamazov». Conseguem fazer um «fim feliz», imagina! Mas a interpretação é boa, o cast. excelente, é pena mas vê-se.

Meu amor, nada mais senão as imensas saudades tuas. Os pequenos perguntam-me todos os dias quando vens, a mim parece-me a casa vazia, porque só a tua presença a enche realmente. Depois, como não sei quando vens não pode o meu espírito ir descontando as horas que faltam mas só contando as que nos estão separando.

Até breve, meu amor. Beijos dos pequenos e lembranças da Clara.

Beijos muitos da tua

Mécia

P. S. – Enviei as provas à Morais. Eram mesmo só gralhas: mm por mim, falta de um ponto final e uma vírgula (casos nítidos) outras falhas de letras. Nenhuma era susceptível de levantar dúvida.

Mais beijos da

Mécia

– Não esqueças Arobon, e vê se encontras aquele adesivo próprio para umbigo de bebés – lá chama-se emplastro umbilical, aqui não faço ideia.

Assis, 9/11/60

Meu muito querido Jorge,

Nada mais há além do que ontem te dizia. Esta correspondência está tendo um certo ar de epocalmente camiliana «por este portador saberás que...» assim estamos nós, afinal. Os pequenos melhoraram todos sensivelmente de ontem para hoje. Creio que nada veio no correio, a não ser que o Stanley não tenha ido à Faculdade ou se tenha esquecido. A Haidée ter-te-á feito chegar às mãos a minha carta de ontem. O Casais e o Cassiano vieram trazer-me a casa depois do bota-fora com a cordialidade e delicadeza costumeiras.

Hoje está muito calor e eu com uma tremenda constipação e rouquidão que a saída de ontem agravaram.

Estou a ler a «Aparição». Dá-me a impressão que é o livro do «Lins do Rego» mas refundido de fond en comble. Bem escrito mas aquelas ruminções que chamarei de pseudo-metafísicas não me convencem. Até aqui (cento e tal páginas) parece-me o romance de um católico à Greene. Depois tanta preocupação com a morte e o post-mortem, não deixa de ser um caminho perigoso mesmo para quem será marxista convicto. Enfim, se calhar está mesmo trilhando os ínvios caminhos... Em todo o caso escreve bem e lê-se bem, mas sem entusiasmo (eu pelo menos).

Cá estou passando o índice onomástico, devo ter já cerca de uma quarta parte passada. O Cassiano julgava-nos viajando para o Ceará ou quaisquer outras longínquas bandas.

A Clara pede-te se telefonas para o Posto dos primos a saber notícias deles porque já lhes escreveu umas três cartas sem obter resposta. O número é 98846 – o primo chama-se Sr. Plácido e só não estará lá pelo meio-dia ou depois das seis.

Estou preocupada com o silêncio da Cor. A Maria Emília ficou toda contente com o telefonema da Helena a dar-lhe notícias nossas.

Mais nada, meu amor. Apareceu-me para ajuste a criada da Josefina que... não compareceu no dia seguinte, é claro. A Dulce Helena diagnosticou imediatamente que tal sucederia. É das que está habituada a ganhar bem e a fazer pouco, deve ter-se assustado com o número de crianças. Queria que eu lhe desse dois mil e quinhentos cruzeiros, o que a Josefina lhe prometeu para quando viesse. A falta de consciência desta gente é monstruosa. Quanto precisarei eu de pagar proporcionalmente a uma criada? E contudo... o marido recebe o mesmo que tu.

Quando virás? As jornadas acabam dia 11, não é? Portanto, 6.^a feira. Virás Sábado? Ou Domingo?

Até lá muitas saudades sentirei ainda de ti, meu amor. Os pequenos mandam muitos beijinhos e a Clara lembranças.

Beijos muitos, meu querido Jorge, da tua

Mécia

Assis, 11/11/60

Meu muito querido Jorge

Sirvo-me do Prof. Stanley para te enviar a carta que chegou da Cor, dada a urgência dela e eu não saber se, de certeza, vens no Sábado.

É pena que não possas ampliar o volume não deixando ele de sair este ano em que ninguém há que pudesse bater-se contigo no prémio e os punhas, ao júri, no entalço.

Veio também uma carta da Moraes em que anunciam o envio da 1.^a série das 2.^{as} provas. Em vista disto fiquei esperançada que o atraso de correio também se tenha dado para as provas que até agora não chegaram.

O Martim escreveu. O Agostinho Fernandes entregou-lhe o resto do dinheiro e com muitas palavras doces para ti e para mim. Diz que o pai esteve muito doente com uma infecção no pâncreas mas parece estar melhor. Pergunta se mantemos as possibilidades para ele, aqui...

O António Cândido¹²⁴ acho que tem cantado as loas da tua acção nas Jornadas Henriquinas.

A livre-docência do Neief está dando pano para mangas. Eu tenho certa pena dele (a Arlette queixou-se há dias que ele estava nervosíssimo mas que o Amora o empurrava, o empurrava...) mas foi um bom castigo. Deus castiga sem pau nem pedra, não resta dúvida. Como precedente para o Rolando não é grande coisa, coitado.

O Cassiano está mesmo decidido a ir embora! O Stanley quer pedir ao Amora um auxiliar de inglês para já. A literatura americana será para pensar a devido tempo.

Já passei do meio do índice. Poderás rever e enviar logo que chegues satisfazendo a urgência deles.

Nada mais, creio, senão as mesmas saudades; meu querido Jorge.

Os pequenos não melhoraram de ontem para hoje como eu desejaria mas não é muito três dias de tratamento.

Muitos beijos dos pequenos. Se tiveres tempo arranja uma pequenina coisa para cada um. Eles sempre esperam, coitadinhos.

Muitas saudades e beijos da tua

Mécia

Assis, 8/2/61

Meu querido Jorge

Aqui vai a carta do José Augusto.

Nada mais além do que te disse ontem além de que tem estado e está um calor pavoroso acrescido de que há três dias não há água. Parece que rebentou um transformador. Boa ocasião para visita do Galvão!

Na lista das obras que o Barreto inclui na «Estrada Larga» está o «sobre o António Machado». Vais retirá-lo de lá ou da Ática? Ou, dado que a publicação nos E. L. não reserva direitos deixas ficar assim? São sete os artigos que o Costa Barreto escolheu.

As provas do livro de ensaios não estão más. Tenho-as praticamente vistas.

Da Morais dão-te 4.000\$00 de entrada e acerto de contas de seis em seis meses, visto que fazem 10% sobre a capa.

Só os da Ática continuam sugando todo o mundo, não resta dúvida.

A Aliete escreveu uma carta naquele seu costumado estilo recalcado. Escrevi-lhe umas letras esclarecendo-a que havia uma carta extraviada pois ela aludia a uma poesia que não chegou cá.

O Ramos Rosa¹²⁵ escreveu ditirambicamente por causa da Poesia-I.

Manda uma prosa que diz podes fazer publicar e ele terá enviado à Natércia.

Muitos beijos, meu amor, muitos da tua

Mécia

[S. I.], 8/7/61

Meu muito querido Jorge

Providencial a ida do Navas porque as coisas do Congresso se acumulam. Veio esse telegrama do Bouassis que de S. Paulo foi telefonado ontem para cá. Dada a urgência pedi à funcionária que enviasse cópia para o Instituto, mas, entretanto, chegou hoje o original.

As desistências continuam. Dá-me a impressão que há um propósito de não prestigiar Assis, será?

Mando-te dinheiro: quinze contos. Por certo não chegará para devolveres ao A. Eulálio o que lhe pediste mas chegará para ficares em S. Paulo sem preocupação.

Espero o teu telefonema logo mas nada poderei acrescentar em função dele visto que, partindo o Navas às 6 da manhã, tenho de entregar-lhe hoje de tarde o que te for destinado.

Se vejo tudo isto acabado ainda me parece mentira. A tua ideia de desistência no início do Congresso sem causa fortemente justificativa não me parece muito justo. Tu assumiste uma responsabilidade não só perante o Amora (isso seria o menos, no que concerne a ele pessoalmente mas dado para explorar perante os outros) como perante aqueles que contigo têm incansavelmente colaborado: refiro-me especificamente ao Joel, ao A. Eulálio e ao Cândido. Em que posição ficam eles? Conversa com o Cândido ainda que me fique a firme certeza de que ele está comigo. Isto não põe de lado a minha compreensão do teu cansaço, do teu enjoo e até do teu receio de que a corja não perderá oportunidade de te diminuir.

Nada do Óscar. Creio que o melhor será emitir a passagem sem a qual ele não poderá também tratar da vinda. Estou certa que ao Congresso virá e depois... até Outubro há dois meses para ele contactar com os Catões de cá.

Não sei se chegaste a falar ao Sarmento Pimentel no problema financeiro. Será bom prevenires o Cândido de que possivelmente nos veremos obrigados a aceitar a oferta dele, pois vejo tão assombradas as nossas finanças este mês que nem por sonhos teremos para a mudança.

Por cá tudo bem. Os pequenos ansiosos que voltes. Eu detesto estar longe de ti, bem sabes meu amor. Os dias são vazios e como que inúteis. Beijos muitos da tua

Mécia

P. S. – Veio uma linda carta do Veríssimo¹²⁶.

Araraquara, 24/2/62

Meu muito querido Jorge

Só umas letrinhas que o Casais levará visto que se encontrará contigo.

Pena que se não possam acertar as coisas de modo ao Victor trazer o Vasco. Seria uma boa oportunidade. Não haverá de facto ninguém que venha nesses dias? Se tentasses telefonar ao Victor a ver se ele passava por cá?

Não quis perguntar-te pelo telefone se na Cultrix te pagam tudo e quanto, realmente, porque estava na sala o Saviotti com a mulher. De qualquer forma seria melhor saldares a conta com o Casais. E não te esqueças de perguntar qual a mais económica maneira de mandar dinheiro ao Fafe.

As declarações do Isaluar são incríveis, mas é tão suspeita aquela confusão de identificar Portugal com o governo Português que chego a pensar que não seja coisa escrita por ele. Não haverá maneira de se saber antes de fazer seja o que for?

Se puderes fala ao Machado para ele te dar a prendinha da Helena César. Não te esqueças de agradecer efusivamente ao Com. [Comandante] Sarmento Pimentel e D. Isabel a linda prenda que mandaram à Zezinha.

Creio ser tudo. Espero-te 2.^a à noite. Beijos dos pequenos. Beijos, muitos da tua

Mécia

P. S. – Veio carta do Tamen preocupadíssimo. Escrevi-lhe umas linhas a dizer que sim senhor cá chegara o «Reino da Estupidez» e lhe escreverias breve.

Araraquara, 1/7/62

Meu querido Jorge

Aqui vai o Maquiavel. Os Dantas partirão amanhã, 2.^a feira, para S. Paulo e regressarão 5.^a. Assim, é possível que fique mesmo sem saber em que dia estarás lá.

O Victor com a Dulce Helena e pequenos apareceram aqui, de surpresa, ontem de manhã. Acabaram ficando para almoçar num bate-boca em que o tempo escasseava de agradável. Afinal nada mais houve em relação a Assis, foi boato falso e naquele dia a excursão a Viracopos era... para esperar o Amora. A D. Jovina só há 2 ou 3 dias regressou da Bahia, daí nunca estar quando telefonavas.

No Banco disseram-me que não só não havia inconveniente com a data do cheque como o podia transaccionar na praça. Assim fiz e, apesar de que contava poder enviar-te um reforço para a eventualidade do reembolso no Rio não cobrir a tua demora em S. Paulo, praticamente tudo se foi em pagamentos não adiáveis até 4.^a ou 5.^a feira. Fiquei apenas com o indispensável para viver uns três dias.

Conto contigo 3.^a à noite. Será? Mas precisas vir num transporte um pouco mais cedo do que o comboio.

Os pequenos bem. A Isabel Maria para não atropelar um gato deu um trambulhão bastante grande: umas esmurradelas, um dedo que terá deslocado mas está recuperando de um susto medonho que ainda a faz sentir tonturas de vez em quando. Tudo o mais em ordem. Todos te mandam beijos e saudades. Muitos beijos, muitos da tua

Mécia

Meu muito querido Jorge

Esqueceu levar esse dinheiro que não sei se terás resolvido realmente utilizar. Da segunda nota não vai o recorte que veio, em dia posterior, mas creio que não fará diferença.

Nada mais até agora. Não terás dinheiro para os contratos, mas arranjar-te-ias com o Víctor.

Beijos da tua

Mécia

[s. l.] 12/1962

Meu querido

Falei agora com a D. Maria José. Ela é da opinião que, independentemente de eu me achar bem, um dia mais de repouso não será desvantajoso. Portanto, será melhor, apesar de mais alguns cobres, permanecer hoje aqui. Em todo o caso, como amanhã é domingo, é bom que venhas falar na secretaria para o pagamento (creio que é só das 10 ao meio dia) e para saber até que horas posso sair amanhã sem incluir mais uma diária.

Beijos da tua

Mécia

Rio, 6.^a f. (carimbo: 9/2/63)

Minha querida Mécia, Meu Amor

Cá cheguei na 4.^a pela manhã, a um Rio encharcado de água, onde chove continuamente, dia e noite – um inferno, e foi excelente ter trazido os outros sapatos. Muito provavelmente, porque lhe eu pedi, o Adolfo telefonou-te ontem ou hoje, de S. Paulo, e deu-te notícias. Mas eu quero que, entretanto, as recebas, como prometi.

Na 4.^a feira almocei com o Casais e passei o dia todo à caça do Emanuel – sempre descontraído dele – e não queria falar nos microfimes (secção especial) passando por cima dele. Fui aos «Livros de Portugal», e soube uma notícia que me impressionou imenso: imagina que o filho (20 anos) do António Pedro Rodrigues morreu afogado em Coimbra (no dia 30), quando caçava patos. O A. P. estava em Lisboa: como não estará! Acho uma coisa destas das mais terríveis que possam acontecer, como sabes. À tarde, encontrei-me com o Casais e o Paulo de Castro, para assentarmos na nossa posição em relação ao P. Dem. [Portugal Democrático]. E, depois, sem resultado, procurei as gentes do prédio do Ministério. À noite, era minha intenção telefonar para este e aquele, mas o Casais, a quem telefonei (com as pernas inchadas de um modo pavoroso), estava tão deprimido, que fui jantar com ele, depois fomos visitar o Sidónio, para que visse o meu plano de P. D. É que eles partiram para S. Paulo ontem às 15.30... e o Fernando Silva partira na manhã em que eu cheguei.

Ontem pela manhã estive na Biblioteca com o Emanuel¹²⁷, sendo apresentado àquelas pessoas, e combinado tudo: consigo levar comigo o Camões todo, o Acenheiro, e o celebrado Sumário dos Reis de Portugal – folheto muito bonito –, tudo microfilmado. Depois, fui almoçar a casa do Sidónio, voltei à Biblioteca, e visitei o Meyer. Não encontrei o Alexandre Eulálio.

Esta manhã, Biblioteca. Depois, almocei com o Pimentel (que chegara anteontem) e o Paulo de Castro, e tudo ficou maquinado para o nosso corte com os comunas. À tarde, voltei ao Meyer (A. E. sem aparecer no Instituto). O Meyer já mandou orçamentar a publicação da Tipologia farejou apenas a Estrutura, e quer efectivamente publicar a tese camoniana. Pela manhã, ainda fui à Agir, e conversei com o Fromm, e ficou marcada entrevista com ele e o Cândido Paula Machado, na 3.^a feira à tarde. Voltando ao Meyer: declarou convictamente que o meu «Camões» é a coisa mais importante que se fez (e em Camões também) nestas últimas décadas e que eu sou uma das grandes coisas que, nesse período, «se inventaram em Portugal»!...

Calcula que, segundo me disseram no Banco, a ordem de pagamento só deve chegar cá na 2.^a ou 3.^a feira!... Fiquei aflito; e, à cautela, o Casais emprestou-me 6 contos que, depois de receber, deixo ao António Amorim.

Calcula que o hotel já custa (o Nelba) também dois contos, e que não se almoça ou janta por menos de 800 a 1.000! – a menos que uma sandwiche ao balcão de que não dão os recibos e que me sairiam da algibeira.

Amanhã almoço com o Emanuel para obsequiá-lo, e jantar em casa dos Lisboas (foi ope-

rado em estado grave à vesícula, mas já está em casa); pelo que ao telefone me disseram, vou ficar a saber grandes coisas de B. Horizonte...

Em S. Paulo – esquecia-me contar-te –, fui ao Instituto (o que me valeu o Romeu ter ido levar as provas à Cultrix), recebi o Faria e Sousa que paguei, fui à editora dar com as ventas nas ausências, pois que ainda estavam todos aqui, e jantei com o Pimentel. À noite, apareceram os irmãos Valente da Cruz (o Henrique, que foi meu colega de curso, chegou de Portugal onde esteve um ano, e trouxe notícias importantes... – não há nada, ninguém espera que aconteça nada, e contam com o... exterior! Seria de anedota, se não fosse trágico) que me levaram à Estação – foi ótimo, porque a chuva era mais que muita.

Eu partirei daqui na 5.^a feira, levando tudo comigo, e estarei na 6.^a em Araraquara, nem que vá no trem que chega a deshoras. Já não sei andar assim sozinho, vagabundo, metido em quarto de hotel, encontrando pessoas, etc. etc. – virei animal doméstico. E, cada vez mais, me exaspero de viajar sem ti. Como seria bom, se aqui estivesses, para estares comigo, só comigo! É uma coisa que já não sabemos que seja.

Marquei – consegui – encontro (incerto...) na 2.^a feira, com o Anísio, e vou tentar levar já, ou deixar preparado, o resto do subsídio. Ainda não tive tempo de ir à Fundo de Cultura.

Soube na Livraria Leonardo da Vinci que o Benedito Nunes está aqui no Rio – deixei-lhe recado, e o nome do hotel, mas ele ainda cá não voltou.

Encontrei hoje o Ledo Ivo que me festejou, e louvou as Andanças (que comprara...)

Aqui tens, querida, o relatório destes quatro dias vertiginosos e chuvosos... O Acenheiro, como verás, tem muito interesse – e até diz que o Conde D. Henrique era filho de... Santo Estêvão da Hungria!, ó Céus! Preciso acrescentar uma adenda ao D. Afonso Henriques (espero que seja na parte de que ainda não vieram as provas).

Tenciono, agora, começar a fazer levantamento de várias espécies camoneanas para mandar microfilmear, ou eu copiar as anotações que importem. Terei assim, comigo, o material para os próximos meses. E as pessoas ficam arrepiadas, quando digo que não tenho ninguém para trabalhar comigo!

Por certo vais receber esta carta depois de eu te telefonar, o que farei amanhã ou na 2.^a feira, provavelmente na 2.^a feira, para que mandes que do Banco telefonem para cá a «ordem», se ela ainda não tiver chegado. Pois que não posso ficar à espera que ela se digne chegar.

Minha querida: que saudades tenho de ti, da tua presença, do teu amor (embora saiba – e como sei! – que ele anda sempre comigo). Como estarão os pequenos? Não haverá novidade alguma? Espero que não.

Beijo-te e abraço-te, cheio de saudades, de todo o coração. Teu

Jorge

P. S. – Comprei, enfim!, a tesoura de unhas, o que foi fácil. De modo que, das duas uma: em S. Paulo, ou todos comem dessas tesouras, e não as há, ou ninguém corta unhas, e não são precisas.

*Vi, no cinema, uma comédia idiota da Kim Novak, mas muito divertida.
Muitos beijos para os pequenos, a quem espero levar uns fantoches de mão, que vi na rua,
se tornar a encontrá-los.
O meu plano da B. Positivista foi muito louvado – e será pago.*

Rceb. 24/7/63

Araraquara, 18/7/63*Meu querido Jorge,**Logo após teres saído chegou uma carta da Parthenon que diz o seguinte: «Luiz de Camoens...» e «Heroic poetry», não têm e encomendaram para Inglaterra; «Esfinge clara» está esgotado, e «Psicologia y Alquimia», em falta no momento.**A encomenda chegou hoje (1.780,00) e não sei como vou conseguir levantá-la porque exigem identificação tua. Na Faculdade dizem que não podem levantar...**Vieram ainda dois telegramas do Cândido dizendo que estará em Minas durante a 2.^a quinzena e agradecendo a dedicatória; do Carlos Filipe perguntando se o autorizas a rever as provas de Sixtina ou vais vê-las que estão no EEP só esta semana. Como telegrafar-te seria incerto encontrar-te em S. Paulo e telefonar-te para o Pimentel já tenho a experiência de pouca eficiência, deixei por conta de Deus Nosso Senhor...**Hoje veio uma carta do Kim¹²⁸ que diz a certa altura: «Diga-me... e confidencialmente, claro!, se houvesse uma maneira (isto no campo das hipóteses em nebulosa) de se arranjar uma possibilidade para si em Lisboa, estaria você interessado? Repito que isto é confidencialíssimo. Quer dizer, eu, sem compromisso, poderia iniciar umas sondagens, insinuar de maneira a que os influentes pensassem que a ideia era deles... Tenho cá umas ideias! – as tais que passariam a ser dos outros – talvez...». Dá-me a impressão que isto é já resultado de sondagens e não inocente hipótese!**Está interessado no reaparecimento dos Cadernos e diz que se mandares coisas falará com o Zé e o Ruy¹²⁹. Diz que prepara um livro «e gostaria, por um lado, de pôr cá fora uns tantos, em boa companhia».**A vaga de Conselheiro Cultural para que foi convidado e rejeitado vai para a Belchior de quem pergunta se leste um artigo na Brotéria sobre a «geração dos Cadernos e outras, N. Cancioneiro, etc.»**Para 24 horas de ausência não se diga que é pouco...**Tudo o mais na mesma. O Stanley apareceu ontem: trazia a Makandira que não lera. Tenho a impressão que os complexos daquele pobre em relação a ti são de tal ordem que não consegue ler nada que saia das tuas mãos. Chega a fazer-me pena.**Mandei hoje pagar a água do Casais. Pergunta-lhe se ele quer que mande buscar o recibo da luz e pague também.**Eu continuo bastante encarengada. Hoje dói-me tudo, creio que só ficam de fora os pés e as mãos, quem sabe se por enquanto.**Hoje estive bastante quente, tenho a impressão que deve chover em breve, porque o tempo mudou.**Os pequenos estão bons e mandam muitas lembranças ao Casais por quem me perguntam a toda a hora.*

São onze e meia da noite mas ainda há quem se agite lá em cima. Estou pensando em dar por encerrado o meu dia tanto mais que dormi pessimamente esta noite sempre na impressão de que alguém estava a entrar pela porta.

Vamos a ver se amanhã retomo a minha tradução.

Se mais houver voltarei a escrever-te.

Beijos dos pequenos. Saudades e beijos da tua

Mécia

P. S. – 19/-

Chegou uma carta da mulher do Ferdinando pedindo para irem viver lá para casa. Oferecem-se para pagar a renda da casa e o mais que entendermos: telef., etc. Que achas?

Mécia

Rio de Janeiro, 6.^a feira, 19/7/63

Minha querida Mécia, meu Amor

Ontem à noite, cheguei ao Rio: não consegui outro transporte, sob pena de ficar dias em São Paulo, ou vir de avião, que não de ônibus às 18.40 (com lugar no fundo, e todos os buracos da estrada na nossa espinha), que chegou aqui às 2.30 da manhã. Mas em São Paulo consegui fazer tudo menos ver o Cândido, a casa de quem fui na noite da chegada: não estavam, e na manhã seguinte deixaram-me um bilhete a dizer que tinham ido de manhã cedo para Araraquara... Deixei ficar a mala no atelier, vi a Cláudia (não o Lemos que veio ao Rio, deve ter ido hoje de volta) que está boa e contou coisas interessantes da viagem (e de Portugal, porque os pais do Lemos foram a Paris encontrar-se com eles – lembra-me para te contar) e, depois de jantar, estive em casa do Pimentel que «virou» menino, autor-de-primeiro-livro, lendo às pessoas as dedicatórias que põe... (a coisa afinal, é de primeiro livro, não da idade). Estive, depois, no Giroflé (onde vi o Sidónio que está vendo casa em São Paulo para mudar-se), almocei no Pimentel, fui à CEN (onde foram muito amáveis e nem pestanejaram com os acrescentos... – o que é ser potentado, e ter confiança na obra!...), e depois fui ao Inst. Est. Port., onde caí na festinha de despedida ao Spina que embarca hoje para Lisboa. De manhã já telefonara ao Amora. Imagina que o António teve um deslocamento de retina na manhã do casamento, casou semi-cego sem a Flora saber, não houve festa, o Amora e a Helena desesperados, despediam as pessoas, e, em vez de partirem de lua-de-mel, o Tom meteu-os no automóvel, e disseram à Flora que ele entrava no hospital para ser operado de urgência (a Flora teve uma crise de desespero, rasgou o véu o vestido, não é caso para menos – mas resignou-se, declarou que é a mulher dele, e foi ela quem com ele ficou no hospital), e esta, hein? Estão azarados, coitados! O médico acha que a retina devia estar descolada do desastre e soltou-se agora, quando ele começou a andar mais de pé e à vontade. No Instituto, ainda vi as provas do Bernardim – meti-me num táxi, embarquei para aqui, e cheguei estafado como calculas, mas satisfeito, pois tudo correrá bem – menos o calista que só tinha hora na 3.^a feira... Falei com o Emérico da Gama, que me disse que havia dificuldades afinal pois que o cheque estava em teu nome! Assim, o cheque teria de ir a Araraquara, a menos que se fizesse a tua assinatura... Declarei-lhe que o melhor era devolvê-lo para ser inutilizado, e que pagassem a quantia ao Fafe. Como eles vivem no plano da eternidade, talvez que o dinheiro seja pago lá, na semana dos nove dias... O cheque é de 103 dólares que deve ser realmente o que tu contavas. Olha que em 22 horas, com uma noite de permissão, ninguém fazia mais em São Paulo.

Esta manhã, tratei de ir ao calista, e almocei com o Casais, a quem, ainda que pouco e só às bolhinhas, a alegria voltou! Mas está bem disposto. Saímos do almoço, ele para ir ao Ministério e eu ao banco, encontramos o Guilherme de Figueiredo, que achei muitíssimo simpático e foi muito amável, e que ficou numa conversa divertida e pegada, sentados num cafezinho, dos que ainda há no Rio. Não fui ao banco, mas diverti-me e distrai-me mesmo. Jantei

depois, e fui ao cinema, de onde estou voltando, ver mais uma daquelas antologias de velhos filmes cômicos em que há coisas prodigiosas – fiquei com pigarro na goela, de tanto rir.

Imagina tu que o hotel – e o que me valeu foi ter telefonado de casa do Pimentel a fazer reserva – está custando, como todos, a módica quantia de... 3.700 crz!!! Mais de quatro contos, com a %, só para dormir: amanhã vou fazer uma investigação, a saber se estão todos assim, pois que é uma dor de alma gastar assim o dinheiro.

O Salazar arranjou nova maneira de chatear as pessoas, sem cair nas araras do que fez ao Zaluar e é barulhento. O Nuno Fidelino Figueiredo foi à Europa com a mulher e os filhos, e tinha a intenção de passar um mês ou dois, primeiro, em Lisboa, com os pais. Sabes que lhe fizeram, sendo ele brasileiro? Declararam-no indesejável no aeroporto, e não o deixaram desembarcar. Ele reclamou, entrou o cônsul em acção (o Negrão¹³⁰, não, é claro), deram-lhe um visto «de trânsito» para 3 dias, e no 3.º dia meteram-no no avião para Paris. A coisa agora é feita com elegância, não é verdade?

A rua, aqui, é um sossego... não tem trânsito, por causa do prédio do fogo (que é gémeo, afinal, do Serrador); mas não o teria ruidoso, porque todos os bondes acabam, substituídos por ónibus da Aliança para o Progresso...

Foste ao médico já? – Não deixes de ir, mesmo que te sintas melhor – isso agora está voltando com mais frequência, e não sabemos exactamente o que é e pode ser essas complicações de mudança de idade, que quando vêm, têm de ser acompanhadas – sabes isso tão bem como eu. Não imagines que mesmo o ferro de que somos feitos não se gasta: gasta, porque lhe temos dado muito uso.

Que vida a nossa! Como gostaria que estivesse aqui comigo, onde, inclusivamente, com a tua mania da utilidade concreta (como se as pessoas não pudessem ser úteis, só por existirem, dona Mécia!), me ajudarias a fazer render mais as pesquisas... Será que alguma vez levantamos a cabeça? Sabes que chego a ter medo de que isso aconteça algum dia? Temo que sejamos daqueles que ou vivem longamente assim, ou morrem quando a vida lhes melhora... Assim tivéssemos, para aturarmo-nos, a mesma energia que temos no amor e na luta pela vida: mas, provavelmente, não se pode ter tudo.

Os pequenos como estarão? O Nuno continua bem? A Isabel Maria terá dado mais notícias?

Estou a cair de sono e de cansaço, e vou parar. Creio que não esqueci contar-te nada. Talvez esta carta que deitarei amanhã pela manhã, chegue depois do meu telefonema, que tenciono fazer no meio da semana próxima, lá para 4.ª feira.

Dá muitos beijos aos pequenos todos. E para ti vai com a minha saudade e o meu amor o grande e apertado beijo do teu

Jorge

Araraquara, 23/7/63

Meu querido Jorge

Grande alegria me deu a tua carta há pouco recebida. Sem notícias seguras e pormenorizadas do que vais fazendo fico no ar. Ao mesmo tempo veio uma carta da Isabel Maria para ti. Pelo que ela diz acho que a temporada não lhe tem saído muito feliz porque a Márcia parece que está insuportável. É pena que a ida não tenha correspondido à expectativa dela mas por outro lado não é mau para melhor apreciar o que tem em casa.

Coitada da Florinha. Não há dúvida que lhe rogaram praga e ao António! Em todo o caso essa de rasgar o véu e o vestido é para mim sintoma de falta de educação e não de desespero... E quanto tempo vai o rapaz ficar hospitalizado? Também tenho pena dos pais de ambos. Cruzes, canhoto. Se na volta falares com os Amoras diz-lhes que muito e sinceramente sinto tanto contratempo.

Quanto ao dinheiro da Aster vou escrever à M. Eugénia contando o sucedido e eles que fiquem lá para receber a massa. Pediste os exemplares?

Os pequenos estão bem. O Nuno foi hoje fazer a 2.^a dose da vacina tríplice e como não se encontrou qualquer referência a que a Zezinha a tivesse feito (se bem que eu tenho a certeza que fez uma dose que eles dizem ter perdido a eficiência) também fez a 1.^a dose. O Nuno está um nadinha constipado mas tem-se desenvolvido imenso de repente. Vais achar-lhe já grande diferença.

O correio nada trouxe que mereça menção especial. No domingo os Stanleys vieram buscar-me para ir a casa do Pinho. A D. Selpha fizera-me antes grandes queixas da «neura» dele. Enfim lá conseguiu arrastá-lo para S. Paulo mas ele dizendo que «voltaria logo». Os Pinhos tinham lá os sogros que tinham vindo buscá-los. A mãe da Marlene assusta para quem casa com uma filha parecida... o padraço muito simpático. Mas como é baixa a extracção, por isso é que este Estado é irremediavelmente de pés de boi!

Dá lembranças de todos ao Casais. Não esqueças o problema do envio de dinheiro ao Martim. Deve ter vantagens a vinda do Sidónio para S. Paulo, para efeito do progresso da editorial. A Cláudia espera menino ou foi ilusão nossa?

Beijos, muitos beijos e saudades da tua

Mécia

Araraquara, 24/7/63

Meu querido Jorge

Esta tua ausência tem sido pródiga em cartas que demandam resposta urgente. Agora, além das provas do Ocidente que te envio, veio uma carta da Belchior que pede em afectuoso e confiante SOS que a aconselhemos. Em resumo: foi convidada para pôr de pé o Instituto de Estudos Portugueses do Rio e para o cargo de Conselheiro Cultural junto da Embaixada.

Diz ela que há quem, como o Ruy, insista para que aceite, a pátria afunda-se, é preciso que alguém faça o que puder, teré-té-té, teré-té-té; outros acham que não deve aceitar, pois afundar até ao fim se deve deixar. Ela está perplexa entre o que entenderia ser o seu dever como patriota angustiada pela situação catastrófica do país em todos os campos, e o não querer servir o regime, pois só viria na condição de fazer um lugar inteiramente isento de pressões e de política.

Escrevi-lhe dizendo que não estavas e que, por mim, já que também a mim era pedida a opinião, achava que na situação actual ninguém podia servir oficialmente que não servisse o regime e não poderia acreditar nunca que ela ou quem quer que fosse pudesse vencer as pressões que tais cargos implicam. Que ela teria a corte dos comendadores e dos sabujos, mais nada. A menos que ela quisesse queimar-se para lá e então não lhe faltariam aqui Faculdades. Ela pede urgência porque a partir de 12 de Agosto estará em New-York, onde vai com o Cintra participar do IX Congresso Internacional de História e Crítica Literária. Mando-te portanto a morada dela. Na carta fui-lhe contando a história do Cidade e o caso Veiga Lapa.

Não sei se deva voltar a escrever-te pois não sei quando tencionas voltar.

Os pequenos estão bem e têm continuado a ir à piscina. De ontem para hoje esfriou um pouco mas estava um calor medonho.

O caso do Nuno Fidelino teve alguma repercussão jornalística?

Até quando? Muitas saudades dos pequenos.

Beijos muitos da tua

Mécia

Rio de Janeiro, 24/7/63

Meu Amor, querida Mécia

Recebi hoje a tua carta, das mãos do Casais, ao almoço. Chegara ontem à tarde. Como tem um PS de 19, levou quatro dias a chegar aqui. A que te escrevi na 6.ª feira à noite, deixada a 20, deve ter-te chegado hoje ou amanhã. Quis telefonar-te hoje, e pedi a chamada – mas às 9 horas ainda tinha duas de demora: desisti e estou a escrever-te, embora tencione pedir novamente amanhã a ligação, para te ouvir.

Antes de responder à tua carta, vou contar-te do que tem havido entretanto. Sábado e domingo, pouco fiz, e não encontrei ninguém, que me lembre. Fui ao cinema ver uma continuação do «Spartacus» (bem feita, mas puro «aventuras»), e um filme policial. Os cinemas do centro, no Rio, são péssimos, só passam porcaria. Na 2.ª feira estive na biblioteca, fiz longas pesquisas que continuei ontem e hoje (as canções estão todas cotejadas, e já marcado o que das edições de 1616, 1645 e 1666-68 quero microfilmado, e hoje estive vendo o F. e Sousa, além de outras coisas que havia na biblioteca e pedi para ver – falta-me só cotejar uma das canções). A dificuldade com os micros e as fotos é que estão com muito serviço, e não me podem dar nada agora. Levarei o micro do Acenheiro (são 16 páginas, pode ser feito aí), e deixarei o Emanuel ou o António Pedro encarregados de recolher as fotos e mandarem tudo. Na 2.ª feira almocei com o Casais. E, quando entrei na livraria onde combinara encontrar-me, verifiquei que os ares estavam mudados para a hostilidade carioca. Mas vais ver. Cara de palmo e meio, entregou-me as cópias das cartas ao Pimentel e ao P. Coelho, com que ficara para ler. Sentámo-nos a almoçar, e fez-me um discurso dizendo que as cartas só mostravam a minha falta de carácter e de dignidade, etc., etc., tudo isto dito com o ar pisco e frio das grandes ocasiões. Os meus crimes, além destas cartas, foram exemplificados: quando há 4 anos cheguei a São Paulo, fiz uma conferência na Casa de Portugal; convidei o Amora para padrinho de um filho meu; e foi ainda outro que agora não recordo, de igual teor, «além de mais coisas que ele não dizia porque não valia a pena». O almoço ficou estragado, não trocámos mais conversa, saímos cada um para seu lado. Antes, ao entrar eu na livraria (e porque, da vez anterior, eu lhe dissera que falaria ao Pedro Bloch), dissera: – Vamos almoçar depressa, para irmos ao Bloch às 2 e meia, em Copacabana – Eu respondi: – Combinaste que eu ia? –, – Não, combinei para eu ir –, – Então, fala com ele e combina, porque preciso de ir ao banco, e combinei com o Emanuel encontrar-me com ele às 3 e meia –, – Não falo nada, porque, se eu combinasse, poderias já ter algum compromisso... – Claro que não terei, não marco nada. – Não, não, fala tu –, Depois destes episódios, embora a minha cautela com ele tu a conheças, eu caí das nuvens, siderado. Poderia esperar tudo, menos o retorno da raiva feroz que sempre me fez não perceber como é que aquele diabo é nosso amigo. Fui para a biblioteca tão triste, como suporás. Felizmente, apareceu depois o Emanuel, esteve lá trabalhando, saímos às 5 e meia... e ficámos conversando e decelitrando as nossas mágoas até às 10 horas da noite, o que cavalheirescamente eu paguei e custou 2 contos. Mas eu pagaria mais para me desanuviar da amargura.

Ontem de manhã, fui ao António Pedro (onde soube da Belchior); ele está bem disposto, aparentemente refeito do desgosto terrível. E, de súbito, apareceu... o Agostinho da Silva, chegado do Japão. Ficamos na grande conversa, separámo-nos (calcula que ele encontrou, em Timor, um ex-oficial de marinha, que se meteu a industrial, e que foi meu colega da Naval estiveram falando de mim com estima, só que ele não foi capaz de me identificar!). Pela manhã, eu telefonara ao Adolfo, com o ar mais natural do mundo, perguntando-lhe se falara ao Bloch. Falara, ele pedira para eu telefonar. Telefonei, marquei consulta às 3. Como tem sempre acontecido na minha vida de pobre pelintra, com os amigos médicos, fiquei duas horas e meia à espera da minha vez... para ser recebido com grandes abraços e protestos de amizade. Disse que os ouvidos não progrediram. Mas que o nariz está em fase de sino-faringite crónica, fazendo-os perigar. Receitou-me uns remédios que são a última maravilha, disse. Tomarei a série, descansarei oito dias, repito, e escrevo-lhe a contar como fiquei de novo. À noite voltei à Biblioteca e esta manhã. Almocei com o Casais e o Paulo de Castro (foi ele quem me telefonou, a dizer que combinara almoçar com o Paulo, se eu queria ir... mas não me disse a razão do almoço, pelo que não teria assistido à razão, se acaso tivesse combinação qualquer... ou a inventasse). O Aragão mandara-lhe de São Paulo uma carta «confidencial» convidando-o a ir a Praga (em Setembro) a uma magna reunião dos «democratas», para traçarem os destinos da Pátria. Fomos de opinião que era mais uma safadeza e uma manobra. E eu tive, com a minha falta de carácter, a ideia de que ele devia ir, mas não a Praga, e sim a Argel, Paris e Roma, pregar um susto aos comunistas – convocaremos uma conferência (o Pimentel), em Argel (onde eles dizem que correm risco), e o Adolfinho vai, em Agosto. À tarde, estive finalmente com o Alexandre Eulálio que me falou entusiasmado da L. I. que está acabando de ler (pela manhã, estivera também na Agir, onde o Fromm foi de opinião que obras como essa não vale a pena fazer, porque quem se interessa pelo assunto lê as obras em inglês, que há), me disse que encontrara na gaveta do Meyer¹³¹, há dias, a minha Tipologia e que a mandou à Livraria São José com recibo de entrega, e ficou esclarecido quanto à edição da «Canção» pelo CEN, a que o Meyer não faria mesmo nada (o Meyer voltou, mas não ao serviço, porque parece que desta vez a senhora está a morrer mesmo). E aqui tens. Faltam-me ainda uma série de leituras na BN e no Gabinete P. de Leitura, onde ainda não fui. No Instituto do Livro, apareceu-me o Joel Pontes que me fez grande festa. E é tudo. Agora a carta.

Espero que tenhas ao menos conseguido que a encomenda da Parthenon não seja devolvida até eu voltar. Pela minha carta, já sabes que vi as provas do Bernardim, em São Paulo.

[...]

Vejo que no dia 18 (e no 19) ainda não tinhas ido ao médico, e que estás à espera de aguentar até eu voltar, para ficares de cama, pior do que estarás agora. Tu mesma já concordaste que essa aversão à medicina é pecadilho infantil. Afinal, que queres tu? É complexo de auto-destruição? Os médicos também tratam isso, e com pílulas. Minha filha, eu não sei como teria ficado com as amenidades do meu compadre, se não fosse a calma que o remedinho me dá. Espero que já tenhas ido ao Amaury, tão prestável, e simpático, e que não custa dinheiro. Hás-de concordar

que não serão os remédios que for preciso comprar que desequilibrarão o nosso orçamento em teu favor, prejudicando o papel de anjo isento que só trabalha e não custa dinheiro que te obstinas em representar. Podes continuar a ser anjo, mais eficaz, com pílulas angelicais contra os rins e as vísceras maléficas. Estou e não estou brincando. Achas – e é verdade – que já não consegues aguentar o trabalho e os filhos. É sem saúde que esperas aguentar melhor?

Eu estou desesperado com a inflamação dos olhos que não lembro se já começara quando te escrevi. Não posso ler à noite, ora um, ora outro dos olhos inflamadíssimos, não posso ir ao cinema, trabalhar (como hoje com o F. S. que é pata de mosca) na Biblioteca é um sacrifício terrível. Mas ponho conscienciosamente a pomada de penicilina, terei de ir a um oculista, se isto não melhorar. Doutró modo, como viveremos, meu Amor?

Quanto à história do Kim, a coisa tem de ser sondada cuidadosamente. Um dos meus capitais – nossos – é a isenção política que tenho mantido, e o respeito que me têm. Pode ser que o Kim tenha tido uma inspiração – mas duvido. E, de resto, se eu recebesse garantias da PIDE (e pode-se, ou deve-se confiar nela?), quem não pensaria que, depois do que tenho dito e feito, eu não traía? Um lugar em Lisboa, para educar os filhos, só com 6 ou 7 contos por mês, pelo menos. Quem mos dá?...

Quando voltar escrever-lhe-ei. E acho a história dos Cadernos muito divertida – sobretudo num momento em que se fazem «sondagens» e se dará um golpe que provavelmente porá os comunistas em pânico. Eu estou tão cansado de Brasil como tu: mas a verdade é que sou (talvez até Agosto...) catedrático, e vou escrevendo e editando coisas que ninguém me editaria. E, fora as fardas e os papeis coladinhos nos cadernos idiotas, sempre vamos educando os nossos filhos (a dizer «para mim», é certo...), e os estudos que eles tenham não custam dinheiro. Mas tudo isto é para conversarmos longamente. Claro que, se houver o golpe do Lacerda, aí regressamos a toque de caixa... – mas, ao menos, de graça.

O Joel Pontes também sabia da Belchior que lhe escreveu a participar. Só a nós ela não escreve – embora tenha dito ao A. P. R. que era grande alegria para ela saber que nos tinha cá...

O Stanley é mesmo irremediável, coitado – a tal ponto nos últimos dias percebi isso, que nem lhe dei – e provavelmente não darei – o coice que ele merece por não falar na minha História aos alunos, porque eu sei pela Sílvia e as outras que ele não falou. Pois que a um amigo de respeito isso não se faz, já que redundava, na Faculdade, em desprestígio meu.

Tenho um magno recorte do Geir Campos, poeta carioca, na U. H. daqui, falando dos festejos de São José do Rio Pardo, que têm «um programa vasto e variado» (eu fiquei, dentro da consigna existente aqui, num dos dois adjectivos). Mas estas coisas, desde que os livros saiam e eu possa escrever, já não me aquentam nem arrefentam. O caso na Faculdade, envolvendo alunos que também são meus, é muito outra coisa.

Os meus olhos não aguentam mais. Amanhã, telefonar-te-ei, e poderemos falar musicalmente, já que tudo vai aqui tratado. Beijos muitos aos pequenos. E as saudades e beijos do teu coração.

Jorge

Araraquara, 27/7/63

Meu muito querido Jorge

Chegou há pouco a tua carta de 24. Terás, entretanto, recebido a minha em que te mandava a carta da Belchior (que afinal escreveu e em termos até bem diferentes...) e as provas do Ocidente. Tinha pensado em escrever-te para S. Paulo mas não encontro nem a morada do Lemos nem a do Pimentel de modo que esta vai, à sorte, para o Rio.

Mas o que acha o Casais refutável nas cartas? Essa cá me fica... quanto ao convite ao Amora, essa já eu esperava em qualquer altura. Enfim o que para o Cândido é manifestação de grandeza é para ele de baixeza... são pontos de vista.

Ontem por descargo de consciência abri o pacote dos livros da Cultrix. Afinal tinha dentro uma carta do E. Paulo Pais e as provas do Maquiavel e do Marx cuja devolução rápida pede. Será melhor telefonar-lhe de S. Paulo a dizer porque não as devolveste.

Veio um recorte da Flama em que o Zé diz que a tua literatura é excepcional, que tu és «excepcional pela vastidão dos conhecimentos»; «excepcional por conseguir concentrá-los» e ainda mais razões de excepcionalidade que não dá porque prefere recomendar que todos a leiam com «urgência» e «utilidade». Tinham anteriormente vindo dois recortes em que tens cabidela pela única citação das Líricas Port. Numa entrevista do João Apolinário, idiota à altura em fotografias várias do artista vi uma das quais prestigiada pelo Redol e Óscar; outro «morceau» de uma violenta polémica do David com o Mário Dionísio que é por aquele escrita em acróstico, de modo que o diz marial, dionisiaco, inconfesso de Assis e pouco monteiro...

[...]

O Bloch não é também médico dos olhos? Vê lá isso. Se calhar precisas mudar as lentes.

Eu escrevi ao Kim dizendo que não estavas e que portanto não tomasse por menos interesse o teu silêncio pela carta dele, que em todo o caso eu, pessoalmente entendo: 1) Que com a tua franca, embora nunca extremada posição política, te não deixariam entrar em Portugal; 2) Que precisaríamos de um ordenado que garantisse o sustento de nove filhos, o que não me parece fácil; 3) Que ainda assim hesitaríamos visto que aqui, quando não tivéssemos mais nada, teríamos todos os graus de ensino gratuitos para os pequenos. Contudo as minhas palavras em nada comprometiam ou antecipavam o que tu disseses.

Mas Jorge, quando viemos precisávamos de 9 contos mensais e não 6 ou 7 como dizes, agora precisaríamos pelo menos de 10!

No caso da Literatura podes dar um golpezinho na Faculdade: oferecer à Sílvia e à Maria Lúcia como parte do agradecimento pela colaboração...

E lá se foi o tempo de que dispunha. Ontem com a ajuda de uma ratoeira da senhora dos ovos apanhou-se o rato. Andei remexendo nas estantes e, se não vi nada roído vi vestígios de funções... logo tenho de continuar as minhas pesquisas...

Os pequenos estão bem e o tempo sempre permitindo que frequentem a piscina. Estou cheia de curiosidade de saber como se safou o João Paulo para França. Se o Casais ainda aí

estiver, dá-lhe a morada (veio hoje outra carta) – 4, rue de l'Abbé de l'Eppée – France Hotel – Paris V^e – numa outra carta da Maria Beatriz Nizza da Silva diz assim, na dele diz Hôtel de France; mas tanto deve fazer.

Quando voltarás? Ainda nada dizes nesta carta a esse respeito.

Beijos e saudades dos pequenos.

Beijos muitos e saudades da tua

Mécia

Araraquara, 3/8/63

Meu muito querido Jorge

Foi para mim tremenda decepção, de que não consegui abstrair-me, o teu telefonema ainda do Rio quando eu te esperava esta noite ou por todo o dia de amanhã.

É pouco certo que consiga esta carta encontrar-te em S. Paulo, contudo tentarei. Fiquei a cismar naquela tua grande «pouca vergonha» em relação à Giroflé e entendo, francamente, que só tens uma solução: retirares-te imediatamente da sociedade. Isso que o Casais te disse não pode deixar de ser resultado de conversa lá. Enfim, Jorge, também essa editorial não foi feita para ti, nem ingenuamente iríamos acreditar nisso; foi feita para editar o Sidónio, para dar uns cobres ao Lemos, para o Casais fazer uma colecção de ficção e para tu trabalhares quando eles quisessem «por amizade» e «camaradagem». Serás ainda aí torpedeado com o melhor dos sorrisos. Tenho para mim que deverias escrever uma carta dizendo que só agora verificaras que a remuneração pedida por um trabalho que te fora encomendado fora interpretado como um «golpe». Que tu a pediras na melhor das boas-fés (e deves mencionar que te foi dado menos, do que pediras, sem qualquer satisfação) pois te não passara pela cabeça que te fora pedido um trabalho daqueles para ser feito de graça, dado o conhecimento que todos têm do imenso esforço de trabalho que dependes e das imensas dificuldades monetárias com que vives. Assim pois te desligarias da Sociedade pedindo que ficassem com a equivalente parte da cota como devolução dessa remuneração e o restante fosse entregue ao Sidónio Muralha¹³². Avisarias, sem admitir sequer discussão, o Lemos, contarias o caso ao Sarmento Pimentel (a quem, de resto, acho que deves contar tudo) e ao Sidónio escreverias depois umas breves palavras, assim como farias uma participação pura e simples ao Casais.

Creio que não há outra saída e acho que é mais que tempo de dares uma bofetada de luva branca ao Casais.

Estou em crer que ele agora ou tentará meter aqui na Faculdade a nora que é bonita e se apresenta como adolescente cândida (o que é um pouco forte para 25 anos) e far-te-á de fel e vinagre para exhibir a sua ascendência sobre ti; ou se irá embora para ficar mais perto dos libris. Peço a todos os santos que adopte essa solução para que tenhamos garantida essa parcela daquela paz e sossego de que tanto necessitamos.

No fundo o Casais deve estar furioso pela fúria fulminante que o atinge por causa do Lapa a quem ele se não atreve a dizer nada nem a escrever num qualquer lugar que a lenga-lenga dele foi um tremendo erro. Eu contei ao Fausto que caiu das nuvens. Aliás não caiu tanto pois me declarou que não gosta do Casais.

Não sei se já sabes que parece que a equiparação vai sair com pagamento de atrasados. Contudo as concordâncias são tantas (isto porque a situação de ilegalidade foi criada por eles e portanto, perante a lei, eles não têm mais, realmente se não pagar e nem precisa de transitar pela Assembleia) que o Stanley, que esteve aqui ontem com a D. Shelpha que regressou com os filhos de passeio pelo Rio, bem como o Dante que passou quando eu chegava à janela, acham

que é «trop beau pour être vrai». Enfim, aguardemos tanto mais que a Faculdade já requereu a verba suplementar para fazer o respectivo pagamento. O Fausto está eufórico, é claro, achando que o dinheiro vem aí, talvez esta semana. O Stanley acha que se vier, se calhar só vem para o ano, enfim... «agora não é natural», «é muito dinheiro junto»... Para nós era o alívio de muita coisa (Cândido, reposição, atrasos domésticos), a garantia de um pouco de melhoria no trem de vida e um alívio para bastante tempo em relação a Lisboa. «Na mão de Deus, na sua mão direita, repousa»... um pouco de alívio para nós.

O Vasco lá começou a ir para a Escola e parece muito contente. De manhã a casa é um sossego. A Isabel Maria apareceu aqui com a Wilma na quarta-feira. Vieram as notas do Pedro bastante boas mas fraquejou em Desenho e em Português a média continua baixa. Aliás insiste em que não entende a professora e precisa de aulas particulares, no que a Isabel Maria corrobora. Veio um novo registo de Portugal com um pagamento de taxas de 46 cruzeiros mas recusaram-se terminantemente a entregar.

Que ironia a vida da Alice, coitada. Fica sozinha a tratar dos negócios deles:... e da sogra! Deves concordar que atinge o cómico!

O nosso capitão não conhecerá um banco que nos mande ao menos os maquinados cem dólares sem mais justificação que a explicação verbal? O câmbio manual está impossível, já está em 855 cruzeiros o dólar.

Nada mais, meu amor. Não percas tempo nessa coisa da Giroflé. Feita aí não poderá o Casais dizer que estando aqui, com ele, nada lhe disseste, o que é, está-se mesmo a ver, mais uma falta de dignidade...

Espero-te quarta-feira à noite. Virás?

Beijos dos pequenos. O Nuno já tem dois dentinhos, em baixo, e sente a tua falta.

Muitos beijos da tua

Mécia

Araraquara, 4/8/63

Meu querido Jorge

Imediatamente após ter mandado para o correio uma carta que te escrevi ontem à noite apareceu aqui o Saffioti que me disse ir para S. Paulo ficando aí no Largo de Santa Cecília. Resolvi aproveitá-lo para o caso dela não te chegar a tempo às mãos.

É que tenho estado a cismar na coisa que te disse o Casais em relação à Giroflé e, mesmo passada a noite, entendo que a única solução é pedires a imediata demissão da sociedade. Repara que a coisa deve ter sido realmente discutida entre eles, visto que, tendo tu pedido 60 contos te deram 50 sem nunca te prestarem qualquer satisfação. Acho que deverias escrever uma carta seca dizendo que só agora ficaras sabendo que o facto de te teres feito pagar por um trabalho que dadas as conhecidas dificuldades financeiras em que vivemos e o excessivo trabalho em que, para as superar, vives mergulhado, nunca te passara pela cabeça que tivesse sido pedido a título de amizade ou camaradagem. Em vista de só agora teres tido conhecimento que isso foi considerado um golpe na editorial tu pedes a tua imediata demissão de sócio destinando 50 contos da cota-parte ao reembolso do dinheiro cobrado e o restante devendo ser entregue ao Sidónio Muralha. Jorge, a editorial não foi nunca, nem será nunca, para te servir mas para servir os interesses ou as vaidades dos outros. Os dirigentes não são teus amigos mas compinchas do Casais; este foi o primeiro sinal dos atritos que irão seguir-se até dar coisa grande. Acho que deves retirar-te enquanto é tempo. Ricos nunca seremos e esperemos que não venhamos a precisar dessa editorial para viver ou morreríamos de fome. Se concordares comunicas, unicamente, ao Lemos a resolução que tomaste, escreverás ao Sidónio umas letras breves se o não encontrares em S. Paulo e contarás tudo ao Sarmiento Pimentel, a quem entendo que deves pormenorizadamente contar a conversa do Rio. Afinal a falta de carácter também será dele, não foi ele quem escreveu ao Cidade? Até poderá ser dito que te traiu... nesta distorção de ideias! Entendo que deverás fazer isso aí, para que o Casais não diga que, estando tu aqui, nada lhe disseste agindo pelas costas pois que, evidentemente, não vais pedir-lhe licença para uma coisa destas. Porque das duas uma: ou a coisa parte só dele e será chamado à barra pelos outros ou foi de todos e então que vão à fava.

Aqui tudo em ordem, felizmente. Beijos dos pequenos. Um grande beijo da tua

Mécia

Entrega à Cláudia a bula junto e dá a ambos saudades minhas.

Mécia

Araraquara, 13 de Dezembro de 1963

Meu querido Jorge

Inesperadamente, pela necessidade de comunicar-te os acontecimentos que vão acontecendo pela Faculdade arrisco esta carta que não sei se irá encontrar-te pois nem sei se estarás realmente no Nelba ou até no Rio, o que o Saffioti terá procurado confirmar antes de a pôr no correio.

É o caso que ontem na reunião de conselho o digníssimo director declarou que não nomeava acessor porque os três nomes sugeridos lhe não mereciam confiança. Parece que o Casais se esquentou o mesmo acontecendo com o Alcides, no caso visado directamente. O Saffioti manteve-se na retaguarda por entender que o caso diz respeito mais à Congregação do que ao Conselho. Na mesma altura S. Ex.cia declarou que o Conselho Estadual, por parecer do Liberali, emitira parecer desfavorável à contratação do Borba por entender que ele só tinha curriculum para, quando muito, assistente.

Depois disto foi marcada uma congregação para o dia 19 às 14 horas. Tu saberás da conveniência de estares presente mas é esta informação a razão da minha carta.

Além disso vieram hoje mais provas do «Ocidente»; veio uma carta do Amora devolvendo a adenda visto que a revista já está pronta e até em fase de envio. – A carta é muito doce e diz que tratará do teu contrato na reunião que deverá ter-se realizado ante-ontem, quarta-feira; veio uma carta do Cunha Rego¹³³ muito simpática que insiste na tua colaboração e na tua visita a casa deles; veio ainda um bilhete da Sílvia dizendo que vai de férias sem ter tido tempo de acabar o trabalho mas estará de volta nos primeiros dias de Janeiro. C'est tout em matéria informativa.

A Isabel Maria teve as notas que mais ou menos contava sempre acima da necessidade mas sem brilho notável como o caso requereria. Fica pois por resolver o caso da matemática. Ontem a D. Maria José Bueno, que encontrei na escola onde fui assistir à diplomação da Mariana que não se conformou que eu não fosse, ficou de contactar uma D. Dalva que unanimemente é considerada o melhor que há a par do Sr. Ulisses do IEBA. O Pedro ficou com três cadeiras para segunda época pela tangente. É totalmente inconsciente e já hoje me vinha prazenteiro pedir para ir para a piscina. Merecia uma boa sova: Português, Desenho e Ciências.

Hoje irritei-me com a D. Zélia e mandei-lhe um recado.

Imagina que me mandou um fato para a Joaquina onde caberia a Mariana. Matei-me a desmanchar o desmanchável e na dúvida que verifiquei posteriormente ser fundamentada, de que ela ainda não coubesse nele mandei-o lá para ela provar. Fez um disparate que ali não era lugar de provas, não sei que mais. Quando as pequenas voltaram mandei-as ao hotel dizer-lhe que se ali não era lugar de prova eu também não era costureira e muito menos entendia de roupas de balé. Ficou logo doce, não senhora, mandasse amanhã de manhã para ela ver.

Entretanto chegava a Eliete com as novidades da Faculdade.

Estou mais exausta que nunca.

Fui ao concerto. Bastante fraco. O violinista nunca deveria ter saído do género café-concerto, além da agravante da decadência. O quarteto de Mozart foi um desastre. O quinteto que reconhecerias logo de tal beleza que resiste a tudo além de que era comandado pelo pianista que era bom. Havia no grupo um violoncelista de conjunto magnífico.

Nada mais que me lembre senão saudades tuas.

Beijos da tua

Mécia

[s. l., s. d.]¹³⁴

Jorge

Aqui vai o exemplar da Literatura que, creio, ainda não deste ao Fausto.

Precisava que levantasses para já 40 contos. Podes pagar na banca (e se já leste o jornal manda-mo) e talvez a metade no Brasil.

Não esqueças o assunto Fafe. E não venhas tarde porque preciso de mandar ao talho e não tenho o necessário material aquisitivo.

Abraços afectuosos à Carmen e ao Fausto. Manda a Joanhinha à D. Celfa saber se chegou bem e se precisa de algo.

Beijos da tua

Mécia

Araraquara, 10 de Janeiro de 1964

Meu querido Jorge

Chegou ontem, finalmente, carta do Gedeão¹³⁵ que responde à cópia da tua que eu lhe enviei.

Hoje veio carta da Corália com esse cheque dentro. Aqui no Banco declaram que só pode ser recebido em...Nova York! De qualquer forma é possível que entre o Rio e São Paulo a transacção seja mais fácil. Podiam ter feito como o ano passado que sem complicação o dinheiro me teria neste momento caído do céu. Enfim como para nós tudo sempre é complicado, paciência.

Apareceu ontem aqui a Sílvia que vinha buscar as fotocópias para acabar o trabalho. Hoje vai para S. Paulo com demora de uma semana e falará com o Zeferino que lhe pediu que o procurasse. Sabia, por alto, da vergonhosa recepção «em palácio». O Peschuma terá vindo ontem de lá mas não tive ainda por quem saber nada a não ser que o Pinho terá sido ou será operado hoje. Isto soube pela D. Selpha que apareceu para nos convidar a ir amanhã ao aniversário do Stanley. No fim, quando se retirava, ia dizendo que na realidade depois confirmava porque o que ela queria era ir para S. Paulo. Aquela aflitiva instabilidade de sempre. Afinal, e ao contrário do que eu julgava, o contrato dele ainda não saiu e agora está convencido que tem de fazer mesmo o doutoramento!

A Sílvia disse-me que falando ao Liberto na impossibilidade de ser cumprida a cláusula da permanência na Faculdade sem prévias condições ele lhe respondeu – que ora essa, não era para ser interpretado à letra que os trabalhos e pesquisas realizadas eram suficiente garantia disso. Nessa altura ela retorquiu que urgia então que ele fizesse esse esclarecimento aos directores para indicar as áreas de atrito entre directores e professores.

Tudo o mais como sempre. Continua o calor. A «M. José» continua a desancar o sistema prisional da Guanabara que é de facto ao nível de Peniche.

Escreve se poderes. Dá lembranças a M. [Maria] de Lourdes e ao Alexandre Eulálio.

Quando, exactamente, voltarás? O Lemos já é tri-pai?

Beijos muitos, beijos e saudades da tua

Mécia

Rceb. dia 21

Araraquara, 11 de Janeiro de 1964*Meu muito querido Jorge**Sem novidade cá chegou hoje o 2.º volume dos Anais de Arzila tão desejado. Diz o Arnaldo de Oliveira que é, justamente, o mais difícil de encontrar. A tua carta já chegou em pleno leilão mas diz ele que te comprará o que ainda for possível. Acusei a recepção imediatamente.**Juntamente veio uma carta do Cidade que caiu de cócoras com as tuas letras. Ficou comovidíssimo. Diz que já vem a caminho o «Colóquio» com a crítica feita à tua Literatura pelo Luís de Sousa Rebelo a quem a encomendara especialmente. Veremos o que sai dali. Quem sabe se, entretanto, terás visto aí.**Também chegou carta da Edneia que diz ter ficado com Sociologia para 2.ª época pelo que não deverá poder vir. Foi para mim um grande alívio, pois a contenda como estava temia a toda a hora vê-la entrar pela porta dentro. Queira Deus que consigas receber o cheque do Setas que ontem te enviei e constituirá reforço para ti já que o não constitui para mim, nesta tão oportuna ocasião.**Esta manhã apareceu a mulher do zelador com recado que os Stanleys haviam viajado para S. Paulo. Também constituiu para mim grande alívio pois ia lá sem vontade nenhuma.**Que dizes da situação do Panamá? Nada conveniente para os E. U. nesta emergência da trama Venezuelana. Não nos é possível, contudo ter sequer esperanças de que o tiro lhes saia pela culatra. Parece que o «Paris Mach» faz uma imensa reportagem sobre o caso Kennedy em que acabou por acusar frontalmente o FBI pelo assassinato.**Também foste ver a Bardot? (Sabes o que quer dizer? – «Mulo pequeno + Feg. (começa, o que serve de alvo de zombarias» com franqueza podia ter arranjado um nome melhor!)**Os pequenos lá continuam mais ou menos agarrados aos livros. A Zezinha está desde ontem um pouco febril mas espero que não passe de pequena constipação. O Nuno abana que não com a cabeça a tudo que se lhe diz. Fica impagável e ele mesmo se ri tomando como gracinha.**Continua o calor e a invasão de mosquinhas intensificou-se de tal modo que ao fim da tarde é impossível: caem na comida das crianças, entram pelos olhos e pela boca, enxameiam de volta das cabeças e nos ouvidos que é de impacientar um santo. Ontem e hoje não havia onde parar, era infernal!**Ter-me-ás escrito? Não deixes de fazê-lo sempre que possas.**Como encontraste os ares cariocas do Casais desta feita? Terás ido lá almoçar? Eu entendo que deverias esquivar-te porque precisamente isso faz parte da mão que te é passada pelo pêlo para disfarçar a indelicadeza comigo. Por que convite lá e não cá? A casa não é mais deles do que esta e lá, precisamente, não há a boa cozinheira que existe aqui.**Beijos para ti, muitas e muitas saudades da tua*

Mécia

Araraquara, 13/1/64

Meu muito querido Jorge

Tinha eu chegado à janela para ver o pachequico cortejo (bastante fraco e no contorno do largo não vi que parasse viv'alma) quando passou o Peschuma. Está de partida para S. Paulo onde deverá amanhã tomar posse do lugar no J. A. P. I. Vai ganhar mais de 3 vezes do que ganha aqui e sai com grande alívio.

Disse-me que a equiparação e portanto a verba atrasada estão tremidas por acção intempestiva de Rio Claro. O Lia ficou de estudar amanhã uma possibilidade de acção conjunta já que hoje estava muito ocupado.

Entretanto vou ter, com certeza, que me socorrer de alguém pois o dinheiro não vai dar para mais dez dias apesar de eu ter pago só metade na farmácia.

Nada veio no correio senão que esqueci de dizer-te que veio um pacote de 6 livros da Cultrix («Os livros que abalaram o Mundo»). Viste que o Carpeaux fez para a colecção deles a Literatura Alemã? Será que o levaram com um contrato igual ao teu?

O Pinho foi operado na 6.ª feira e parece que tudo correu bem, pelo menos até poucas horas depois.

Não esqueças ir ao Bloch.

O comentário do Cunha Rego de hoje sobre o Panamá era muito incisivo. Tem graça que ontem à noite eu dissera quase textualmente o que ele diz, à D. Fany. Mas como pode ser tão vaga a informação política de uma professora liceal! Estava muito entusiasmada com as declarações de um político «muito falado», «muito bom», «muito conhecido», francês. Eram as declarações de apoio ao reconhecimento imediato da China! Dos acontecimentos paname-nhos... nem dera por isso. – Lindíssima canção italiana que estou a ouvir, uma coisa classicizante – «Aria di Neve»!

Bem mereço a aprovação dos pequenos na 2.ª época: levo o dia inteiro em cima deles, mas estão todos uns cábulas eméritos.

Eu é que fico exausta para resultado mínimo.

Viste a crise na ainda não Universidade Nacional de S. Paulo? A Congregação da Paulista furiosa com a nomeação do Conselho por entender que a ela cabe pôr e dispor na organização. Sempre a mesma coisa. No fundo não quer ser incorporada, quer ficar a reger a banda. E esse Pedro Calmou bem precisava de uma martelada na cabeça. Quando morrerão essas múmias infectadas? Mas para dizer a verdade o endeusamento do Alceu já começa a enjoar. Aliás, aqui para nós, eu acho-o um pouco acérrimo... ainda ontem não consegui chegar ao fim de um artigo de pata-ti-patatá que vinha na «Folha» sobre a Universidade. Falam da Universidade Brasileira como se estivessem a plantar uma Oxford que afinal das contas, se virmos bem, é capaz de já estar um pouco carunchosa.

Na «Folha» vinha um poema muito bonito da Cecília, pena que fosse poesia nitidamente «feminina» com o que eu embico por princípio.

Não te esqueças de acusar a recepção do cheque da Corália porque fico a temer que te não seja entregue.

O tempo refrescou bastante hoje, felizmente. Tenho a impressão que o Lacerda veio pacatamente em família. O Pedro que a meu mando foi passar pela Faculdade verificou que não havia Zé Povinho, só a gente que entrou para a solenidade, gente, é claro, muito auto-mobilizada.

14 /1/64

Ainda hoje não veio carta tua. Temo que telefones para o lado mas que o Sr. Ivo esteja a cumprir a obrigação de passear a «Zorba»...

A Zézinha apareceu hoje com uma erupção na pele: só faltava outra série de qualquer sarampo.

Beijos muitos da tua

Mécia

Araraquara, 15/1/64

Meu querido Jorge

Sem novidade maior. Do correio apenas dois recortes um sobre o Brecht (daqueles que a editorial manda) outro ainda no chorrilho de nomes do recital.

Precisava que me trouxesses sem falta Arobon, aí era mais barato do que em S. Paulo, sobretudo naquele depósito, Vieira, se me não engano. O Nuno anda um pouco esquisito e não vale a pena pedir aqui para chegar daqui a um mês.

É só, tanto mais que a Joaquinha espera para sair que eu lhe entregue esta carta. Contava ter notícias tuas hoje, mas nada veio. Estou preocupada por causa do cheque.

Beijos muitos da tua

Mécia

Araraquara, 31/8/64

Jorge

Uma vez que terás de ir ao «B. [Banco] do Estado» (e não esqueças o cheque do Clóvis) vê se o ordenado está a pagamento ou podem dar um «geito». Assim farias de lá mesmo a transferência, levantarias para a viagem e 50 para mim e evitava mais transferências de banco pois que amanhã pagando renda, cooperativa, condomínio... lá se vai o resto.

E pede novo livro de cheques e verifica o saldo após tudo em ordem.

Se vires o Dante pergunta se não saem daqui e avisa-o de que lhe telefonarás 5.^a ou 6.^a (ou talvez no sábado já possas dizer mais e com ligação mais rápida)

Um beijo da

Mécia

Araraquara, 1/9/64

Meu querido Jorge

Correio – uma carta da Pinta bastante amável anunciando a publicação do Dante agora e da Aniceta no próximo. Indica-te o Antônio Machado Faria como genealogista que possa servir-te. Aceita a colaboração do Pinho mas que não exceda as 30 páginas e acrescenta em post-scriptum «sem qualquer má intenção, continuo em sobressaltos quanto ao fim da nossa Inês!...» E lembra – pede o Casais.

Veio a Mulher de Luto.

E veio uma carta semi-malcriada do Barradas. Diz que ele, tu e o Urbano são apenas vítimas da «caça às feiticeiras» mas que ele lamenta que tu e o Casais não tenham protestado em público como tinham obrigação. Vou ver se o Casais está cá para lhe dar a ler o morceau, e avisa-o tu em S. Paulo, se o encontrares. A coisa é quase agressiva.

A Márcia esteve aqui ontem e pôe o telefone dela à disposição – 3729.

Contudo vai 6.^a feira para casa e só volta na 2.^a de manhã e não estando a avó-madrasta não dorme em casa. Ela deita-se tarde.

Começou ontem o chinfrim da Pátria. Coisa sem imponência, sem gente, Storniollo falando à meia-noite. Nem a banda chinfrinando conseguiu acordar todos os moradores do largo. Hoje às sete horas da manhã dose reforçada. Chinfrim medonho de fanfarra, IEBA desfilar, mais Storniollo e uns tantos gatos. A dose repetir-se-á duas vezes ao dia durante a semana. Era caso de ir para fora estes dias. Depois a gente fica a pensar na exaltação patriótica dos nazis e dos fâscios e sente arrepios apesar da consciência da situação não dar vez a surpresas.

Dá um abraço ao Joel e que dê à esposa muitas lembranças minhas. Que tive pena de não o ver.

Os pequenos bem.

Beijos muitos da tua

Mécia

Araraquara, 4/9/64

Meu muito querido Jorge

Passaram dois dias sem te escrever. Ante-ontem não te escrevi por estar na expectativa de resolver-se ou não o caso relacionado com o Dr. Amaury (tudo em ordem); ontem porque além de manter-se certa indecisão me apareceu aqui a mãe da Leda quando justamente ia sentar-me à secretária.

Envio por este correio uma cópia da carta do Barradas ao Sarmento Pimentel, assim ele dará a ler ao Casais, se este por lá aparecer e conversarás na volta do Rio a ver se vale a pena fazer alguma coisa ou pura e simplesmente mandá-lo à fava. Mandar-te a ti corria o risco, que esta carta corre, de já não encontrar-te no Rio.

Nada mais. Correio não veio a não ser que tenha ido para a Faculdade onde mandei o Pedro que não voltou ainda. Ontem ainda não chegara o dinheiro de Rio Preto e o do ordenado está praticamente evaporado, apesar da inflação estar tão reduzida (!) Que se estará passando no Chile?

Imagina que uma das propagandas do Frei foi a declaração de apoio à candidatura dele... feita pelo Pelé!

Veio uma tua aluna (M. Aparecida) pedir a «estrutura dos Lusíadas» visto que a biblioteca está fechada por 20 dias. Emprestei-lhe o folheto não anotado após ter feito as corrigendas de erros de contagem no outro apontadas.

Não sei se viste aí o «Colóquio». O R. [Ramos] Rosa diz nele claramente o que só titubiando conseguira dizer antes – fora o sub-consciente a funcionar pra evitar peso de opinião antes da decisão do Grémio! É uma coisa não grande mas pão-pão-queijo-queijo. Só que diz que te inspiraste assim «optimista» quando é o único caso justamente de figura aplicada e não objecto-inspirador. Enfim males de não se saber ler, bem faço eu que leio ruminando! Não discutimos dias de regresso teu possivelmente Quinta? Sexta?

Ter-me-ás escrito?

Os pequenos bem. Estou ansiosa por ir sabendo alguma coisa de tantas incumbências que levavas.

Os pequenos mandam-te beijos e saudades.

Beijos, muitos da tua

Mécia

Araraquara, 5/9/64

Meu muito querido Jorge

A tua voz soou-me tão agradável, tão clara que me estava a custar desligar o telefone. Logo após telefonei ao Paretto. A carta da Maria de Lourdes ainda não chegou mas ficaram cientes (o Aldrovandi chegou esta manhã para seguir amanhã); foi atenciosíssimo com palavras sempre de imenso apreço por ti; disse-me ainda que a tua tese caminha mais depressa do que se previa. É curioso que dá a impressão que ele e o Aldrovandi tomam o caso como deles. Não deixa de ser consolador no meio de tanta porcaria. Disse-me que o dinheiro depositado era uma parte e esperavam que a situação viesse a normalizar-se totalmente, em breve.

Não cheguei a entender o que se passava com o Thiers mas espero que tenhas resolvido o assunto entretanto.

Essa do Óscar é muito boa. É curioso como o Ceara Cardoso possa estar tão preocupado com a ofensa feita ao crítico e se não tenha preocupado com as ofensas que o crítico possa ter feito ao criticado. E entretanto deixaram passar quase dois meses. Porque se aquilo lá chegou estando o Óscar para embarque em Lisboa e estando este marcado para 31 de Julho, levou tempo a chegar aqui o eco! O Costa Barreto também está precisando de umas boas palavrinhas.

Nada veio pelo correio nada mais aconteceu. O chinfrim continua aqui duas vezes por dia mas amanhã, para terminar, haverá chinfrim por quatro vezes: içar da bandeira, às sete; desfile, às 9; arrear, às 18, apagar da chama, às 24.

À tarde apareceu aqui a D. Selpha. Está farta – acabo de ouvir que morreu o Santiago Dantas, fiquei siderada! E que falta faz apesar de tudo. Os tempos são favoráveis para corja, não resta dúvida.

Ia eu dizendo que a D. Selpha diz que o Stanley está insuportável cada vez mais neura e mais ensimesmado; que não quer ir a casa de ninguém e a nossa casa é a única sugestão que aceita. Que ele não fez sequer o trabalho para os ingleses, da fonética. Por sua vez a Márcia também quando esteve cá me falou dele dizendo que está cada vez pior que os alunos encaram a hipótese de fazer representação ao Director.

Nossa Senhora, o Santiago Dantas, estou varada. Não resta dúvida que ele estava a morrer como se dizia; bem que nos EUA lhe davam só mais 2 anos de vida, que devem estar a cumprir-se. E tanta gente precisaria de ter um trangolo e não tem.

Perdi mesmo o fio à meada, amanhã continuo. A verdade é que também são horas de ir para a cama ou pelo menos de começar os longos aprestos para tal.

Boa noite, meu amor.

Agora me lembro: a Sophia numa entrevista diz que se tivesse ganho o teu «admirável» livro ela ficaria tão contente como se fosse o dela.

Beijos, muitos beijos da tua

Mécia

Jorge

Aqui vai o exemplar da Literatura que, creio, ainda não deste ao Fausto.

Precisava que levantasses para já 40 contos. Podes pagar na banca (e se já leste o Jornal, manda-mo) e talvez metade na Brasil.

Não esqueças o assunto Fafe. E não venhas tarde porque preciso de mandar ao talho e não tenho o necessário poder material aquisitivo.

Lembranças afectuosas à Carmen e ao Fausto. Manda a Joaninha à D. Selpha, saber se chegou bem e se precisa de algo.

Beijos da tua

Mécia

«Resp.»

Araraquara, 28/1/65 (está 64)*Meu muito querido Jorge**Recebi esta tarde o teu telegrama do Rio quando te pensava ainda de viagem para lá por me parecer que não poderias fazer tudo na 3.ª feira. Vejo, pois, que foste pelos conselhos do Hélio, quanto a hotel.**Por aqui tudo decorrendo com normalidade.**No domingo, depois que todos se foram (os pais da Maria muito atenciosos e chorosos), fiquei exausta e os pequenos numa tal excitação que o José Manuel quando me veio buscar ficou pasmado porque ainda os não tinha visto naquela euforia indisciplinada. Lá os meti na cama a muito custo e fomos ver a «Europa 3». Sem interesse. Uma exploração por vezes de um mau gosto incrível. Só por raras coisas valeu a pena ter ido. Imagina que começa logo pela saída dos barcos dos Açores na praia da Nazaré... para a pesca da baleia, ao som do fado com uma fadista horrorosa. Claro que nos Açores não há praias e assim fica muito mais bonito, contudo deu-me logo a medida da honestidade do filme.**Quanto à «Virtude e o Vício», que é do Vadin-Vaillant, é uma coisa falhada que quase vira palhaçada, com coisas muito boas; muito boa interpretação da Deneuve (a prostituta do Rocco); uma magnífica montagem dos documentários e fotografias da queda e libertação de Paris, da entrada dos Aliados na Bretanha, dos bombardeamentos de Berlim, etc. Uma pena que seja um falhanço. Amanhã irei ver «O crepúsculo de uma paixão» e, se estiver disposta, no domingo os Assassinos que não marcaste e é um conto do Hemingway. Deixei para o fim o Lawrence. Raras vezes um filme me enche tanto as medidas. Excedeu toda a minha expectativa. Vi-o sem o mais leve cansaço e sem dar pelo tempo. O deserto explorado com verdadeira paixão é afinal o grande protagonista. E é um deslumbramento. Há coisas inesquecíveis (o regresso dele com o homem que salvou de morrer perdido e a correria dos camelos que na euforia dos montadores se ultrapassam... uma coisa de um «suspense» inexcelável e verdadeiramente comovente). Veria novamente com todo o gosto. Os efeitos das reverberações da areia são de uma fantasmagoria impressionante com a deformação que provocam das imagens; os efeitos do céu; de todas as possibilidades da luz no deserto a todas as horas... um verdadeiro fascínio! E todos eles magníficos nas suas interpretações e caracterizações. Encheu-me as medidas, realmente.**Em compensação comecei a ler a Pierre do Balzac e não suportei. É certo que ao contrário de ti, nunca fui grande entusiasta do Balzac mas a verdade é que cada vez mais se me afasta o espírito daquele remoer de desgraças e das donzelas torturadas.**Nada veio no correio que mereça menção especial. Amanhã irei tratar do teu cheque e do Casais e se não houver qualquer contratempo, que então direi, enviar-to-ei nesta carta mesmo. Como foi resolvida a verba da Fundação? Recebeste o cheque dos Setas?**A Manelinha e o Pedro têm o primeiro exame já na próxima 2.ª feira. Vamos a ver.*

A Sílvia e o Renato vieram anteontem aqui e devem ter embarcado ontem. Os projectos dele são para 2 ou 4 anos e, sendo possível, ficam por lá.

Creio que nada mais há. Falaste com o Aldrovandi?

Ante-ontem estive a arquivar correspondência – de tanto me levantar e baixar ainda hoje mal consigo mexer-me.

A Zézinha apareceu ontem com diarreia de sangue e febre altíssima. Como o Dr. Amaury está de férias tive de recorrer ao Dr. João. Hoje está bastante melhor. Precisava que me trouxesses 2 latas de Arobon. Naquela imensa drogaria («Vieira», salvo erro) é muito mais barato. Lembras-te onde é?

Lá se foi o Churchill! Que a terra lhe seja leve! Quanto ao 1.º de Abril não foi afinal uma revolução mas segundo o Pedro Aleixo, uma «contra-revolução preventiva»... um mimo até parece uma definição do Salazar.

O tempo irregular e quente-chuvoso não permite que os pequenos vão à piscina para meu sossego de manhã e aquele salutar quebranto que dura o almoço e abrange uma menor eficiência da sesta.

A Joaquina descobriu ontem que tenho nas costas uma mancha escura que vai da clavícula esquerda à espinha, bem mais de um palmo. Poderá ser ainda qualquer derramamento ao fim destes meses todos?

A Zézinha já me perguntou por ti imensas vezes mas em compensação um outro há dois dias perguntou por ti... não tinha ainda dado conta que tinhas viajado no domingo, apenas dava pela ausência.

Estou cansada, cansada (fui hoje de tarde à Cooperativa).

Beijos e saudades da tua

Mécia

P. S. – Aqui vai o cheque que não é visado mas cruzado porque não visam mais. Por este correio segue o do Casais que visam a título de grande excepção.

Mais beijos da tua

Mécia

Araraquara, 30 de Janeiro de 1965

Meu querido Jorge

Acaba de chegar o convite de Wisconsin. É uma carta muito atenciosa embora dentro do formal necessário e da qual posso extrair o seguinte: oferecem-te o contrato desde Setembro aos primeiros dias de Junho com o vencimento de onze mil dólares. Se ficares no período das férias terás o adicional de 22 por cento, ou seja, \$2.420. Pagam ainda a tua viagem de avião do Brasil a Madison. Terás sete a oito aulas por semana, uma das quais poderá ser seminário, outro possivelmente sobre o romance brasileiro, uma terceira de visão geral (general survey course). Isto sem absoluta fixação, em todo o caso. Pedem resposta o mais rápida possível. A carta está datada de 26 de Janeiro. Uma do Wilson Martins que chegou juntamente e datada de 22 ainda não falava nisso senão como expectativa, além de te pedir com grande urgência, um trabalho para a «Luso-Brazilian Review». Pede coisa ponderosa, diz que não pagam nada mas tem imensa repercussão, diz ele que já fizera o pedido possivelmente na carta que se perdeu.

Uma carta do Alexandre Cabral também chegada, concorda em absoluto com a retirada das cartas e do trecho que indicaste. Dá-te carta livre para fazeres o que quiseres independentemente de prometer adoçar o que for possível nas provas. Está preocupadíssimo porque o filho, estudante de Medicina, está preso desde o dia 21 e diz não ter neste momento cabeça para pensar no Ramalho.

Carta do Fafe acusa a recepção do dinheiro, agradece, é muito amável e o desânimo que transpira é total.

A par disto executei por minha conta e risco e sem qualquer ideia de compromisso, uma sondagem junto do Jorge Cury, por estar já a prever que a situação dos EE. UU. se resolveria e ficarias desarmado. Recebi uma carta em que o rapaz diz que seria para ele honra imensa e satisfação imensa trabalhar contigo mas se não sente com forças para um lugar de Literatura Portuguesa pois se acha ao nível do ensino secundário (será que ele tem ilusões do nível universitário?). Diz que por duas vezes tentou Assis para a Linguística onde se sente mais seguro mas... não pertence aos afilhados. Eu creio que é de insistir pois não vejo quem possa segurar-te o lugar a partir de Setembro com mais honestidade já que o Edward fica para esse efeito, fora de causa, como desde início eu previa. Diz mais o Jorge que a mulher tem neste momento vaga aqui e ele mesmo tem possibilidade de concurso de remoção aqui em Fevereiro. Ora segundo me diz o Borba há vaga de Português no Ginásio da Vila, isto quer dizer que ele poderia trabalhar até Agosto contigo, por exemplo, e nessa altura entrar para assistente se bem que pareça muito melhor que quem venha a ficar comece já em Março a trabalhar contigo. O tempo urge e penso que o melhor seria escrever-lhe a dizer qualquer coisa já como sondagem mesmo e não como vaga e inteiramente non comittal, eu fiz.

A Universidade de Wisconsin, no caso que eu acharia conveniente de acusar a recepção da carta, é Luso-Brazilian Center – 540, University Ave. A morada do Cury é Rua Luiz Piza, 288 – Assis.

Uma vez que eles não prevêem passagem para mulher ou filhos, terás de ir sózinho. Que isso contudo não seja obstáculo. Poderás até talvez, procurar melhor uma fixação e não criar um caso consumado ao qual nos amarrássemos como acabámos por nos amarrar no Brasil. Esqueci dizer-te que quem assina a carta é Lloyd A. Kasten.

É tudo e embora esperasse todos os dias estou meio atordoada. Escreve.

A Zézinha já está boa. Ontem fui ver o «Crepúsculo de uma paixão» poderia ser excelente se fosse inglês e tivessem tido a coragem de não fazer happy end. Assim é apenas um bom filme com uma boa interpretação, mas o Lawrence... não consigo esquecer!

O Nuno esta manhã perguntou por ti insistentemente. Saudades de todos. Beijos muitos da tua Mécia.

P. S. – O Casais teria recebido o cheque?

E recebeste o meu?

Rio de Janeiro, 31/1/65

Minha querida Mécia, meu Amor

Quando receberes esta carta, já terás entretanto tido notícias minhas pelo Clóvis e a Marina que (com o João Paulo e a mulher) terão passado por aí amanhã ou depois, de passeio a Brasília e Minas. Logo que cheguei, mandei-te um telegrama que por certo recebeste, a dizer que estava no Hotel Marialva. Com os vistos que me haviam dado em Araraquara e São Paulo, acima dos mesmos de turistas aqui, e a dificuldade de arranjar-se lugar, eu telefonara (na 3.^a f. de manhã) de S. Paulo ao Casais, pedindo-lhe que me procurasse lugar, de preferência este hotel que sabia barato. E, quando na mesma 3.^a f. telefonei de casa do Pimentel, onde almocei, tinha o apartamento reservado aqui. E não há festejos nem turistas que se vejam nesta cidade em que não noto diferença. O calor tem sido pavoroso, e logo na 5.^a (com alguma coisa comida na 4.^a) adoeci com uma desandança horrorosa e febre – qualquer coisa que comi, ou assanhamento da amibiana que devo ter. Só ontem à tarde, e mais exactamente hoje me senti bem. Também hoje estive sol (até ao chubaréu de fim de tarde), ao contrário da semana, com calor e chuva. O calor, a chuva, a doença, os sapatos novos, e os óculos novos, tudo junto – foram demais para mim. Com o calor e a chuva nada posso. Os intestinos tratei-os a Mexaforano que foi um inferno encontrar e acabei fazendo uma despesa estúpida: estando com o António Pedro queixei-me que o não encontrara, e ele mandou o empregado comprar uns quantos – o rapaz trouxe uma caixa que, no fim de tudo, tive de pagar! Os sapatos só os calço para ver a Deus, pois me magoam na sola do pé, muito dura. E os óculos, não os suporto, perco o equilíbrio, tropeço em tudo. Uma chatice. A única coisa em que há diferença turística, aqui, é o preço da comida: almocei numa miserável tasca, hoje, que me cobrou 900,00 (fora o resto) por um pobre bife (que aliás estava bom) – é tudo daí para cima, com os preços marcados em ementa autorizada.

Em São Paulo, estava um calor húmido como este daqui – habituado longamente às securas de Araraquara, não aguento isto. Escorro em suor a cada instante, pela cara abaixo. Na 2.^a feira, almocei em casa do Lemos, e depois estive com ele no atelier, à palestra. Sabes como ele curou uma amibiana (e os sintomas dele eram iguais aos meus)? Com o velho remédio do século XV: azeite com pimenta, uma colher de chá todas as manhãs: só tomou 3 ou 4 dias. Estão bem. A Giroflé (e com ela o Sidónio que esbanjou tudo quanto tinha, à boa maneira africanista que vimos nos nossos primos) é que entra em concordata com os credores. Durante dois anos não paga nada. Mas também não tem crédito. Pifou. E sabes porquê? Porque o grupo de judeus, levado pela mulher do Fernando Silva, não concedeu moratória (picados por ela, em vingança, e certamente por solidariedade israelita). Ai o anti-semitismo! Na própria noite de domingo aturei do Pimentel pedaços do 2.^o vol. das «Memórias» a cair de sono e de cansaço. Na 3.^a feira, na Fundação, fui muito bem recebido pelo Cavalcanti e pelo Bandeira de Mello, dulcíssimos, honra para baixo, honra para cima, mas nada de resolver-se a 1.^a prestação de contas (ou quem deixá-la morrer esquecida). O hotel não tem uma mesa, estou escrevendo sentado na

cama, agora vejo com a letra pop pela página acima. Mas o caso é que eu não sei já – e detesto – escrever à mão – que letra de gato, santo Deus!

Não consegui ainda encontrar o A. Eulálio que, agora (segundo declarara), não se incomoda com ou por ninguém, eu inclusive. Deixei-lhe recado a dizer onde estava (e ele em casa não tem telefone) – e nada. Não fui também ainda à Agir que guardo para a semana. Tenho trabalhado no Real Gabinete Port. [Português] de Leitura – com enorme proveito. Receberam-me muito bem, com grandes vénias, quando souberam quem eu era (nunca sabem), e deram-me o precioso catálogo de há 60 anos (que para o que importa, é o mesmo de hoje). O que eu não consigo descobrir em parte nenhuma é o cabeçalho da carta do donatário ao tal Martins Ferreira. Todos a publicam dizendo que é para ele ... mas não se vê como o seja, se ele é quem dizem. O que eu quero, ao menos, é descobrir onde a conversa começou.

Tenho ido ao cinema (caríssimo – 500 e 600 crzs). Revi um velho Billy Wilder, de 1937, com o Tyrone, a Marlene e o Laughton: o filme já não resiste bem. Mas o Laughton e a mulher dele, num papel secundário, são de antologia. Vi La Peau Douce do Truffaut (que vale a pena, mas não é maravilha); um lindíssimo filme do realizador de «G. Guerra», com o Charlin e a Cardinale e umas porcarias mais. Livros, apenas comprei (na Rodoviária, em S. P.) o célebre «Fanny Hill», o romance pornográfico setecentista mais importante da literatura inglesa. É realmente muito bom (mas eu lembro-me de algumas minúcias que faltam neste «pocket», de quando o li em francês). E comprei também, mas não li, O Vigário, a tal peça que ataca o Pio XII. Em tradução brasileira, para tu poderes lê-lo. Sinto-me incrivelmente cansado, com o calor, com andar mais do que estou habituado, com tudo – ficando velho para estar sozinho e entregue a mim mesmo. Depois, e agora vejo claramente, estou com lapsos terríveis da memória (que tanto gastei): no mesmo momento não me lembro do que ia fazer, no cinema não me lembro do que estou vendo.

Foi tão tumultuosa a minha partida daí! – com os pequenos partindo também. Nem deu tempo para falarmos os dois.

O ARR tem a dar-me 541\$00 (que já estavam pagos e portanto ele me devolve), e mais uma diferença de dinheiro, em crzs, que entreguei ao Martim. Pergunto-me o que farão com o dinheiro. Eu hesitei, porque agora a minha situação aqui não é brilhante, e acho que é melhor receber tudo. Mas ainda não pensei bem no caso. Pensarei quando estiver de novo com ele.

Estava imaginando que receberia carta tua remetida para o Casais, já que para aqui não era certo. Mas não veio nada. Também, como os correios estão, se escreveste 3.^a ou 4.^a, pode a carta vir a caminho.

Não consegui ainda nos acasos de passagem das lojas, o livro da West Side Story.

-1/2- Ontem à noite, entre estudar o catálogo do Gabinete e escrever esta carta, deixei-a em suspenso, para acabá-la esta manhã. E (são 8 e meia) veio a tua carta que neste hotel entregam no apartamento. Estava ansioso por notícias. Já esperava que gostasses do «Lawrence» – e precisamente pelo que vale: a seriedade épica, e a beleza incrível da fotografia sempre dramática, sempre personagem. Mesmo os interiores: a reunião do Congresso árabe não é estu-

penda? Mas como foto de exterior, acho que nunca se fez nada de tão belo e grandioso. A «Pierrette» de Balzac é das coisas dele que gosto menos, de entre os romances mais curtos. E provavelmente, mal traduzido, fica um pastelão. Recebi, sim, sem qualquer dificuldade, o cheque do Setas. Não consegui falar com o Aldrovandi. O Casais tornou-me a pedir que eu lhe peça pelo João Paulo. Sei perfeitamente onde se compra (e tenho comprado) o Arobon, é na Rua da Assembleia. Nada sei dizer da Silvia e do Renato, pelo que concludo que partiram em ordem. A Zezinha estará melhor? Não me pasma que um outro (será o Pedro) não tenha dado pela minha viagem – os nossos filhos são assim, e, comigo, habituados desde sempre a que eu viaje, quando um dia eu viajar de vez para o outro mundo, será o mesmo: a desatenção deles nem vendo-me morto perceberá que me perdem. Fico em cuidado com essa mancha nas tuas costas, e que eu não notara – vai, quanto antes, mostrá-la ao Amaury. E temos de resolver a maneira de irmos a São Paulo por três ou quatro dias, para fazer um «check-up» no Hospital dos Servidores. É preciso descobrir quem fique lá em casa. A mãe da Edneia, agora em Marilei, não poderia ser? Mas porque não é visado o cheque? Sempre quero ver se não dá encrenca. Muitos beijos; muitas saudades do teu do coração.

Jorge

Rio, 5/2/65

Minha querida Mécia, meu Amor

Recebi a tua carta de 30/1, com as muitas e desvairadas novas. Acabo de escrever ao Prof. Kasten, agradecendo, aceitando (em princípio), e dizendo que, de volta a Araraquara e após estudo da carta, lhe responderei efectivamente, temos de estudar cuidadosamente o caso, para ver como se fará: ir eu, agora, e V. V. quando? Ficarem aqui, à espera da estabilidade lá, ou voltarem a Portugal? Eu acho preferível a hipótese irmos todos ou uma parte (regressando o resto a Lisboa); e, em último caso, ficarem aqui esperando. Mas se virem que é possível, o melhor é ir mesmo.

Fizeste bem em sondar o Cury, a quem escreverei daí (por meia dúzia de dias, é menos uma coisa a fazer – mas, se tiveres ocasião, em meu nome insiste com ele). Por aqui não consigo nada, apesar de todo o mundo ganhar à uva mijona em comparação.

Espero ir hoje à AGIR e tratarei do caso do Cabral.

Fora disto muito adoentado do calor horrível, tenho trabalhado. Jantei ontem com os Lisboa que estão bem e almoçarei amanhã com eles. Alexandre Eulálio – nada. Provas da revista... – o Meyer não sabe onde param. O Casais recebeu o cheque sim, e eu também, como já te mandei dizer. Vi o Four Trees – magnífico – e um velho Hitchcock. 2.ª feira almoçarei com a Cleonice. E é tudo de novidades, salvo o calor húmido insuportável, e umas estranhas dores nas pernas que não sei que sejam. (Calor também?). Nada me dizes dos pequenos – estarão bem. Olha: corri (e não é metáfora) o Rio inteiro à procura de Arobon – não há, ninguém tem. As fotografias não as mandei revelar, porque me disseram que o tamanho demorava muito (como da outra vez) e é feito em São Paulo. No regresso deixá-las-ei lá, e um bilhete ao Clóvis, se ele ainda não tiver voltado, a pedir que as levanten. O Clóvis – eu esqueci-me de te dizer – apareceu aí com os Joões Paulos? Pediu-te dinheiro (o pagamento, por dias, de uma letra)? Pudeste resolver-lhe o caso?

Agora que veio o convite do Wisconsin (e eu preferia Illinois, que é menos no fim do mundo), e apesar de cada vez mais detestar isto, estou perplexo – sobretudo cansado de lutar e recomeçar a vida. Mas será isto um recomeço? Ou só um episódio de carreira? Sempre os Fidelinos se passearam de grande.

Partirei daqui na 3.ª ou 4.ª para S. Paulo.

Muitas saudades, e muitos beijos do teu do coração

Jorge

P. S. – 6 – Ia sair para deitar ao correio esta carta que escrevi ontem à tarde no Gabinete, quando recebi o telefonema do Zé Manuel, de São Paulo. Mandarei o A. P. entregar os 541\$00 ao Martim. Espero que os exames iniciados auspiciosamente tenham acabado bem. Quanto a passaporte, não adianta, porque preciso primeiro do cartão de identidade, que não tenho.

E como ainda este mês terei de voltar a S. Paulo à Fundação, tratarei então disso. O Bénard, se não fosse de Filosóficas... – assim não sei que possa fazer-se. O melhor é aí no Estado. Verei em São Paulo. O Zé Manuel, entretanto, te dará as notícias de ter falado comigo. Muitos beijos e saudades do teu do coração

Jorge

Araraquara, 2/8/65

Meu querido Jorge

Espero que tenhas a esta hora já falado com o Fortunato e resolvido das passagens que ele diz terem de ser levantadas por ti no Itamaraty.

Não consegui encontrar as «Modinhas Imperiais» do Mário de Andrade.

Também não se consegue aqui o braço da vitrola – Telefunken – serenata

Nada mais. Tudo decorre com normalidade.

Há em Nova Yorque uma Miss que te traduziu para uma antologia do Da Cal mas aspira a fazer uma por conta própria.

É «Curator» da Library of The Hispanic Society. Talvez não fosse mau enviar-lhe uma literatura inglesa. Ela pede auxílio para dúvidas.

Saudades e beijos da tua

Mécia

Rio, 17/8/65

Meu Amor

Cá cheguei às 7 e meia da manhã, e sento-me quase pela primeira vez só agora às 6 da tarde, tendo gasto só no Rio, hoje, para cima de 30 contos. O estômago dá-me guinadas de dor, mas suportáveis, e tenho tomado os remédios. Está tudo na mesma, porque o Cônsul inabalavelmente quer esperar pela autorização do Immigration Service. O visto será dado em São Paulo, porque é necessário, por ser PV, que todos compareçam à visita de saúde (a menos que o médico do consulado dispense alguém). Hoje, a conselho do Mariz, telegrafei ao Kasten (15 contos). O Scarabôtolo dulcíssimo, dá... cinco passagens, cuja guia me será entregue na 6.^a feira. Se o telegrama chegar aí, com a autorização, não precisas mandá-lo, porque os consulados recebem também. A diferença da passagem dada ajuda-nos muito. E o Scarabôtolo¹³⁶ está tão amigo, que cogita de recomendar-me para director do Centro de Estudos Luso-Brasileiros, da nova Universidade de Essex, na Inglaterra, no ano que vem... Até lá...

O Wyant, muito receoso. E o adido cultural, a quem o Scarabôtolo me recomendou por conta própria, em briga com ele, furioso por eu não ter falado primeiro com ele, ao chegar à embaixada. Pareciam comadres diante de mim. Cá e lá...

Tirei fotocópias (9 contos) da carta da Embaixada e da do Wisconsin, que afinal o cônsul não quis aceitar – mas serão necessárias – paciência.

Falei com a M. [Maria] de Lourdes Belchior ao telefone – toda ternura. Ela diz que a história do LD deve ser safadeza colectiva deles todos, e particular da Aliete. Talvez que lhe tenha chegado alguma coisa aos ouvidos. Ainda estarei com ela.

Se, entretanto, a ordem chegar, eles recomendarão ao consulado paulistano o caso. Aquela velha malcriada de lá é inglesa; o Wyant queixou-se dela duas vezes, quando era adido do consulado em São Paulo: parece que a especialidade dela é ser malcriada com professores ilustres... Foi ótima a ideia das separatas – todos se espanejaram com elas.

Importante: Avisa o Borba urgentíssimamente do seguinte. Disse-me o secretário Alvim que o caso dele não está pacífico, porque o catedrático de Rouen (que é o de espanhol) insiste em recomendar o outro sujeito anterior que é escravo dele.

E o Aubreton ainda não comunicou taxativamente e oficialmente que prefere o Borba. Tem de fazê-lo ao Itamaraty (Alvim) e à Embaixada do Brasil em Paris. Para cá, urge um telegrama do Aubreton, como director que é. Sem isso, o Itamaraty está de braços atados. Ele que telegrafe primeiro e escreva logo ao Aubreton, ou perde o lugar.

Amanhã tratarei das outras coisas, e provavelmente viajarei para São Paulo 6.^a feira à noite.

De manhã, ao ir para o Itamaraty (onde hoje fui três vezes), passei na AGIR e deixei o livro do Rolando, depois de ter telefonado ao Fromm (assim ele prepara o cheque); e passei nos Livros de Portugal, onde paguei o empréstimo. O AP Rodrigues ainda não voltou, mas parece que chega esta semana.

Nem sei como estou aguentando tudo isto.

Mas, realmente, agora não falta nada, senão o papel de lá (ordem telegráfica que seja), e o mais que ainda falta. À ida, falarei com o Fortunato a quem deixarei recado, visto que, entre os dois ônibus fui a casa do Pimentel.

O Scarabôtole diz que a gente não volta mais. Mas, por isso mesmo, se desfaz em benesses, para, diz ele, amarrar-me pela gratidão... porque o Brasil não pode perder um homem como eu! Era cómico ouvi-lo ao telefone, falando com o adido cultural, enaltecendo-me entusiasticamente, e chamando-me Júlio...

Caí no Rio no mais incrível dos calores – hoje abafa-se, todo o mundo está derretendo com o exagero da temperatura. O sol, de morte. Imagina-me nestas correrias, e suando...

Nos Livros de Portugal encomendaram as Modinhas Imperiais, e esta tarde mandariam o livro por avião, registrado, ao Zé. Amanhã passo lá a saber se assim fizeram, e a pagar.

Fui também à Varig e à Panamerican. Não falei ao Scarabôtole nos 150 dólares, pois que era pedir muito de uma vez só (inclusivamente o Vasco esperava que ele não pagasse mais que duas, deixando outras duas para serem pagas pelas verbas do Vasco).

Muitas saudades e muitos beijos do sempre teu

Jorge

Setembro, 1/1965

Jorge

Aqui vai a documentação devidamente assinada e não preenchida porque tens contigo os meus passaportes e certidões todas e para evitar duas letras e duas tintas.

Mando-te os teus passaportes velhos, visto que eles pedem datas de revalidação, etc. e uma folha corrida de S. Paulo cuja utilidade não sei se existe.

Quanto a Assis. O cunhado da Wilma tirará amanhã as folhas corridas à confiança do envio do requerimento.

A Wilma vai daqui na 6.^a e levará o meu. Tu mandarás o teu daí, pela viação Andorinha, dirigido a ela e telefonarás para 194 – Assis a avisar. O documento ser-te-á enviado para casa do Clóvis. Espero que tenhas pedido ao Pinho para te enviar o documento militar também para lá. Receber aqui é tudo atraso. O Casais é de opinião que se fosse ao Gordon, porque isto é uma absurdidade.

Dizer à Marlene:

1) que nada veio no correio.

2) que a Helleieth falou com o Martim que só ontem recebeu a carta de regresso. Diz ele que não tem facilidade, nada promete mas vai tentar para S. Paulo. Enfim, desiste!

Tudo o mais em ordem.

Beijos da tua

Mécia

Setembro ±20, 19652.^a feira, 14h30*Minha querida Mécia, meu Amor*

Chegámos bem, passámos em casa do Clóvis, e fomos ficar no apartamento do Saffioti, que achámos vazio, sem sinais de Florinda. Esta manhã fui ao Banco e ao Consulado, onde entreguei as crianças à D. Sydia que foi buscá-las. O visto permanente chegara já, mas não haviam comunicado nada, porque o telegrama do consulado de Lisboa não chegou ainda (o teu, do Porto, veio no dia 14)... De manhã cedo, antes de tudo, tive de ir ao escritório da Andorinha buscar a papelada que não viera para casa do Clóvis. Foi um susto ontem à noite, mas a encomenda lá estava.

Os papéis estão agora todos em ordem, e eles deram já a guia para os exames médicos. Falei com o Luís, o médico cunhado do Clóvis, que me aconselhou um dos analistas que ele conhece. Estou voltando, a casa do Clóvis, de tirar o sangue para análise. O Luís disse que o melhor era fazer assim, para ser possível dar um jeito, se for o caso e for possível, e estudar-se o que dizer no exame clínico.

Só dão o visto no dia 29, por causa das entrevistas (podiam ter marcado, e está tudo marcado até lá, e precisamos de um dia só para nós...), mas arranjarão maneira de dar o meu antes, por causa dos despachos e das passagens.

É, pois, urgente que venhas imediatamente, se possível amanhã cedo, para se irem fazendo os exames todos dos médicos. Telefona para casa do Clóvis, onde eu fico hoje, a dizer em que ônibus vens, e onde saís: na Rodoviária, ou perto da Rua Rosa e Silva, antes do ônibus cruzar para a esquerda e sair da Avenida. Eu estaria aí à vossa espera.

Cabemos perfeitamente em casa do Saffiotti: duas camas, um berço grande, dois sofás imensos. E, mais ou menos, há alguma roupa, se não houver, pede-se ao Clóvis o preciso.

Mando-te pelo Borba, portador desta, 130 contos, como pediste (100, não era).

Falei com a D. M. [Maria] Emília, cunhada da Marlene, e ela foi de opinião que tudo está certo como está, e não vale a pena telefonarem para o Rio. Insiste em que o homem de Capus pode, porque isso não ficou expressamente combinado, mandar a ordem pelo correio. Mas ela ficou inamovível, e chamando a si o ter tratado do caso – e disse que, de resto, a Marlene como telefona todos os dias, telefonará hoje. Lavo pois daí as minhas mãos.

O Vasco, muito pacóvio, estranhando os lugares, tudo. Mas foi contente, com a D. Sydia. A Isabel Maria cumpriu muito bem, desde as 9 da noite às dez da manhã, os seus deveres de dona de casa...

Vem, portanto, já, já, já. Quem sabe se podias pegar um ônibus noturno?

Beijos para todos. E para ti as saudades, os beijos e o muito amor do teu

Jorge

ÍNDICES CRONOLÓGICOS
DA CORRESPONDÊNCIA

DE MÊCIA DE SENA PARA JORGE DE SENA

Lx, 7/8/59	Lx, 26/9/59
Lx, 9/8/59 (está 8/9)	[Lx], 27/9/59
Lx, 9/8/59	Lx, 28/9/59
Lx, 10/8/59	Lx, 29-30/9/59
Lx, 12/8/59	Lx, 1/10/69
Lx, 12/8/59	Lx, 2/10/59
Lx, 14/8/59	Lx, 2-3/10/59
Lx, 15-16/8/59	Lx, 6-7/10/59
Lx, 17/8/59	[Lx], 8/10/59
Lx, 17-18/8/59	Lx, 9/10/59
Lx, 19/8/59	Lx, 11-12/10/59
Lx, 20/8/59	Assis, 18-19/1/60
Lx, 21/8/69	Assis, 21/1/60
Lx, 22/8/59	Assis, 10/6/60
Lx, 23/8/59	Assis, 3/7/60
Lx, 27/8/59	Assis, 8/11/60
Lx, 28/8/59	Assis, 9/11/60
Lx, 29/8/59	Assis, 11/11/60
Lx, 30-31/8/59	Assis, 8/2/61
Lx, 31/8/59	[S. l.], 8/7/61
Lx, 2/9/59	Araraquara, 1/7/62
Lx, 3/9/59	Araraquara, 24/2/62
Lx, 4/9/59	[S. l.] /12/62
Lx, 5/9/59	Araraquara, 24/2/63
Lx, 5-6/9/59	Araraquara, 18/7/63
Lx, 7/9/59 (está 8/9)	Araraquara, 23/7/63
Lx, 8-9/9/59	Araraquara, 24/7/63
Lx, 11/9/59	Araraquara, 27/7/63
Lx, 11-12/9/59	Araraquara, 3/8/63
[Lx], 12-13/9/59	Araraquara, 4/8/63
Lx, 13/9/59	Araraquara, 13/12/63
Lx, 14/9/59	[S. l., s. d., 1963?]
Lx, 15/9/59	Araraquara, 10/1/64
Lx, 16/9/59	Araraquara, 11/1/64
[Lx], 16/9/59	Araraquara, 13-14/1/64
Lx, 17/9/59	Araraquara, 15/1/64
Lx, 18/9/59	Araraquara, 31/8/64
Lx, 19/9/59	Araraquara, 1/9/64
Lx, 19/9/59	Araraquara, 4/9/64
Lx, 20-21/9/59	Araraquara, 5/9/64
Lx, 21-22/9/59	Araraquara, 28/1/65 (está 64)
Lx, 23/9/59	Araraquara, 30/1/65
Lx, 24/9/59	Araraquara, 2/8/65
Lx, 25/9/59	Setembro, 1/1965
Lx, 25-26/9/59	

DE JORGE DE SENA PARA MÊCIA DE SENA

Recife, 7/8/59	Rio, 17/9/59
Recife, 7/8/59	Rio, 18/9/59
Bahia, 8-9/8/59	Rio, 22/9/59
Bahia, 11/8/59	Rio, 24/9/59
Bahia, 5.ª feira, 13/9/59	Rio, 29/9/59
Bahia, 15/8/59	Rio, 30/9/59
Bahia, 17/8/59	S. Paulo, 4-5/10/59
Bahia, 19/8/59	S. Paulo, 5/10/59
Rio de Janeiro, 22/8/59	S. Paulo, 6/10/59
Rio, 25/8/59	S. Paulo, 7/10/59
Rio, 27/8/59	Assis, 9/10/59
São Paulo, 28/8/59	S. Paulo, 4.ª feira, 20/1/59 [60]
São Paulo, 30/8/59	Rio, 6.ª f., [s. d.] (carimbo) 9/2/63
São Paulo, 2/9/59	Rio de Janeiro, 6.ª f., 19/7/63
Rio, 8/9/59	Rio de Janeiro, 24/7/63
Rio, 11/9/59	Rio de Janeiro 31/1/65
Rio, 3.ª feira, 15/9/59	Rio, 5/2/65
[Rio], 15/9/59	Rio, 17/8/65
Rio, 16/9/59	«Setembro.+/- 20 de 1965» 2.ª feira, 14h30m

NOTAS FINAIS

¹ Palavra usada pela autora, LAGE, Maria Otília Pereira – *Correspondência(S). Mécia/Jorge de Sena (Evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Guimarães: UM-CIS-NEPS, 2007 e *Correspondência(s). Mécia e Jorge de Sena: rede de afectos e exílio luso-americano*. In SARMENTO, Clara, coord. – *Diálogos interculturais: os novos rumos da viagem*. Lisboa: Vida Económica, 2011.

² Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM), Faculdade de Letras da Universidade do Porto

³ Refira-se que se iniciou em 2009 a edição das Obras Completas de Jorge de Sena, coordenada por Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço, pela Editora Guimarães/chancela da Babel, Lisboa, tendo sido já publicados os volumes «Sinais de Fogo» (2009); «Antologia Poética» (2010); «80 Poemas de Emily Dickinson» (2010); «Rever Portugal: Textos Políticos e Afins» (2011); «América, América» (2011).

⁴ LAGE, Maria Otília Pereira – *Portugal como (im)possibilidade continuada. À conversa com Jorge de Sena: cidadania e exílios (anos 1930-1970)*. Porto: Afrontamento, 2010.

⁵ Sobre a composição das duas delegações e o contexto histórico deste Colóquio, suas repercussões na opinião pública e na imprensa brasileira, designadamente, no jornal anti-salazarista «Portugal Democrático», fundado por exilados portugueses, veja-se o estudo detalhado de SANTOS, Gilda – 1959, *o Colóquio da Bahia, o Portugal Democrático, Jorge de Sena*. «Anais do XII Congresso Internacional da ABRAPLIP» ISBN: 978-85-60667-69-7. Disponível em <<http://www.abraplip.org/anais2009/documentos/>>, consultado em 17 de Julho de 2012. Ver também de SANTOS, Gilda – *Portugal Democrático – «Diálogos transatlânticos promovidos pelos exilados portugueses à volta do jornal Portugal Democrático (S. Paulo, 1956-1975)»*. In *Culturas Cruzadas em Português – redes de poder e relações culturais (Portugal-Brasil, séc. XIX-XX)*. Coimbra: Almedina, 2012.

⁶ A comitiva oficial portuguesa era constituída, entre outros, por Azeredo Perdigão, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, professores designadamente das Universidades de Coimbra e de Lisboa, politicamente afectos ao Estado Novo português, como por exemplo Costa Pimpão e Lopes de Almeida. Na delegação extra-oficial, de intelectuais portugueses, em grande medida opositores à ditadura salazarista, convidados do governo brasileiro e da Universidade da Bahia, alguns indicados por Eduardo Lourenço, um dos secretários da organização do Colóquio, como por exemplo, Jorge de Sena, contavam-se para além deste, os portugueses exilados no Brasil, Adolfo Casais Monteiro e Agostinho da Silva, os escritores Urbano Tavares Rodrigues, José Fernandes Fafe, os professores universitários Hernâni Cidade, Mário Chicó, Luís Albuquerque e outros.

⁷ Este texto é uma versão muito modificada de uma primeira abordagem a esta Correspondência, publicada, em Setembro de 2011, no Site «Ler Jorge de Sena», UFRJ. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/lerjorgedesena/port/>>. Outros verbetes e conteúdos deste site, importante não só para o estudo de vida e obra de Jorge de Sena mas também para um mais profundo e alargado conhecimento da cultura portuguesa, são de consulta recomendada para uma melhor e mais contextualizada compreensão de factos e personalidades portuguesas e brasileiras do período abrangido por esta correspondência.

⁸ Para uma explicitação de «alta linguagem» (Mallarmé) ver COHEN, Jean – *A Plenitude da linguagem (Teoria da poeticidade)*. Coimbra: Livraria Almedina, 1987, p. 15. Sobre características, fundamentos teóricos da epistolografia e utilidade das cartas para os estudos literários, veja-se CASAGRANDE, Rosângela Fonseca – *Análise da Correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto*. S. Paulo: Pontifícia Universidade Católica de SP, 2006. Tese de Mestrado disponível em <<http://www.sapientia.pucsp.br/>>. Refira-se a importância do poeta e diplomata brasileiro Ribeiro Couto no início de carreira e actividades políticas opo-

sicionistas ao regime salazarista do jovem Jorge de Sena, por quem terá mesmo intercedido para evitar a sua prisão política.

⁹ Esse «diálogo luso-brasileiro» dos anos 1950-1960 é bem caracterizado pelo professor e sociólogo brasileiro Antônio Cândido que releva a actuação dos muitos intelectuais portugueses então no Brasil «onde constituíram ao longo dos anos um agrupamento virtual de grande importância que pesou mais do que se pensa em muitos sectores: Jornalismo; Artes Plásticas; Política; Ensino Universitário de Letras, História, Filosofia, Matemática. Se concebermos essa actividade como emanada de um conjunto não sistemático nem cronologicamente concentrado de pessoas, veremos que ela abrangeu boa parte do país e contribuiu para o adensamento da nossa cultura. Daí o rótulo que propus de «missão portuguesa» para designar essa actuação» CÂNDIDO, Antônio – Prefácio In LEMOS, Fernando, LEITE, Rui Moreira – *A Missão Portuguesa: Rotas entrecruzadas*. S. Paulo: Editora do INESP – Edusc, 2003, p. 15.

¹⁰ Poema dedicado a Mécia de Sena, Rio de Janeiro, 22/8/59.

¹¹ As circunstâncias da redacção deste poema e a sua própria estrutura rítmica evocam o difundido romance popular *A Nau Catrineta*, poema anónimo relativo às viagens para o Brasil e Oriente, incluído por A. Garrett no seu *Romanceiro*.

¹² *Corpus* epistolar constituído por um total de 130 cartas.

¹³ LAGE, Maria Otilia Pereira – *Correspondência(S) Mécia/Jorge de Sena (Evocação de Carrazeda, anos 1940)*. Guimarães: UM-CIS-NEPS, 2007 e *Correspondência(s) Mécia e Jorge de Sena: rede de afectos e exílio luso-americano*. In SARMENTO, Clara, coord. – *Diálogos interculturais: os novos rumos da viagem*. Lisboa: Vida Económica, 2011.

¹⁴ Referimo-nos em especial ao *corpus* epistolar dos EUA (1968-1974), constituído por cerca de 500 cartas e ressalva-se a publicação de outras cartas, designadamente a edição de Mécia de Sena «Isto tudo que nos rodeia (cartas de amor): Mécia de Sena e Jorge de Sena» (Lisboa: IN/CM, 1982) e a divulgação no site «Ler Jorge de Sena», em «O Re-descobrimento do Brasil: três cartas inéditas», das primeiras cartas, escritas em 1959, por Jorge de Sena, do Brasil, para Mécia de Sena.

¹⁵ Ver sobre esta matéria a obra de referência de ROCHA, André Crabée – *A epistolografia em Portugal*. 1.^a edição. Coimbra: Almedina, 1965 (reedição, Lisboa: IN/CM, 1985).

¹⁶ (MS, 34) – Carta in SENA, Jorge; SENA, Mécia – *Isto tudo que nos rodeia (cartas de amor)*. Lisboa: IN-CM, 1982. In COSTA, José Francisco – *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Lisboa: Ed. Salamandra, 2003, p. 150.

¹⁷ Jorge de Sena citado por COSTA, José Francisco – *A Correspondência de Jorge de Sena: um outro espaço da sua escrita*. Lisboa: Ed. Salamandra, 2003, p. 151

¹⁸ Características referidas em MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis – *A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII*. In GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batela (orgs.) – *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre as cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 41-54.

¹⁹ Esta carta de Jorge de Sena, encontra-se publicada, na íntegra em “Redescobrimento do Brasil: três cartas inéditas” no site «Ler Jorge de Sena», seguida de mais duas: Bahia, 5.^a feira, 13/8/59 e Bahia, 19/8/59 e antecederidas de introdução enquadadora.

²⁰ Nesta carta, datada de 20/1/59, o ano de 59, encontra-se rasurado e escrito, por cima, 60.

²¹ Antônio Augusto **Soares Amora** [S. Paulo, 1917-1999], professor universitário titular de Literatura Portuguesa, em Assis (S. Paulo), fundador e director da Faculdade de Letras da UNESP em Assis. Manteve

uma grande amizade com Jorge de Sena que convidou para ser professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (São Paulo), atribuindo-lhe as cadeiras de «Introdução aos Estudos Literários» e de «Teoria da Literatura».

²² **Augusto Meyer** [Porto Alegre, 1902 – Rio de Janeiro, 1970], jornalista, poeta, ensaísta, folclorista e professor brasileiro, responsável pela introdução das ideias modernistas no Rio Grande do Sul. Foi director do Instituto Nacional do Livro, durante cerca de 30 anos, entre 1938 e 1956 e entre 1961 e 1967.

²³ Estes e muitos outros nomes de intelectuais e individualidades da literatura, da cultura e da política, referenciados, a vários títulos, nas cartas de Jorge de Sena e Mécia de Sena e, em grande medida, explicitados nestas notas, pontuam a muito vasta, plural e diferenciada rede de contactos, conhecimentos e amizades do casal Sena, quer em Portugal, quer no Brasil.

²⁴ Sobre outras cartas inéditas de Jorge e Mécia de Sena, designadamente as trocadas durante as duas estadias de Jorge de Sena em Inglaterra, em 1952, para realização de um estágio de engenharia, e em 1957 para frequentar um curso especializado de engenharia sobre betão armado e pré-esforçado, ver o estudo de GÂNDARA, Paula – *Do Encantamento do Homem ou de Inglaterra Revisitada para Mécia de Sena*. In site «Ler Jorge de Sena», <<http://www.letras.ufrj.br/lerjorgesena>>.

²⁵ A transcrição das cartas aqui publicadas foi feita a partir quer dos originais manuscritos e/ou dactilografados, por Mécia de Sena, existentes no espólio Jorge de Sena já parcialmente transferido para a Biblioteca Nacional de Portugal, quer de cartas dactiloescritas existentes no arquivo de Jorge de Sena em sua casa de Santa Bárbara, Califórnia, onde trabalhámos em Novembro de 2011. Respeitaram-se escrupulosamente, na transcrição, os originais, nomeadamente ortografia, pontuação e anotações a datas ou outras, registando-se, apenas, a mais, no corpo do texto, a menção de notas às mesmas, através de notação numérica romana.

²⁶ Destaque para as Correspondências editadas, em livro, entre 1981 e 2011, de Jorge de Sena respectivamente com Guilherme de Castilho, Mécia de Sena, José Régio, Virgílio Ferreira, Taborda de Vasconcelos, Erico Veríssimo, Eduardo Lourenço, Edith Sitwell, Dante Moreira Leite, Eduardo Mayone Dias, Manuel Bandeira, António Gedeão (apenas as cartas de Gedeão para Jorge de Sena), Sophia de Melo Breyner, José Augusto França, Padre Manuel Antunes, Raúl Leal e Delfim Santos. Ver *Jorge de Sena / Delfim Santos: Correspondência 1943-1959*. Lisboa: Guerra e Paz, 2011, p. 121-122, livro que é, pela sua organização, estudo introdutório e notas, um trabalho de referência para novos estudos epistolográficos de Jorge de Sena, que se impõem.

²⁷ SENA, Mécia de – *Da organização e dos agradecimentos indispensáveis*. In SENA, Mécia de; SENA, Jorge de – *Isto tudo que nos rodeia: (cartas de amor)*. Lisboa, IN/CM, 1983, p. 13.

²⁸ **Eduardo Lourenço** [S. Pedro de Rio Seco – Beira Interior, 1923] grande ensaísta, crítico literário e filósofo português, autor, numerosas vezes premiado, de uma vasta obra ensaística e filosófica, começou por ser assistente na Universidade de Coimbra entre 1947 e 1953 onde colaborou com o professor e erudito Joaquim de Carvalho (que lançou as bases modernas da história da cultura portuguesa), tendo depois sido leitor, professor em diversas universidades da Europa: Hamburgo, Heidelberg, Montpellier, Grenoble e Nice. De 1989 a 1991, desempenhou funções como conselheiro cultural junto da Embaixada Portuguesa em Roma. Professor convidado de Filosofia na Universidade Federal, onde teve papel destacado no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (1959). Eduardo Lourenço e Jorge de Sena, grandes amigos de longa data, mantiveram sempre colaboração literária e intenso diálogo intelectual, como é evidente, por exemplo, nas cuidadas edições de Mécia de Sena das obras: *Diários de Jorge de Sena* (Porto, Ed. Caixotim, 2004) e *Eduardo Lourenço/Jorge de Sena. Correspondência*, (Lisboa, Imprensa Nacional – Casa

da Moeda, 1991), esta seguida de outras cartas inéditas (cfr. site «Ler Jorge de Sena», <http://www.letras.ufrj.br/lerjorgedesena/port/antologia/escritos_pessoais/texto.php?id=136> e «Ler Eduardo Lourenço», <www.eduardolourenco.uevora.pt>).

²⁹ **Adolfo Casais Monteiro** [Porto, 1908 – S. Paulo, 1972], amigo desde 1939 e, depois, compadre de Jorge de Sena, exilado político no Brasil desde 1954, onde foi professor universitário no Rio de Janeiro e S. Paulo, aí se dedicou também à actividade ensaística e à colaboração crítica em vários jornais brasileiros, tendo colaborado também, com Jorge de Sena, no jornal oposicionista *Portugal Democrático* de que ambos se desligam, com outros, em 1962, por divergências políticas internas. A partir de 1962 fixou-se como docente de Teoria da Literatura da FCC de Araraquara (campus da actual UNESP), vaga que conseguiu por intermédio de Jorge de Sena que já aí era professor, tendo ainda dado aulas em universidades norte-americanas. Jorge de Sena é autor do prefácio crítico a *Poesias Escolhidas*, de Adolfo Casais Monteiro, livro publicado em Salvador, em 1960. Em Portugal, Casais Monteiro foi professor do ensino liceal de que seria demitido por oposição política à ditadura salazarista. Licenciado em 1937, em Histórico-Filosóficas, foi colega de universidade dos filósofos portugueses Delfim Santos e Agostinho da Silva. Notável poeta, pertenceu ao grupo da revista coimbrã *Presença* de que foi um dos três directores (1931), com o escritor e poeta José Régio e o crítico literário João Gaspar Simões. Foi casado em Portugal com Maria Alice Pereira Gomes, escritora e irmã do escritor neo-realista português Soeiro Pereira Gomes, amiga também do casal Sena e diversas vezes referida em suas cartas.

³⁰ **Urbano Tavares Rodrigues** [Lisboa, 1923], escritor português, contista de renome e, político «ortodoxo» militante do Partido Comunista, histórico opositor à ditadura de Salazar, irmão de Miguel Tavares Rodrigues, colaborador do jornal «Portugal Democrático». Foi interlocutor na crítica literária, com Jorge de Sena, para além de outros nomes como Jacinto Prado Coelho, David Mourão Ferreira e integrava também a delegação portuguesa não oficial de escritores e intelectuais ao Congresso da Bahia. Manteve contactos estreitos e colaboração com Jorge de Sena, aludidos nesta Correspondência.

³¹ **José Fernandes Fafe** [Porto, 1927], poeta neo-realista e ensaísta, natural do Porto, licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra, colaborador em várias revistas portuguesas literárias e culturais, foi, depois do 25 de Abril de 1974, embaixador de Portugal em Cuba, no México e em Cabo Verde. Amigo do casal Sena, continua ainda hoje a corresponder-se com Mécia de Sena. A revista *Metamorfozes* 11.2, apresenta na secção Seniana um comentário de Jorge de Sena sobre a poesia neo-realista, contemplada na sua antologia *Líricas Portuguesas*, e ainda uma carta sua, inédita, ao poeta José Fernandes Fafe.

³² **Alfredo Pereira Gomes** [Espinho, 1919 – Lisboa, 2006], matemático, investigador e professor universitário, irmão dos escritores portugueses Alice Gomes e Soeiro Pereira Gomes, pertenceu à ilustre geração de matemáticos portugueses composta por nomes como Bento de Jesus Caraça, Ruy Luís Gomes e António Aniceto Monteiro, de quem foi orientando. Na Universidade do Recife, Brasil, para onde foi em 1953, a convite do Reitor da Universidade, para estabelecer um Departamento de Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, recém-criada na UFPE. Seguiu-se, assim, o exemplo da Universidade de São Paulo (USP) que na década de 30, convidara professores estrangeiros, sobretudo italianos, para fundar departamentos de ciências fundamentais na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Aí fundou o Instituto de Física Matemática (IFM), actual Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, onde acolheu matemáticos de renome internacional e diversos matemáticos portugueses, como ele, impedidos de seguir as suas carreiras académicas no país, criando no Estado de Pernambuco a conside-

rada «melhor escola portuguesa de Matemática do mundo». No início da década de 1960, foi convidado para a Faculdade de Ciências da Universidade de Nancy onde foi professor e permaneceu devido à instauração da ditadura militar no Brasil. Com ele manteve contactos no Brasil, Jorge de Sena, como se conclui de cartas de Jorge de Sena para Mécia de Sena, desta correspondência.

³³ **Álvaro de Barros Lins** [Caruaru, 1912 – Rio de Janeiro, 1970], advogado, jornalista, diplomata, professor e crítico literário brasileiro, autor de vasta bibliografia, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa, leccionou no início dos anos 1950, Estudos Brasileiros na Universidade de Lisboa. Depois de ter sido Chefe da Casa Civil do Presidente Juscelino Kubitschek, foi embaixador do Brasil em Lisboa, de 1956 a 1959, período político difícil que abrangeu a campanha do general Humberto Delgado à Presidência da República e a fraude eleitoral que se lhe seguiu. Nessa altura, deu refúgio, na Embaixada do Brasil, em Lisboa, a Humberto Delgado perante a iminência de ser preso. Grande humanista e democrata, nunca cedeu às inúmeras pressões de Salazar, para entregar Delgado. Crítico da ditadura e da política colonialista portuguesa, com ela entra em choque no início de 1959, por ocasião da aceitação do asilo político no Brasil, pelo Itamaraty, do general Delgado, acto não reconhecido pelo governo português. Foi, em 1960, o presidente da 1.ª Conferência Inter-americana da Amnistia para os exilados e presos políticos da Espanha e de Portugal, sediada na Faculdade de Direito de São Paulo, acontecimento a que Jorge de Sena esteve também ligado. Director do suplemento Literário do *Diário de Notícias*, entre 1961-1964, chefiou, em 1962, a delegação brasileira ao Congresso Mundial da Paz, em Moscovo.

³⁴ **Maria de Lurdes Belchior** [1923-1999], ensaísta e professora catedrática de literatura da Universidade de Lisboa, foi conselheira cultural na Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro (1963-1966), Secretária de Estado da Cultura de Portugal nos primeiros 3 Governos a seguir ao 25 de Abril de 1974 e Directora do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris. É autora de vários ensaios sobre literatura e do livro de poesia, *Gramática do Mundo* (1986). Foi autora de estudos e antologias da poesia de Jorge de Sena e ainda amiga do casal Sena, amizade que estas cartas documentam.

³⁵ **Luís Guilherme Mendonça de Albuquerque** [Lisboa, 1917-1992], professor universitário português de Matemática, em Coimbra, conhecido historiador dos Descobrimientos Portugueses e reputado especialista de história da náutica e da marinha do período das Navegações Marítimas Portuguesas, é autor de vasta bibliografia, tendo proferido e dirigido centenas de conferências e cursos de curta duração em Portugal e vários países dos cinco continentes, tanto no âmbito da Matemática como da História da Náutica, da Ciência e da Expansão.

³⁶ Manuel Augusto **Zaluar Nunes** [Lisboa, 1907-?1967), um dos presidentes da 1.ª fase (1947-1948) da Sociedade Portuguesa de Matemática, foi professor da área de Ciências Matemáticas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, Instituto Superior de Agronomia, em Portugal e, depois que foi afastado da Universidade pela ditadura salazarista, na Universidade do Recife, para onde foi, por indicação do professor Alfredo Pereira Gomes, com quem trabalhou, tendo aí com ambos privado, Jorge de Sena. (Ver nota 32).

³⁷ **Álvaro Júlio da Costa Pimpão** [Coimbra, 1902-1984] professor universitário da área de filologia românica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de que foi director (1963-1970), académico ligado ao regime salazarista. É referido nesta Correspondência de Jorge e Mécia de Sena, enquanto um dos participantes da delegação oficial portuguesa ao IV Congresso Internacional de Estudos Portugueses na Universidade da Bahia.

³⁸ **Ernesto Veiga de Oliveira** [Porto, 1910 – Lisboa, 1990], etnólogo, investigador e grande mestre de antropologia, etnologia e etnografia, autor de uma vasta bibliografia nessas áreas, em 1947, forma com Jorge Dias, Fernando Galhano, Margot Dias e Benjamim Pereira o grupo pioneiro que deu corpo ao Centro de Estudos de Etnologia, que iria levar a cabo a renovação dos estudos etnográficos em Portugal. Foi director do Centro de Estudos de Antropologia Cultural, do Museu de Etnologia, e do Centro de Estudos de Etnologia. Amigo do casal Sena era um dos intelectuais portugueses que integrava a delegação portuguesa não oficial ao Colóquio da Bahia.

³⁹ Joaquim **Veríssimo Serrão** [Santarém, 1925], historiador português, professor universitário da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de que foi reitor de 1973 a 1974, foi depois presidente da Academia Portuguesa de História entre 1975-2006. Nos anos 1950, início dos anos 1960, foi Leitor de Cultura Portuguesa na Universidade de Toulouse, durante uma década. Participante também no congresso da Baía, integrado na delegação oficial, é mencionado numa das primeiras cartas de Mecia de Sena, enviadas ainda de Lisboa.

⁴⁰ **Manuel Lopes de Almeida** [Benavente, 1900 – Coimbra, 1980], professor da Universidade de Coimbra, político integralista português, Secretário de Estado da Educação Nacional até 1945, e Ministro da Educação Nacional entre 1961 e 1962, ficou conhecido pela intransigente repressão contra estudantes e professores das Universidades de Lisboa e Coimbra no movimento estudantil de contestação do regime salazarista, designado a «crise académica». Era membro da delegação oficial portuguesa ao Colóquio da Baía e por isso referido nesta Correspondência.

⁴¹ José Henrique de **Azaredo Perdigão** [Viseu, 1896 – Lisboa, 1993], advogado português e primeiro presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, cargo vitalício que manteve durante 37 anos, para além de ter sido administrador de vários bancos. Democrata republicano, participou com o chamado Grupo da Biblioteca, designadamente Raul Proença, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro, Raúl Brandão e outros, na fundação da revista *Seara Nova*. Além de exercer a advocacia, deu aulas e regeu cadeiras em várias universidades, tendo publicado numerosos trabalhos, acabando por ser conotado com o regime do Estado Novo português. Um dos participantes da delegação oficial portuguesa ao Colóquio da Baía, é em tal qualidade referido nesta Correspondência.

⁴² Francisco de Paula **Leite Pinto** [Lisboa, 1902-2000], engenheiro, professor universitário na Universidade Técnica de Lisboa onde foi reitor, nos anos 1960, um dos primeiros leitores de Português na Sorbonne, fundador da Sociedade Portuguesa de Matemática e político português, foi dirigente da Mocidade Portuguesa, entre 1937 e 1945 e Ministro da Educação Nacional de 1955 a 1961, tendo ainda desempenhado outros cargos na presidência de instituições públicas portuguesas. Membro da delegação oficial portuguesa ao Congresso da Baía (1959) é, a este propósito, aqui referido.

⁴³ **Vitorino Nemésio** Mendes Pinheiro da Silva [Praia da Vitória, 1901 – Lisboa, 1978] poeta, escritor e intelectual de origem açoriana, considerado uma das figuras emblemáticas do intercâmbio cultural luso-brasileiro, nos anos 1950/1960, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, destacou-se como grande comunicador na televisão portuguesa. Foi, com Jorge de Sena, Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro, um dos comentadores críticos das sessões de projecção de filmes organizada pelo JUBA (Jardim Universitário das Belas Artes) que decorreram entre 1949 e 1955 e cujo objectivo era dar a conhecer as grandes obras do cinema. Jorge de Sena, cujos textos dessa intervenção se encontram reunidos na sua obra *Sobre Cinema* (Ed. Cinemateca, 1988), dedicar-lhe-á um poema satírico, publicado no seu livro póstumo *Dedicácias* (ed./reimp. Guerra e paz, 2010).

⁴⁴ O centenário Hospital Português da Bahia, que fora recentemente objecto de moderna reabilitação, acolheu, nas suas excelentes instalações, como hóspedes, alguns participantes do Colóquio da Baía (1959), entre os quais, Jorge de Sena.

⁴⁵ **João Gaspar Simões** [Figueira da Foz, 1903 – Lisboa, 1987], novelista, dramaturgo, historiador da literatura portuguesa, ensaísta, memorialista, crítico literário, editor, tradutor e biógrafo, designadamente, de Fernando Pessoa, é autor de extensa bibliografia. Integrava a delegação oficial portuguesa ao Colóquio da Baía, como tal referido nesta Correspondência.

⁴⁶ **Joaquim Belford Correia da Silva Paço d’Arcos** [Lisboa, 1908-1979] foi um dos escritores portugueses do século XX mais traduzidos no estrangeiro, tendo alcançado em vida grande notoriedade como ficcionista. Romancista, dramaturgo, ensaísta e poeta, era muito lido e conhecido nos anos 1940 e 1950. Era um dos participantes portugueses no Colóquio da Bahia, e como tal referido nesta Correspondência.

⁴⁷ **Héron de Alencar** [Ceará, 1921 – Rio de Janeiro, 1972], professor universitário brasileiro na Bahia, foi professor de literatura e civilização na Universidade da Sorbonne e resistente ao golpe militar de 1964. Afastado da universidade pela ditadura obtém asilo político em França, donde regressa, ao Rio de Janeiro em 1971. Em 1969, trabalhou com o antropólogo Darcy Ribeiro e o arquitecto Óscar Niemeyer. É referido por Jorge de Sena como destacado organizador brasileiro do Colóquio da Bahia, tal como Hélio Simões, apresentado na nota seguinte.

⁴⁸ **Hélio Simões** [1910-??], médico e decano dos professores de Literatura Portuguesa, grande amigo de Jorge de Sena, e impulsor dos desenvolvimentos dos estudos portugueses no Brasil foi grande incentivador da difusão, no meio baiano, das manifestações culturais portuguesas. Poeta e estudioso da Cultura, trocou a Medicina pela Literatura e, no início dos anos 1940, assumiu a cadeira de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia da recém-criada Universidade da Bahia. Em Portugal privou e fez amizade com intelectuais e escritores como Teixeira de Pascoaes, Hernâni Cidade, Aquilino Ribeiro e Vitorino Nemésio. Através desses contactos propiciou a ida para a Universidade da Bahia de Adolfo Casais Monteiro, para o curso de Filosofia e de Eduardo Lourenço, para o curso de Letras. Era o secretário-geral do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (1959), sendo a propósito deste evento referido nesta Correspondência.

⁴⁹ **Fernando Pessoa** [Lisboa, 1888-1935], um dos maiores poetas portugueses de sempre cuja primeira divulgação se fica a dever a Jorge de Sena e Adolfo Casais Monteiro e sobre o qual, o crítico literário português João Gaspar Simões escreve a primeira biografia. Jorge de Sena que, ainda jovem, conheceu Fernando Pessoa, pessoalmente, em casa de uma sua tia, publica sobre ele em 1946, na Ed. Inquérito, o livro *Páginas de Doutrina Estética de Fernando Pessoa*, de cuja selecção, prefácio e notas é autor, para além de outros estudos publicados na sua obra *Fernando Pessoa & ca Heterónima: (estudos coligidos 1940-1978)*. (Lisboa: Edições 70, 1982) e ainda *Poemas Ingleses, de Fernando Pessoa* (Porto: Ed. Asa, 1974).

⁵⁰ **Florbel Espanca** [Vila Viçosa, 1894 – Matosinhos, 1930], poetisa portuguesa sobre cuja obra poética Jorge de Sena proferiu, em Janeiro de 1946, no Porto, Clube Fenianos Portuenses, a conferência «Florbel Espanca ou a expressão de feminino na poesia portuguesa» (Ed. Porto, Portugal: Biblioteca Fenianos, 1947).

⁵¹ George **Agostinho Baptista da Silva** [Porto, 1906 – Lisboa, 1994], conhecido filósofo, poeta e ensaísta português instalou-se em 1947 no Brasil onde colaborou com o historiador português Jaime Cortesão, ensinou em várias universidades brasileiras, foi assessor para a política externa, em 1961, do Presidente Jânio Quadros. Regressou a Portugal em 1969, tendo dirigido depois o centro de Estudos Latino-Ameri-

canos da Universidade Técnica de Lisboa e sido consultor no Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Instituto Camões).

⁵² **Ernesto Román Laureano Pérez Güerra da Cal** [Ferrol, 1911 – Lisboa, 1994] foi um filólogo e escritor galego, especialista de referência em estudos queirosianos, republicano e exilado político nos EUA e no Brasil com quem Mécia e Jorge de Sena tinham grande contacto, como se depreende desta Correspondência.

⁵³ **Miguel Urbano Tavares Rodrigues** [Moura, 1925], jornalista e escritor português, irmão do escritor Urbano Tavares Rodrigues, militante comunista exilou-se no Brasil onde foi editorialista do jornal *O Estado de S. Paulo* (1957-1974) e da revista brasileira *Visão* (1970-1974) e colaborador de *Portugal Democrático*, tendo neste contexto privado com Jorge de Sena tendo mantido divergências políticas. Regressou a Portugal com o 25 de Abril de 1974, onde fez uma carreira política ligada ao Partido Comunista Português, de que era militante.

⁵⁴ **Manuel Bandeira** (Manuel Carneiro de Souza Filho) [Recife, 1886 – Rio de Janeiro, 1968], considerado como um dos maiores poetas brasileiros, foi também autor de ensaios, crónicas e memórias, tradutor e organizador de antologias. Amigo de Jorge de Sena, com ele manteve correspondência publicada em 2003 – Jorge de Sena / Manuel Bandeira (in *Metamorfoses 4*. Org. e notas de Gilda Santos e Eduardo Coelho, p. 243-265).

⁵⁵ Ver nota 6.

⁵⁶ **Thiers Martins Moreira** [Campos, 1904 – Rio de Janeiro, 1970], escritor brasileiro, estudioso da literatura portuguesa e brasileira, foi professor catedrático de Literatura Portuguesa, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro, manteve com Jorge de Sena relações de trabalho intelectual e amizade.

⁵⁷ **Óscar Luso de Freitas Lopes** [Leça da Palmeira, 1917], grande ensaísta, crítico literário, historiador da literatura portuguesa, conhecido militante do Partido Comunista Português e professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, de que foi director, no pós-25 de Abril de 1974. Irmão mais velho de Mécia de Sena.

⁵⁸ **Eunice do Carmo Muñoz** [Moura-Alentejo, 1928], actriz portuguesa de referência do teatro, televisão e cinema português, considerada unanimemente uma das melhores actrizes portuguesas de todos os tempos e grande amiga de Jorge de Sena e Mécia de Sena, seus padrinhos do segundo casamento.

⁵⁹ **Fernando Lemos** [Lisboa, 1926], renomado artista gráfico, poeta, pintor e fotógrafo português, vive no Brasil desde 1953 onde expõe nos museus de arte moderna de São Paulo e Rio de Janeiro. Após a exposição no Rio de Janeiro, em Novembro desse ano, que contou com apresentação do poeta Manuel Bandeira, que partilhava com o artista de amigos comuns como Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena, Lemos muda-se para São Paulo, onde vai dedicar-se às artes plásticas, ao *design* gráfico e industrial e à publicidade e onde ainda vive. É reconhecido, nos últimos anos, na Europa por sua obra excepcional em fotografia e, no Brasil, como *designer* gráfico e pintor, entre outras actividades.

⁶⁰ Um dos quatro irmãos de Mécia de Sena.

⁶¹ **Hernâni António Cidade** [Alentejo, 1887-1975] foi jornalista, crítico literário, ensaísta, historiador, crítico literário e professor da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, até 1930, data em que Salazar a mandou encerrar, e também da Universidade de Lisboa. É autor de uma vasta bibliografia sobre história da cultura e da literatura portuguesa, tendo sido um grande estudioso de Camões. Amigo do casal Sena.

⁶² **Marcel Bataillon** [Dijon, 1895 – Paris, 1977], professor universitário da Sorbonne e do Colège de France, foi no século XX um dos maiores hispanistas franceses e grande estudioso do pensamento de Erasmo. Com uma bibliografia vastíssima, consagrou-se como historiador e filólogo, tendo proferido várias conferências em Portugal a convite do Instituto de Alta Cultura e manteve com Jorge de Sena relações de trabalho académico.

⁶³ **Vasco Mariz** [Rio de Janeiro, 1921], diplomata brasileiro, historiador, escritor e musicólogo foi vice-cônsul em Portugal, finais dos anos 1940, no Porto, onde foi padrinho de casamento de Jorge e Mécia de Sena (1949). Desempenhou depois outras funções e cargos em diferentes países e, desde 1971 até 1987, foi embaixador do Brasil em vários países do mundo, tendo também desempenhado funções de delegado brasileiro junto de vários organismos internacionais (ONU, UNESCO, etc.). Com grande actuação na área da cultura, foi chefe do departamento cultural do Itamaraty.

⁶⁴ **José Augusto Neves Cardoso Pires** [Castelo Branco, 1925 – Lisboa, 1998], um dos maiores romancistas portugueses do século XX foi galardoado e a sua obra várias vezes. Docente de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Londres entre 1969 e 1971, colaborou em várias publicações periódicas culturais, representou Portugal diversas vezes em eventos literários e culturais internacionais, tendo participado e promovido actividades de resistência cultural à repressão (constituição do núcleo português da Association Internationale pour la Liberté de la Culture; fundação do suplemento cultural «& Etc», do *Jornal do Fundão*).

⁶⁵ **Maria** da Conceição Vassalo e Silva da Cunha **Lamas** [Torres Novas, 1893 – Lisboa, 1983], conhecida activista política feminista portuguesa, foi escritora, tradutora e jornalista de mérito. Entre 1962 e 1969 viveu em Paris como exilada política, onde conheceu a grande escritora francesa Marguerite Yourcenar e desenvolveu intensa actividade política e de apoio a portugueses refugiados em oposição ao regime do Estado Novo. Esteve sempre ligada por fortes relações de amizade e mais tarde familiares a Mécia e Jorge de Sena.

⁶⁶ **António José Saraiva** [Leiria, 1917 – Lisboa, 1993], professor, ensaísta e historiador da literatura portuguesa foi colaborador de revistas e jornais. Opositor ao salazarismo, preso e impedido de leccionar, em 1949 e exilado político em França foi depois para a Holanda onde deu aulas na Universidade de Amsterdão. Regressado a Portugal no pós-25 de Abril de 1974, foi professor catedrático na Universidade Nova de Lisboa e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É autor de vasta bibliografia de referência na História da literatura e da Cultura portuguesas. Manteve com Jorge de Sena um relacionamento intelectual e político activo.

⁶⁷ **Reynaldo dos Santos** [Vila Franca de Xira, 1880 – Lisboa, 1970], médico, pedagogo, cientista, professor universitário, escritor e reputado historiador e crítico de arte, foi presidente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Nacional de Belas-Artes, tendo publicado variadíssimos trabalhos e estudos sobre pintura e arquitectura portuguesas.

⁶⁸ **Domingos Monteiro** Pereira Júnior [Mesão Frio, 1903 – Lisboa, 1980], advogado, poeta e escritor português, prémio nacional de novelística, jornalista, crítico e editor. Foi responsável pelo Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian e recenseador crítico de várias obras de grandes autores e clássicos da literatura, tendo enquanto tal feito uma recensão à obra *Andanças do Demónio* de Jorge de Sena, publicada pela Editora Estúdios Cor em 1961.

⁶⁹ **Sophia de Mello Breyner Andresen** [Porto, 1919 – Lisboa, 2004], uma das mais importantes poetisas de Portugal do século XX e a primeira mulher portuguesa a receber em 1999 o Prémio Camões, importante galardão literário da língua portuguesa. Grande amiga de Jorge de Sena e de Mécia de Sena, como

é patente nestas cartas e também na *Correspondência – Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena: 1959/1978* (ed. reimp. Guerra & Paz, 2006). Integra, com outros grandes escritores e poetas portugueses, a Antologia Poética organizada por Jorge de Sena: *Líricas Portuguesas* (3.ª série. Selecção, prefácio e notas. Lisboa, 1958. 2.ª ed., revista e aumentada, em 2 vols.: Vol. I, 1975; Vol. II, 1983. Vol. I, 3.ª ed., 1984).

⁷⁰ **José-Augusto França** [Tomar, 1922], historiador e crítico de arte português, considerado a maior referência na historiografia de arte em Portugal, foi professor universitário em Lisboa (Sociedade Nacional de Belas Artes e Universidade Nova) e na Sorbonne, para onde partiu como bolsheiro do estado francês em 1959. Nos finais dos anos 1940 participou no Grupo Surrealista de Lisboa e na década de 1950 dirigiu a revista *Unicórnio* e a *Galeria de Março*. Foi director da Revista *Colóquio/Artes* da Gulbenkian (1971-1996) e dirigiu o Centro Cultural Português em Paris (1980-1986). É autor de referência no estudo das artes visuais e da cultura contemporânea em Portugal. Amigo de longa data de Jorge de Sena, com ele colaborou em várias actividades literárias e se correspondeu extensamente como se vê em *Correspondência Jorge de Sena – José Augusto França*, edição de José-Augusto França (Lisboa: IN-CM, 2007).

⁷¹ **Luís Sousa Rebelo** [Lisboa 1923 – Estoril, 2010], intelectual e militante comunista, grande figura da cultura portuguesa, filólogo, linguista, ensaísta, tradutor e crítico literário, foi professor no King's College, em Londres, durante mais de 30 anos. Ainda jovem, dirigiu a revista *Mundo Literário* (1946-1948), com Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena. Membro da Academia de Ciências de Lisboa e especialista de Literatura e Cultura Clássica, Portuguesa e Inglesa, escreveu sobre muitos e grandes escritores portugueses, designadamente Jorge de Sena e Saramago.

⁷² **Alberto Marciano Gorjão Franco Nogueira** [Vila Franca de Xira, 1914-1993], diplomata e político português do Estado Novo, muito próximo de Oliveira Salazar, foi Ministro dos Negócios Estrangeiros (1961-1969) na conjuntura marcada pela guerra colonial em África e pelo crescente isolamento internacional de Portugal.

⁷³ **Mário Tavares Chicó** [Beja, 1905 – Lisboa, 1966] foi professor universitário e historiador de arte, foi, como Jorge de Sena, relator no *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros* (Salvador, 11 a 21 de Agosto de 1959, realizado sob o patrocínio da Universidade da Bahia e da UNESCO), designadamente de comunicações apresentadas por Eduardo Lourenço, um dos secretários da Organização do Congresso.

⁷⁴ **Sérgio Buarque de Holanda** [S. Paulo, 1902-1982], um dos mais importantes historiadores do Brasil, foi também crítico literário e jornalista.

⁷⁵ **Cícero Dias** [Escada, 1907 – Paris, 2003] conhecido pintor do modernismo brasileiro, privou no Brasil, com Jorge de Sena, amigo do pintor e fotógrafo português Fernando Lemos.

⁷⁶ **António Pedro da Costa** [Cabo Verde, Cidade da Praia, 1909 – Moledo, Caminha, 1966], escritor, encenador e artista plástico, crítico de arte e cronista da BBC em Londres, onde esteve como exilado político entre 1944 e 1945, foi o organizador em 1935 da 1.ª exposição em Portugal da pintora portuguesa Maria Helena Vieira da Silva. Foi precursor do movimento surrealista português.

⁷⁷ **Carlos Drummond de Andrade** [Minas Gerais, 1902 – Rio de Janeiro, 1987], grande poeta, contista e cronista brasileiro, autor de uma vastíssima e importante obra literária, manteve grande amizade, iniciada através de correspondência, com Jorge de Sena que lhe dedicou vários estudos críticos, chegando a promover a indicação do seu nome a Prémio Nobel, e sobre o qual também Drummond de Andrade escreveu.

⁷⁸ **Jacinto Ramos** [Lisboa, 1917-2004], importante actor e encenador português e grande homem de teatro, começou por ser locutor de rádio. Ainda durante a década de 1940, juntamente com os actores por-

tugueses José Viana, Maria Barroso, Carlos Wallenstein e o Maestro Lopes Graça, formou um grupo artístico que, com espectáculos de teatro, poesia e música, visava, «agitar politicamente as pessoas».

⁷⁹ Referência à poetisa e escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (ver nota 69) e seu marido, o conhecido jornalista português Francisco Sousa Tavares, grandes amigos do casal Sena. Ele, monárquico democrata e activo resistente anti-salazarista, ganhou a alcunha de «Tareco» pela sua personalidade forte e seus escritos polémicos no meio jornalísticos.

⁸⁰ **Alphonsus de Guimaraens Filho** [Mariana, 1918 – Rio de Janeiro, 2008], notável homem de letras e grande poeta brasileiro, agraciado com importantes prémios, era filho do notável poeta marianense Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), um dos maiores nomes entre os Simbolistas brasileiros, admirado pelos modernistas Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

⁸¹ **José Bernardino Blanc de Portugal** [Lisboa, 1914-2001], grande amigo de Jorge de Sena. Poeta e crítico musical, licenciado em Ciências Geológicas, cursou também História da Música e Psicologia, tendo sido meteorologista do Serviço Meteorológico Nacional de Portugal, e director de vários dos seus centros. É autor de obras relacionadas com a sua profissão, de trabalhos de crítica musical e inúmeras traduções de grandes nomes da literatura universal e colaborou nalgumas das mais representativas publicações poéticas dos anos 1950. Co-dirigiu, em 1940, com Tomás Kim e Ruy Cinatti, *Cadernos de Poesia*, publicação subordinada ao lema «Poesia é só uma», e independente «de escolas ou grupos literários, estéticas ou doutrinas, fórmulas ou programas»; e em cuja segunda série (Lisboa, 1951) subscreve, ao lado de Jorge de Sena, Rui Cinatti e José-Augusto França, uma singular concepção de poesia e de poeta.

⁸² António **Alçada Baptista** [Covilhã, 1927 – Lisboa, 2008], advogado e romancista português de formação e orientação católica, foi um dos fundadores da revista *O Tempo e o Modo* que dedicou, em 1968, um número especial temático a Jorge de Sena, entre 1957 e 1972, foi director da Moraes Editora que publicou várias obras de Jorge de Sena. Depois do 25 de Abril de 1974 foi presidente do Instituto Português do Livro, de 1979 a 1985. A sua acção em prol da cultura da língua portuguesa valeu-lhe ter sido indigitado para o cargo de adido Cultural de Portugal no Brasil. Amigo do casal Sena com quem começou por travar contactos e correspondência no âmbito editorial.

⁸³ **Lygia Fagundes Telles** [S. Paulo, 1923], escritora brasileira, galardoada com o Prémio Camões em 2005, membro da Academia Paulista de Letras, da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa.

⁸⁴ Eng. José Estevam Abranches Couceiro do **Canto Moniz** [Porto, 1912-??], engenheiro civil, à época, director dos Serviços de Conservação da Junta Autónoma de Estradas, organismo público português onde Jorge de Sena exerceu a profissão de engenheiro civil.

⁸⁵ Francisco **Lyon de Castro** [Lisboa, 1914 – Sintra, 2004], editor e activista político português, filiou-se em 1933 no Partido Comunista Português, liderou a Revolta dos vidreiros da Marinha Grande de 18 de Janeiro de 1934, várias vezes preso político, esteve exilado em Madrid e, regressado a Portugal, fundou em 1945, as *Publicações Europa-América*, cujas importações de livros foram várias vezes apreendidos pela Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PDVE) e pelos Serviços de Censura. No período anterior ao 25 de Abril de 1974, a editora publicou autores «proibidos», como Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, García Márquez e Jorge Amado. Jorge de Sena ainda em Portugal, privou, na área da edição, com Lyon de Castro e as Publicações Europa América, onde publicou, designadamente, em 1959, a tradução de «*Desejo sob os ulmeiros*» de Eugene O'Neill, trabalho a que se referem algumas das cartas desta Correspondência.

⁸⁶ **Domingos Carvalho da Silva** [Vila Nova de Gaia, 1915 – Brasil? 2004], advogado, jornalista, poeta e ensaísta, radicado no Brasil e naturalizado brasileiro, foi professor de Teoria da Literatura na Universidade de Brasília. Fundador da *Revista Brasileira de Poesia*, foi galardoado com vários prémios literários.

⁸⁷ Assim interrompido também no original.

⁸⁸ **João Apolinário** Teixeira Pinto [Sintra, 1924 – Marvão, 1988], foi um poeta e jornalista português, combatente antifascista e exilado no Brasil, tendo colaborado em inúmeras e importantes publicações quer de Portugal quer do Brasil.

⁸⁹ **Padre Manuel Antunes** [Sertã, 1918 – Lisboa, 1985], jesuíta, professor universitário, investigador, escritor e ensaísta português, destacou-se pela sua erudição e capacidade de comunicação e pedagogia. Colaborou na *Revista Portuguesa de Filosofia* e na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Colaborou também na revista *Brotéria – Revista de Cristianismo e Cultura*, a cuja redacção passa a pertencer em 1955, assumindo mais tarde, a sua direcção, durante cerca de 20 anos. A sua obra escrita abrange temas literários, filosóficos e culturais, muito deles publicados com pseudónimos. Era um grande amigo de António Sérgio, Vítorino Nemésio, José Régio, Almada Negreiros, Jorge de Sena e Mécia de Sena.

⁹⁰ Esposa do professor universitário Hernâni Cidade e amiga do casal Sena.

⁹¹ **António Coimbra Martins** [Lisboa, 1927], político e intelectual português, exerceu funções diplomáticas e foi leitor de Português nas Universidades de Montpellier, Aix, Marselha e Paris e professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trabalhou no Centro Cultural Português (Paris) da Fundação Calouste Gulbenkian, aí ocupando a direcção da Biblioteca (ca. 1965 – ca. 1974). Ocupou o cargo de Ministro da Cultura na década de 1980. Nos anos 90 foi presidente do Centro Cultural português em Paris.

⁹² Eduardo de **Arantes e Oliveira** (Tomar, 1907-1982), engenheiro e ministro das Obras Públicas, de Oliveira Salazar, desde 1954 a 1967.

⁹³ **Murilo Monteiro Mendes** [Brasil, 1901 – Portugal, 1975], Poeta, prosador e crítico de artes plásticas, exilado no Brasil por se opor à ditadura de António Oliveira Salazar (1889-1970). Após uma estadia na Europa, entre 1952 e 1956, em missão cultural, fixou-se na Itália onde leccionou cultura brasileira na Universidade de Roma. Em 1972, recebeu o prémio internacional de poesia Etna-Taormina, na Itália, prémio que galardoou anos mais tarde, Jorge de Sena.

⁹⁴ **Vinicius de Moraes** [Rio de Janeiro, 1913-1980], diplomata, dramaturgo, jornalista e conhecido poeta e compositor musical, autor brasileiro de uma vasta obra na literatura, teatro, cinema e música. Alguma da sua poesia foi publicada na colecção «Nossos Clássicos», da editora brasileira Agir, colecção editada entre 1952/1970. (ver nota 96)

⁹⁵ Jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo* (popularmente chamado «Estadão») fundado, com base nos ideais de um grupo de republicanos, no séc XIX (1875) e que se tornaria num dos mais influentes jornais do Brasil.

⁹⁶ **Editora Agir**, editora brasileira criada, em Maio de 1944, no Rio de Janeiro, por Cândido Guinle de Paula Machado (de família poderosa no Rio de Janeiro, durante décadas) com o nome de Livraria Agir Editora e com o objectivo de promover obras de escritores católicos, numa rede de outras iniciativas. Posteriormente, a editora caracterizou-se por editar autores nacionais e estrangeiros, designadamente escritores franceses de ficção e não ficção. Paralelamente, lançou a colecção «Nossos Clássicos», trabalho pioneiro no domínio das antologias. Teve como primeiros administradores e seus principais autores:

Gustavo Corção que lançou *A Descoberta do Ouro*, Murilo Mendes, *O Discípulo de Emaús* e Alceu de Amoroso Lima, *A Voz de Minas*, o qual co-dirigiu a coleção «Nossos Clássicos», em que participou Jorge de Sena (<http://www.dpnet.com.br/antiores/1998/04/11/viver3_0.html>).

⁹⁷ **Natércia Freire** [Ribatejo, 1919-2004?], professora de ensino primário, poeta, contista e jornalista com colaboração no *Diário Popular*, *Diário de Notícias*, *O Tempo*, *O Século* e outros jornais, foi duas vezes galeada com o prémio Antero de Quental tendo sido durante parte da sua vida uma mulher solitária e injustamente tratada no pós-25 de Abril em que é afastada da Emissora Nacional. A sua figura, bem como a sua obra poética injustamente esquecidas merecem ser estudadas e reabilitadas.

⁹⁸ José Maria **Ferreira de Castro** [Oliveira de Azeméis, 1898 – Porto, 1974], jornalista, ficcionista e um dos escritores portugueses com maior obra literária traduzida em todo o mundo, emigrou aos 12 anos para o Brasil onde publicou as suas primeiras obras, tendo vivido alguns anos na selva amazónica e trabalhado em diversas actividades e difíceis condições.

⁹⁹ **Manuel do Nascimento** [Monchique, 1912] escritor português, jornalista, editor, figura do neo-realismo e da resistência antifascista, trabalhou como mineiro e escreveu várias ficções pungentes sobre a vida e o trabalho dos mineiros.

¹⁰⁰ Fernando António **Piteira Santos** [Amadora, 1918 – Lisboa, 1992] conhecida figura da oposição portuguesa ao regime salazarista, foi fundador do MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista) e mais tarde, no início dos anos 1960, elemento de ligação entre as Juntas Patrióticas e os representantes dos exilados portugueses no Brasil, em que se destaca Jorge de Sena. Participou no assalto ao quartel de Beja em 1962 e com o fracasso deste golpe passou à clandestinidade e posteriormente ao exílio no Norte de África, onde viria a manter-se até Maio de 1974. Em Argel, foi um dos fundadores da FPLN (Frente Patriótica de Libertação Nacional), de cuja comissão delegada fez parte, desenvolvendo aí trabalho para a criação de uma frente unitária de oposição ao regime salazarista. Entre 1974 e 1988, leccionou na Faculdade de Letras de Lisboa e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Escritor, historiador e jornalista prolixo colaborou ainda em destacadas editoras portuguesas.

¹⁰¹ **Paulo Quintela** [Bragança, 1905 – Coimbra, 1987], professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e tradutor literário enquanto tal galardoado foi director artístico e encenador do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), de que foi um dos fundadores. Durante mais de 30 anos, nas difíceis décadas de 40, 50 e 60, sob a sua orientação, crítico do regime salazarista, o TEUC afirmou-se como escola ímpar de teatro e de cultura e de experiência cívica. Conceituado germanista, com uma intensa actividade como tradutor e divulgador de obras literárias em língua alemã, é autor de vasta obra de tradução. Neste domínio polemizou com Jorge de Sena, tradutor/antologador de *Poesia do Século XX (De Thomas Hardy a C. V. Cattaneo)*, antologia publicada pela Editorial Inova: Porto, 1978, que inclui poemas traduzidos de Brecht. A Jorge de Sena se deve, de resto, a primeira publicação da tradução de um poema de Brecht, no jornal *O Comércio do Porto*, 25 de Setembro de 1956 (cf. Maria Manuela Gouveia Delille: «Bertolt Brecht em Portugal antes do 25 de Abril de 1974: um capítulo da história da resistência ao salazarismo», p. 63).

¹⁰² Fernando **Lopes-Graça** [Tomar, 1906 – Cascais, 1994], considerado um dos maiores compositores portugueses do século XX, é autor de vasta obra literária sobre música portuguesa e música do seu tempo e ainda de uma maior obra musical com inúmeras composições de inspiração folclórica portuguesa. Foi aluno do maior pianista português de todos os tempos, Mestre Vianna da Motta (antigo aluno de Liszt), preso e desterrado político do regime salazarista, nos anos 1930, tendo vivido depois em França. Integra

em 1945 o Movimento de Unidade Democrática (MUD), do qual veio a ser dirigente, tornando-se por essa altura militante do Partido Comunista Português. Colabora, enquanto tradutor, com Jorge de Sena, prefaciador, na edição da obra *Confissões de Jean-Jacques Rousseau* (Lisboa: Relógio d' Água, Dep. Legal. 1988, 2 vol.).

¹⁰³ Referências a Arantes e Oliveira, ministro português (ver nota 92) e ao Congresso Internacional das Estradas, realizado, por essa ocasião, no Brasil e onde participou uma numerosa comitiva de engenheiros portugueses da Junta Autónoma das Estradas cujo quadro técnico de pessoal, Jorge de Sena, engenheiro civil de profissão, ainda integrava e ao qual pertenceu entre 1948 e 1959.

¹⁰⁴ **Raúl de Mesquita Lima**, engenheiro director de serviços da Junta Autónoma das Estradas, natural de Pombal, Carrazeda de Ansiães, anteriormente, Governador Civil de Bragança, com quem Jorge de Sena trabalhou na Junta Autónoma das Estradas, Portugal.

¹⁰⁵ **Guilherme de Castilho** [Vila Nova de Foz Coa, 1912-1987], foi representante diplomático em diversos países (Chile, Áustria, Indonésia, França), dedicou-se à crítica de vários autores portugueses, e foi colaborador de quase todas as páginas literárias dos jornais de Lisboa e do Porto.

¹⁰⁶ Alberto Marciano Gorjão **Franco Nogueira** [1918-1993], político e diplomata português do Estado Novo, integrou a delegação oficial portuguesa ao Congresso da Baía e foi depois Ministro dos Negócios Estrangeiros desde 1961 a 1969, durante a Guerra Colonial de Portugal em África.

¹⁰⁷ **Jorge Leal Amado** de Faria [Itabuna, 1912 – Salvador, 2001], um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros de todos os tempos, com quem Jorge de Sena se relacionou no Recife, a quando da sua chegada aí, como se pode ver nalgumas destas cartas.

¹⁰⁸ Referência a Cícero Dias (ver nota 75).

¹⁰⁹ José Paulo **Moreira da Fonseca** [Rio de Janeiro, 1922-2004], escritor, poeta, ensaísta, teatrólogo, pintor e crítico de arte brasileiro, com quem Jorge de Sena se relacionou no Brasil.

¹¹⁰ Alusão às negociações entre o embaixador Mendes Viana e o conhecido opositor do regime salazarista, general Humberto Delgado, durante o exílio deste no Brasil.

¹¹¹ **José de Sousa Saramago** [Golegã, 1922 – Lanzarote, 2010], Prémio Nobel da Literatura em 1998, considerado o responsável pelo reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa, escritor, argumentista, dramaturgo, poeta, contista e romancista, jornalista e editor, «director literário» da Editorial Estúdios Cor, onde foi responsável pela publicação do livro de contos *Andanças do Demónio* de Jorge de Sena, seu amigo com quem se correspondeu, como é visível nesta correspondência e em carta inédita de Sena, Assis, 18/5/1961, importante documento publicado no site «Ler Jorge de Sena», em <<http://www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena>>.

¹¹² **Ruy de Moura Belo** [1933-1978], poeta e ensaísta português foi director literário da Editorial Aster, contexto em que se relacionou com Jorge de Sena, com quem se correspondeu.

¹¹³ Outro dos 3 irmãos mais novos de Mécia de Sena.

¹¹⁴ **Joaquim Maria Moreira Cardoso** [Recife, 1897 – Olinda, 1978], poeta brasileiro, contista, desenhista, engenheiro civil, professor universitário e editor de revistas de especializadas de arte e arquitectura, conviveu com poetas como Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, tendo publicado vários livros entre 1946 e 1975 e, como teórico de arquitectura trabalhou com Oscar Niemeyer.

¹¹⁵ **Cleonice Seroa da Mota Berardinelli** [Rio de Janeiro, 1916], professora universitária brasileira, investigadora e consultora para a investigação, conhecida especialista em literatura portuguesa, membro da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Amiga de Jorge e Mécia de Sena.

¹¹⁶ **Alexandre Eulálio** [Rio de Janeiro, 1933 – Campinas, 1988], intelectual brasileiro, crítico, historiador, ensaísta, jornalista, editor, tradutor, redactor responsável pela Revista do Livro do Instituto Nacional do Livro (INL), quase dez anos, publicou inéditos de renomados autores brasileiros e divulgou nomes desconhecidos do grande público. Deu palestras por todo o mundo, foi professor da Unicamp, ensinou língua portuguesa e literatura brasileira na Universidade de Veneza entre 1966 e 1972, período em que também foi professor visitante nas universidades de Harvard, Princeton, Cambridge e Massachusetts, Assessor do MEC de 1972 a 1975, organizou exposições e dirigiu filmes. Foi chefe de gabinete da Secretaria de Cultura de São Paulo.

¹¹⁷ **Victor Ramos** [Lisboa, 1920 – S. Paulo, 1974], intelectual português comunista exilado no Brasil, desde 1954, durante a ditadura salazarista em Portugal, com grande actividade política, literária e académica, juntamente com Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena, professores, ensaístas e poetas, nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras públicas do Estado de S. Paulo e no «Suplemento Literário» do jornal *O Estado de S. Paulo*, e destacada militância como opositores políticos ao Estado Novo português, designadamente através da sua colaboração regular durante alguns anos e no «Suplemento Literário» do jornal reuniram-se e militaram no jornal *Portugal Democrático*, importante meio de luta contra a longa ditadura portuguesa de Oliveira Salazar, de que Victor Ramos foi um dos fundadores. Grande amigo de Jorge de Sena, como ele, deu aulas em Assis e se mudou também para os EUA, onde foi professor, depois do golpe militar no Brasil de 1964. Ver OLIVEIRA, Fábio Ruela de – *Portugueses no Brasil: as trajetórias intelectuais de Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974)*. «Anais do XXVI Simpósio Nacional de História» – ANPUH. São Paulo, Julho 2011.

¹¹⁸ Eng. **Jorge Fidelino de Figueiredo** [?] que vemos mais tarde, a ler um texto de Jorge de Sena publicado no jornal «Portugal Democrático», n.º 42, Nov. 1960, p. 5, num banquete comemorativo da implantação da 1.ª República portuguesa, no dia 5 de Outubro de 1960, perante 400 pessoas, aí reunidas. Ver site «Ler Jorge de Sena», disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/lerjorgedesena/port/antologia/>>.

¹¹⁹ **Luís Veiga Leitão** [Moimenta da Beira, 1912 – Niterói, 1987], poeta e artista plástico português, membro do grupo literário *Germinal*, militante antifascista que teve de exilar-se no Brasil. Correspondeu-se com Mécia e Jorge de Sena como se pode concluir de carta inserta nesta correspondência.

¹²⁰ **Manuel Sertório** – Advogado português e político anti-salazarista, foi durante muito tempo membro do Partido Comunista Português que abandonou, formando com outros opositores a Frente Patriótica de Liberação Nacional. Fez parte da Junta Revolucionária Portuguesa (órgão executivo da frente) de que também faziam parte Humberto Delgado que era o presidente, Álvaro Cunhal, Tito de Morais, Rui Cabeçadas e Piteira Santos. Ver SANTOS, Boaventura Sousa – *Aquino de Bragança: criador de futuros, mestre de heterodoxias, pioneiro das epistemologias do Sul*. In «Como fazer ciências sociais e humanas em África». Disponível em <<http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097>>, consultado em 2/8/2012.

¹²¹ **Décio Pignatari** [Jundiaí – S. Paulo, 1927], advogado, escritor, ensaísta, poeta, tradutor, professor e publicitário brasileiro, nos anos 1960 exerce várias actividades de comunicação e faz crítica política e lança com Haroldo e Augusto de Campos, o livro *Teoria da Poesia Concreta*. Além da produção crítica e literária, participa, em 1975, do lançamento da Associação Brasileira de Semiótica.

¹²² **João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel** (Mirandela, 1888 – Lisboa, 1987), mais conhecido por capitão Sarmiento Pimentel, foi um oficial de Cavalaria do Exército Português, escritor memorialista e notável republicano que viveu grande parte de sua vida no Brasil, em S. Paulo, tendo-se distinguido na luta

contra os governos ditatoriais da Ditadura Nacional e do Estado Novo português. Grande amigo de Jorge de Sena e de Mécia de Sena, com quem se correspondeu durante vários anos. Sobre os exilados portugueses no Brasil, ver, entre outros estudos, de PAULO, Heloísa – *Aqui também é Portugal: A colónia portuguesa do Brasil e o salazarismo*. Coimbra: Quarteto, 2000; e LOPES, Norberto (org.) – *Sarmento Pimentel ou uma geração traída*. Lisboa: Editora Aster, 1976.

¹²³ **Pedro Tâmen** [Lisboa, 1934], poeta português e tradutor foi director, entre 1958 e 1975, da Editora Moraes (extinta) em que Jorge de Sena publicou parte de sua obra, e administrador da Fundação Calouste Gulbenkian de 1975 a 2000, tendo paralelamente presidido o PEN Clube Português e a Assembleia Geral da Associação Portuguesa de Escritores de que foi director. É autor de obras poéticas e de várias traduções de obras literárias.

¹²⁴ **António Cândido** de Mello e Souza [Rio de Janeiro, 1918], notável intelectual brasileiro, sociólogo, estudioso da literatura brasileira e estrangeira, professor universitário, crítico literário e autor de obra crítica extensa respeitada e de referência académica, foi colega de Jorge de Sena na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo-Assis, tendo-se tornado amigos e compadres. Professor titular em S. Paulo leccionava em Assis quando Jorge de Sena aí chegou, tendo-o recebido e à família em sua casa e sendo depois padrinho da filha, Joana, do casal Sena, nascida no Brasil.

¹²⁵ **António Ramos Rosa** [Faro, 1924], grande poeta português da contemporaneidade, ensaísta, crítico literário e tradutor, é autor de uma vasta e importante obra poética, tendo recebido vários prémios estrangeiros e nacionais como o Prémio Pessoa (1988). Como tantos outros poetas portugueses de referência no panorama cultural, foi incluído nas *Líricas Portuguesas* (3.ª série, Antologias Universais da Portugália Editora), selecção, prefácio e notas de Jorge de Sena. A correspondência entre os dois poetas *Correspondência 1952-1974: Jorge de Sena, António Ramos Rosa*, foi editado pela Guimarães em 2012.

¹²⁶ **Érico Lopes Veríssimo** [Cruz Alta, 1905 – Porto Alegre, 1975] um dos escritores brasileiros mais populares do século XX, autor de diversificada obra (romances, autobiografias, relatos de viagens, ensaios, livros infantis e traduções de clássicos estrangeiros), foi agraciado, em 1954, pelo conjunto da sua obra, com o prémio Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras. Foi director da Revista *O Globo* deu aulas de literatura e história do Brasil no Mills College, de Oakland, Califórnia, em 1944. Correspondeu-se com Jorge de Sena de quem foi amigo, tendo-se conhecido em Portugal, em 1959, quando Jorge de Sena era consultor/director dos Livros do Brasil, função que exerceu por largos anos, bem como na Portugália, para além de outras editoras e Érico Veríssimo profere então por todo o país, várias palestras em defesa da democracia, o que o leva a entrar em choque com a ditadura salazarista.

¹²⁷ **Emanuel Pereira Filho** [Rio de Janeiro, 1924-1968], articulista e professor brasileiro foi, no ensino superior, auxiliar das Cátedras de Literatura Portuguesa e de Literatura Brasileira da Faculdade Nacional de Filosofia e auxiliar da Cadeira do Estabelecimento de Textos Medievais do Curso Superior de Crítica Textual do Instituto Nacional do Livro. Coordenador Cultural do Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto, foi membro da Academia Brasileira de Filologia.

¹²⁸ **Tomaz Kim** [Angola, 1915 – Lisboa, 1967], pseudónimo de Joaquim Fernandes Tomaz Ribeiro-Grillo. Poeta, professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e residente vários anos em Londres. Pertenceu à direcção da revista literária *Cadernos de Poesia*, editada em Lisboa, de orientação eclética, que teve três séries, sendo a primeira (de 1940 a 1942) dirigida por ele, José Blanc de Portugal e Ruy Cinatti. Foi grande amigo de Jorge de Sena também colaborador importante da mesma revista.

¹²⁹ **Ruy Cinatti** [Londres, 1915 – Lisboa, 1986], poeta, antropólogo e agrónomo português foi co-fundador e colaborador assíduo dos *Cadernos de Poesia*. Viveu muitos anos em Timor que investigou e foi grande amigo também de Jorge e Mécia de Sena de quem era compadre.

¹³⁰ **Francisco Negrão de Lima** [Nepomuceno, 1901 – Rio de Janeiro, 1981], diplomata e político brasileiro, governador do Estado da Guanabara de 1965 a 1970 e embaixador brasileiro em Portugal entre 1959 e 1963, sendo nesta qualidade referido na carta de Jorge de Sena.

¹³¹ **Augusto Meyer** [Porto Alegre, 1902 – Rio de Janeiro, 1970], jornalista, ensaísta, poeta, memorialista e folclorista brasileiro, foi director do Instituto Nacional do Livro (INL) durante cerca de 30 anos, no Rio de Janeiro, para onde se transferiu em 1937, após convite de Getúlio Vargas para organizar o INL. Com ele manteve relações no campo literário e editorial, Jorge de Sena.

¹³² **Sidónio Muralha** [Lisboa, 1920 – Curitiba, 1982] escritor português que integrou o movimento neo-realista, tendo feito parte do Novo Cancioneiro que reuniu obras de vários autores críticos e opositores do regime salazarista. Exilado no Brasil, onde conviveu com Jorge de Sena e outros exilados portugueses, publicou poesia de resistência e obras de literatura infantil. É referido nesta Correspondência a propósito de um projecto editorial da Editora Giroflé (publicações para crianças), que funda em S. Paulo, com o pintor e fotógrafo Fernando Lemos, amigo de Jorge de Sena que fora convidado a participar.

¹³³ **Victor José Costa da Cunha Rego** [Oeiras, 1933 – Lisboa, 2000], jornalista marcante da vida política portuguesa exilado político em S. Paulo, desde 1956, foi crítico implacável do regime salazarista e apoiou activamente, os movimentos africanos de descolonização de Angola, Moçambique e Guiné e a nova política externa brasileira de Jânio Quadros. Foi editor do jornal *O Estado de S. Paulo* (entre 1958 e 1961) para além de colaborar também na *Folha de São Paulo* sendo dos poucos portugueses exilados a poder comentar livremente em grandes diários brasileiros os acontecimentos do mundo e especialmente em Portugal. Entre 1964 e 1968, depois do golpe militar que instaurou a ditadura brasileira exilou-se na Argélia, Jugoslávia e Itália, tendo regressado a Portugal em 1974, depois do movimento de libertação do 25 de Abril.

¹³⁴ Carta incluída na pasta do ano de 1963, no espólio de Jorge de Sena à guarda na Biblioteca Nacional de Portugal, mas cuja data e local foi impossível determinar.

¹³⁵ **António Gedeão** [Lisboa, 1906-1997], conhecido poeta português, pseudónimo de Rómulo Vasco da Gama de Carvalho, químico, professor, pedagogo, divulgador científico, investigador da história da ciência e da educação em Portugal, membro da Academia das Ciências de Lisboa, autor de uma vasta obra poética, ensaística e histórica. Foi professor do jovem Jorge de Sena no Liceu de Camões em Lisboa com quem viria, anos mais tarde, a estabelecer relações de amizade, admiração, respeito e compreensão mútuas como é visível na correspondência trocada entre ambos. Jorge de Sena que foi um dos primeiros críticos literários da obra poética de António Gedeão, prefaciou, a convite deste, a sua obra *Poesias Completas (1956-1967)*. Lisboa: Portugália, [1964]. *Completas (1956-1967)*. Lisboa: Portugália, [1964].

¹³⁶ **Hélio António Scarabótollo** [Palmeira – S. Paulo, 1921-1996], diplomata brasileiro, foi Vice-Cônsul em Amsterdão, secretário de embaixadas, ministro interino da Justiça, chefe do cerimonial do Ministério das Relações Externas e Embaixador do Brasil.

